PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luscelma Oliveira Cinachi Craice

# JOÃO DO RIO
# LÍNGUA, SOCIEDADE E IDENTIDADE NACIONAL

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

SÃO PAULO
2013

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Luscelma Oliveira Cinachi Craice

# JOÃO DO RIO
# LÍNGUA, SOCIEDADE E IDENTIDADE NACIONAL

DOUTORADO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Doutor em Língua Portuguesa sob orientação da Professora Doutora Leonor Lopes Fávero.

SÃO PAULO
2013

Banca Examinadora

_____

_____

_____

_____

_____

## _____Agradecimentos_____

Professora Doutora Leonor Lopes Fávero

Professores do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP

Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUCSP

CAPES

Lusinete Oliveira Cinachi

João Eurides Cinachi

Fernando Craice

e

Roberta de Almeida Assumpção.

*Para aqueles que acalentam*
*a alma por meio da perpétua*
*instrução.*

## RESUMO

Este trabalho analisa o saber construído em torno da língua, sociedade e identidade nacional, num dado momento, como produto de uma reflexão metalinguística, por meio da obra de João do Rio.

Cronista por excelência do 1900 brasileiro, João do Rio trouxe para a imprensa literária brasileira a crônica-reportagem e, explorando as duas formas de atividade intelectual - literatura e jornalismo –, consagrou-se como um dos maiores cronistas de sua época. Transformou a crítica e fez a reportagem, e uma e outra fundiram-se numa crônica despretensiosa, insinuante e reveladora, filha de um cotidiano efêmero, e sem pretensão a durar mais que uma edição, uma vez que é filha do jornal, mas que permaneceu na lembrança e na admiração da posteridade a crônica mundana de um jornalista raro.

Para atingir esse objetivo, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas, escuta particular do sensível em relação ao caminho dos sentidos, em nosso caso, os sentidos de um conhecimento linguístico produzido junto à constituição de nossa língua. A língua e os instrumentos linguísticos são objetos históricos que estão intimamente ligados à formação do país, da nação, do Estado e saber da língua portuguesa à época de João do Rio é produzir o conhecimento sobre a identidade nacional no Brasil, no fim do século XIX, começo do XX. *O ato de saber possui, por definição, uma espessura temporal, um horizonte de retrospecção* (Auroux, 2001:11).



**Palavras-chave:** História das Ideias Linguísticas; Língua, Sociedade e Identidade Nacional na virada do século XIX ao XX; Crônica; João do Rio.

## ABSTRACT

This paper analyzes the knowledge built around the language, society and national identity at a given time, as the product of a metalinguistic reflection, through the work of João do Rio.

Chronicler par excellence of the 1900s in Brazil, João do Rio brought the literary narrative report to the Brazilian press, and by exploring the two forms of intellectual activity - literature and journalism - established himself as one of the greatest writers of his time. He transformed criticism and did reporting, and the two merged into an unpretentious, engaging, and revelatory account, a product of the ephemeral day-to-day, and without pretension to last more than one issue, since it is the product of the newspaper, but it remained in the memory and the admiration of posterity as the mundane chronicle of a rare journalist.

To achieve this goal, we rely on the theoretical assumptions of the History of Linguistic Ideas, a particular attention given to the perceptible in relation to the path of the senses, in our case, the senses of a linguistic knowledge produced by the make-up of our language. Language and the linguistic instruments are historical objects that are closely linked to the formation of the country, the nation, and the State, and knowing the Portuguese language of João do Rio's time will produce knowledge about the national identity of Brazil in the late nineteenth century and early twentieth century. *The act of knowing has, by definition, a temporal thickness, a horizon of retrospection* (Auroux, 2001:11).



**Keywords:** History of Linguistic Ideas; Language, Society and National Identity at the turn of the nineteenth century; Chronicle; João do Rio.

SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO.....9**

**CAPÍTULO I**

**NO TEMPO DE JOÃO DO RIO.....13**

1.1 Percurso Teórico.....14

1.2 Uma visão no tempo.....28

1.2.1 As ideias e movimentos desse tempo.....43

1.2.2 O comportamento popular.....55

**CAPÍTULO II**

**JOÃO DO RIO, O ESCRITOR DO *RIO ANONYMO E DO RIO CONHECIDO*.....62**

2.1 João do Rio, o homem e sua obra.....72

2.2 CRONOLOGIA.....133

**CAPÍTULO III**

**O SABER DA ÉPOCA DE JOÃO DO RIO SOBRE A LÍNGUA.....138**

3.1 A identidade nacional e a língua.....138

3.1.1 Patriotismo sentimental.....141

3.1.2 Minha terra, minha gente.....158

3.2 A questão ortográfica.....166

3.3 A profecia de Alencar não se realizou.....173

3.4 João do Rio e o encontro com seu momento.....176

3.4.1 O escritor de uma sociedade.....179

3.4.2 Como um *dandy*.....201

**CONCLUSÃO.....213**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....221**

# INTRODUÇÃO

Este trabalho analisa o saber construído em torno da língua, sociedade e identidade nacional, num dado momento, como produto de uma reflexão metalinguística, por meio da obra de João do Rio. Para atender a esse intento, apoiamo-nos nos pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas, que segue três princípios metodológicos propostos por Auroux[1]: *a definição puramente fenomenológica do objeto, a neutralidade epistemológica e o historicismo moderado.*

Situamos nosso objeto de estudo levando em conta a diversidade e os saberes sobre ele constituídos – fenomenologia do objeto -, sem julgamentos, comparações, aproximações modernas ou confluências de temas entre cronistas – neutralidade epistemológica -, pois, por ser um produto histórico, é resultante *de uma interação entre tradições e contexto* [2]. É justamente o reconhecimento de que os saberes linguísticos e identitários foram organizados de modos diferentes ao longo da história que modera o historicismo adotado aqui.

Se o valor do conhecimento é causa em sua história, estratégia absurda ou idiossincrática [3] seria impor correções ao discurso de João do Rio. Corresponde ao historiador, no domínio propriamente linguístico, ligar sempre esse discurso à consciência do falante, porque a linguagem é um sistema regulado pela sua própria imagem.

*Cronista por excelência do 1900 brasileiro*[4], João do Rio trouxe para a imprensa literária brasileira a inovação da crônica-reportagem, gênero quase desconhecido no Brasil até o início do século XX – *mesmo na Europa, até 1890 não se havia propagado*[5] - e, explorando as duas formas de atividade intelectual - literatura e jornalismo –, consagrou-se como um dos maiores cronistas de sua época.

> É difícil distinguir nessas páginas escritas quase ao correr da pena, ao trepidar dos linotipos e às fumaças de um cigarro, onde termina o jornalismo e começa a literatura (Broca, 2005: 323).

[1] Auroux, 2001: 13.
[2] Id., ibid., p. 14.
[3] Id., ibid., p. 16.
[4] Broca, 2005: 321.
[5] Id., Ibid.

Justifica-se a escolha do estudo das obras de João do Rio devido à representatividade dele na época. Mais do que um simples repórter, articulou sua forma preferencial, a crônica, à disponibilidade observadora da sociedade; descreveu como ninguém uma República que sucedia a um Império; olhou com atenção para a *alma das ruas,* para o acontecimento político, social, mundano, miserável do seu país e de seu povo, e registrou tudo, como os *photographos* fixavam com *os Kodacks.* Era a reportagem viva assumindo o caráter literário do ficcionista.

Nesse sentido, abre-se a possibilidade de estudar suas obras como uma legítima etnografia da língua que usou [6], da sociedade que vivenciou e da identidade nacional que projetou em seus textos. Pela análise percebe-se, na medida em que é possível, que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores [7]. São os mecanismos que subjazem à elaboração da obra de um autor que, teoricamente, é o representante de uma camada cultural e serve-se do mesmo instrumento linguístico de que a sociedade se utiliza como meio de comunicação – *a linguagem da literatura não é um fato desligado do momento cultural em que surge* [8].

> Os antigos tinham a instintiva noção do qualificativo e do seu emprêgo. A razão da eterna juventude dos poemas de Hesíodo está no emprêgo imprevisto do adjectivo. No mundo contemporâneo, os filósofos que eu denominaria corruptores, Nietzche, Emerson, Carlile, um pouco Schopenhauer, tiveram o segrêdo de fazer do adjectivo a alma do entendimento. Todos os sedutores do espírito teem êsse segrêdo. A tentação, que foi o primeiro anseio da inteligência universal, foi o primeiro adjectivo. O mundo é o substantivo. Adjectivá-lo é compreendê-lo, é interpretá-lo, é o relativo contra a insuficiência do absoluto.
>
> Há adjectivos que são como faróis para uma nova rota do espírito. A questão é saber empregá-los. Só os escritores verdadeiramente escritores o podem fazer. Não há para aferir o valor literário como o emprêgo do adjectivo. Na nossa sub-raça temos uma espécie de delírio da adjectivação. Os adjectivos ficam como pedras mágicas amontoadas por cegos. Chega, porêm, de longe em longe o privilegiado. Toma-as, joga-as ao ar levemente,

[6] Melhor dizendo: possibilidade de realização que o usuário faz da língua. Segundo Leite (1998: 180-182), na perspectiva sócio-antropológica *há uma "norma explícita", codificada e divulgada por um aparelho de referência, integrado pela escola, gramáticas e dicionários,* e *há, ainda, as "normas implícitas" que são próprias de cada grupo social e, na medida do possível, tão mutáveis quanto estes.* (...) *A "norma" é o resultado do "uso linguístico" de um dado segmento social e esse "uso", por tradicional, é preservado e varia de acordo com as possibilidades de realização que o usuário faz da língua. Então, um falante que tem conhecimento da prescrição linguística, naturalmente, alinhará sua linguagem o quanto possível a ela, a depender da situação de comunicação.*

[7] Candido, 2011: 84.

[8] Preti, 1984: 103.

> desenha figuras maravilhosas, traça as diversas expressões do sentir, resolve a equação da inteligência. E cada pedra anuncia a metamorfose esplêndida dos sentidos em ideas.
>
> Quando um escritor tem êsse dom não há página sua, mesmo as mais antipáticas ao nosso modo de ver, que não tenha o valor de tocar o espírito, de ferir a inteligência, de corromper, isto é, de fazer pensar. Os artistas que o desenvolvem são os superiores que sempre onde escrevam marcam plasticamente, visualmente, a beleza virtual dos ideais esparsos... (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de* Alencar, 1920: 247-248).

Devido à extensão e à heterogeneidade da obra de João do Rio, fez-se necessária a delimitação do campo de trabalho, então, este estudo estabeleceu-se a partir de uma série de crônicas que foram publicadas nos jornais da época e que, mais tarde, foram reunidas em livros.

- *As Religiões no Rio.* Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Livreiro e Editor, 1906.

- *Cinematographo.* Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, 1909.

- *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Livreiro e Editor, 1910.

- *Vida Vertiginosa.* Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Livreiro e Editor, 1911.

- *Os dias passam...* Porto: Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, 1912.

- *No tempo de Wenceslão...* Rio de Janeiro: Editores Villas-Boas & C, 1917.

- *Pall-Mall Rio de José Antonio José*. Rio de Janeiro: Editores Villas-Boas & C, 1917.

- *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar.* Paris-Lisboa: Livrarias Ailaud e Gertrand, 1920.

Sendo assim, dividimos este trabalho em três capítulos:

1º Capítulo – **No Tempo de João do Rio -** aqui, inicialmente, apresentamos os pressupostos teóricos da História das Ideias Linguísticas, norteadores da pesquisa. Expomos, a seguir, o tempo de João do Rio, o retorno, possível, ao passado, a fim de acionar estruturas e permanências sincrônicas à época que se quer estudar no desejo de conhecimento acerca da feição de um Brasil em vários aspectos, século XIX ao começo do XX.

2º Capítulo – **João do Rio, o escritor do *Rio anonymo e do Rio conhecido* -** apresentamos João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido por João do Rio, o escritor de um Rio anônimo e de um Rio conhecido, e suas obras.

3º Capítulo – **O saber da época de João do Rio sobre a língua –** tratamos, nesse capítulo, da língua e da identidade nacional, e analisamos as obras de João do Rio.

Por fim, apresentamos as conclusões a que chegamos neste estudo. João do Rio remontou às origens, desventrou os ídolos [9], viveu com eles, nervosamente, porque transformou a crítica e fez a reportagem, e uma e outra fundiram-se na crônica: *ha neste momento a terrivel reportagem experimental* [10].

> Si o romance, desde Balzac, outra cousa não foi senão a reportagem, genial ou não, da moral e dos costumes, a critica é a reportagem dos autores. Só dominam hoje os que vão ao local, indagam, vêm e escrevem com o documento ao lado (João do Rio, In: *O Momento Literario,* s.d., XII).

[9] *Precisamos saber? Remontamos logo às origens, desventramos os idolos, vivemos com elle. A curiosidade é hoje uma ancia...* (João do Rio, In: *O Momento Literario,* s.d., XII).
[10] João do Rio, *O Momento Literario*, s.d.: XI.

# CAPÍTULO I

## NO TEMPO DE JOÃO DO RIO

Seguindo as considerações de Auroux - *se a palavra faz coisas, ela não o deve a uma performatividade qualquer, mas à sua estrutura material. As palavras são, de fato, coisas entre coisas* [11] -, evidenciamos que as crônicas de João do Rio são, de fato, coisas entre as coisas, são documentos que retratam a fisionomia espiritual do Brasil em tempos de formação de identidade nacional e cultura brasileira, antigo debate que permanece até hoje; são documentos que confeiçoam as manifestações artísticas, literárias e científicas da virada do século XIX ao XX. Porque o que subjaz à obra de João do Rio é o *desabafo intimo e valorisador* [12] de uma sociedade, onde*, os exemplos, as anedotas não faltam! A sciencia não se difundira, estava entregue a um limitado grupo de homens, de modo que tal ou tal sciencia só era ensinada mal aos rapazes que se destinavam a uma determinada profissão* [13].

> A primeira vocação, que o Brasil imaginou ter, foi a agricola. Vem dessa illusão a frase amargamente ironica: o Brasil é um paiz essencialmente agricola. Tambem logo depois dessa tamanha mentira, creou-se um qualificativo para a gricultura: a abandonada. De modo que o paiz começou logo por abandonar a vocação, e até hoje é o caso unico de indimissibilidade por abandono de emprego.
>
> Depois o paiz teve a irreprimivel vocação republicana, para cair na vocação patriotica, uma vocação muito interessante de que eu tambem fiz parte: A America é dos americanos, o Brasil é dos brasileiros, etc., rolos, *meetings,* jacobinismo. Mas essas eram propriamente vocações transitorias, jacobinismo. As duas grandes correntes do paiz eram o bacharelismo e a poesia. Toda gente nesse paiz ou é doutor ou é poeta, e ás vezes os doutores são tambem poetas e os poetas são chamados doutores.
>
> Neste periodo da minha vida, passei atrozes crises de consciencia. O cavalheiro não imagina como custa seguir a vocação de seu paiz (João do Rio, Nova vocação, *In: Cinematographo*, 1909: 96-97).

Conforme foi salientado na introdução, este estudo fundamenta-se teoricamente na História das Ideias Linguísticas, por isso, antes de tratarmos do tempo de João do Rio, apresentaremos os pressupostos teóricos que nortearam essa investigação histórica.

---

[11] Auroux, 2001: 19.
[12] João do Rio, *Cinematographo*, 1909: 119.
[13] Id., ibid., p. 45.

Em seguida, consideraremos a disposição do espírito, a diretriz mental, as representações coletivas, o imaginário, o modo de pensar do homem do século XIX ao século XX para minimizar a distância entre o espaço-tempo e o cenário em que os atores atuavam produzindo suas obras, que são, na verdade, o objeto de estudo [14].

É provável encontrar vestígios do pensamento e da atividade humana no diálogo que se trava entre o pesquisador e o homem de uma época distante, mas nunca admitir que seja exata a reconstrução da história pretendida. *O historiador não é aquele que sabe. O historiador é aquele que busca* [15].

## 1.1 PERCURSO TEÓRICO

> Ha, na cidade, um milhão de homens e nenhum se parece, e cada um tem sua alma, os seus instinctos. Assim os dias. Elles passam breve, e cada um tem os seus instinctos, a sua alma. (...) Se os dias são assim, assim o quiz a mysteriosa harmonia que é a vida, assim se resolveu na symphonia interminavel da existencia. O dia é o exemplo do homem. O homem no dia aprende a conhecer-se e a aproveitar. Se conta com muitos dias na vida, em primeiro logar dá graças aos deuses pelo ensinamento e pede-lhes que afastem o que deve ser o seu ultimo. Depois vai accumulando os dias de interesse e os dias de desabafo, os dias de crueldade e os dias de amor, e vê então que fundamentalmente não há nada melhor na terra do que assistir sempre á passagem dos dias, aproveitando os máos para experiência e os bons para gosto proprio.
>
> Por infelicidade, a nossa vida é breve. Os dias são muito mais breves. Por desgraça nem toda a vida é de rosas. Os dias tambem não. Por inclemencia dos deuses, somos feitos de coisas desagradaveis e raras qualidades apreciaveis. Os dias tambem. Por crueldade do desconhecido, cada um na terra por mais imperfeito tem de cumprir, na terra, uma serie de obrigações fataes.
>
> Os dias impalpaveis são prégados pelas horas na morte e descrevem a fatal parabola inexoravelmente. É da intima affinidade entre os phenomenos da natureza as nossas almas que vêm a consolo, a calma, a resignação (João do Rio, O que ensinam os dias, In: *Os dias passam...,* 1912: 15-18).

Saber dos homens e de seus dias [16] é a intenção do pesquisador da história das ideias, porque todo conhecimento é uma realidade histórica. E isso se realiza pelo enfoque dado no diálogo da atualidade com o passado, como comunicação entre os indivíduos no grande tempo [17].

---

[14] Fávero, Molina, 1996: 16.
[15] Febvre apud Guriêvitch, 2003: 9.
[16] Febvre, 1978.
[17] Guriêvitch, 2003: XXI.

> Negociar perpetuamente novas alianças entre disciplinas próximas ou longínquas; concentrar em feixe sobre o mesmo assunto a luz de várias ciências heterogêneas: tarefa primordial, e sem dúvida a mais premente e a mais fecunda das que se impõem a uma história impaciente com as fronteiras e as compartimentações.
>
> Empréstimo de noções? Às vezes. Empréstimo de métodos e de espírito antes de tudo. Feito de investigadores isolados, procurando o apoio dos vizinhos? – hoje é essa regra. Amanhã, sem dúvida, será feito de trabalhadores de formação diversa unidos em grupo para reunirem seus esforços: imagino o físico pondo o problema; o matemático trazendo a sua virtuosidade no manejo da linguagem científica; um astrónomo, enfim, escolhendo no campo imenso do céu os astros que é preciso escolher, observando e controlando. A fórmula do futuro, sem dúvida, tirará ao trabalho muito da sua intimidade. O trabalho já não será, tão profundamente, a coisa de um homem e a sua manifestação (Febvre, 1977: 32-33).

Assim como a história [18] se vinculou à sociologia, à psicologia, à geografia, à economia política, à etnografia; depois à demografia, à antropologia, à semiótica, aos estudos folclóricos, etc., e, simultaneamente, deu atenção à história das mentalidades para sair da estagnação, para renovar-se; também a linguística se valeu das outras áreas de conhecimento para vigorosamente alargar os próprios limites.

> Os conhecimentos existem no tempo, dizíamos nós começando esta introdução. Não se deve concluir que sua relação com a temporalidade possui a mesma generalidade que aquela dos eventos físicos no tempo mundano. No domínio cultural, a relação no tempo é de uma só vez uma historicização cujas as modalidades variam e que não deve ser confundida com o fato que está acontecendo algo num dado momento numa dada cultura. Do ponto de vista abstrato, sempre acontece algo porque os homens vivem e falam, e que as gerações se sucedem. Mas a relação com os eventos, a consciência de seus encadeamentos, numa palavra toda a historicização espontânea que é um modo de ser essencial aos objetos culturais, varia amplamente (Auroux, 1989: 30-31).

O oceano da linguística acha-se povoado, hoje, por inúmeras ilhas cada qual com sua flora e sua fauna particular. Melhor dizendo, podemos ver os estudos linguísticos como um vasto universo de informações percorrido por inúmeras redes, onde cada profissional encontra sua conexão exata e particular. No nosso caso, a conexão que se estabelece é entre duas disciplinas ligadas em essência, a Linguística

[18] Embora a História hoje se divida em inúmeros campos ou subespecialidades, estas divisões acabem parecendo um pouco ambíguas tanto para o público não-especializado que consome História, como para aqueles que percorrem uma trajetória acadêmica, veremos que, na verdade, a maioria dos bons trabalhos historiográficos situa-se em uma interconexão de modalidades. *Se são bons, são complexos. E, se são complexos, hão de comportar algum tipo de ligação de saberes, seja os interiores ou exteriores ao saber historiográfico* (Barros, 2010: 7).

(que pesquisa o meio essencial da comunicação humana, a linguagem [19]) e a História (hoje muito mais que o arrolar de datas e fatos). Resulta daí uma ideia linguística que é todo saber construído em torno de uma língua, num dado momento, como produto de uma reflexão metalinguística [20].

Quer dizer, a escrita fixa a linguagem e, a partir de então, torna-se objeto de novas práticas de leitura. É o conhecimento da língua e do saber que se constrói sobre ela, ao mesmo tempo em que se pensa a formação da sociedade e dos sujeitos que nela existem. Esse é o lugar da História das Ideias Linguísticas.

> Seja o que for que aconteça da diversidade da historicização, escrever uma história consiste em homogeinizar o diverso. Todo trabalho do historiador consiste em projetar fatos em um hiper-espaço comportando essencialmente três tipos de dimensões: uma cronologia universal, uma geografia, e um conjunto de temas. A grade cronológica dá ao conjunto dos fatos uma estrutura de pré-ordem. Há apenas verdadeiramente história quando e tão somente constroe-se uma ordem. Selecionando um tema e restituindo uma sequência em grande parte causal, isto quer dizer, adotando uma intriga ou uma relação. Num conjunto de fatos suficientemente grande, não somente existe uma quantidade de ordens possíveis, mas apesar do que se faz, haverá linhas de história independentes (Auroux, 1989: 33).

Trabalhar a História das Ideias Linguísticas do Brasil é produzir uma reflexão e é organizar, ao mesmo tempo, um arquivo dessa história que fica à disposição para outros caminhos de sentido. É construir a identidade linguística brasileira considerando os instrumentos linguísticos como partes de um processo em que sujeitos se constituem em suas relações e tomam parte na construção histórica das formações sociais com suas instituições, e sua ordem cotidiana.

Nem sempre foi assim [21],

> foi só em data recente que os filósofos e historiadores especializados começaram a estudar, em seu conjunto, o desenvolvimento das ciências da linguagem, a partir de métodos e de pontos de vista que são os da filosofia e da história das ciências (Auroux, 2001: 7).

O desenvolvimento institucional da pesquisa atinente a essas matérias se deu quando muito dos obstáculos externos para um contato científico produtivo começaram a se diluir. Até então, a metodologia científica, os ramos do saber pautavam-se em

[19] Fávero, Molina, 2006: 17.
[20] Auroux, 2001: 7.
[21] Id., ibid.

descobrir e formular leis como fenômenos necessários, isto é, a visão se detinha na superfície das coisas, na crosta dos fenômenos. O que moderava o *historiocismo* não era *um realismo metodológico* que concedia *consistência ao saber e independência aos fenômenos, em sua existência, em relação a este saber* [22].

Mas *minha liberdade seria então nula, minha vida estaria submetida ao acaso?*, indagava Schelling (*1775 +1854) [23]. Para esse filósofo, adepto do Sistema do Idealismo Transcendental [24], longe de excluir a liberdade, a necessidade histórica era sua condição e seu fundamento. A liberdade era, ainda, nula, submetida ao acaso. Por outro lado, agindo de maneira necessária, os homens poderiam, ao mesmo tempo, conservar plena liberdade de seus atos.

A filosofia de Hegel (*1770 +1831), como a de Shelling, era idealista e acreditava ser a história apenas o desenvolvimento do Espírito Universal no tempo. Hegel foi o primeiro a reconhecer filosoficamente que havia um conjunto de leis que determinavam o movimento histórico. Mas permaneceu incapaz de explicar as origens do estado social, já que, para ele, nada explicava que numa época determinada, o estado social de um povo dependia, como seu estado político, religioso, estético, moral e intelectual, do espírito do tempo.

Tanto na filosofia, como na história propriamente dita, e na literatura, a evolução da ciência social, em seus diversos ramos, continuava girando em um círculo vicioso: os fatos são tomados tais quais são, porque a razão governa o mundo.

Marx (*1818 +1883) procurou, ao elaborar a concepção materialista, dar conta desse problema respondendo que era na economia política que deveríamos buscar a anatomia da sociedade civil. Como todas as coisas do mundo tinham suas causas, causa fundamental de toda evolução social, portanto, todo movimento histórico estava na luta que o homem travava com a natureza para assegurar sua própria existência [25]. De

---

[22] Auroux, 1989: 17.

[23] Plehânov, 1963: 29.

[24] *Longe de excluir a liberdade, a necessidade é sua condição e seu fundamento. É justamente isto que Schelling queria demonstrar em um dos capítulos de seu Sistema do Idealismo Transcendental. Segundo Schelling, a liberdade é impossível sem a necessidade. Se, ao agir, só posso contar com a* ***liberdade*** *dos outros homens, ser-me-á impossível prever as consequências de meus atos, uma vez que, a cada instante, meu cálculo mais perfeito poderia ser completamente frustrado pela liberdade de outrem, e, por conseguinte, poderia resultar de nossos atos algo muito distinto do que se havia previsto. Minha liberdade seria então nula, minha vida estaria submetida ao acaso* (Plekhânov, 1963: 29).

[25] As ideias materialistas não serão desenvolvidas nesse trabalho, nem as teorias dialéticas, nem as econômicas. O objetivo não é a exaustão desses conceitos, nem poderia. O que se pretende é uma observação a respeito de como a história era entendida e a sociedade, então, considerada.

maneira mais clara, a natureza humana correspondia ao estado de forças produtivas de uma ordem econômica, em um determinado momento.

Marx, sob vários aspectos, é um dos mestres de uma história nova [26], embora suas noções sejam incapazes de dar conta da complexidade das relações entre diversos níveis de realidades históricas. A periodização (escravidão, feudalismo, capitalismo) de Marx e do marxismo, ainda que não seja aceita dessa forma, é uma teoria de longa duração, e a colocação em primeiro plano do papel das massas na história pode coincidir com o interesse da história pelo homem cotidiano, que também é um homem socialmente situado [27].

> A ortodoxia marxista permaneceu estranha à nova história, embora alguns dos principais historiadores da escola dos *Annales* como Fernand Braudel, tenham visto Marx como um dos principais criadores de modelos para as ciências sociais em geral e para a história em particular (Le Goff, 1990: 3).

Sem dúvida, os homens fazem sua história procurando satisfazer suas necessidades, e, evidentemente, estas necessidades são muitas vezes determinadas pelas forças produtivas que os homens têm à sua disposição. Mas e sua inteligência? Assim os materialistas foram acusados por suas inclinações ao *quietismo* [28], isto é, negação do chamado livre arbítrio.

A reação surgiu na origem do discurso histórico, a economia havia se tornado o aspecto pelo qual a sociedade dos anos 20 e 30 se pensava, pois, na Europa, depois da primeira Grande Guerra, havia o traumatismo e os efeitos de milhões de mortos, a falência do credo de uma juventude num mundo unificado pelo capitalismo europeu, a falência do olhar dos aspectos políticos, as incertezas posteriores à guerra, o questionamento e a rejeição do aspecto político manifestado. O discurso histórico repensava, então, o social. A abordagem histórica, eminentemente política, lançava-se às variáveis econômicas. Lançava-se às variáveis da história-problema.

O objetivo da história como ciência não era mais a construção de fatos dispersos, subordinados a um esquema político elaborado pelos historiadores ou imposto a eles, nem o estudo do passado escondido em fichários com cópias de textos antigos, nos quais o historiador era incapaz de sentir os homens vivos. O filósofo Henri Berr (*1863

[26] Le Goff, 1990: 52.
[27] Id., ibid.
[28] Plekhânov, 1963: 74.

+1954) que ainda antes dos novos historiadores ligados à revista *Annales* comecara uma luta semelhante pela renovação, chamava essa corrente dominante na Ciência Histórica francesa de história historicizante.

Então, os novos historiadores se opuseram aos historiadores historicizantes que cultuavam os fatos políticos, e a narrativa dos monumentos foi substituída pela procura da vida real dos homens e da sociedade como num diálogo entre o pesquisador e o homem de outra época. Era o nascimento de uma *Nova História* que forjava ferramentas, isto é, métodos, e submetia-os à reflexão e à discussão.

> Uma ciência com leis? Talvez. Tudo depende do que se entende por Lei. Palavra ambiciosa, palavra pesada de sentidos diversos, por vezes contraditórios. Leis que constrangem a acção, já dissemos que não. Não estraguemos o esforço humano sob o peso esterilizante do passado. Repitamos claramente, nós historiadores – e porque historiadores – que o passado não obriga. Passado, aliás? Não tenham ilusões. O homem não se lembra do passado. Recontrói-o sempre (Febvre, 1977: 33-34).

Evidentemente, o século anterior havia preparado esses novos historiadores que lançavam os novos caminhos dos métodos investigatórios do ofício histórico. O século XIX foi a época em que a história se tornou profissionalizada, com seus departamentos nas universidades e suas publicações específicas; e os historiadores de arte, literatura e ciência, que costumavam buscar seus interesses mais ou menos isolados em suas áreas de atuação, começaram a considerar, também, as reflexões dos demais estudiosos.

Assim foram preparados os historiadores do século seguinte que fariam uma História Nova que permitisse, num mundo em estado de instabilidade definitiva, viver com outros reflexos. Diante da aceleração da história, seria a busca da memória coletiva, da identidade que parecia escapar.

> Quem inventou – ou descobriu – a nova história? (...) Para muitas pessoas, a nova história está associada a Lucien Febvre e March Bloch, que fundaram a revista *Annales* em 1929 para divulgar sua abordagem, e na geração seguinte, a Fernand Braudell. Na verdade, seria difícil negar a importância do movimento para a renovação da história, liderado por esses homens. Todavia eles não estavam sozinhos em sua revolta contra os rankeanos. Na Grã Bretanha dos anos 30, Lewis Namier e R. H. Tawney rejeitaram ambos a narrativa dos acontecimentos para alguns tipos de história estrutural. Na Alemanha, por volta de 1900, Karl Lamprecht tornou-se impopular, expressando seu desafio ao paradigma tradicional. A desdenhosa expressão *histoire événementielle*, "história centralizada nos acontecimentos", foi inventada nessa ocasião, uma geração antes da época de Braudel, Bloch e Febvre. Expressa as idéias de um grupo de estudiosos concentrados em torno do grande sociólogo francês Emile Durkehein e sua

> revista *Année Sociologique*, publicação que ajudou a inspirar os *Annales* (Burke, 1992: 17).

Os historiadores ligados à revista *Annales* nunca tiveram um eixo teórico claro[29], as diferenças entre os fundadores do movimento, Marc Bloch e Lucien Febre, eram acentuadas. O que os unia, em 1929, era baterem-se contra uma história que cultivava um fetichismo dos fatos, uma construção teleológica da história que reverenciava o ídolo individual ou o ídolo cronológico; e era a conclusão de que era necessário abrir *o campo de acção do sábio – aumentar a especialização* [30]:

> Se, tendo escolhido por razões válidas, um assunto de estudos; tendo-o delimitado com cuidado; tendo marcado tudo o que antes de mais importava chegar a estabelecer (porque é preciso renunciar à ideia pueril de que tudo é igualmente interessante para todos) – organizasse as investigações de uma equipa composta, digamos (pensando em certos inquéritos possíveis e desejáveis da história das técnicas), por um técnico propriamente dito; por um químico conhecedor da história da sua ciência; por um economista de espírito concreto; se, reservando para si o papel difícil entre todos de estabelecer os questionários prévios; de relacionar as respostas fornecidas; de desprender delas elementos de solução; de ordenar os inquéritos suplementares indispensáveis; sobretudo, de marcar as relações do problema posto em conjunto dos problemas históricos do tempo que o formulou; se, tendo escolhido esta via longa, que afinal parecerá muito mais curta do que os velhos caminhos sinuosos de outrora, chegasse enfim a fazer da história uma "ciência de problemas a pôr", senão a resolver sempre com certeza e à primeira vez (Febvre, 1977: 94).

Febvre e Bloch propuseram uma história-problema, o uso de hipóteses explícitas que servissem de fio condutor para a pesquisa e quiseram se *aproveitar dos conselhos dos outros*, isto é, *informar-se das realizações já feitas* e *apoiar-se nos que, no seu domínio, organizaram "a investigação coletiva"* [31].

Febvre compreendia que a História era ciência do Homem, os fatos seriam os fatos humanos, e a tarefa do historiador: *encontrar os homens que os viveram, e deles os que mais tarde aí se intalaram com as suas ideias, para os interpretar.* Os textos que servissem de documentos, dos quais se extrairiam nomes e datas, seriam textos *humanos*, e as próprias palavras desses textos teriam sua história, soariam diferentemente segundo suas épocas. Assim a história se edificaria sem exclusão, com

[29] Le Goff, 1990.
[30] Febvre, 1977: 93.
[31] Id., ibid., p. 95.

tudo o que o *engenho dos homens* poderia *inventar e combinar para suprir o silêncio dos textos, os estragos do esquecimento* [32].

> Os textos, sem dúvida: mas *todos os textos*. E não só os documentos de arquivos em cujo valor se cria um privilégio – o privilégio de daí tirar, como dizia o outro (o físico Boisse), um nome, um lugar, uma data; uma data, um nome, um lugar – todo o saber positivo, concluía ele, de um historiador indiferente do real. Mas, também, um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de acção em potência... (Febvre, 1977: 31).

Para Bloch, componente inalienável era a consciência humana, a mentalidade, conteúdo humano da história. E que por meio de um procedimento exato e objetivo de elaboração de material das fontes, o historiador atingiria o pensamento humano dos homens de outra época. Por outro lado, no centro de seus interesses estavam também a estrutura social, as relações de classe que estudou de modo minucioso e profundo.

> Investindo em uma história de longa duração, de períodos históricos mais alargados e estruturas que se modificavam de maneira mais lenta e preguiçosa, Bloch tornava-se uma espécie de fundador da "antropologia histórica", ao selecionar eventos marcados pelo seu contexto, mas acionados por estruturas e permanências sincrônicas, anteriores ao momento imediato (Bloch, 2001: 9).

A primeira geração dos novos historiadores propôs, assim, o alargamento do campo da história, o desmoronamento da história política, ampliação de seus métodos, os quais deveriam incluir outras áreas de conhecimento, como a estatística, a linguística, a psicologia, a numismática e a arqueologia. Criticavam os passivos historiadores tradicionais que não confrontavam suas hipóteses com os documentos coletados. Não se contentaram somente com a aliança com outras especialidades, integraram também seus métodos e conceitos. Era necessário descobrir na história outra parte, as mentalidades, e tomar consciência dessa história.

> Não acreditem, pois, quando me sirvo da fórmula corrente, quando falo de histórica económica e social, que tenho a menor dúvida sobre o seu valor real. Quando March Bloch e eu fizemos imprimir essas duas palavras tradicionais na capa dos *Annales*, sabíamos bem que, especialmente "social" é um desses adjecticos que se fez ao longo dos tempos dizer tantas coisas que por fim já não quer dizer quase nada. Mas foi mesmo por isso que o recolhemos. Tão bem recolhido que, por razões puramente contingentes,

[32] Febvre, 1977: 31.

> figura hoje sozinho na capa dos mesmos *Annales*, que é *Économiques et Sociales*. Uma desgraça que aceitávamos a sorrir (Febre, 1977: 39).

A situação do grupo dos historiadores dos *Annales*, após o término da Segunda Guerra Mundial, começou a mudar radicalmente, e a geração seguinte não teve a continuidade dos trabalhos dos fundadores. Essa inovação deveu-se à incorporação da história econômica dos anos e da dinâmica conjuntural às análises da relação tempo-espaço, que foi impulsada por Ernest Labrousse e de Ferdinand Braudel.

Braudel preocupava-se em demonstrar, em sua obra, que todas as características geográficas teriam a sua história ou seriam parte da história, que o homem não era mais que um ator que desempenhava um papel a ele atribuído por um cenário que ele não compusera, que os diferentes aspectos da vida dos homens se subordinavam ao fluxo diverso de tempo, dos anos, e deveriam ser estudados em três níveis – o tempo geográfico-natural, o tempo social e o tempo individual. Era a lição da geo-história.

Labrousse era extremamente técnico, com concepções marxistas, e escreveu sobre as crises econômicas. Seus métodos eram os estatísticos, com tabelas e gráficos para esclarecer a importância da crise econômica – de curta e longa duração – determinando o grande mercado rural e industrial.

Nessa mesma geração de 40 e, depois, 50 e 60, vieram os estudos de Chaunu, Jean Meuvret, Goubert, Mousnier e Emmanuel Le Roy Ladurie. Também do medievalista Georges Duby, que não integrou a escola dos *Annales*, mas foi seguidor de Febvre e Bloch ao discutir os problemas da história das mentalidades e a necessidade de o historiador manter do modo mais rigoroso possível o âmbito cronológico na sucessão dos acontecimentos, pois as explicações que não levam em conta o fluxo do tempo histórico poderiam perfeitamente ser errôneas.

A terceira geração, nos anos que se seguiram a 1968, com André Burguière, Marc Ferro, Le Roy Ladurie, Jacques Revel e Jacques Le Goff, estendeu os projetos às interrogações do presente, mudando os rumos de seu discurso ao desenvolver a antropologia estética. Todos os aspectos do estudo da história das mentalidades juntaram-se a um centro único, ao indivíduo, que se estruturava em função do tipo de cultura. E a pesquisa histórica cedeu o lugar à história cultural.

O domínio cultural, criador do social, tornou-se o lugar central dos conflitos, contradições de uma sociedade, e a clivagem cultural erudita/popular tornou-se, pois, o lugar de recuperação das sociedades do passado. O olhar foi deslocado para as margens,

para o avesso dos valores estabelecidos, para os loucos, para os transgressores. O documento básico, a unidade de informação era, de agora em diante, o dado, não o fato, e o *corpus*, o agrupamento de dados reclamado pelo pesquisador.

Em pouco tempo, tornaram-se objeto de estudo atento:

> - a relação dos membros de uma dada sociedade e das classes que passaram a integrá-la com o trabalho, a propriedade, a riqueza e a pobreza;
>
> - a imagem do todo social e a avaliação dos diferentes grupos, classes categoriase castas;
>
> - a concepção do hábito e do direito, da significação do direito como regulador social;
>
> - a imagem da natureza e sua apreensão, os meios de ação sobre ela – dos técnicos e operatórios aos mágicos;
>
> - a avaliação das idades da vida, particularmente da infância e da vlhice, a percepção da morte, das doenças, o tratamento dispensado à mulher, o papel do casamento e da família, a moral sexual e a prática sexual, ou seja, todos os aspectos subjetivos da demografia histórica – do ramo do conhecimento que opera na fronteira da cultura e da natureza, da biologia e da mentalidade;
>
> - a relação do mundo terrestre com o mundo transcendente, a ligação entre eles e a compreensão do papel das forças obrenaturais na vida dos indivíduos e dos grupos – tema de suma importância quando se examina a concepção religiosa do mundo, que domina a maior parte da história humana;
>
> - o enfoque do espaço e do tempo, que até época relativamente recente não eram concebidos como abstrações mas antes como forças eticamente poderosas, eticamente coloridas, que agiam sobre o homem; a percepção da história e de sua tendência (progresso ou regresso, movimento cíclico, repetição ou desenvolvimento), e note-se que não se trata de mera interpretação da história pelos profissionais – cronistas, teólogos, escolastas – mas do seu vivenciamento mais imediato pela consciência ordinária;
>
> - o surgimento e a disseminação dos modelos culturais;
>
> - os diferentes níveis de cultura, os conflitos e a interação entre eles, particularmente a correlação da cultura oficial, intelectual da elite, que tem acesso ao saber, com a cultura popular ou folclórica, com a cultura dos iletrados;
>
> - as formas de religiosidade, próprias do “alto” e do “baixo”, dos letrados e iletrados; as diferenças da consciência religiosa no nível teológico, oficial e no nível ordinário, as contradições e a interação entre elas;
> - a psicologia dos “homens do do livro” e a psicolofia dos homens que vivem sob a condição de domínio da palavra falada e,

> respectivamente, percebem e reformulam a seu modo a informação;
>
> - as fobias sociais, as psicoses coletivas e os tensos estados psico-sociais;
>
> - a caça às bruxas como resultado da interação das tradições popular e erudita;
>
> - a correlação da "cultura da culpa" com a "cultura da vergonha", isto é, as orientações centradas no mundo interior ou no *socium*;
>
> - a história das festas e dos hábitos de calendários, que cadenciaram todo o curso da vida dos grupos;
>
> - a questão central das mentalidades – a personalidade humana como unidade estrutural do grupo social -: a medida do seu destaque e individualização ou, ao contrário, de sua inclusão e absorção pelo *socium*; os modos de autoconsciência do indivíduo; a concepção do seu lugar na estrutura geral do universo;
>
> - a conscientização da identidade nacional, tribal, estatal, as contradições nacionais e os estereótipos nelas contidos, seu emprego pelo Estado e po manipuladores sociais de toda espécie;
>
> - a biografia de um homem notável em face de sua época e da cultura como foco no qual de exprimem os traços característicos de sua época;
>
> - a simbólica do poder e a percepção das instituições políticas.
>
> Em suma, todos os aspectos do estudo da história das mentalidades, por mais heterogêneos e dispersos que sejam, juntam-se a um centro único – o indivíduo, que se estrutura em função do tipo de cultura (Guriêvitch, 2003: 277-278).

Hoje, a escola dos *Annales* examina todos os aspectos do quadro do mundo e do comportamento dos homens do passado e cria a possibilidade de construção de uma história precisamente como história humana. Não se trata de alguma história do homem abstrato, mas da história do homem em sociedade, no grupo social. O enfoque antropológico se realiza no contexto da história social e assim muda seu objeto. Não é a história do comércio, mas uma história dos comerciantes e citadinos; não é a história agrária, mas uma história do camponês; não é a história do capitalismo nascente, mas uma história dos banqueiros e agiotas.

No centro da atenção dos estudiosos não estão só as faculdades intelectuais, ou só os conceitos de *mentalité*, mas, também, o homem dotado de muitas qualidades, inclusive da mentalidade, por isso a ideia de passagem da história das mentalidades para uma história orientada em termos antropológico-culturais, que é entendida como

história do quadro do mundo. Le Goff chamou essa abordagem de *antropologia histórica* [33].

A antropologia histórica é uma concepção geral e global da história, que abarca todas as conquistas da Nova História, unindo o estudo da mentalidade, da vida material e do cotidiano em torno do conceito de antropologia. Abrange, também, todos os novos campos de investigação, tais como o estudo do corpo, dos gestos, da palavra oral, do ritual, da simbólica, etc.

O domínio do historiador se abriu amplamente neste grande território da história, ampliou-se sem perder de vista fronteiras que são interfaces com as outras ciências sociais, fronteiras interdisciplinares. Do primeiro período dos *Annales*, não é mais a frente pioneira a história econômica e social, e *a fobia da história política não é mais artigo de fé*, do mesmo modo, *o acontecimento está sendo reabilitado em novas bases* [34]. Também a biografia parece provocar menos contestações hoje em dia.

> Todavia, acho que a história viva e, em particular, a nova história, na medida em que constitui não um bloco, mas uma nebulosa cujo cerne histórico é a escola dos *Annales*, não cessaram e não devem cessar de ter como horizonte e ambição uma história que englobe o conjunto da evolução de uma sociedade segundo modelos globalizantes. Creio, aliás, que o que aconteceu e o que acontece nos melhores casos é que os historiadores dessa tendência conservaram o mesmo objetivo, mas procuraram atingi-lo por outros meios, por exemplo a partir de estudos de casos colocados como modelos (Le Goff, 1990:3).

Contribuição decisiva deu recentemente Roger Chartier, historiador vinculado à escola dos *Annales*, que elaborou noções complementares de práticas e representações. Isto é, de acordo com o horizonte teórico da História Cultural, a Cultura poderia ser examinada no âmbito produzido pela relação interativa tanto na prática cultural – produção de um livro, de um texto, um sistema educativo, uma técnica artística, ou os modos como a sociedade, os homens *falam e se calam* [35] -, como nas representações dessa cultura – que podem englobar todas e quaisquer traduções mentais e uma realidade exterior percebida -, como os sujeitos produtores e receptores de cultura.

Será possível compreender isso a partir de um exemplo concreto: este trabalho. Durante um período situado entre o século XIX ao XX, João do Rio produziu cultura que aparece na construção de seus livros, tanto de ordem autoral (modos de escrever, de

[33] Guriêvitch, 2003: 289.
[34] Le Goff, 1990: 53.
[35] Barros, 2010: 77.

pensar sua sociedade e a si mesmo, de expor sua identidade linguística), como de ordem artesanal (a construção no livro na sua materialidade que depende do momento dos manuscritos ou da impressão). Essas são as práticas culturais.

Os aspectos lacunares satisfeitos pelas análises propostas a partir de uma linha teórica são as Representações. Se pelo viés da História das Ideias Linguísticas, a análise objetivará o Conhecimento Linguístico em dado momento, seja para estudar as antigas gramáticas, com finalidades pedagógicas ou ainda com fins apenas descritivos; estudar as instituições de ensino e suas metodologias; ou saber da identidade linguística nacional exposta nos textos de certo autor.

Contudo, desde o início, explorando o saber que se constrói sobre a língua e seu sujeito no âmbito das mentalidades, do imaginário [36], das ideologias, tendo como ideologia *uma determinada forma de construir representações ou de organizar representações já existentes para atingir determinados objetivos ou reforçar determinados interesses* [37].

Os textos que fazem parte deste trabalho (práticas culturais) tentam expor esses processos para nos levar à compreensão de que, enquanto objeto histórico, tanto a gramática como o dicionário, ou as instituições e seus programas de ensino, assim como as manifestações literárias, são saberes que podem ser trabalhados de modo a promover o conhecimento das práticas que constroem o mundo como representação. A produção de um bem cultural está sempre inscrito em um universo regido por estes dois polos que são práticas e representações [38], segundo o que assevera Chartier.

Hoje, graças à mudança de critérios das pesquisas concernentes a essas matérias: a História e a Linguística -, a um processo que evolveu rupturas e limites de domínios, à qualidade das observações da língua, segundo as análises que se podem fazer, *não faltam trabalhos consagrados à história dos conhecimentos linguísticos* [39]. Esses trabalhos podem ser inscritos em três categorias:

---

[36] Barros (2010: 92) explica que a noção de Imaginário é polêmica, mas conserva interfaces com a noção de Representação e, em algumas situações, os dois campos se invadem reciprocamente. E que de certo modo, há uma distância em relação à Metalidade, que evoca uma ideia maior de imobilidade ou de permanência em uma duração mais longa. Ainda escreve que *Jaques Le Goff destacava que o 'imaginario pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transposta em imagem do espírito mas criadora, poética no sentido etimológico da palavra*.

[37] Barros, 2010: 86.

[38] Id., ibid., p. 81.

[39] Auroux, 2001: 11.

> i. os que visam a constituir uma base documentária para a pesquisa empírica; ii. os que são homogêneos à prática cognitiva de que derivam (por exemplo, o trabalho de um filólogo das línguas clássicas sobre a gramática, a filologia ou a lógica grega) ; iii. os que têm papel fundador, queremos dizer, os que se voltam ao passado com o fim de legitimar uma prática cognitiva contemporânea (Auroux, 2001: 7).

Este percurso foi traçado para servir como guia aos leitores não habituados às novas abordagens de historiadores que lançam pontes em direção à linguística, ou, melhor dizendo, de alguns linguistas que se utilizam da história para construir, em torno de uma língua, todo o saber de uma atividade reflexiva metalinguística.

Como n*Os Annales*, a história abordada, aqui, não pretende se restringir à simples descrição dos fatos. Os fatos são utilizados para se encontrar noções de comportamento ou de atitude. A espessura temporal é um horizonte de retrospecção que tem por fundamento o nível inconsciente do pensamento coletivo de uma época ou de um grupo social.

A mentalidade de um indivíduo histórico, sendo esse um grande homem, é justamente o que ele tem de comum com outros homens de seu tempo. Esclarece Le Goff (1976) que o pensamento de César revela o do último soldado de suas legiões, Cristóvão Colombo, o do marinheiro de suas caravelas, Santo Agostinho, o dos que reagiam à peste como castigo divino.

A História das Ideias Linguístas utiliza-se da história para abrir caminho para a análise dos escritos de um homem do passado, com respeito e tentativa de compreensão daquela mentalidade, daquela cultura, a despeito de toda vagueza e indefinição.

Fazer História das Ideias Linguísticas no Brasil é mostrar o conhecimento a respeito da língua e o saber que se constrói sobre ela, ao mesmo tempo em que se analisa a identidade da sociedade e dos sujeitos que nela existem. Com esse investimento mais próximo à história cultural, podem ser estudados ainda os modos de pensar e de sentir tomados coletivamente e que foram retratados em textos de uma dada época.

Nessa perspectiva, então, quando se entra em contato com as palavras de João do Rio, nas crônicas que escreveu, o que se revela é, não só a identidade linguística, mas também o pensamento de um brasileiro destinado a representar a consciência de sua sociedade.

> Por que então crear um jornal? O momento político não pode exigir talentos especiaes. Os talentos especiaes foram, aliás, considerados inuteis. Em pleno dominio da ignorancia, do medo ás responsabilidades, dos accordos, dos conchavos e dos *puzzle* politico – o jornal é um reflexo. Se você vier de outra fórma, ou o esmagam, ou ninguem o lê, como ninguem lê Job e o *Apocalypse*. O momento social é o cinematographo, com os *films* e as legendas escriptas naquelle espantoso vernaculo dos cinemas. Para ter o publico é preciso ser como o cinematographo, inclusive as legendas. O momento literario tornou-se a literatura substituída por alguns gorillas que realizam a dupla covardia de escrever com um páo molhado na mioleira apodrecida. Quanto ás idéas, não ha idéas de coisa alguma. Ha mesmo, ao contrario, uma dansa selvagem em torno dos raros que se atrevem a pensar (João do Rio, Carta, In: *No tempo de Wenceslão...*, 1917: 189-190).

## 1.2 UMA VISÃO DO TEMPO

Uma visão no tempo é explicitar os mecanismos que subjazem à elaboração da obra de João do Rio, porque, segundo o que foi exposto até aqui, reconstruir a história do Brasil é pensar a formação da sociedade e dos sujeitos que nela existem. E, nessa perspectiva, também é conhecer a relação Língua/Nação/Estado e o cidadão que essa relação constitui [40]. A escrita é uma prática social que representa os modos como a sociedade, os homens falam e se calam.

*Durante séculos o Brasil como um todo é um país agrário* [41]. A cidade cresceu no Brasil *como flor exótica*, pois sua evolução dependeu da conjunção de fatores políticos e econômicos. A expansão da agricultura comercial e a exploração mineral foram a base de um povoamento e uma criação de riquezas redundando na ampliação da vida de relações e no surgimento de cidades no litoral e no interior.

Foi a partir do século XVIII que a urbanização se desenvolveu e a casa da cidade tornou-se a residência mais importante do fazendeiro ou do senhor de engenho, que só ia à sua propriedade rural no momento do corte e da moenda da cana. Mas foi necessário ainda mais um século para que a urbanização atingisse sua maturidade, no século XIX, e ainda mais um século para adquirir as características com as quais a conhecemos hoje. *Toda nossa história é a história de um povo agrícola, é a história de uma sociedade de lavradores e pastores* [42]. Foi no campo que se formou nossa raça e se elaboraram as forças íntimas de nossa civilização, tanto no dinâmico período colonial,

[40] Gimarães, Orlandi, 2001: 9.
[41] Santos, 1998: 17.
[42] Id., ibid.

como na sociedade do período imperial. Esse quadro só começou a ser quebrado a partir da segunda metade do século XIX e nos primeiros anos do século XX.

No período de 1894-1922 (João do Rio nasceu em 1881, faleceu em 1921), o Brasil cresceu, *passando de 14,3 milhões de habitantes em 1890 a 17,4 milhões em 1910 e 30,6 milhões em 1920. Minas Gerais continuava a ser o estado mais populoso, seguido por São Paulo* [43].

Com o fim do escravismo no Brasil, mudou-se o processo de produção, para o trabalho assalariado, mas a falta de Lei que regulasse uma reforma agrária, ou a assistência daqueles que se tornaram cidadãos, causou vários problemas habitacionais e sanitários por conta da vinda destes para as cidades, notadamente o Rio de Janeiro.

> Veja, porém, agora. Os protegidos de hoje são como no passado, Em maior numero, é verdade, porque o numero dos que estudam hoje é quasi 2.300 vezes maior do que do meu tempo. No ensino secundario só se faziam exames geraes em S. Paulo, na Bahia, e, Pernambuco, nos cursos anexos e aqui. Hoje, até em Campos, terra do Dr. Nilo, e em Nictheroy. Mas cumpre dizer que o numero de protegidos de hoje, incapazes de saber a disciplina cujo exame prestam, é, no fundo, extremamente limitado. E a razão é simples: a sciencia difunde-se, o menino nasce aprendendo e aos oito annos sabe, com um livro de lições de coisas, o que só aos vinte os meus contemporâneos iam saber na *Botanica* do Bomfim, por exemplo, quando já acadêmicos. A lição das coisas! Um petiz de agora define a cubatura de esphera, conhece os fatos geraes da physica, da chimica, da biologia. Por mais destituido de intelligencia que o possamos imaginar, é impossivel comparal-o nos conhecimentos geraes aos do meu tempo (João do Rio, Hontem e hoje, In: *Cinematographo*, 1909: 45-46).

Entre 1889 e 1900, 1 443 892 estrangeiros entraram no Brasil, sobretudo no Rio de Janeiro e São Paulo. O enriquecimento paulista provocou a vinda de brasileiros de outros pontos, de Minas Gerais e do Nordeste, notadamente, esta região, pela seca e pela crise da borracha.

> A estrutura ocupacional era assim distribuída em 1920: 6 377 000 na agricultura, ou 69,7%; 1 264 000 na indústria, ou 13,8%; 1 509 000 nos serviços, ou 16,5%, no total de 9 150 000. A população operária passa de 149 400 em 1907 a 275 512 em 1920. Já havia proletariado no país, portanto. Suas condições eram desfavoráveis, pois a incipiente burguesia não tinha sensibilidade para o problema: possivelmente por herança da escravidão, todo trabalho manual ou mecânico era visto como pouco digno (Iglésias, 1993: 218).

[43] Iglésias, 1993: 214.

Como no passado a produção agrária [44] continuou compartimentada e distribuída pelas diferentes regiões do país, com um gênero cada uma. A extração da borracha, atividade que, no primeiro decênio do século, alcançou prosperidade, viu abrir-se mais uma perspectiva econômica de vulto. O Brasil foi o maior possuidor mundial de seringueiras nativas – a princípio na baixa bacia do rio Amazonas (Estado do Pará), em seguida, o médio rio (Estado do Amazonas, hoje), conquistou o primeiro lugar em 1887. A partir de 1880, o crescimento dessa atividade se acelerou pelo crescente alargamento do consumo mundial e ascensão de preços, pelo afluxo constante de trabalhadores nordestinos impelidos pelas precárias condições de vida numa terra empobrecida e em decadência. Por mais de vinte anos a exploração da borracha continuou ininterrompida e fez-se *sempre pelos mais rudimentares processos, foi tipicamente uma indústria de selva tropical, tanto nos seus aspectos técnicos, como nos econômicos e sociais* [45].

Entretanto, a ameaça já vinha de longa data, transportadas as plantas para o Ceilão e Singapura (1877), dariam origem às imensas plantações de seringueiras racionalmente conduzidas e selecionadas. Então, o Brasil se retraiu modestamente. A concorrência que se estabeleceu contava com recursos e investimentos da Inglaterra, da França e Holanda. Além disto, o Brasil nunca passara de mero produtor de matéria-prima, foi uma prosperidade fictícia e superficial, a brasileira, *o drama da borracha brasileira é mais assunto de novela romanesca que de história econômica* [46].

Com o cacau, as culturas da Bahia não tiveram progresso apreciável até princípios do século XIX. A Bahia conheceu mais uma fase de bem-estar e progresso depois do grande período de estagnação da cultura da cana de açúcar. O quadro foi animador, mas surgiram as primeiras dificuldades, os ingleses repetiram a proeza que simultaneamente estavam realizando com a borracha. O Brasil manteria um segundo lugar muito modesto.

O açúcar, no período republicano até 1930, teve papel medíocre, como as demais atividades agrárias. Houve um tremendo esforço de adaptação ao mercado interno, tendo perdido seus mercados externos e, daí, uma crise profunda e de graves consequências. A falta de plasticidade de estrutura econômica brasileira fez as regiões de monocultura açucareira insistirem numa atividade que já havia perdido boa parte do sentido, em vez de diversificarem sua economia e procurarem outras perspectivas.

[44] Prado Junior, 1994: 225.
[45] Id., ibid., p.237.
[46] Id., ibid., p. 241.

O soberano lugar coube ao café, como na fase anterior sob o Império, na República atingiu grandiosa trajetória. Mas a especulação jogou com a situação. As grandes colheitas foram aproveitadas para a formação de reservas que pesaram sobre os preços, e os fazendeiros, obrigados a ceder seu produto para atenderem aos encargos da produção, perderam a diferença para os intermediários que não eram senão grandes casas financeiras, compradores na primeira fase, vendedores na segunda, e que ficavam com a maior parte dos lucros do negócio.

Em 1906, os produtores conseguiram medidas destinadas a sustentar e estabilizar os cursos do café – a colheita do café se fazia no Brasil num período de quatro meses (maio a agosto), afluía a produção para os portos exportadores forçando a baixa dos preços e, depois, seguia-se um período de carência do produto, subindo os preços. Mas os preços em declínio desde muito chegaram, com a valorização da moeda, a um nível abaixo do custo da produção. Os prejuízos da lavoura foram consideráveis e o prejuízo somente do produtor.

Depois de 1921, reflexo das dificuldades financeiras que assolaram a Europa, estabeleceu-se o curso ascendente. *Aparentemente a situação da lavoura era próspera* [47], mas era uma situação artificial, efetivamente, não se vendia e exportava senão uma parte da produção. *O resto permanecia retido à espera de oportunidade que nunca chegará*. E as retenções aumentavam de ano para ano, gerando novas dívidas para o financiamento de uma produção que não era vendida. *Os momentâneos proventos da valorização custariam muito caro aos produtores e à economia brasileira em geral* [48].

O resto da história foi a liquidação da massa falida deixada pela desvalorização do desenlace fatal, que veio com o craque da Bolsa de Nova Iorque, entrando num quadro muito mais amplo que foi o da crise geral de todo o sistema econômico do Brasil. Foi a ruína completa.

> A razão dos fracassos brasileiros em outros mercados que não o do café está fundamentalmente nas mudanças sofridas pelo capitalismo, que entra a partir de 1870 em sua fase monopolista, com o que se alteram as regras do jogo do comércio mundial. Em última análise, a Abolição e a República chegam tarde para permitir ao Brasil diversificar seu Setor de Mercado Externo, de modo que a expansão das forças produtivas se volta em boa parte para o mercado interno, lançando as bases da industrialização do país (Singer, 2004: 357).

[47] Prado Junior, 1994: 235.
[48] Id., ibid., p. 233.

O Brasil conheceu uma série de fracassos: no mercado mundial de algodão, o Brasil foi superado pelos Estados Unidos duas vezes, uma após a Guerra (Americana) pela Independência e outra após a Guerra da Sucessão; no mercado internacional do açúcar, foi superado pelas ex-colônias espanholas, particularmente Cuba, após a Guerra Hispano-Americana; no mercado mundial da borracha, a hegemonia brasileira foi derrubada pela competição das plantações de seringueiras no Extremo Oriente, nas vésperas da Primeira Guerra Mundial. Só manteve uma posição de certa importância no mercado do cacau e do café. E, *dado o tamanho do país e de sua população, seu desempenho da divisão internacional do trabalho parece medíocre* [49].

> (...)
> O Anjo da Guarda: - Antes de endereçares a tua supplica, eu vinha pensando num simples caso que poderia servir de exemplo do quanto te venho dizendo: o caso do pão.
> O Brasil de via ser o celeiro do mundo. Em immensas regiões infindaveis trigaes poderiam abastecer o mundo. De 1835 a 1845, Santa Catharina teve a fantasia do trigo. Vieram os argentinos, levaram o trigo para a Argentina, que delle fez uma de suas bases de riqueza. Santa Catharina não plantou mais trigo. Nem o Brasil. Prendeu-se a necessidade de importal-o, estabelecendo sacrifício do seu café na competição de farinhas dos Estados Unidos e da Argentina. O que esta Republica fez com o trigo, faz agora com o matte. O que esta Republica faz com o matte, fizeram os inglezes com a borracha, os americanos com as laranjas, os cultivadores do Egypto com o algodão. Assim por diante. Nós olhamos e pedimos dinheiro emprestado para comprar o que pode.
> Magy Salomão – (*desinteressado*): Com o assucar?
> - O Anjo da Guarda: Sim! Com o assucar, sendo ministro o José Bezerra, com o assucar, que ainda este anno comprámos a Cuba! Mas, para que falar do assucar, quando temos o problema do pão? O pão é o elemento essencial da vida. Desde a noite dos tempos o pão é a base. Em hebraico pão significa alimento. Todos os povos acertaram no aproveitamento de diversas farinhas para o fabrico do pão. Todos os povos têm regulada a venda do pão. No Brasil, cujo solo produziria campos innumeraveis de milho, de centeio, de trigo, e cujas raizes podem dar excellentes pães, até hoje ninguem pensou em semear ou aproveitar as ditas raizes. Dá-se a guerra, sob o preço dos fretes, augmenta o valor da lenha nesta terra de mattas virgens. Vemos que o preço do pão tambem não está regulado, na proporção obrigatoria em todas as cidades do mundo. A medida urgente seria abolir tarifas. Mas o governo, que, para pagar as dividas, taxa a carne secca, o governo estuda o problema e o prefeito aconselha a experiencia a mandioca – todos aflictos e sem decisão. Imagina tu, Salomão, um paiz colossal, com trinta milhões de habitantes, todos os climas e todas as riquezas naturaes, numa fertilidade de milagre, e que, depois de um século de vida autonoma, com milhões de bachareis, varias academias, deputados, imprensa amarela, impresnsa verde-garrafa, oceanos de estadistas e economistas, está reduzido a, em plena paz, affligir-se por causa do pão, pensar no pão de guerra, sem tomar a resolução decisiva! Ha coisa mais humulhante? Ha situação comparavel? Nem povo, nem governo, nem ninguem a sentir o doloroso dessa miseria infinita!

[49] Singer, 2004: 349-340.

> Magy Salomão: - ... (João do Rio, Dialogo, In: *No tempo de Wencesláo...*, 1917: 179).

A zona da cafeicultura comprimida no Vale do Parnaíba e dele transbordando para o Oeste Paulista, as zonas açucareiras no litoral nordestino e na área de Campos, no Rio, ou os seringais da imensidão da floresta amazônica, eram apenas manchas no mapa do Setor de Mercado Externo de nosso país. A articulação com o exterior se fazia centrada em algumas cidades portuárias como o Rio, Santos-São Paulo, Recife e Belém, precariamente interligadas.

Essas cidades de alguma forma se polarizavam num mundo semifechado de fazendas e estâncias, pequenas propriedades de homens livres visitadas por mascates e tropeiros, aldeias e pequenas cidades, cujo equilíbrio ainda dificilmente poderia ser quebrado pelos acontecimentos do mundo exterior. *Embora com certo atraso, a expansão capitalista não obstante acabou se fazendo sentir no Brasil também* [50], o capital britânico não veio para cá apenas para financiar o governo, mas também para realizar inversões privadas.

Só para ilustrar sobre a influência dos produtos estrangeiros no país: cessado o tráfico dos escravos, além de por termo ao longo conflito com a Inglaterra, resultou em um novo afluxo das iniciativas e capitais para o Brasil [51]. Foram importados da Inglaterra cavalos ingleses e de raça árabe, próprios para passeios, o crescimento foi quase três vezes de joias e objetos de ouro e prata, pianos (mercadoria-fetiche dessa fase econômica e cultural) e toda sorte de novas mercadorias de consumo, classificados como *não especificados*. Fora o contrabando de mercadorias valiosas e de fácil transporte como os relógios de algibeira, os *cebolões*, que passaram a regular, nas fazendas, nas estradas, nos rios, nos portos do litoral, as horas e minutos dos trópicos.

De um quinquênio ao outro, o crescimento em valor de bens de consumo de importados cresceu sete vezes. Uma linha regular de navio a vapor, a Linha de Paquetes a Vapor de Liverpool, entre Liverpool, na Inglaterra, e o Rio de Janeiro, a partir de 1850, mantinha o ritmo com uma pontualidade naturalmente britânica, ao ponto de impactar o imaginário brasileiro: a menstruação de todas as mulheres do Império, e da

[50] Singer, 2004: 351.
[51] Alencastro, 1997: 37.

República, tomou *o nome "paquete", em referência ao ciclo de 27 ou 28 dias que os packet boats Brazileira ou Bahiana levava para singrar de Liverpool até o Rio* [52].

Também, parte da movimentação criada na corte resultou da viagem de navio que descia da América do Sul do lado Atlântico até o cabo Horn, para depois subir pela costa do Pacífico com escala na Bahia e no Rio. Não havia estradas através dos Estados Unidos para a corrida do ouro na Califórnia, apenas duas rotas ligavam Nova York a San Francisco, nem o Canal do Panamá, aberto só mais tarde, em 1914. Ia-se de navio até a costa da América Central, passava-se o istmo do Panamá (então território colombiano) em lombo de burro e depois embarcava, no Pacífico, noutro navio para a Califórnia. *Mais de 8 mil americanos já haviam passado pela baía de Guanabara nos primeiros cinco meses de 1849, continuando pelos anos seguintes, o movimento contribuirá para agregar o porto do Rio ao comércio externo norte-americano* [53].

Muitos produtos manufaturados norte-americanos penetraram no mercado brasileiro na época da Corrida do Ouro na Califórnia, após 1850: os fogões para cozinha Sands que substituíram os fornos brasileiros bastante toscos na época, os cofres chamados de *burras de ferro* e modelos de máquina de costura, patenteados em 1850, permitindo o incremento das atividades domésticas das mulheres livres e escravas. A abolição do tráfico teve outros efeitos como a ativação dos negócios noutros setores, novas iniciativas em empresas comerciais, financeiras e industriais, entretanto, o estabelecimento do Segundo Império na França (1852-70) deu ao Segundo Reinado um novo tom de modernidade e confirmou o francesismo das elites brasileiras.

Foi na cidade do Rio de Janeiro que se sentiu mais de perto o resultado do final do tráfico, cujo capital passava a ser investido também em novas edificações e nas distintas lojas da corte, local privilegiado para o jogo simbólico de pertencimento a essa sociedade. *O modelo era a Paris burguesa e neoclássica*, *mas a realidade local oscilava entre bairros elegantes e as ruas do trabalho escravo* [54].

A corte ganhou melhorias, palácios majestosos, edifícios monumentais, amplas avenidas pavimentadas e passeios ao longo das avenidas, ganhou recente comércio fino, lojas de modistas francesas, floristas, joalheiros, charuteiros e novos hábitos de consumo, o tílburi entrou no lugar do cabriolé. A partir de 1820, arborização; de 1853, calçamento com paralelepípedo; de 1854, iluminação a gás; de 1859, bondes puxados a

[52] Alencastro, 1997: 40.
[53] Id., ibid., p. 41.
[54] Schwarcz, 1998: 106.

burro; de 1862, rede de esgoto; de 1874, abastecimento domiciliar de água. Misturado a tudo isso, o odor de esgoto no acanhado da maioria das ruas, estabelecimentos de moda com pequenos armazéns de secos e molhados, lojas vulgares, serviço urbano de escravos.

Das confeitarias, a preferida era a Carceler, os cafés eram muitos, mas os mais requisitados eram Alcazar, Belle Helène e Café de La Paix, e os novos costumes de comer fora, para a elite, começavam a estabelecer-se: os restaurantes locais ofereciam cardápios para bolsos variados, almoçava-se às dez horas, jantava-se às quatro da tarde, - sopa, bife, arroz com galinha, espinafre, marmelada e doce de figo [55] -, para completar a refeição, um substancioso caldo preparado com galinha escaldada e legumes, após esse cardápio *o vinho do Porto, frutas, pudim de laranja ou do arroz de leite de canela,* só a ceia era feita em casa, às oito horas da noite.

As livrarias Garnier e Irmãos Laemmert completavam o glamour da corte. Os Hotéis eram poucos, os melhores, o Hotel França e o Hotel dos Estrangeiros, o menos afamado era um hotel na Tijuca, o Hotel Aurora. Ainda, havia casas de banho como a Pharoux. As mulheres percorriam a Rua do Ouvidor, palco para diferentes encenações, com suas saias amplas e longas, seus xales de seda da Índia e seus chapéus sempre pequenos [56].

> É a *rentrée!*
>
> A *rentrée!* Sim, é ella! É o melhor momento, o encantador momento da cidade, esse largo instante de cinco mezes que vae de meiados de abril a setembro. Não pensamos mais em calor, mesmo que haja muito calor, não sentimos tristezas, mesmo que se avolumem os motivos de tristeza. Ha annuncios de theatros, ha dez mil e um projectos de diversões, e o sol faz para todas as coisas um halo, um resplendor macio e sensual (...).
>
> - Mas estive doente!
>
> - Os deuses não ficam doentes.
>
> -Emquanto estão no céo. Eu tive a molestia mez de abril, a grippe, a molestia que precede o inverno. *C'est la rentrée!*
>
> Sim! É a *rentrée!* Não pode haver duvida. A *grippe* é um dos fataes atestados de que Petropolis vae ficar abandonado, e de que o Rio tem seu instante de querer ver Paris, num scenario que lembra a costa azul... (João do Rio, Rentrée, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 12).

Nesse contexto, pretendia-se nos trópicos imitar a mesma sociabilidade das cortes ou dos mais recentes bulevares europeus. É na capital, durante os anos de 1840 a 1860, que se cria uma febre de bailes, concertos, reuniões e festas. Nos teatros

[55] Schwarcz, 1998: 107.
[56] Id. ibid., p. 106.

completava-se a cena. *Nas casas os homens jogam voltarete, gamão, xadrez e whist, e os moços o jogo da palmilha. Já as mulheres divertem-se com jogos de prenda, de flores, do bastão, do amigo ou amiga e do lenço queimado* [57]. A corte era o lugar mais divertido do país.

> Sendo assim, as pessoas de um determinado nível sócio-econômico passavam a consumir produtos similares aos dos países difusores e acompanhavam as tendências da moda, da alimentação, da arquiquetura. Ao partilharem, igualmente, a música, a arte, a literatura, participavam de um certo hibridismo cultural, cujo sentido e imagem começava a se sobrepor, como num caledoscópio. Isso garantiria no futuro, a geração de novas configurações e significados.
>
> À luz dos conceitos do Hibridismo Cultural, observamos que as elites sociais da *Belle Époque* carioca passaram a estabelecer comunidades de sentido e a experimentar sensações semelhantes diante do mundo, pois partilhavam de um gosto e de um senso estético parecidos, ao mesmo tempo em que adotavam ritos e códigos de conduta similares (Hanna, 2006: 353).

Retomando, os ingleses dominaram por longo período o comércio exterior brasileiro, eram os exportadores de café e os mais importantes importadores de produtos manufaturados, assim como eram britânicos os bancos que financiavam suas atividades. Depois, dada a inevitabilidade da industrialização brasileira, coube ao capital britânico no país participar do processo, como por exemplo, a *Clark Shoe Company*, que era administrada no Brasil pessoalmente por membros da família proprietária.

Essa não foi, de qualquer maneira, a opção da maioria dos capitais britânicos aqui atuantes antes da Primeira Guerra Mundial, pois, caso contrário, a indústria que se vinha formando teria sido predominantemente inglesa. Na verdade, os ingleses tomaram parte na industrialização, entre 1889 e 1930, como fornecedores de equipamentos principalmente, muito pouco como empresários.

O capital dos Estados Unidos não penetrou no Brasil muito cedo, apesar das condições favoráveis que lhe foram criadas após a proclamação da República. Só passou a ocupar um lugar de destaque na economia brasileira a partir de 1950, quando o Brasil, junto com Cuba, passou a ocupar o segundo lugar como recipiente de inversões diretas americanas na América Latina, embora o imperialismo americano já se fizesse sentir antes no Brasil. Já em 1891, um tratado entre o Brasil e os Estados Unidos acertou concessões tarifárias recíprocas favorecendo a entrada de maquinaria e de farinha de

[57] Schwarcz, 1998: 111.

trigo americanas, no país, e, de maneira idêntica, os Estados Unidos tratariam nosso café. Posteriormente foi revogado esse tratado, unilateralmente e sem aviso prévio pelos Estados Unidos, em 1894, ao imporem tarifas de 40% sobre o açúcar brasileiro. João do Rio escreveu sobre a influência da América do Norte:

> É positivo. Basta examinar o noticiario dos jornaes para termos a impressão de que se desenha no horizonte um agudo periodo de moda norte-americana. O Brasil era e ainda é um paiz essencialmente desejoso de adoptar as fórmulas successivas e internacionaes de civilisação. Até agora estavamos transatlanticos, presos á Europa, copiando e pedindo dinheiro emprestado á Europa.
>
> A guerra, o tremendo conficto, teve a principio a propriedade de excitar os ânimos, creando entre os homens partidos aguerridamente platonicos e entre as senhoras companhias de cruzes caridosas.
>
> Mas a guerra continúa. Não recebemos mais modelos a copiar, nem immigrantes, nem hospedes illustres, nem dinheiro. Dá-se mesmo o caso anormal de virem cá homens notaveis ver como poderemos pagar concessões, contratos. Nada menos delicado. A Europa tem, pelo menos temporariamente, de passar de moda.
>
> Que fazer? Voltarmo-nos para a America do Norte. Nesse poderoso paiz de monopólios e de *trusts*, que fica, como muitos ignoram, justamente ao norte da America, entre o Canadá e o Mexico, não se conhece o Brasil. Segundo viajantes austeros, os americanos acreditam as nossas cidades passeadas pelos indios nús e muitas cobras, algumas das quaes mansas. É a mesma opinião que a Europa tinha do Brasil ha dez annos. Razão de mais para que os americanos iniciem tambem o nosso descobrimento. Por outro lado, a nossa pretensão de conhecer coisas estengeiras, ignorando as nacionaes, esbarra na mais completa ignorancia diante da America do Norte. Conhecemos os Estados Unidos pelas forças francezas, os romances de Abel Hermant, os reclamos de Paris, exactamente como travamos relações com o *tango,* o *cake-walk* e o maxixe mexicano. Não se póde fazer uma idéa exacta; e nós nunca pensariamos em fazel-a, se não fosse a guerra européa.
>
> Ha porém, a guerra, Nós esperamos nervosos. E os americanos começam a vir para o Brasil. Quando são jornalistas, telegrapham impressões, dizem elles, pelo menos para quatro dezenas de jornaes. Quando são simples viajantes, nunca deixam de ser parentes de calamitosos mulliarios e vêm sempre trazer dinheiro, propor negocios, comprar terras, implantar industrias colossaes ...
>
> Com taes elementos é impossivel duvidar da próxima instalação da moda americana, com musica americana, cantigas americanas, estadistas á americana, industriaes á americana, senhoras á americana. E por sentir essa renovação de estylos imminente, é que me abalancei a ir tomar algumas informações authenticas accerca dos Estados Unidos com um americano (João do Rio, Explicação, In: *No tempo de Wenceslão...*, 1917: 255-262).

Em 1904, Rodrigues Alves (*1848 +1919) - governo de 1902 a 1906 - reduziu em 20% as tarifas para a importação de leite condensado, borracha manufaturada, farinha de trigo, relógios, frutas, tintas, vernizes americanos; em 1905, as mesmas concessões tarifárias foram abolidas pelo Congresso, porém no ano seguinte o presidente as restabeleceu; e mais uma vez revogadas e ampliadas, em 1910, para outros

produtos tais como cimento, espartilhos, frutas secas, etc. Sem contar a captura de serviços públicos urbanos da *Rio Light* pelo empresário norte-americano Percival Farquhar que, também, dentre outros negócios no Brasil, começou a expandir sua rede de companhias interligadas na Amazônia formando a Companhia de Navegação do Amazonas que tomou o lugar da antiga companhia britânica, a *Amazon River Stean Navigation Co*. [58].

> Só a luta comunista e o movimento operário antes e durante a revolução de 1930 é que são expressões de independência contra a coerção agrária. O resto, durante a Primeira República significa o predomínio político e econômico da classe agrário-industrial (Carone, 1975: 155).

Não podemos esquecer da estrutura colonial que refletiu no período Republicano – *O Brasil dormira durante todo o imperio. O Brasil acordara na Republica para a deplorável tragedia dos pronunciamentos* [59]-: a maior parte dos produtos manufaturados de consumo se importava, ainda, do exterior e a produção local compreendia uma categoria à parte e individualizada da sociedade desde a colonia. As artes mecânicas e industriais constituíram um simples acessório dos estabelecimentos agrícolas ou de mineração. Para o manejo destes, ou para atender às necessidades de seus moradores, tornou-se necessário a presença de uma pequena indústria de carpinteiros, ferreiros e outros, até de manufaturas de pano e vestuário, por motivo das distâncias que se separavam a zona rural dos centros populosos.

Esta pequena indústria doméstica foi entregue a escravos mais hábeis, antes da abolição, ou a mulheres da casa – como fiação, tecelagem e costura. A organização dos ofícios segundo moldes trazidos do reino teve seus efeitos perturbados pelas condições dominantes: preponderância absorvente do trabalho escravo, indústria caseira capaz de garantir relativa independência aos ricos, entravando, por outro lado, o comércio e, finalmente, escassez de artífices na maior parte das vilas e cidades.

> Tenho a impressão que estou a dizer coisa velha. Mas a coisa velha é tão desattendida, que póde ser considerada paradoxo ainda não ouvido – mal acontece a todas as grandes verdades. Fizemos uma civilisação artificial, uma nacionalidade de cidades, que são agglomerados heteróclitos de colônias diversas. Conseguimos conjuntos postiços em que o idéal é o negocio facil, o assalto urbano, e onde os nacionaes defendem mal ou bem para o exclusivo

[58] Singer, 2004: 375.
[59] João do Rio, O Estadista Brasileiro, In: *No tempo de Wencesláo...*, 1917: 287.

> uso o Thesouro, vivendo da esperança da importação, quando a importação é um phenomeno correspondente á exportação e não póde attestar a saude de um paiz enquanto não existir equilibrio entre uma e outra (João do Rio, O Estadista Brasileiro, In: *No tempo de Wenceslão*..., 1917: 252).

A infixidez que tanto caracterizou os trabalhos rurais espelhava bem as condições das tendas dos comerciantes: *era tão fácil comprarem-se ferraduras a um boticário como vomitórios a um ferreiro* [60]. Poucos indivíduos souberam dedicar-se a vida inteira a um só mister, ou por mais de uma geração na mesma família, sem se deixarem atrair por outro negócio aparentemente lucrativo. Pouca coisa existiu, entre nós, comparável aos grêmios de oficiais mecânicos já existentes no primeiro século da conquista de Lima (Peru), organizados ao ponto de estabelecerem descanso dominical obrigatório, dotes e pensões de velhice para as famílias dos agremiados.

Pequenas indústrias disseminaram-se como as olarias para a fabricação de telhas e as caieiras para a preparação da cal, a arte da cerâmica - antes só difundida pelos indígenas -, os curtumes nas regiões e centros de grande comércio e gado - Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco, Rio de Janeiro - e a cordoaria no alto do Amazonas. Quanto à indústria do ferro, favorecia-a não só a abundância de minérios ricos e facilmente exploráveis em certas regiões de Minas Gerais, mas havia o alto preço onerado pela dificuldade de transporte da mercadoria.

No final do século XIX, a crise na economia agrário-exportadora e o desenvolvimento do setor público favoreceram a absorção na burocracia civil e na categoria militar de grupos ligados à exploração rural. O desenvolvimento urbano, que se acelerou depois da guerra mundial, provocou a expansão do pequeno comércio nos centros mais importantes do país, assim como as pequenas indústrias. Houve o aumento das antigas classes médias – pequenos comerciantes, artesãos, pequenos industriais, alfaiates, carpinteiros e sapateiros – e as novas classes médias – funcionários públicos, assalariados.

A urbanização ocorreu simultaneamente com o crescimento da burocracia dos serviços públicos como resultado de um processo que foi caracterizado pelo alargamento da área de intervenção do Estado na economia, a extensão da área geográfica efetiva na qual a ação governamental se exercia e pela dilatação do sitema

[60] Hollanda, 1995: 59.

administrativo do país. *A categoria dos intelectuais, dos profissionais "liberais" – advogados, médicos, engenheiros, professores, jornalistas – também se expande* [61].

> O império já havia aberto essa tendência ao favorecer a fundação de escolas superiores em detrimento de uma rede de ensino primário ou da alfabetização do conjunto da população. Depois de 1910, as escolas de ensino técnico e profissional serão criadas em diversos Estados: escolas de Agricultura e de Veterinária, escolas aprendizes e de artesãos, escolas de comércio. Em 1916 já havia 16 faculdades de Direito que formavam cerca de 408 bacharéis por ano; em 1920 a primeira Universidade Brasileira se constituiu na capital federal; em 1930, havia estabelecimentos de ensino secundário e 200 de ensino superior (Pinheiro, 2004: 16-17).

A urbanização não foi, entretanto, um processo mágico que transformou os que dela participaram em representantes de interesses antioligárquicos ou em elementos capazes de pôr em xeque o projeto do bloco-no-poder. A cidade se desenvolveu dentro da dinâmica das classes médias urbanas submetidas à dupla influência dos laços de dependência com as oligarquias e à ilusória autonomia que a participação nos serviços comerciais ou na burocracia do Estado pode dar a seus membros.

> A Republica Brasileira, salvo menos de dez individualidades, foi sempre o scenario onde tumultuam essas expressões humanas para as quaes o Dante lavrou o julgamento eterno de uma sentença de ferro (João do Rio, Pinheiro Machado, In: *No tempo de Wenceslão...*, 1917: 43).

Sobre as classes sociais na primeira República, desde a Colônia os coronéis dominaram as terras e desde o Império comandaram a política. Na República, ampliaram seu domínio, pois, a quebra do poder Moderador permitiu que eles próprios escolhessem seus representantes em todos os graus. O que se verificou, nesse período, foi a intensificação das lutas entre grupos, levando-os muitas vezes até a luta armada.

> As manifestações políticas tradicionalmente imputadas às classes médias (a rebelião contra a vacina em 1904, a campanha civilista de 1909, a luta contra a carestia, as rebeliões tenentistas nos anos 1920 e a revolução de 1930) aparentemente podem parecer ter um caráter autônomo porque divergiam ou se opunham à configuração do poder dominante (Pinheiro, 2004: 27).

No Nordeste, a decadência rápida dos engenhos, após a abolição e, quando o preço do açúcar era ínfimo, formaram, a velha e a nova aristocracia do açúcar,

[61] Pinheiro, 2004: 16.

ideologicamente e socialmente, uma barreira contra a pretensão de outras classes. *O mando sem discussão e de excessiva altivez* era a tônica que continuava a caracterizar esta classe, mesmo nos momentos de instabilidade [62].

Ao contrário da oligarquia agrária do Nordeste, a do café foi mais dinâmica e aberta a outras iniciativas. Participaram - estas camadas de cafeicultores do Vale do Paraíba e Oeste Paulista – também do processo de urbanização de São Paulo, *os bairros de Campos Elísios e Higienópolis representam os dois estágios da expansão cafeeira paulista*. No plano federal, foram os fazendeiros de São Paulo e Minas que governaram.

> Prudente de Moraes, Campos Sales, Rodrigues Alves, Afonso Pena, Artur Bernardes e Washington Luís estão ligados à terra; Epitácio Pessoa, que foge a este esquema, é sobrinho do Barão de Lucena e latifundiário. Há as exceções dos governos militares. Nos Estados, a regra se repete, dificilmente havendo um governante de outra procedência. O predomínio é absoluto, daí as possibilidades mínimas de existência para outras classes (Carone, 1975: 157).

De toda a oligarquia agrária, outra característica foi o bacharelismo, formação da elite representativa no Brasil. Eram os filhos de fazendeiros formados pelas duas Faculdades de Direito – Recife e São Paulo -, e de Medicina, portadores dos interesses agrários que, também na República, tornaram-se deputados e senadores nos Legislativos federal e estadual. Lembrando que o Bacharel não era apenas advogado ou juiz, nos partidos políticos era o chefe, era aquele que atuava na imprensa, escrevendo ou dissertando. Das camadas da burguesia, a mercantil era composta, na maior parte, de estrangeiros, a financeira e a industrial eram preponderantemente brasileiras.

De todos os estrangeiros, os que predominavam na Capital, eram os portugueses que, instalados diretamente no comércio exportador, tinham a preocupação de trazer produtos portugueses e vendê-los à população das cidades brasileiras, do Norte até São Paulo. Enriqueceram à custa de dura economia e poupança, tornaram-se patrões e formaram um mundo à parte, onde o casamento representava, muitas vezes, a ascensão para os menos favorecidos. Outros dominaram o grande e o pequeno comércio e foi estreito seu relacionamento com a população.

Ao se iniciar a República, as classes médias sofreram um processo de autonomia e afirmação, o que as tornaram cada vez mais conscientes de suas forças e necessidades.

---

[62] Carone, 1975: 155.

Esse segmento ajudou a desencadear os processos de contestação e de derrubada das oligarquias do café. A alta, a média e a baixa classe média tiveram formação diversa.

A camada mais alta originou-se, em grande parte, das ricas classes agrárias, e o bacharelismo, como falado, foi uma das opções encontradas pelos fazendeiros para seus filhos. Assim esse ramo das classes liberais - também os médicos - representou no Império, e até certo momento na República, uma continuação do poder territorial. Depois, desentenderam-se com os grupos de poder. Também a alta administração pertenceu a essa categoria.

A classe média intermediária foi de formação mais complexa, eram os imigrantes, os de segmentos das classes decadentes, os do exército, etc. Foram os imigrantes que procuraram as cidades ou abandonaram o campo pelo comércio por causa da decadência de certas zonas de café e de açúcar. A baixa classe média era formada de baixos funcionários públicos, artesãos – a categoria superior desta e o limite entre ela e a classe operária é de difícil distinção. A classe operária cresceu e refletiu, durante a Primeira República, a transição de pequena produção e artesanato para indústria e grande produção nas grandes cidades.

Bem antes da proclamação da República, o elemento estrangeiro preponderou numérica e ideologicamente entre o operariado. Foi esse operariado, mão-de-obra estrangeira, que sofreu as consequências de um contínuo aumento do custo de vida e de salários baixos. Mulheres e crianças também trabalhavam e recebiam menores salários executando as mesmas funções – por isso mesmo havia interesse na contratação de seus trabalhos.

Como a remuneração da mão-de-obra era estipulada dentro da conjuntura do mercado de trabalho, segundo os cálculos de cada empregador ou empregadores de cada setor econômico, sem que, nesse período, fosse estabelecido um salário mínimo por força da Lei, a reação operária tornou-se repetitiva. As lutas objetivavam a melhoria de salários, condições de trabalho e regulamentação de seus direitos, evidentemente. Mas o resultado da abundância de mão-de-obra, facilmente manobrada pelos empregadores, era a má condição de vida do operariado que se localizava, preferencialmente, em determinados bairros: *Brás, Bexiga, Barra Funda em São Paulo; Jaboatão e São José no Recife; zona Sul da cidade do Rio de Janeiro* [63].

[63] Carone, 1975: 195.

> As classes sociais de delineavam como resultado deste processo agrícola-comercial-industrial, compreendidas dentro de um contexto histórico ligado a processos anteriores. As oligarquias agrárias são dominantes, pois a terra ainda é a maior fonte de renda. E é delas que se originam, em diversas zonas geográficas, camadas da burguesia. Outros ramos da burguesia têm formação diferente, como a de imigrantes estrangeiros que se instalam nas cidades e se tornam comerciantes ou industriais; ou, também, o grande número de estrangeiros ligados ao comércio importador. Porém, a dominação das oligarquias agrárias é tão duradoura, que elas nem pensam em justificar o seu predomínio: sua ideologia ainda se baseia nos princípios do Manifesto Republicano de 1870. A burguesia, que continua organicamente ligada a esse processo, nunca põe em xeque o domínio oligárquico; tampouco o contestam os elementos de origem estrangeira, que só pensam em enriquecer. As classes médias (faixas média e baixa) e o operariado são os únicos que fazem constante crítica à situação dominante. É verdade que a identificação entre ambos acaba aí: pois, enquanto as primeiras só se mostram hostis porque querem um lugar ao sol, o operariado pretende uma transformação social. (...) O sistema político é reflexo da situação descrita (...) (Carone, 1975: 6).

### 1.2.1 As ideias e movimentos desse tempo

A propaganda republicana caminhava um tanto disfarçada ainda em 1870, o Manifesto foi um documento sem vibração emocional [64], o problema básico da abolição da escravatura, essência do Império, foi cuidadosamente evitado, decerto para não irritar os escravocratas paulistas e fluminenses. Quando João do Rio nasceu (1881), no entanto, a época era agitada.

> O Rio fervia na campanha abolicionista, com os comícios inflamados de José do Patrocínio. A lentidão do ministério conservador do barão de Cotegipe acabou levando os partidários do fim da escravidão a aliar-se aos republicanos. O próprio Patrocínio, negro e pobre, neste mesmo casou-se com a adolescente Bibi (Maria Henriqueta da Senna), branca, filha do coronel Emiliano de Senna, um dos fundadores do Clube Republicano. O irmão dela, Ernesto Senna, cônsul, militar e jornalista, viúvo, desposará pouco depois a mulata Eponina dos Santos, filha menor de dona Amália Caldeira e irmã de Florência Barreto. Com esse casamento Eponina se tornará simultaneamente tia dos jornalistas Patrocínio Filho e Paulo Barreto, e do pintor Di Cavalcanti (filho de outra irmã de Ernesto Senna). Há muitos indícios do envolvimento da família de Paulo Barreto na campanha da Abolição. A avó, segundo necrológio no *Jornal do Commercio,* gastava até o que não tinha para alforriar escravos alheios, e notamos a presença do jovem casal Coelho Barreto num concerto antiescravatura do maestro Carlos Gomes no salão da baronesa de Mamanguape em São Cristóvão (Rodrigues, 2010: 23-24).

[64] Bello, 1972: 11.

*Em face da vitória abolicionista a 13 de Maio, exclamou Cotegipe* [65]*: Agora a República...* O velho conservador Barão de Cotegipe (*1815 +1889) quis dizer [66] que o trono perdia seu sustentáculo e tinha de cair ao primeiro embate dos republicanos, que a república brasileira resultaria do despeito dos escravocratas contra o trono que os amparou.

De fato, o *trono* acreditava que deveria sustentar os interesses dos senhores de escravos, como interesses conservadores e de ordem, era a torva politicagem do Império e a República se ligava, sim, diretamente à abolição porque todos os republicanos eram abolicionistas, mas toda dependência entre os dois processos - Abolição e República - estava que a República aproveitou a ruína do regime monárquico, abatido e desarticulado, pela vitória da revolução abolicionista.

Nessa luta, do Império contra os abolicionistas, o regime esgotou suas poucas energias morais, ao mesmo tempo em que se mostrou na miséria dos seus processos e princípios. E vencido, ficou à mercê dos vencedores imediatos, esse exército que fez a Abolição e fez a República. Aceitar, de tal modo, a abolição completa da escravidão, para o Império, era aceitar, também, o papel vergonhoso de subscreverem a reforma a que obstinadamente se opuseram, era patentear a insuficiência nos princípios que defendiam, era matar, por conseguinte, as poucas convicções monárquicas ainda subsistentes [67].

> Liquidada a revolução abolicionista, cuja vitória foi levada pelo governo ao exército, liquidada ela, nada mais restava como prestígio do Império: a mesma voz dos soldados que se negaram a apanhar os escravos em Cubatão, intimou de despejo a monarquia. Não há dúvida que, sem a vitória dos revolucionários abolicionistas, os republicanos todos - antigos abolicionistas não teriam tentado a jornada de 15 de novembro. E, em face de todos esses fatos, vêm, os que não tiveram brio para defender as instituições a que se deram, e afirmam: que a República foi efeito da reação escravocrata, contra o trono liberal, e que, liberal, preferiu sacrificar-se!... (Bomfim, 1998: 475).

[65] O baiano João Maurício Wanderley, o barão de Cotegipe, fez parte do gabinete de 26 de setembro de 1853, conhecido como gabinete da Conciliação. Compôs o gabinete 16 de julho de 1868, organizado pelo Visconde de Itaboraí, dirigindo as pastas da Marinha e de Estrangeiros. Terminada a Guerra do Paraguai (1864-1870), serviu como enviado extraordinário e ministro plenipotenciário em missão especial no Rio de Prata e no Paraguai para firmar o tratado de paz. No gabinete 25 de junho de 1875, ocupou a pasta de Estrangeiros. No gabinete de 15 de fevereiro de 1877, foi ministro da Fazenda. Em 20 de agosto de 1885, Cotegipe foi chamado a organizar o 30º gabinete do Império, encarregando-se também dos negócios estrangeiros durante a ausência do imperador na Europa por ocasião de doença, permanecendo como chefe de Gabinete até 10 de março de 1888.

[66] Bomfim, 1998: 473.

[67] Id., ibid., p. 474.

Antes, o primeiro resultado concreto, mesmo, desse Manifesto de 70 foi a organização, em bases de disciplina, do Partido Republicano de São Paulo, com suas convenções de 1873, em Itu e na capital da Província - de todas as províncias brasileiras era, efetivamente, São Paulo aquela onde o republicanismo mostrou-se, não só maior pujança numérica, mas também maior capacidade de organizar-se [68].

A província de Minas Gerais, de tradição liberal muito poderosa e, às vezes, muito radical, ao contrário do que sucedia em São Paulo, nunca se mostrou bastante coesa por causa da dispersão dos agrupamentos. O Rio Grande do Sul, que lutou durante dez anos contra as tropas imperiais, aos poucos reuniu um grupo de partidários dos novos princípios, mas a disseminação do novo republicanismo foi tardia.

Já na província do Rio, o progresso mais real se deu mais tarde, depois da Lei Áurea, que provocaria uma debandada dos proprietários de escravos em detrimento dos partidos monárquicos. E no Norte do país, a apatia contrastava, o império tinha ali raízes fundas, na Bahia a repercussão do Manifesto de 70 foi mínima, em Pernambuco, tradicional nas lutas democráticas, e, como em São Paulo, havia uma Faculdade de Direito, onde as ideias poderiam fazer prosperar, entretanto, faltava organização.

Mesmo porque não havia muito o que organizar. Decerto as condições econômicas naquelas províncias, que iam de mal a pior com a queda do preço dos seus principais produtos no mercado internacional, tendessem a produzir um sentimento de inércia generalizado que não se voltava forçosamente contra o poder ou o regime.

Não se destacaram os deputados que chegaram ao Parlamento com as primeiras ideias republicanas, e os artigos nos jornais que tentavam demolir o Império vinham de seus próprios partidários, conservadores ou liberais, somente quando em oposição. Quem fez mais na imprensa, em favor da República, foi Rui Barbosa, monarquista de princípio e defensor do federalismo. E a ideia federalista, assim concebida, não tinha necessariamente um cunho de desafio à monarquia. Era um meio de republicanizar a monarquia para sustentar a monarquia, que poderia apresentar-se como remédio para uma das pragas do sistema monárquico, constantemente denunciada e nunca resolvida, a dos presidentes de província que funcionavam quase unicamente como agentes eleitorais do governo central ou do partido no poder, e que só permaneciam em seu posto enquanto não funcionasse a Assembleia Geral.

[68] Hollanda, 2004: 265.

*Se essa gente tinha ajudado a fazer a monarquia a contento do monarca, porque então ir procurar novos e incertos caminhos?* [69] O resultado era que todos quantos não podiam atuar dentro do regime acabariam por ver-se tentados a fazê-lo fora do regime e contra o regime.

> Desejava a República o clero católico, ainda magoado com a questão regalista; desejavam-na, ao menos por despeito, os barões escravocratas; desejava-a a juventude militar, fortemente contaminada pela filosofia comtista. Por outro lado, cruzavam os braços indiferentes os monarquistas de tradição (Bello, 1972: 11).

Desde 1850 começavam a se firmar entre as nossas elites novas correntes de ideias do pensamento filosófico, próprias do século XIX. As principais expressões foram o positivismo e o evolucionismo.

Porém, exagerou-se a influência do positivismo no Brasil em um momento da nossa história, não foi tão poderosa, extensa e decisiva quanto se acredita. Uma pequena porção de nossa elite intelectual foi positivista ortodoxa, os adeptos do Apostolado Positivista do Brasil chefiados por Miguel Lemos (1854-1917) e por Raimundo Teixeira Mendes (1855-1927). A maioria dos positivistas aderiu apenas ao espírito cientificista da época. Não passavam de 53 devotos, em 1889, do positivismo religioso no Brasil, que não encontrou campo adequado para sua aplicação [70].

> (...)
> - O positivismo tem quarenta annos de propaganda no Brasil. Em 1864, o Dr. Barreto de Aragão publicava uma arithmetica dando a hierarchia scientifica de Comte e o Dr. Brandão escrevia a *Escravidão no Brasil*. Foram esses os primeiros livros positivistas, hoje quasi desconhecidos. Depois é que o positivismo começou a ser falado entre mathematicos e que os professores da Central e da Escola Militar deram em citar a *Astronomia* e o primeiro volume da *Philosophia*.
> - Era o tempo em que se considerava a *Politica* um livro impio...
> - Ainda não se fizera sentir a necessidade de dispensar os serviços provisórios de Deus. O caracter religioso do positivismo não era conhecido. Isso não impediu que Benjamin Constant, fazendo concurso na Escola Militar, declarasse ser positivista orthodoxo e republicano, e que o proprio Benjamin, com os Drs. Oliveira Gimarães e Abreu lima, constituisse o núcleo dos ortodoxos em 1872.
> - A influencia foi nulla... interrompi eu, olhando uma senhora loura que entrava com o catecismo encardenado em velludo verde.
> - Nada se perde. Oliveira Gimarães deixou um discipulo, Oscar de Araujo; Benjamin levou ás escholas a palavra religiosa do mestre, regenerou o ensino da mathematica e foi o primeiro brasileiro que teve no seu quarto o

[69] Hollanda, 2004: 270.
[70] Id., ibid., p. 302.

retrato de Clothilde de Vaux. Os trabalhos adoptados na Escola Militar são quasi todos de discípulos seus. No meio intelligente desses ultimos surgiram Raymundo e Miguel Lemos; era um momento de agotação. Pereira Barreto publicava o 1º volume da obra *As tres filosofias*, e tanto Miguel como Teixeira Mendes eram littréistas, considerando a parte religiosa de Comte como obra de louco.

Foi com elles que Oliveira Gimarães fez alliança para fundar a biblioteca positivista e abrir cursos scientificos.

- Era a philosophia da Academia...

- Sem jardins. O começo do positivismo no Brasil é absolutamente academico. Em 1876 a Eschola de Medicina manifestou-se com a these *Da Nutrição*, de Ribeiro de Mendonça, e a primeira sociedade positivista foi feita de professores ortodoxos e de estudantes littreistas.

- Seria curioso saber como estes mudaram...

- As pequenas causas têm ás vezes grandes effeitos. Uma censura ao director da eschola motivou serem suspensos, por dous annos, Teixeira Mendes e Miguel Lemos, que foram para a Europa; e emquanto só, Benjamin propagava aqui, ous dous em Pariz *littréisavam*. Mendes veiu o mesmo, achando o Comte da *Politica* maluco, Miguel ficou, e lá, *sponte sua*, abandonou Litré e relacionou-se com Laffite.

- E converteu-se?

- A 4 de julho de 1879.

Solemnemente, o meu amigo positivista apanhava sol. Levei-o com carinho para o jardim, onde devia florir o bosque sagrado com as sepulturas dos homens dignos. Não havia bosques, nem sepulturas. Apenas algumas arvores. O positivista accendeu o cigarro, depois de o fazer com um forte fumo Rio Novo. Eu perguntei pasmado:

- Toma café?

Elle riu.

- Como toda gente! Essa historia de não tomar café e não fumar é apenas uma léria. Então você pensa que Augusto Comte imaginasse, de máo, fazer o mundo deixar o café e o fumo, só para arruinar o Brasil? O facto é outro. O grande philosopho não fumava nem bebia excitantes, porque lhe faziam mal; Miguel lemos, doente como é, não se atirava a esses excessos; Teixeira Mendes, um homem que reflecte dezesseis horas a fio, não se póde dar aos devaneios da fumaça... Não ha prohibições formaes para o horrendo vicio; ha apenas medo...

Puxei com vigor uma baforada.

- A propaganda desappareceu com a estada de Miguel lemos em Pariz?

- Não. A sociedade passou a chamar-se Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, sendo aclamado presidente o Dr. Ribeiro de Mendonça, que filiou Laffite.

- Começou a éra do laffitismo...

- E com excesso. Comcorriamos até pecuniariamente para o subsidio sacerdotal da egreja em Pariz. Lemos influiu de tal modo sobre Teixeira mendes, que pouco tempo depois este também se convertia. Foi, ligada a Laffite, que nossa igreja iniciou as commemorações de caracter religioso com a festa de camões em 1886; que se commemorou o 22º passamento de Comte e a festa da Humanidade; e é dessa época que data a primeira procissão cívica no Rio de Janeiro, com andadores e o busto de camões esculpido por Almeida Reis.

Quando Miguel voltou, aspirante ao Apostolado, as reuniões tornaram-se regulares aos domingos, na rua do Carmo n. 14, e Ferreira de Araujo abriu uma secção na *Gazeta* com o titulo *Centro Positivista*, cujo primeiro artigo dava a teoria scientifica do calendario. Em 1881, já presidente Miguel Lemos, o centro passou para a rua do Ouvidor, as exposições da religião tornaram-se regulares, e Raymundo fez no Lyceu um curso de

> catecismo, interrompido pelas suas celebres conferencias de antigo littreista contra o sophisma de Littré.
>
> - Era a prosperidade (João do Rio, A Egreja Positivista, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 60-63).

As condições sociais ao fim da Monarquia não eram as da França do Segundo Império - regime monárquico bonapartista implantado por Napoleão III de 1852 a 1870. Em terra onde a vida econômica assentava-se sobre a lavoura de cunho primitivo e predatório, e onde força de trabalho girava principalmente em torno da escravidão ou se sujeitava aos seus efeitos, faltava um empresariado numeroso e consciente e um autêntico proletariado. Restava o aproveitamento da doutrina que oferecesse pontos de articulação possível, só levando a resultados teóricos ou a partes que pareciam encontrar mais fácil aplicação por aqueles setores influentes e ascendentes que procuravam justificar suas resistências ao poder consolidado.

Na França, o pensamento positivista foi abraçado por numerosos contrarrevolucionários, que alegaram preferível a injustiça à desordem, e acabaram por tornar-se profetas do passado e paladinos do *Ancien Régime*. Assim também, nos Estados Unidos, o pensamento comteano chegou a ser usado por escravistas do sul, quando quiseram forjar um corpo de doutrina que englobasse e canonizasse, ao mesmo tempo, sua peculiar instituição - *o que existia no sul não era propriamente escravismo, era garantivismo, uma vez que, entre outras virtudes, tinha a de garantir de modo sistemático a adaptação da mão-de-obra ao capital* [71].

No Brasil, não faltaram os que procuraram justificar o recurso normal às insurreições, valendo-se do positivismo. Abandonavam a violência como processo político eternizando o recurso. Muitas vezes, os que faziam apologia da revolução se prevaleciam de frases destacadas do Mestre que não continham todo seu pensamento. Nos meios militares brasileiros, deu-se em geral por aqueles oficiais do Exército que absorveram aspectos mais afinados com suas percepções, isto é, a influência do positivismo só raramente se deu pela aceitação ortodoxa de seus princípios [72].

A separação da Igreja e do Estado era outra consideração positivista, que preferia a ênfase na ação do Estado e na neutralização dos políticos tradicionais, principais adversários da formação técnica, da ciência e do desenvolvimento industrial. E, pela doutrina comteana, a ditadura republicana era a melhor forma de governo para

[71] Hollanda, 2004: 297.
[72] Fausto, 2009: 232.

as condições de sua época, opositora, assim, da República liberal, que se baseava na ideia de soberania popular, isto é, o poder exercido seria em nome do povo por meio de um mandato.

> Assim é que, prestando embora seu tributo à sabedoria do Mestre, tendiam a aproveitar de suas lições, aquilo que parecesse pertencer à planície humana, renunciando a galgar píncaros menos acessíveis, onde se moveriam melhor certas discussões teológicas. É o caso, por exemplo, de Silva Jardim, que julgava aceitar toda a obra de Comte, mas não tivesse, segundo declarou, preocupações filosóficas, reservara-se o direito de introduzir em seus ensinamentos umas "ligeiras atenuações", sem cogitar em saber se não induzia neles, com isso, alteração profunda. Partindo, pois, da idéia de que tudo é relativo, queria aplicar a doutrina, onde aceitavam-na sem ressalva, ou então preferiam evitar a palavra ofensiva aos ouvidos, e silenciavam a respeito, como aconteceu com Benjamin Constant, com grande pesar para o Apostolado. Como acontece com todos os evangelhos, o de Comte prestava-se a interpretações múltiplas e até contraditórias (Hollanda, 2004: 297).

Outras correntes do pensamento filosófico europeu se fizeram sentir, concorrendo com o positivismo e o espiritualismo eclético ou escolástico, as doutrinas do materialismo, do monismo e do evolucionismo, inspiradas nas obras de Darwin, de Moleschott, de Spencer e de Haeckel [73]. Pouco afeitos ao trato das ciências, esses materialistas, autodidatas, espécie de nova fidalguia brasileira constituída de bacharéis em Direito, doutores em Medicina ou em ciência física e naturais, tinham pela ciência um verdadeiro culto e fundamentavam suas ideias num *cientismo* bastante vulgar.

Também o germanismo, representado principalmente Tobias Barreto de Meneses (*1839 +1889), influenciou o pensamento brasileiro da segunda metade do século XIX, mas sua mania germânica não o levou senão às reflexões alheias, aos comentários de circunstância, às divulgações polêmicas, ao ridículo de publicar na pequena cidade de Escada um jornal, decerto lido só por ele, em língua alemã. A curiosa denominação sob a qual ficou conhecida a influência das ideias filosóficas alemãs teve seu centro na Faculdade de Direito do Recife.

Já Silva Romero (*1851 +1914), amigo de Tobias Barreto, não era submisso às ideias, confessava-se spenceriano, e para ele a filosofia foi método, servia-se delas, alemãs, inglesas ou francesas, para tentar melhor explicar os fenômenos da vida brasileira. Foi o grande precursor dos ensaios de interpretação de problemas brasileiros e suas principais obras, escritas no século XIX, salientam a transição entre duas fases da

[73] Iglésias, 2004: 337.

história do nosso pensamento. Então, o pensamento filosófico sob o Império foi, antes, produto de cultura livresca, de importação, ausente de qualquer significação, e não é de se estranhar, pelas condições coloniais, ainda, da vida de nossa sociedade.

Entretanto, em um regime de compressão e violência, conspirar seria um direito, em um regime das ficções e corrupções, discutir seria um dever. Assim, desde as repercussões iniciais do Movimento de 70, as filiais do *Clube Radical*, de São Paulo e Minas, passaram a intitular-se republicanas.

O movimento em São Paulo pode ser explicado, em parte, pelo antimonarquismo suscitado entre os estudantes da academia de Direito e pela larga repercussão na imprensa, como no periódico *Radical Paulistano*, com os colaboradores Rui Barbosa, Américo Campos, José Elói Otôni, o mais moço dos irmãos Otôni, e Salvador Mendonça. Rui Barbosa era um monarquista convicto que atacava os partidos existentes, Américo Campos era abertamente contra o regime e, já em 68, escrevia artigos pela implantação da república com Otôni, e Salvador de Mendonça considerava que o Partido Liberal era insuficiente para atender aos anseios generalizados de transformação política no país.

Da capital do Império, provieram as célebres conferências radicais da *Fênix Dramática*, que frutificaram também em São Paulo, onde a palavra de Luís da Gama, Quirino dos Santos, Freitas Coutinho, entre outros, foi ouvida e aplaudida. Em 1869, houve a publicação de um folheto sustentando reformas e o fim da Monarquia, intitulado *A República Federativa do Brasil* por Antônio Francisco de Paula Sousa, no *Ipiranga*. No *Clube Radical*, José Otôni afirmou que a república era consequência necessária das ideias liberais e radicais, que nela iriam encontrar sua expressão madura[74].

Os republicanos, assim, assentavam seu plano em uma base que era a revolução pacífica, a revolução da ideia, e, calmos, tranquilos aguardariam firmes o futuro. Salvo circunstâncias que precipitariam os acontecimentos. Foi o que clamou o primeiro signatário, quase dez anos depois do Manifesto de 70, Joaquim Saldanha Marinho, deputado liberal pela província do Amazonas, e que não renegara, como outros, os princípios abraçados naquele documento, ao criticar a audácia dos conservadores e a covardia dos liberais.

[74] Hollanda, 2004: 262-263.

Saldanha Marinho estava muito perto dos liberais dissidentes Silveira Martins, José Bonifácio, o moço, ou Joaquim Nabuco, adversos todos àqueles liberais do poder, que cerravam fileiras em volta do gabinete Sinimbu - o gabinete Sinimbu instalou-se em 1878, quando os liberais voltaram ao poder no país -, e que lhes pareciam ter desvirtuado os princípios do partido.

Outro paladino do movimento, Quintino Bocaiúva, insistia que não se devia de modo algum recorrer à violência para chegar à meta desejada e condenou a imprudência dos que ergueram vivas à República. A seu ver, a evolução da sociedade humana iria levar fatalmente à República, linguagem quase de um positivista, mas não confessa. Dizia-se antes um evolucionista político.

O fato é que os republicanos não podiam mais ocultar sua marca de origem, principalmente durante a década conservadora que foi até 78. *A 19 de maio de 79 volta Saldanha Marinho a tocar no problema da implantação da república. Dessa vez não hesitou em empregar a palavra revolução* [75].

A ascensão, novamente, dos liberais, em 1878, pareceu desanimar mais ainda o desenvolvimento da ideia republicana. Com a entrada de Lafaiete Rodrigues Pereira nos conselhos da Coroa, ficou provado que não existia incompatibilidade entre o fato de um indivíduo professar ou ter professado princípios republicanos e realizar uma carreira política no regime vigente. E não faltou quem, do partido republicano, cogitasse a perspectiva tentadora de aceitar empregos públicos e pôr em risco a sobrevivência do partido. Empregos de confiança ou não, envolviam praticamente aceitação ou troca de favores, comprometendo de algum modo o favorecido com os políticos ou com o partido dominante.

Mas eis que a ideia republicana começava a surgir da Corte, no centro para as diferentes províncias, de onde se irradiaria, não apenas seus princípios, mas ainda as normas de ação comum. Tradicionalmente, essa ideia tivera invariavelmente cunho regional e, se pretendesse abarcar o país inteiro, deveria fazê-lo partindo da periferia para o centro.

> Como tudo faria esperar, os primeiros aderentes do partido se recrutam nos centros urbanos e entre as profissões liberais, ocasionalmente entre negociantes. Para um único fazendeiro, o manifesto apresenta 14 advogados, 10 jornalistas (três dos quais aparecem também entre os advogados), 9 médicos, 5 engenheiros, 2 professores, 3 empregados públicos,

[75] Hollanda, 2004: 258.

> 8 negociantes e 1 "capitalista". Alguns haviam exercido altos cargos políticos, e era o caso de Saldanha Marinho. Além de ex-deputado pelas províncias de Pernambuco e Ceará, tinha sido presidente de Minas e de São Paulo. Figurara em três listas senatoriais e o escolhera Sua Majestade da última vez, chegando a mandar lavrar a competente carta de 1868. No mês seguinte, porém subiram os conservadores, anulando-se o pleito em maio de 69, de sorte que ele não mais se candidatou, e ficou sem efeito a providência. Outro signatário do manifesto, Lafaiete Rodrigues Pereira, presidira duas províncias, Ceará e Pernambuco. Dos restantes, Aristides Lôbo, Cristiano Otôni, Henrique Limpo de Abreu, José Maria de Albuquerque Melo, Francisco Bittencourt Sampaio e Manuel Benício Fontenelle haviam sido deputados gerais (Hollanda, 2004: 261-262).

Diante do quadro de soluções possíveis, poder-se-ia reorganizar a monarquia para, por meio de concessões e reformas, readaptar-se ao jogo das forças sociais e econômicas? [76] Será que nem o Imperador, nem a maior parte dos políticos que o cercavam compreendiam a transformação que se operava na mentalidade das novas gerações brasileiras, da elite brasileira, vinda do clima intelectual das Escolas superiores fundadas no Brasil, principalmente as jurídicas de Recife e de São Paulo, não muito diferentes das de Coimbra, bacharéis e doutores formados nas fontes do Direito romano e do Direito canônico, rígidos e formalísticos?

> (...)
> Subimos. A intalação do jornal republicano é em dois andares. Lembro-me que subimos ao segundo, que estivemos na sala de redacção, que atravessámos outras salas e descemos ao primeiro andar, dando afinal numa sala tapetada, immensamente quente, onde, de casaca, luvas brancas e um espesso sobretudo, estava Bernardino Machado, cercado de varia gente. Risonho, affavel, urbanissimo. Com voz tranquila elogiou-me o Rio de Janeiro, as nossas transformações materiaes. Suffocado de calor, eu não sabia se falava a um temivel e incansavel propagandista, ao revolucionario, ao agitador. A impressão era a de uma imprevista recepção diplomatica.
> - O Brasil é um grande exemplo para Portugal.
> - Fizemos a Republica entre flores.
> - A nossa já está feita. É apenas uma questão de mezes.
> E o curioso homem sorriu, como se disesse uma banalidade indiscutivel.
> Desde esse dia, a figura de Bernardino Machado interessou-me. E pude acompanhar a sua obra de vontade macia, de acuidade excepcional sob o arminho de uma doçura absolutamente inamovível nas suas quatro phrases capitaes: a propaganda, a embaixada no Rio e o gabinete de equilibrio.
> A Republica Portugueza foi obra de mentaes, de intelligencias privilegiadas e da mocidade cultivada (João do Rio, Bernardino Machado, In: *No tempo de Wencesláo...*, 1917: 82-83).

É reconhecido que D. Pedro II era um homem de cultura, e era muito admirado por isso. É enorme o volume de correspondência que trocava com políticos, sábios,

[76] Faoro, 2004, 2: 462.

artistas. Entre os políticos, salientam-se o Barão de Cotejipe, João Alfredo, Rio Branco; entre os cientistas, Pasteur, Louis Agassiz, Henri Gorceix; entre os literatos, Manzoni, Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho; entre os amigos, o historiador Varnhagem e o conde de Gobineau. O autor de *Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas*, o conde de Gobineau, ficou perplexo com a erudição do imperador [77].

Além de ler muito, d. Pedro era dotado de memória prodigiosa. O aprendizado de línguas era de sua predileção, falava latim, francês, alemão, inglês, italiano, espanhol, lia grego - traduziu Ésquilo -, árabe, hebraico, sâncrito, provençal, tupi-guarani. Em viagem ao exílio, levou junto o professor de sânscrito. Visitava sinagogas e sempre mostrou simpatia em surpreender os rabinos e discutir com eles problemas de interpretação da Bíblia.

Além de promover a cultura, distribuindo bolsas, doações para a criação do Instituto Pasteur, D. Pedro II concedeu pensão à família do ator João Caetano; financiou a publicação de obras de Gonçalves Dias e de Domingos José Gonçalves de Magalhães; protegeu muitas instituições de ciência e cultura do país; fundou e convidou professores franceses para organizar a Escola de Minas de Ouro Preto; assistia a tudo o que era concurso público no Rio de Janeiro, na Escola Politécnica, na Faculdade de Medicina, no Colégio Pedro II, nas escolas militares, em viagens no Brasil e no exterior. Visitava escolas e instituições culturais; montou três bibliotecas em São Cristóvão, com um total de 60 mil volumes; apavorava os professores nas escolas quando acompanhava suas aulas e os alunos, passava horas inteiras a observar o céu no observatório astronômico, com os aparelhos importados que trouxera da Europa; adorava Richard Wagner, quando ainda a obra era vaiada em Paris; seu encontro com Victor Hugo em Paris ficou famoso.

D. Pedro foi um erudito, adotou com entusiasmo as inovações tecnológicas da época, interessou-se pela fotografia, pelo telefone, informou-se sobre fábricas, máquinas e novas tecnologias, quis implantá-las no Brasil. *Seu apoio à ciência, às letras e às artes, à educação e à técnica foi um exemplo importante num país de 80% de analfabetos* [78]. Chegou a se encontrar, casualmente, com Nietzche na Áustria.

A sociedade europeia comentava que o imperador era um contraste com a imagem dos generais toscos que povoavam a política da América Latina. Quer dizer, não era um ingênuo inculto, acusam-no, antes, de alienado em relação à política e de ter

[77] Carvalho, 2008: 228.
[78] Id., ibid., p. 233.

perdido o controle da situação por parte do governo. Será? Seu estilo pessoal, avesso a pompas e honrarias, de hábitos simples, preocupado com o interesse coletivo, era o de um republicano, escreveu o poeta cubano Julián Del Casal, quando do exílio do imperador [79].

Ao ser deposto, após quase meio século de reinado e de ter presidido à solução dos grandes problemas que ameaçaram a própria existência do país, comboiado pelo couraçado *Riachuelo*, no *Alagoas*, com fatalismo e total desinteresse pela sobrevivência da monarquia, D. Pedro respondeu quando inquirido sobre o acontecido: *Resistir, para quê? O Brasil há de saber governar-se; não precisa de tutor* [80].

A vitória do abolicionismo abriu caminho à República, e a afronta republicana tirou a solidez de muitos dos valores em que fortalecia o escravismo. Uma propaganda insuflou a outra. Porém, a explicação mais correntemente aceita para a queda da monarquia é a de que o regime se divorciara dos elementos conservadores, em que outrora se arrimara. Mas *melhor seria dizer, a queda foi apressada pela sua incapacidade de acompanhar com a necessária presteza as tendências renovadoras da estrutural tradicional do regime* [81].

A verdade é que império dos fazendeiros era agora dos fazendeiros das áreas mais adiantadas; os outros, da lavoura velha, os que perderam cada vez mais sua importância, já estavam, antes da abolição, condenados, porque suas terras se achavam exaustas. Não se pode negar, entretanto, que os proprietários rurais influenciaram, ao menos indiretamente, as decisões políticas durante quase toda a monarquia, o país era essencialmente agrícola.

> Aos fazendeiros atribuíam-se honras e mercês, mais do que altos postos na administração: calculou-se que perto da terça parte dos títulos nobiliárquicos distribuídos no Brasil desde o primeiro reinado, foi dada a fazendeiros de café e a pessoas que lidavam com a lavoura ou o negócio desse produto, os "barões do café", como se chamaram. Era como uma ficha de compensação (Hollanda, 2004: 285).

Para explicar, então, a queda da Monarquia, seria preciso agregar o descontentamento dos fazendeiros a fatores de igual ou maior importância como o

[79] Carvalho, 2008: 213.
[80]: Id., ibid., p. 235.
[81] Hollanda, 2004: 283.

sistema agonizante do regime, a doença do imperador - diabetes -, o medo que inspirava o Terceiro Reinado - na hipótese da República.

> O que muitas vezes parece dar realce ao papel dos grandes lavradores na tomada de decisões políticas vinha largamente do fato da riqueza pública no país assentar sobre uma economia monocultora e extrovertida. Se no Brasil, o caminho que levaria à supressão do trabalho escravo foi um caminho tortuoso, que levou freqüentemente a medidas dilatórias, não se deve isso a imposições de fazendeiros, mas ao temor constante, nos meios dirigentes do país, de que uma solução muito radical do problema tivesse conseqüências catastróficas (Hollanda, 2004: 284).

Sobre a decadência do Segundo Reinado, parece um tanto precário prender-se a qualquer acontecimento de exclusiva natureza política, *é necessário antes procurá-la nas condições gerais da vida econômica e social* [82]. Embora a maioria dos historiadores brasileiros dê como três grandes motivos da queda da Monarquia *a Questão Religiosa, a Abolição e a Questão Militar* e *se elas não tivessem aparecido, ou pelo menos, as duas últimas, muito mais ricas de consequências, Pedro II teria acabado seus dias no trono.* Entretanto, já eram fracas as raízes do Império, qualquer incidente mais grave as extirparia.

> A monarquia foi sempre tão estranha à índole brasileira que o seu estudo como forma específica de govêrno aplicada ao País tem medíocre alcance. Transplantada, em circunstâncias extraordinárias, da Europa, onde representava a estratificação de séculos de história, implicando o respeito místico de suas origens, não chegara, na América, a ser bem uma superestrutura (Bello, 1972: 5).

### 1.2.2 O comportamento popular

Havia algo no comportamento popular que não se encaixava no modelo de cidadão ativo, consciente de seus direitos e deveres, capaz de organizar-se para agir em defesa de seus interesses. O cidadão que lutava, seja pelo reformismo parlamentar, seja pelo radicalismo da ação econômica, não existia no Rio de Janeiro, maior cidade e a capital econômica, política e cultural do país na época [83].

> (...) Deixe, pois, que o cumprimente e que me apresente. Chamo-me Justino Pereira...

[82] Bello, 1972: 5.
[83] Carvalho, 2004: 140.

> - Muito prazer...
> - Pelo que lhe deve ter contado o pobre homem que lá em cima dirige a opinião, não posso parecer aos seus olhos senão um cavalheiro imprevisto e mais ou menos maluco. Ora, eu só posso parecer doido no vasto hospicio em que está transformado o Brasil, graças ao phenomeno collectivo e alarmante da menopausa economica. Atravessamos a crise do analfabetismo agudo, da neurasthenia, da incompetencia e da furia do pernosticismo. E, coisa curiosa! esse phenomeno ataca apenas as classes dirigentes. O Brasil não mudou. A indole do brasileiro também não mudou. A capacidade de trabalhar e seguir não variou. As condições de cohesão das diversas classes persistem. O sentimento patriotico, quer na sua feição egoistica de triumpho, quer sob o aspecto altruistico do sacrifício, é sem limite (João do Rio, Opiniões de um jornalista impossivel, In*: No tempo de Wencesláo...*, 1917: 10).

No campo das ideias, nem mesmo a elite conseguiu chegar a certo acordo quanto à definição de qual deveria ser o relacionamento do cidadão com o Estado. No campo da ação política, as tentativas de mobilização e organização populares fracassaram, como fracassaram os partidos operários, os clubes republicanos e batalhões patrióticos. *Não duravam além da existência dos problemas mas que lhes tinham dado origem* [84].

> (...) E aqui as duas classes dirigentes, a politica e o jornalismo, tornaram-se a razão inicial do desvario. A politica precisa de homens de saber e de decisão. Onde estão os homens de saber e decisão? Amordaçados e algemados pela immensidade da estupidez ambiente, que é das peiores pois está convencida de ser capaz de tudo. As posições ou são tomadas de assalto ou recebidas como as *suítes* de um vasto *baccarat*. Consultar os successivos ministros, ouvir os oradores nas Camaras arrastando a onda de solecismos para procurar uma idéa, é ter a visão de um frenesi de tolices, em que, como nos manicômios, as questões capitaes do paiz são discutidas e gritadas com uma inconsciencia só correspondente á ignorancia. Se fosse permittido ainda o uso das imagens literarias, eu compararia a minha patria a um grande transatlantico atulhado de gente resignada e dirigido por um bando de bachareis das academias a preço modico.
> Eu suspirei:
> - Pobre patria! (João do Rio, Opiniões de um jornalista impossivel, In*: No tempo de Wencesláo*, 1917: 11).

O que se revelava, isso sim, era a grande iniciativa de decisões em assuntos, em ocasiões, em métodos de natureza não-politica, as famosas festas religiosas, a da Penha e a da Glória, que continuam até hoje. Milhares de romeiros, depois de subir o outeiro, organizavam imensos piqueniques e danças campestres. Havia misturas de ritmos portugueses, brasileiros e africanos. Durante o Império, a festa se caracterizou por reunir a família Real e o povo. Também as festas do entrudo e do carnaval, já à época, dominavam a cidade.

[84] Carvalho, 2004: 141.

Então, o espírito associativo manifestava-se, principalmente, nas sociedades religiosas e de auxílio mútuo, nas irmandades e paróquias. Por mais que as lideranças se esforçassem, no máximo combinavam assistência e resistência, dadas fora dos canais e mecanismos previstos pela legislação e pelo arranjo institucional da República.

E a resistência, na maior parte das vezes, era reação a alguma medida do governo antes da tentativa de influir na orientação da política pública. O movimento que mais se aproximou de uma ação política clássica foi o jacobinismo, defesa de uma República forte pelos Positivistas e Militares, inspirados pelo ideal francês de República. Mais aclimatados, os jacobinos brasileiros eram francos opositores do pensamento liberal de o Estado não interferir e permitir o desenvolvimento, por conta própria e de forma livre, das forças políticas. Outro movimento de repercussão popular, embora desorganizado, fragmentado, foi a Revolta da Vacina, que *revelou antes convicções sobre o que o Estado não podia fazer do que sobre suas obrigações* [85].

A conclusão a que se chega, estudando as iniciativas populares desse período, é que as pessoas de algum modo relacionadas com a burocracia do Estado se queixavam, seja os próprios funcionários e operários, seja as vítimas dos funcionários, especialmente da política e dos fiscais. Mas as queixas não revelavam oposição ao Estado.

Por ocasião da proclamação da República, mesmo sendo difícil avaliar o impacto da proclamação do novo regime na mentalidade de sua população, pois *não há estudos sobre esse ponto*, não seria exagerado dizer que a saída da figura do velho imperador apenas *significou a emancipação dos que seriam seus filhos*, e tal liberação se deu a despeito da ação moralista de certas autoridades republicanas: perseguição de capoeiristas; destruição do mais famoso cortiço do Rio, a Cabeça de Porco, em 1892, pelo então prefeito florianista Barata Ribeiro; repressão ao jogo, às apostas, embora a jogatina da bolsa fosse favorecida, bem como os cassinos, casas de corrida, jogo do bicho.

> (...)
> Pouco tempo depois da revolta da armada, em 1893, o barão de Drummond começou a explorar no Jardim Zoologico o famoso *jogo do bicho*, que se alastrou rapidamente pelo Brazil inteiro, como os tentaculos de um polvo colossal. Por essa occasião o numero de visitantes do jardim da rua do Visconde de Santa Isabel, era diminuto. Mas, passados alguns mezes, augmentou extraordinariamente. Os bonds da exctinta companhia que

[85] Carvalho, 2004: 145.

serviam o bairro, partiam desde o meio dia até ás 5 horas da tarde, da rua Uruguyana, estreita e cheia de curvas, repletos de passageiros. Os mezes passavam e as autoridades não impediam a jogatina, que cada vez tomava maiores proporções. Um dia, mais de um anno após o apparecimento do famoso jogo, que já havia attingido ao delirio, o chefe de policia lembrou-se de impedir a venda de *poules*. O jardim fechou. Os innumeros *book-makers*, que já haviam surgido em todos os pontos da cidade, suspenderam por alguns dias as operações. Depois cada *banqueiro* tomou a resolução de acceitar apostas para o *bicho*, antecipadamente collocando dentro dentro de uma caixinha, que ficava pendurada no tecto da sala em que eram vendidas as *poules*. Os apostadores que aceitaram o novo systema não foram muitos. poucos depositavam confiança nops proprietarios se *book-makers*. Estavam no principio; havia hesitação. Foi então que apareceu *o jogo do bicho* pelos finaes da sorte grande.

Mais tarde a casa *bancaria* pertencente a M. Ribeiro, installada na rua do Ouvidor, próximo ao largo de S. Francisco, começou a vender *poules* por um novo systema denominado – *o moderno*, que ainda hoje existe. Para verificar-se o resultado desse systema é preciso sommar todos os numeros dos bilhetes premiados até 200$, inclusive.

Depois veio o *Rio*, que consta da multiplicação do segundo premio pelo primeiro, desprezados os tres ultimos algarismos. Veio, o *Salteado*, veio tudo quanto a mathematica podia facilitar, passando o primitivo systema a ser distinguido pelo nome de *Antigo*.

De vez em quando uma autoridade policial, como que desperta de um produndo somno, lembra-se que o jogo é uma contravenção prevista pela lei, faz tentativas de reprimil-o... Mas, deante da falta de provas para caracterisar o flagrante delicto, as providencias são integralmente inuteis.

Antigamente os grandes *book-makers* eram installados nas agencias de bilhetes de loterias, e os pequenos nos botequins ordinários dos arrebaldes nas casas de quitanda, e a venda do famoso jogo, em qualquer dos *book-makers*, era feita reservadamente.

Hoje é exactamente ao contrario.

Nas ruas de maior transito da cidade ha grandes *casas de bicho*, todas apresentando o aspecto caracteristico das casas bancarias das cidades florescentes. Outras estão estabelecidas em estreitos corredores, tendo apenas uma *vitrine* na porta, onde se vêem espalhados ao acaso alguns cartões postaes enroscados e esmaecidos pelos raios de sol, e varios cartazes, *reclamos* de loteria extrahidas. Um pouco afastados do centro *bicheiros* têm sómente pequenos, balcões de pinho, sob a guarda de um empregado, quasi sempre creança; os proprietarios desses *book-makers* são, em sua maioria, vendedores ambulantes que percorrem, de meio dia ás 2 horas da tarde, as estalagens, casas de commodos e as officinas que ficam nas proximidades.

Os *book-makers* começam as suas operações ás 11 horas da manhã. O movimento, á proporção que se vae aproximando a hora de *fechar o jogo*, vae augmentando. A's 2 horas da tarde attinge a maior intensidade. Os empregados não descansam um minuto. É um sahir e entrar de gente numa verdadeira agitação de colmeia. Muitas vezes as próprias autoridades policiaes, que tambem atraz de ganhar no *bicho*, cruzam-se á porta com indivíduos bastante perigosos. A's 2 ½ horas é *fechado o jogo* e conferida a feria.

Depois ha um intervallo de trez horas começa o jogo da noite. Os *book-makers* vendem, além dos quatro systhemas do jogo do bicho e dos quatro prêmios, loterias clandestinas e impagáveis.

Basta percorrer os olhos pelos annuncios dos jornaes para ver a fabulosa quantidade de *loterias da ultima hora*, conforme dizem os apostadores, que são extrahidas nos fundos dos *book-makers*, depois do anoitecer. Outras ha que não são extrahidas em logar algum, como o *Jardim da Floresta*, o *Globo Terrestre*. O resultado é feito a lapis, á vontade do *banqueiro*.

> Quem não conhece as *loterias da noite: Popular, Caridade, Companhia Industrial Americana, Moderno Lottto, Companhia Elegante, Garantia, Buraca, Nascente, Occidente, Prosperidade, Quadra, Nascente da Sorte, Estrella do Destino, Museu das Flores, Segurança, Gremio Fluminense, Industrial Mineira, Industrial Brazileira* e outras?
>
> (...)
>
> Jogam todos, como que forçados por um sentimento mysterioso e indomavel. Ha nessa torrente de exploração casos bruscos de engraxates virados em milionarios, de fortunas queimadas em um mez, de roubos de banqueiros pelos proprios sócios, de banqueiros que fazem mil contos e acabam sem vintem, de taberneiros analfabetos jogando com os massos de cem contos, de sujeitos que tem vinte e trinta casas de bicho espalhadas pela cidade, e além de explorar o povo, exploram os proprios vendedores.
>
> Ha, porém, os outros, os lugares onde se joga a roleta, o bac, o poeker, a vermelhinha, o dado, desde os chamados clubs chics, nevralgicas, salas de mistura social, até os outros os, dos malandros com escalas pelas salas de casa de familia – que tiram barato para ajudar o chefe...
>
> Quantas casas de jogo ha na cidade? Seria impossivel uma estatistica, tantas ha que os proprios jogadores profissionais não conhecem. Em nome da moral, dos principios da moral, muita gente se revolta ou finge revoltar-se, pedindo aos chefes da segurança a perseguição – que extinguindo alguns focos fatalmente valorisa outros. A moral é uma qualidade que se exige dos outros. A moral é uma qualidade que exige nos outros. E é cada vez mais a mais elastica qualidade social. A maioria dos que clamam jogam morbidamente. Mas nem póde deixar de ser assim. O jogo é uma aventura. Num paiz novo o espirito da aventura prolifera e os aventureiros são em grande numero. O ideal humano é o dinheiro. O principal é ter dinheiro, com pouco trabalho ou nenhum. Vem a negociata. Vem a jogatina. São as irmãs naturaes da ladroeira – aristocracia de progresso. E a situação é tal no torvellinho vertiginoso da vida nova que, unico cidade do mundo a cidade tem uma classe privilegiada e considerada pelos fornecedores, pelas cocottes, pelas classes que dão consideração: a classe dos jogadores de primeira, emquanto elles são de primeira.
>
> - Quem é aquelle cavalheiro bem posto?
> - Muito distincto. Tem as melhores mulheres do Rio.
> - A!
> - - Veste pagando, nos melhores alfaiates.
> - Ah!
> - Paga generosamente a todos.
> - Mas afinal quem é?
> - Ah! sim... elle joga.
> - Apenas?
> - Tem um club e varias casas de bicho. Mas é muito distincto.
>
> Jogo como profissão confessável, aqui, apenas. Distincto é possivel. As palavras tem a significação que lhes empresta a época. Distincto agora é o cidadão que se destaca pelo dinheiro-seu ou dos outros. E depois o jogo é visceral aqui. Ainda agora abro um jornal e leio:
>
> - "Foram presos hontem em plena rua dois garotos, um de 5 outro de 6 annos que jogavam a roleta. Os mais velho era o inventor do instrumento, uma especie de jaburu, tendo nos raios em vez de numeros nomes de animaes. As fichas eram de metal e valiam um vintem ou meio vitem. O inventor, depois de chorar, aggrediu furioso o guarda, dizendo que auillo era sua propriedade e estava no seu dinheiro." (João do Rio, Jogatina, In: *Vida Vertiginosa*, 1911:130-140).

A maneira indireta de neutralizar a capital e as forças que nelas se agitavam, era arranjo que garantia o domínio local e sua participação no poder nacional. Como

aconteceu no governo de Campos Sales, por exemplo, quando se tentou negociar a paz interna para poder governar. A calmaria permitiria ao governo dar maior atenção aos problemas de administração e tentar a regularização da situação financeira.

Então, permanece o fato de as reivindicações não serem participativas nas decisões, nem mesmo ouvidas ou representadas. O Estado aparece como algo a que se recorre, como algo necessário e útil, mas que permanece fora do controle, externo do cidadão.

Por motivos óbvios, havia uma indiferença pela participação, a ausência de visão do governo como responsabilidade coletiva. Só vinte por cento da população do Rio de Janeiro tinha direito à participação política pelos mecanismos eleitorais, mas não se preocupava em exercê-lo, oitenta por cento não tinha tal direito.

Só para se ter uma ideia da situação da cidade, a base escravista ainda fazia-se sentir no censo de 1906, o que mostra uma população ocupada principalmente em comércio, transporte, administração e serviço doméstico. A abolição lançou o restante da mão-de-obra escrava no mercado livre e houve o acúmulo de pessoas em ocupações mal remuneradas ou sem ocupação fixa. Mesmo porque, só no ano de 1891, entraram 166 321 imigrantes, e a população quase dobrou entre 1872 a 1890, passando de 266 mil a 522 mil.

*Este enorme influxo populacional fazia com que, em 1890, 28,7% da população fosse nascida no exterior e 26% dela proviesse de outras regiões do Brasil. Assim, apenas 45% da população era nascida na cidade* [86]. No mercado de trabalho livre, então, engrossou o contingente de subempregados e desempregados, a ampliação da oferta de mão-de-obra acirrou a luta pelos escassos empregos disponíveis.

Agravaram-se, também, os problemas habitacionais, os velhos problemas de abastecimento de água, de saneamento e de higiene, houve o mais violento surto de epidemias da história da cidade, varíola e febre amarela, juntaram-se à malária e à tuberculose.

A condição de tradicional centro administrativo e de capital do país acarretava ainda uma grande visibilidade da burocracia e um domínio do Estado sobre a cidade. E perante tal Estado, a cidade reagia seja pela oposição, seja pela apatia, seja pela composição, meio da máquina burocrática, quer dizer, a própria polícia fazia o uso

[86] Carvalho, 2004: 17.

dessa máquina, como os políticos e poderosos em geral, como instrumentos de justiça privada.

Na República, como no passado, o avanço liberal não foi acompanhado de avanço igual na liberdade e na participação. Na política, a cidade não se reconhecia, o citadino não era cidadão. *Na República que não era, a cidade não tinha cidadãos* [87].

> (...)
> Mas o sorriso nasce do riso. Sem o segundo não haveria o primeiro. O riso é a valvula da caldeira, o sorriso o annuncio da resistência thermometrica do homem no meio em que vive. Um é a pretensão de ser superior. O outro é o principio socratico: conhecermos-nos é conhecer o que ha em nós em geral...
> - Muito bem.
> - Obrigado.
> - Não ha de que.
> - Conhecidos o riso e o sorriso, teremos de estudar as suas causas, as fórmas, como dizia Bacon, de accordo com o meio. E, estudando o meio, não podemos deixar de ver um meio para gargalhada. Os homens mais ou menos sensatos entram para o poder e começam a realizar disparates. As pessoas competentes são postas á margem como perigosas e a imcompetencia filauciosa precipita-se ás patadas sobre as posições. O desvario faz do paiz um vasto hospicio de alienados em que os problemas são encarados inversamente. Reina um conflicto sem conclusões, um conflicto perene de manicomio sem guardas, em que os malucos oscilam entre a pancada e o abraço enternecido. Todos são honestos, todos são ladrões, todos são geniaes e todos são reverendissimas zebras. O desconhecimento dos valores e a petulância insensata!
> O meio é tão assustador, que qualquer dos dirigentes, retirado um mez em cura de altitude, reconheceria ter praticado durante o seu governo o crime inconsciente da maluquice. Um homem entre nesse oceano para soçobrar logo ou viver entre o mergulho e a crise temporaria do vagalhão. As causas do riso fervilham. Bacon assegurava que o riso nasce do insólito, do imprevisto. Basta olhar esta pandega desordenada para ter o espectaculo do insolito e do imprevisto dos actos, dos escriptos. O imprevisto é tanto que chega a ser banalidade – outra causa, aliás, do riso.
> Segundo o velho Aristotele e o sabio Bain, a causa é, porém, a degradação – os defeitos e as inferioridades que de repente vemos nos grandes homens. Qual o grande homem actual que não exija uma gargalhada, mas daquellas boas que trazem lagrima aos olhos?
> Outra opinião é que o riso vem de sabermos o erro em que os outros laboram por não o saberem. Como no nosso Hospicio Nacional a base é o embuste frenético, a mentira, o vaudeville macabro, olhamos a politica de cada Estado e a politica é geral, e entramos a rir com Enéas Martins do Pará, para rir de Belém e Coritiba, do Amazonas ao Prata. E a esta gargalhada respondem os risos do exito transitorio que pilham as posições, porque êxito, segungo Hobes, é também um motivo de riso (João do Rio, O sorriso do Sr. Antonio Carlos, In*: No tempo de Wenceslão...*, 1917: 31-32)

[87] Carvalho, 2004: 162.

# CAPÍTULO II

## JOÃO DO RIO, O ESCRITOR DO *RIO ANONYMO E DO RIO CONHECIDO* [88]

> - O publico quer uma nova curiosidade. As multidões meridionaes são mais ou menos nervosas. A curiosidade, o appetite de saber, de estar informado, de ser conhecedor são os primeiros syntomas da agitação e da nervrose. Ha da parte do publico uma curiosidade malsã, quasi excessiva. Não se quer conhecer as obras, prefere-se indagar a vida dos autores. Precisamos saber? Remontamos logo ás origens, desventramos os ídolos, vivemos com elle. A curiosidade é hoje uma ancia... (João do Rio, *O momento literario*, s.d., XII).

João Paulo Alberto Cristóvão Coelho Barreto [89], o João do Rio, ou simplesmente Paulo Barreto, como era chamado no meio familiar e literário, começou a trabalhar ainda com 18 anos incompletos [90]. Seu primeiro texto assinado foi uma crítica da peça *Casa de bonecas* de Ibsen, que saiu no jornal de Alcino Guanabara *A Tribuna*, em 1899. Depois começou a colaborar para *A Cidade do Rio*, jornal de José do Patrocínio (*1853 +1905), cunhado de Ernesto Senna (redator importante do *Jornal do Commercio*) que era tio de Paulo Barreto [91].

---

[88] João do Rio, Os Encantadores, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José* (1917: 19) escreveu: *No "trottoir roulant" da Grande Avenida passa, na aureola da tarde de inverno, o Rio inteiro, o Rio anonymo e o Rio conhecido – o Rio dos miseraveis ou o Rio cuja vida se prolonga de legendas odiosas e de invejas continuas. Mas ninguem vê a miseria.*

[89] Pereira (1988: 269) escreve: *João Paulo Emílio Cristóvão dos Santos Coelho Barreto*. Já Rodrigues (2010: 23) escreve: *João Paulo Alberto Coelho Barreto.*

[90] Segundo Rodrigues (2010; 23), seu biógrafo, João do Rio *nasceu numa sexta-feira, 3 de agosto de 1881, no sobrado nº 284 da Rua do Hospício (atual Rua Aires), no trecho próximo ao Campo de Santana.* Nasceu quando o *Rio fervia na campanha abolicionista, com os comícios inflamados de José do Patrocínio.*

[91] Patrocínio casou-se com Bibi, Maria Henriqueta de Senna, filha do coronel Emiliano de Senna, uns dos fundadores do Clube Republicano. O irmão de Maria, Ernesto Senna, cônsul, militar e jornalista, viúvo, desposou Eponina dos Santos, filha caçula de d. Amália Caldeira e irmã de Florência Barreto, mãe de Paulo Barreto. Com esse casamento Eponina tornou-se simultaneamente tia dos jornalistas Patrocínio Filho e Paulo Barreto, e do pintor Di Cavalcanti, filho de outra irmã de Ernesto Senna (Rodrigues, 2010: 23-24).

Naquela época, a crônica aclimatara-se à brasileira e, do simples *feuilleton* no *rez-de-chaussée*, rodapé do jornal, que suscitava todas as formas e modalidades de diversão escrita - nele se contavam piadas, falava-se de crimes e monstros, propunham-se charadas, ofereciam receitas de cozinha ou de beleza, criticavam-se peças de teatro, resenhavam-se livros -, abriu-se à ficção, espaço de treinamento de mestres e noviços no gênero [92].

> É ele, o *folhetim*, que veio da França e, a partir do momento inaugural do *Capitão Paulo* de Dumas, em outubro de 1838, no *Jornal do Comércio*, vai revolucionar também o jornalismo brasileiro. Diariamente nos jornais da Corte, logo acompanhados pelos da província, a partir da década de 40, sempre vigorosos na de 50 – esta que nos interessa particularmente - indo pelo século afora e século novo adentro, lá estarão as máquinas de sonhar de *Mossú* (Monsieur) Eugène Sue, Alexandre Dumas, Berthet, Souvestre, Ponson du Terrail e Paul Féval etc. etc. etc.... Alimentando o imaginário dos que já sabem ler e dos que só sabem ouvir e garantindo a vida do jornal e dos periódicos. E, para que não haja dúvidas, a fatia do romance cotidiano é a única explicitamente encabeçada pela etiqueta prestigiosa: *Folhetim do Jornal do Comércio, Folhetim do Correio Mercantil,* do *Monitor Campista,* do *Diário de Pernambuco,* ou *Correio Paulistano*, em Campinas, etc., seguindo a data, o título e o autor do romance, e, indefectível, o "continuação" (Meyer, 1992: 102).

Na *A Cidade do Rio* publicou *Impotência*, duas semanas depois da maioridade, causando escândalo pela temática homossexual; e publicou *Ódio* ou *Páginas do diário de um anormal*, peça que tratava de um relacionamento sadomasoquista entre dois rapazes amigos de infância. É nessa fase que apresentou algumas características do seu estilo que marcariam sua narrativa: misto de reportagem dos seus sentidos e de crônica dos acontecimentos sociais e políticos, misto de verdade e trocadilho, nascida do espasmo e do soluço [93], com descrições pormenorizadas tanto dos ambientes, como das personagens, a reforçar o tema central de cada crônica.

> Na Central o movimento é pequeno para o expresso de Minas. A luz electrica morre na vastidão do hall, creando trechos de sombra, obscuridades complacentes, donde de vez em quando surgem, agitando lanternas verdes ou vermelhas, empregados de boné. O leito é comprado em separado da passagem, e por traz do guichet o funccionario exige uma serie de informações breves. Felizmente breves. Seguimos pela plataforma. O trem vai partir. O carro de primeira é admiravelmente illuminado, o carro-dormitorio jaz em treva e tem um porteiro de oculos, com os quixes desencontrados, que se oppõe á passagem de toda gente.

[92] Meyer, 1992: 96.
[93] João do Rio, A Rua, In: *A Alma Encantadora das Ruas,* 1910: 5.

> Installamo-nos. É provavel que nesse trem só viajem mineiros. O typo do mineiro é dos mais caracteristicos na vasta collecção dos typos brasileiros, todo elle feito de musculos, secco, como que talhado em couro. Os gestos, sejam elles civilisados ou do sertão, são espaçados e curtos, o caminhar firme, a physionomia fechada. Um d'elles sorri porque eu attendo em fechar-lhe a porta do comboio.
>
> - Para onde vae? indaga.
>
> - Para Congonhas.
>
> - Vae vêr a festa? Ah! é muito interessante. Começou no dia oito, mas o forte é nos ultimos dias.
>
> Basta-me esta informação. O expresso, entretanto, cortando o vento, vae a engulir os suburbios, os primeiros escuros, os outros gritantes da luz, numa grande velocidade. De reprente pára. É a primeira estação. Uma pequena demora, e continua para parar pouco depois. Como? Um trem expresso esse? Mas ha outras muitas estações e esse expresso excepcional, antes um trem noctambulo e sem pressa, vae parando, parando. Enervados com a viagem, os passageiros levantam-se a cada estação, vão arejar á plataforma, ha o classico assobio, e de novo, barbulhando, bufando, a machina parte arrastando os vagons (João do Rio, O jubileu de Congonhas (noticias sensitivas), A caminho, In: *Os dias passam...,* 1912: 113-114).

E João do Rio escrevia, invariavelmente, em diálogos para imprimir um ritmo ágil, espontâneo e provocador do tema que seria tratado numa determinada crônica. Nota-se, também, embora em parágrafos longos, a preferência pelas construções frasais [94] curtas, como se o autor assumisse uma atitude de movimento e vigor, ou soubesse que a estrutura complexa, de predominância subordinativa, pedisse rija atenção ao leitor [95]. Essa preferência é adequada ao espírito pragmático, inimigo do esforço, e revela, não raro, que o escritor se vale desse efeito estilístico para descrever rapidamente um quadro ou uma situação [96].

> O período curto, nomeadamente o de estrutura coordenativa, é muito mais fácil de elaborar e de ser entendido, traduz o pensamento nascente, dispensa a arquitetura de um raciocínio elaborado e encadeado (Chaves de Melo, 1976: 136).

---

[94] Deve-se *entender "frase" como enunciado de sentido completo, ou enunciado auto-suficiente* (Chaves de Melo, 1976: 129).

[95] *A coordenação em princípio traduz uma visão objetiva do mundo; a subordinação não raro expressa uma atitude interpretativa da causa, do modo, da hipótese, do condicionamento, da finalidade; a correlação também é interpretativa, porém, insiste no efeito, na proporção ou desprorporção, na comparação, na alternância necessária. (...) A extensão do período depende do gosto de cada falante ou escritor, do gênero literário, dos hábitos e normas consuetudinárias desta época ou daquela escola. (...) Está claro que é muito difícil armar período longo, mormente o de estrutura complexa, de predominância subordinativa. (...) Eu diria ainda que tais períodos obrigam a forte tensão o autor e pedem rija atenção ao leitor e, mais ainda, ao ouvinte* (Chaves de Melo, 1976: 132-136).

[96] Id., ibid., p. 137.

Quem escreve - e escrevia - para o jornal tem plena consciência de que o leitor habitual pode não conceder mais atenção aos seus textos que às notícias [97], e o equilíbrio entre o coloquial e o literário permite construir as relações de interação, tanto as persuasivo-argumentativas, quanto afetivas e passionais, e contribuir para fornecer pistas de leitura. Esse estilo marcaria suas crônicas. Junto com a indignação pelo exagero, nesta crônica, pelo *dilettantismo photographico* que virara uma *doença nevrosa.*

> Clic! Clac! O Photographo! – Ah! um photographo!
>
> A scena foi rapida. Era na Avenida. Mme. de Figueirôa abriu nervosamente o leque, baixou a cabeça e deitou quasi a correr. Na sua frente, porém, um sujeito louro, com o kpdack na mão ria a bom rir, e quando a linda senhora passou a seu lado, cumprimentou:
>
> - V. Ex. fez muito mal, minha senhora. A chapa vae sair preta.
> - Vai sair preta?
> - Pois está claro! A cabeça encurvada, o leque escurecendo o rosto...
> - Mas o senhor vae fazer sair isto?
> - É para um jornal ilustrado. Com sua licença....
> - Tem que sair mesmo?
> - É fatal.
>
> Mme. de Figueirôa mordeu o labio, hesitou e, de subito, resolvida:
>
> - Então, se não ha remédio, tire outro instantaneo direito.
>
> E ficou de pé, numa pose de ave real, sorrindo, emquanto o moço louro de novo a kodackizava.
>
> Era na Avenida e a scena foi rapida. Mas, em outras ruas, em outros pontos da cidade, quantas scenas identicas a essa se passam? Por que nós temos agora mais um exagero, mais uma doença nervosa: a da informação photographica, a da reportagem photographica, a do dilettantismo photographico, a da exhibição photographica – a loucura da fotografia (João do Rio, *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 212-213).

A observação era obrigatória para João do Rio, possivelmente pelo positivismo que, nos últimos anos do Império e primeiros da República, imprimiu seu cunho racionalista à mentalidade brasileira [98]. Mas o agente decisivo foi o exemplo dos naturalistas europeus.

> O darwinismo, o evolucionismo, o positivismo, o socialismo que formavam a estrutura do pensamento contemporâneo, modificando os conceitos filosóficos, literários e sociais, levaram mais de vinte anos a atravessar o Atlântico. "No Rio de Janeiro, só de 1874 em diante é que, pela primeira vez, os nomes de Darwin e Comte foram pronunciados em público, em conferências ou escritos", afirma Sílvio Romero. (...) Entretanto – lembremo-lo mais uma vez – desde 1870, a inquietação política, que sucedera à relativa estabilidade dos primeiros trinta anos do reinado de D. Pedro II era

[97] Moisés, 1978: 247.
[98] Pereira, 1988: 119-120.

> um reflexo do espírito nacionalista da época. Mas enquanto os homens de ação pública se agitavam, redigiam o manifesto republicano, iniciavam a campanha abolicionista, os romancistas, em sua maioria, continuavam a escrever como se nada mudara (...) (Pereira, 1988: 119-120).

O certo é que João do Rio vivia em um meio de fraca coesão cultural, numa sociedade assentada no agrarismo ainda escravocrata – mesmo depois da abolição -, onde não se fazia sentir senão muito tenuamente as modificações que, na Europa, exigiam novas formas de expressão [99]. Mas num país onde se processavam experiências raciais de maior importância, onde as condições de existência variavam de requintes sofisticados da Corte ao primitivismo das populações rurais, suscitando um sem-números de problemas, o escritor voltou-se para o indivíduo como resultante dos choques entre a hereditariedade que plasmava o temperamento e a sociedade que condicionava a conduta – teorias da época:

> É provavel que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não ja ninguem cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolencia malandra dos negros e das negras. É todo um problema de hereditariedade e psycologia essa attracção morbida. Os nossos ascendentes acreditavam no arsenal complicado da magia da idade média, na pompa de uma sciencia que levava á forca e ás fogueiras sabios estranhos, derramando a loucura pelos campos; aos nossos avós, portuguezes de boa fibra, tremeram diante dos encantamentos os reis entre diamantes e esmeraldas (João do Rio, O Feitiço, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 25-26).

Em outra crônica, mencionou *o clima do planalto, o clima de S. Paulo é um poderoso transformador de homens. O clima que faz paulistas os estrangeiros* [100]*:*

> Chove. Devia ter sido imenso o temporal. O Rio, que pelas vidraças do camarote vejo, é um Rio inundado. Ha ruas que parecem canaes navegaveis. Ha praças que parecem atoleiros do certão. Ha fundos de casas como cáes, retendo a onda. Uf! E chove. Continua a chover desesperadamente.
>
> - O Sr. embaixador?
>
> - O Sr. embaixador ainda dorme.
>
> É o chefe do trem, gordo e meticuloso, que me responde. Faço-lhe a pergunta, aliás, apenas para dizer alguma coisa, para espancar a vaga melancolia, a minha saudade de S. Paulo. Quem sabe? Washington Luiz, conversador brilhante, demonstrava-me outro dia que o clima do planalto, o clima de S. Paulo é um poderoso transformador de homens. É o clima que faz paulistas os estrangeiros. Eu estou escandalosamente paulista. Cada vez mais. Quanto me enerva o Rio, quanto me agrada aquella gente civilizada. Um

[99] Pereira, 1988: 119-120.

[100] Por essa época, o escritor procurava enaltecer São Paulo por causa de sua admiração por Rodrigues Alves e Washington Luiz.

> instante que estive a conversar com o Dr. Duarte Leite, embaixador de Portugal e eminente espirito, pareceu-me vêr que elle tambem amava já S. Paulo e, como no mesmo comboio estamos, na manhã cheia de chuva, eu desejava falar, fazer perguntas e saber as impressões do notavel republico, desse fascinante Justino de Montalvão, e do sympathico secretario Paes Brandão (João do Rio, Volta de S. Paulo, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 61-62).

A linguagem de suas crônicas inclinou-se mais para o requinte da literatura da época simbolizada nos próprios ideais da Academia Brasileira de Letras, cuja fundação ocorreu em fins do século XIX. Depois do romantismo e *a preocupação com o pitoresco (a cor local, como se costumava dizer),* e das reformas políticas e sociais das décadas de 80 e 90, como a abolição e a República, reafirmaram as formas expressivas tradicionais e mantiveram uma narração em nível de linguagem culta [101]. *Nas colunas dos jornais, a esse tempo, pontificava um grupo de gramáticos e filólogos vigilantes, discutindo questiúnculas gramaticais ou polemizando em torno da colocação dos pronomes oblíquos* [102].

Nesta crônica, João do Rio registrou algumas peculiaridades da língua oral[103] e discutiu, sob a perspectiva evolucionista, a *lingua verde e o calão*. Assim como Júlio Ribeiro que considerou que a língua deveria ser compreendida como ciência, já que seus fatos poderiam ser descritos, analisados e comprovados se comparados *a espécies orgânicas que povoam o mundo* [104], João do Rio também partiu do darwinismo e considerou que como *nas espécies* [105] que tinham suas variedades devido à obra do meio ou de causas fisiológicas, as línguas tinham seus dialetos, ou *calão,* também influenciados pelo meio ou pelos costumes: *O calão é a seleção natural das especies sociaes,* e as *frases que tudo exprimem, e nascem, morrem, brotam em novas frases, incessantemente...* Sobre o carioca, escreveu: *Com meia duzia de ditos na rua constrõe-se o malandro carioca.*

> Ha agora pelas ruas da cidade um novo dito do populacho. Êsse dito é ouvido em cada canto e não exprime particularmente cousa alguma. É

[101] Preti, 1984: 109.
[102] Id., ibid.
[103] *Como se constitui uma manifestação escrita, a linguagem literária tem afinidades maiores com essa modalidade de língua. Por mais que se pretenda aproximá-la do fenomeno da oralidade, o escritor literário pressupõe uma elaboração por parte do escritor, ainda mesmo quando sua intenção seja a de aproximar o que escreve na naturalidade da fala* (Preti, 2003: 249).
[104] Fávero, Molina, 2006: 128.
[105] Júlio Ribeiro, 1913: 153- 154.

antes uma das mil faces da irreverencia arrogante da canalha. O malandro para, ginga, diz mordaz:

- E eu, nada?

É a sarjeta impondo-se, é o riso despreocupado do garoto estabelecenco por troça o seu alto lá! invasor de ultimo estado prestes a liquidar os superores. Nada mais ironico, de chocarrice mais apera. O cavalheiro conta uma mentira e sente interrupção corrosiva: - E eu, nada? O cavalheiro leva a conquista, e por traz ou de cara desnorteia-o a frase: - E eu, nada? O cavalheiro ganha o jogo, esbraveja, tem sorte, deplora-se, elogia-se. A frase vem como o obstaculo: - E eu, nada?

E eu, nada? para todas as cousas pergunta camaleão, ultimo grito da lingua verde e do calão!

E eu amo o calão. Propriamente, cada classe social tem o seu calão como as profissões o teem, original e exclusivista. Um idoma é uma floresta extensa com uma infinita variedade de especies botanicas. O empregado publico fala de certo modo, o militar de outro, os pintores tambem de outro. Ha grandes familias: o calão dos gatunos e assassinos, o calão do "high-life", o calão do meretricio. Um observador prenetrante, Raul de le Grasserie, assegura que a "glosa", isto é, o calão não passa a ser o reflector poderoso da moral que o inventa, e de quem o emprega corretamente. É o instincto animal perseguido que leva o criminoso a refugiar-se no segredo de uma linguagem mysteriosa; é o desejo do concreto, a necessidade de materialisar, de "vêr" as idéas, que fórma a "cataglosa", ou a maneira de falar da gente baixa; é a oecoglosa, a expressão habitual dos burguezes; é o desejo de grupar, de excluir importunos, o amor de se reconhecer por um certo costume oral, de se distinguir, de fazer mundo áparte, que cria o calão da gente chic.

O calão é a seleção natural das especies sociaes; e, ao ouvir um veranista de Petropolis ou um frequentador do Lyrico, póde-se afirmar que o seu falar "select" é tão calão como as piadas imprevistas dos malfeitores da Gambôa ou dos rufiões da rua S. Jorge.

Como, porém, ha calão e calão, o da canalha é para mim muito mais curioso pela dóse admiravel de psycologia latente e pela maneira por que se impõe. O numero, a quantidade, assoberbam fatalmente e obrigam o dominio do calão canalha. Não ha memoria de uma frase, de um qualificativo de salão que chegue á rua sem perder a significação. A ralé invade tudo com essa turbilhão de qualificativos e de frases que tudo exprimem, e nascem, morrem, brotam em novas frases, incessantemente. Nos ditos que correm as ruas verifica a gente que as cidades ainda são verdadeiras moradas da alegria...

Nós podemos fazer aqui um aprofundado estudo de raça e de costumes apenas com estas chispas vivas da lingua verde. Não ha comparavel em expressão. O debique, a troça, o pouco caso, a despreocupação, a blague, a intelligencia parecem juntar-se para fazer um desses ditos. O dito sáe espontaneo, péga, porque tem uma certa cadencia, uma certa correlação com o ambiente, e não ha em cuja efemera não seja a vibração de um latego.

O primeiro valdevinos que indagou:

- Quem foi que disse que eu chorava?

Devia tel-o dito a gingar, mãos abertas, batendo a chinela entre desafiante e desprezador.

É o mesmo caso dessa outra frase, que parece um gesto de braço espalhando gente: - "Se ha diferença, desmancha-se já!" Com meia duzia de ditos na rua constrõe-se o malandro carioca. Elle entra onde reina o rolo, diz logo:

- Não ha novidades. O delegado é o mesmo!

O delegado é o mesmo! Como não ha de pegar uma frase de synthese de tal ordem? O delegado é o mesmo, isto é, continua camarada, se fôr preso sáe logo, o homem fecha os olhos, arruma e não pensa no dia de ámanhã – o delegado é o mesmo, do mesmo relaxamento... Mas é admiravel!

Se vem alguem com conversas e "presepadas", o malandro chupa o cigarro, balança o corpo e tem tres frases, que são como relhadas. A primeira é de deboche:

- "Talvez te escreva..."

A segunda acentua-o:

- "Não venhas de borzeguins ao leito".

A terceira é mais grave:

- "Não sei ler, meu chefe!"

É definitivo. Não vai, não quer comprehender. A imagem é de uma evidencia absoluta. E, quando o outro se encoleriza, estas tres palavras: "Suspenda o pranto!..."

"Suspenda o pranto!... é talvez melhor que "o delegado é o mesmo".

Muitas dessas frases vem de certos habitos que os malandros quasi não uzam. É curioso saber que nas rodas baixas o aperto de mão jamais tem a significação do nosso meio. Na gente réles é um contacto raro e sem expressão; entre capoeiras, rufistas e jogadores de vermelhinhas, chega a não existir. Dois malandrins pódem atravessar uma rua inteira de mãos dadas como crianças. Nunca as apertam quando de encontram. O cumprimento mesmo, a aproximação diária é sêca, fria, desconfiada ou inexistente. Dahi todas essa expressões de "blague" e de escarnio, exagerando o cumprimento, que se tornaram ditos populares.

- "Como passou, já se casou? A feridinha do pé já sarou? Baptisou seu filho e não me convidou!"

E como as mulheres, apezar do dengue, conservam a troça:

- "Gente, carapicu tem dente que morte a gente! Menina, o trem na curva apita? Está bom, deixe, quando papai vier, mamãi faz queixa..."

Nasce-lhe da incomprehensão do gesto todo o sabor da frase, e é ahi, na difficuldade de comprehender que, como dizem elles, - o *Chico chora...*

Nesse torvelinho de frases, algumas vivendo dias apenas, outras immortaes, ha um certo numero de expressões typicas, de philosophias de sargeta em tres palavras, quasi immortaes. Ninguem sabe quem as disse primeiro, ninguem sabe a sua primeira significação. O facto é que servem para tudo, amoldam-se em casquinada a todas as cousas, e são por exemplo aquelle: "Oh! ferro! nunca vi tanto aço" de que a cidade vivia cheia ha tres annos, o imprevisto "cheirava-te", e esta agora: -"E eu, nada?"

"E eu, nada?" é uma frase que pinta um gesto, uma situação, um momento. O reverso desta formidavel época de avanço, não póde ser outro senão a indagação de alto lá! ironica e debochativa: "E eu, nada?"

No amor, no gosto, no prazer, no trabalho, na ambição, na gloria, no mundo, os que chegam depois, com algum atrazo, e não teem coragem para jogar a cabeçada, teem na ponta da lingua a frase fatal.

O general Pinheiro Machado, vendo que lhe tomam tudo, toca para Campos, cruza os braços:

- "E eu, nada?"

Os meninos do jardim da infancia vêem a rédea na mão dos velhos. Cada um por si exclama:

- "E eu, nada?"

O conselheiro Affonso Penna assiste, impassivel, ao enthusiasmo dos seus secretários. No fim, diz:

- "E eu, nada?"

A frase póde ser a divisão de metade maior, coo dizem as crianças, quando pedem a repartição de um bolo, porque a humanidade sempre se dividiu numa parte que come, e na outra que espera a vez. A que espera a vez está mesmo a dizer o – "E eu, nada?"

Frases taes valem por poemas e por tratados de sociologia. Quem a fez? ninguem sabe. Nascem do anonymo fal-a saltar ao ar de toda parte, por todos os cantos, e agora, no Rio, cidade de ambições, desvairadas, de riso, de

> troça, de luxuria, para todas as cousas, só ha uma frase: - "E eu, nada?" pergunta camaleão, ultimo grito dos sem vintem, da lingua verde e do calão! (João do Rio, O dito da "rua", In: *Cinematographo*, 1909: 121-127).

Quanto às ocorrências dos empréstimos linguísticos da língua inglesa e francesa nos textos de João do Rio, revelavam que o cosmopolismo em que vivia fora capturado. Por mais que no texto escrito, principalmente no literário, a totalidade da situação seja fornecida pelo próprio contexto da obra - isto é, o escritor, livre das pessões do tempo, tem condições de se abastecer de muitas informações sobre o assunto que pretende desenvolver assim como para se dedicar a uma organização mais cuidadosa dos procedimentos linguísticos que vai adotar em seu texto escrito [106] - motivava-o registrar sua experiência de vida, seu espaço urbano e as transformações na rua, em oposição à tentativa de dicionaristas e da vontade de filólogos de enclausurar as expressões.

Se a crônica tratava do espaço *snob,* João do Rio recorria aos empréstimos linguísticos ingleses e franceses; se tratava da miséria, dos *circulos infernaes*, dos antros do povo mundano, preocupava-se com o discurso angustiado do Rio encoberto – *tal grito penetra espaço a espaço esse mundo ao avesso* [107]. Parece que os assuntos da sociedade *Pall- Mall Rio* suscitavam uma linguagem mais aclimatada à *abertura official de festas na season*, o que não acontecia nos assuntos *das sombras da noite*.

Decerto, desejava interagir com seu leitor o texto que elaborava sozinho e que deveria se apresentar como um todo coeso e coerente com a temática abordada.

> A rua é transformadora das linguas. Os Candido de Figueiredo do universo estafam-se em juntar regrinhas para enclausurar expressões; os prosadores bradam contra os Candido. A rua continúa matando substantivos, transformando a significação dos termos, impondo aos dicionarios as palavras que inventa, creando o calão que é o patrimônio classico dos lexicons futuros. A rua resume para o animal civilisado todo o conforto humano. (...) As observações foram guardadas na placa sensivel do cerebro; as phrases, os ditos, as scenas vibram-lhe no cortical. Quando o *flaneur* deduz, eil-o a concluir uma lei magnifica por seu uso exclusivo, eil-o a psichologar, eil-o a pintar os pensamentos, a phisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebivel futilidade dos pedestres da poesia da observação... (João do Rio, A Rua, In: *A Alma Encantadora das* Ruas, 1910: 5-9).

Esses eram os elementos linguísticos – culturais/identitários – que caracterizaram a obra do autor. João do Rio não era um observador passivo, sentado em

[106] Preti, 2003: 36.
[107] Tindó Secco, 1978: 31.

um café ou em uma redação de jornal, mas também era um pedestre que acompanhava de perto as mudanças da cidade influenciada pela língua inglesa e francesa.

> Foi a imprensa que acertou de fazel-o assim, porque foram os jornalistas que tiveram a idéa de inventar os *five-ó-clocks*, de chamar algumas senhoras bellas de *lading-beaulies*, de arranjar *gentlemen set* e de ver tudo *up-to-date* entre senhoras que, mesmo de vestido de chitinha, usam *tea-growns*, servem o *samovar* e jogam o *bridge*, fomos nós que, munidos de quatro ou cinco magazines mundanos da America e da Europa, disparamos a fazer a fusão das linguas em nome da Elegancia (João do Rio, Ser *Snob,* In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 202).

Retomando, o jovem João do Rio frequentava, na época, e mesmo sem dinheiro, o badalado Café do Rio, na esquina das ruas do Ouvidor e Gonçalves Dias, *onde senadores e deputados, jornalistas e estudantes revezavam-se num borborinho ensurdecedor* [108]. As rodas pediam um café, um copo de água gelada e ficavam ocupando a mesa por horas, sob o olhar de desprezo dos garçons.

Também do Café Paris, instalado num dos melhores prédios do Largo da Carioca, com três andares, era reduto dos mais ricos e de artistas e intelectuais: pintores como Hélio Seelinger, os irmãos Chambelland, Timóteo da Costa, o dândi simbolista que sempre se vestia de negro Gustavo Santiago, Luiz Pistarini, Colatino Barroso, Carlos Fernandes, o flautista Patápio Silva, o fundador da revista *Atheneida* Trajano Chacon, o crítico musical Luiz Castro, o poeta Luiz Edmundo, futuro memorialista da cidade [109].

Em 1902 faliram o *Correio da Manhã* e *A Cidade do Rio* e João do Rio, após tentativa frustrada na diplomacia, foi trabalhar, por indicação do deputado Nilo Peçanha, como revisor na *Gazeta de Notícias*, de Adolfo Araújo. Essa folha abria maior espaço à literatura num momento de industrialização da imprensa, nada favorável à arte literária. Depois assumiu a coluna *A Cidade* desse jornal, com o pseudônimo de *X*. Em março de 1904 essa coluna deixou de sair e ele tornou-se, então, responsável por algumas entrevistas no mesmo jornal com a coluna: *O Brasil lê: João do Rio*.

---

[108] Rodrigues, 2010: 37.

[109] Segundo Rodrigues (2010: 39), *o quadro Boemia, de Seelinger, pertencente ao Museu de Belas Artes no Rio de Janeiro, é muito significativo desse clima sombrio. Em torno da mesa de um bar, um grupo de homens observa uma cigana (boêmia) exibir-se, ao som de um violão e um piano. Entre os espectadores é possível reconhecer as fisionomias dos pintores Rodolfo Chambelland e Thimóteo da Costa, do poeta Luiz Edmundo, da atriz Plácida dos Santos e dos críticos Gonzaga Duque e Paulo Barreto. Esse surge na extrema esquerda alta da tela, com chapéu, luvas brancas e bengalinha. A obra sem dúvida é uma reminiscência das reuniões de A Furna, como era conhecida a casa do pintor na esquina da Rua do Catete com a ladeira Guaratiba.*

Assim nasceu aos 22 anos *João do Rio*, pseudônimo atribuído à admiração que o autor tinha por Jean Lorrain, na verdade, Napoléon-Adrian Marx (*1837 +1906), jornalista do *Le Figaro*. Enquanto crítico de arte, João do Rio foi *Claude* e *X*, e assinou artigos esparsos como *João Coelho* e *Caran d'Ache.*

## 2.1 JOÃO DO RIO, O HOMEM E A OBRA

> Um jovem, chegado do norte, appareceu na redacção do jornal. Era noite. A sala estava cheia. As secretarias especiaes todas occupadas, a grande mesa do centro repleta de reporters, de cabeça baixa, escrevendo, enchendo tiras. A's janellas jornalistas conversavam. Á mesa do secretario, dois sujeitos pensiam supplices. As perguntas, os risos, as gargalhadas cruzavam-se.
>
> De instante a intante, o retinir do telephone ligava á administração, a delegacias distantes, á typographia. O redactor principal deixava o seu gabinete, com o sorriso nos labios. Estava admiravel e era tratado com deferencias especiaes. O carro esperava-o, um carro muito bem posto. Um literato em plena apotheose da chronica aclamada paradoxava num grupo, com, ares intimos e superiores. A medida tinha um traje impeccavel. A alegria inundava as faces, e o secretario, erguendo um pouco a voz, depunha na mesa um grande masso de convites para bailes, para jantares, para theatros, para pic-nics, para almoços, para ceias para sessões solennes e dizia:
>
> - Escolham!
>
> O jovem chegado do norte foi até o chronista. Que criatura deliciosa e feliz esse homem?
>
> De uma delicadeza de velludo, achando tudo facil, o mundo um jardim encantado, onde se colhe a flor que se quer, e a vida um sonho côr de rosa. Oh! estava desvanecido!
>
> Então conheciam-n'o no Norte! oh! A futilidade, o hoje que amanhã esquece!... E o que vinha fazer? Trabalhar? Mas os ministros eram uns anjos á procura de homens de talento, mas os empregos choviam... Queria acceitar do seu pobre jantar? Depois dar-lhe-ia um dos seus cartões permanentes para o music-hall, para a opereta, para o drama ou para o circo de cavallinhos – tudo a mesma coisa egual a circo. O rapaz chegado do norte acceitou por um excessivo acanhamento, e como a conversa se generalizasse, gaguejou:
>
> - Mas que força! mas que potencia que é uma empresa jornalistica!
>
> - Apenas a infancia, estamos na infancia, porque relativamente aos outros paizes as nossas tiragens são insignificantes. Mas é uma empresa esta que tem cerca de dois mil contos de material e que sustenta seiscentas pessoas mais ou menos.
>
> - Nunca vi um jornal por dentro...
>
> - Nunca? indagaram varias vozes de rapazes.
>
> - É facil. Quer vel-o agora?
>
> Deram-lhe explicações: a reportagem a redacção, a colaboração; mostraram-lhe gabinetes, livros de assignantes em cofres fortes para não se perderem em caso de incendio, os immensos halls da typographia e das linotypes, a sala da clichagem, a sala da photographia, a sala da gravura, a stereotypia, as machinas, seis ou sete machinas enormes, especies de monstros conscientes.

- Um jornal que custa 100 mil réis ao publico fica num numero commum, somando as diárias de todos os vencimentos, por quasi tres contos. Só a grande tiragem póde compensar...

- E essa obra tremenda faz-se hoje para recomeçar amanhã?

- Si nós não temos hontem? Vae achar inutil que um batalhão de gente se esbofe de trabalho para uma obra que já não serve amanhã? Que quer? A civilização! A ancia de novidade, da noticia, da mentira, do bluff...

- É espantoso!

- E si fossemos jantar?

Meio atordoado, o joven chegado do norte acompanhou o chronista, participando um pouco do brilho do homem celebre. Cumprimentos respeitosos, abraços, perguntas, gente que se voltava. Na Avenida um ministro que ia tomar o seu automovel parou, conversou. mais adiante o chefe de policia rasgou um cumprimento que parecia de delegado para o chefe. No restaurante foi um "brouhaha". O proprietario em pessoa veiu espalhar petalas de rosa na mesa. Das outras mesas, nomes de cotação na politica, na finança, na indústria cumprimentavam.

- V. Exa. toma como sempre?...

- Champagne , brut Imperiale, Appollinaris...

O jantar foi delicado e agradavel. O chronista falava com desprendimento de contos de réis, da sua amizade com o presidente da Republica. O joven indagava de certos nomes cuja fama até á sua provincia chegara.

- Ah! está muito bem. Tem talvez uns trezentos contos.

- E Fulano?

- Fulano é intelligentissimo. Ha dez annos dormia em rolos de jornaes. Hoje tem carro, tem para a amante no valor de 100 contos.

- E Beltrano, o grande poeta?

- Parte para Paris, a vêr a primeira do "Chantecler"...

No fim do jantar, elegantemente, o chronista facilitou ao joven dois ou tres ingressos de casa de espectaculo, mandou buscar um carro, despediu-se cheio de ternura e partiu. O carro era de praça mas esse final foi a gotta d'agua para o transbordamento da admiração. O joven chegado do norte, á meia-noite, estava no seu quarto, pensando. Tinha vinte annos, queria subir, rapidamente. Que melhor profissão a adoptar? O jornalismo leva a tudo, mas é, especialmente, a profissão sonhada: gloria, fama, dinheiro, tudo facil! Que outra profissão poderia ter tanto esplendor? E essa gente não tinha assim tanto talento, afinal. Ao contrario! Oh! pertencer a um jornal, fazer a chuva e o bom tempo para uma porção de gente, dominar, ganhar dinheiro, ter mulheres a seus pés, os homens no bolso, vir talvez a ser dono de um grande diario, privando na intimidade das potencias politicas...

No dia seguinte estava resolvido. Entraria para um jornal. Levou um mez para conseguil-o. Nenhuma capacidade de dentro das gazetas servia como empenho. Arranjou um industrial muito rico e um senador. O jornal estava na gaveta de ambos. Entrou e foi reporter.

Então elle viu a ancia perdularia por dinheiro dos jornaes; elle viu que as remunerações secretas dos governos são regateadas e pagas mal como as contas de um particular em apuros; elle viu que o não comprehendiam sincero e bom senão com o fito de gorjetas vergonhosas, elle comprehendeu o trabalho dilacerante e exhaustivo dos que tinham subido, e a furia com que se agarravam ás posições, atacados violentamente pelos invejosos da mesma profissão.

Não era um esplendor. Era a miseria infernal. Elle reporter, tinha um ordenado que seria irrisorio se o secretario não ganhasse uma somma mensal perfeitamente comica, e se o poeta admiravel não tivesse por cada chronica, assignada com o seu grande nome, o que qualquer barbeiro faz por dia. A qualquer parte onde fosse era traduzido por noticia. Não era homem, era um futuro numero de linhas não pagas. Nem sympathias nem affeições na vida dos profissionais. Inveja, malidicencia, calumnia, o horror, e o interesse

relativamente fraco deante da gula voraz de fóra, querendo o jornal para agente de todas as suas pretenções. A todas as autoridades servia esperando ser servido num empreguinho que não vinha. A quantos se approximavam-se punha-se ponte de passagem para uma gratidão que não surgia. Andava atrasado, individado, perseguido pelo alfaiate. E tinha deante de si essa coisa afflictiva e atroz que se chama: a bohemia de trabalho. Trabalha hoje pela manhã; trabalha amanhã imprevistamente, até de madrugada. Não almoça hoje por falta de tempo; ceia amanhã em vez de jantar.

Ao cabo de um anno tinha duzentos e concoenta mil réis por mez e já assignara uma "enquete" sobre costureiras. Não abrira mais um livro. Sentia-se sem saber nada e entretanto, capaz de comprehender e de tratar immediatamente de qualquer assumpto. Era uma especie de ignorancia excyclopedica, ao serviço de uma porção de gente, que delle se servia para trepar, para subir, para ganhar, com carinho e cynismo.

- O jornalismo leva a tudo, com a condição de delle sahir a tempo...

Mas sahir como? Com elle dera-se um conto de fadas. Vira um palacio rutilante. Entrará. Dentro havia principalmente contrariedades e as portas para sahir tinhas desapparecido. Oh! passar toda a vida a fazer noticias, a ser uma parte de gazeta que se repete todos os dias!... Quis vêr se lhe augmentavam o ordenado. Mas se havia na casa reporters de sessenta mil réis por mez? A unica posição conveniente era no jornal a de director. Director ou gerente. Quanto dinheiro! Quanta honra! Mas tambem como essa honra era relativa de uns maganões politicos que lisonjeavam para obter o nome impresso com elogio! Como em dinheiro o arroto mentia! Uma vez disseram-lhe que seu jornal recebera sessenta contos para defender um negocio complicado. Junto aos sujeitos que fingiam ter pago, elle ouviu as phrases normaes.

- Não podemos fazer mais... estes jornaes... temos sido muito gentis.

- Seis dezenas de contos...

- Oh! não falemos nessas ninharias.

As ninharias de seis dezenas de contos limitavam-se ao pagamento á linha das publicações feitas por elles, e pagamento á linha das publicações feitas por elles, e pagamento regateado e atrazado.

Isso deu-lhe um grande desgosto. os jornaes barateavam-se. Grandes torres levantadas á vaidade humana eram aproveitadas barato de mais. Se as opiniões não existiam, se um sujeito querendo uma nota na primeira pagina estava certo de a obter, porque dal-a por um preço irrisorio e as mais das vezes grátis, tudo quanto ha de mais gratis? Essa barateza geral era em tudo. O jornal desconhecia a sua força phenomenal, a força que elle sentia onte estivesse.

- É do jornal.

- É reporter!

Certo havia um vago receio. Mas podia fazer tudo; era tratado com considerações especiaes de primeira figura.

- Arranjas-me isso?

- Eu? Não posso...

- Você, do hornal tal!...

Poderia elle? Não poderia? Podia ás vezes, pedindo a toda gente que conhecia.

Alguns atendiam, quando indirectamente iam receber um grande obsequio por seu intermédio. Assim, fez-se correspondente telegráfico, com os politicos de alguns Estados na mão, telegraphando tudo quanto o jornal ia dar. Com o pescoço comprido viveria das ramas. E as ramas deram-lhe redobrado serviço, fizeram-n'o mentir com desassombro. Ao cabo de um anno, convencido do seu valor para a galeria, tinha uma sinecura de oitocentos mil réis do governo, recebia avisos reservados do ministério em que exercia o jornalismo, ganhava um conto e tanto de jornal.

> A ambição, as preoccupações, os interesses, os negocios tomavam-lhe a alma. Queria ter mais, queria ter muito mais – e o jornalismo chegando a um certo ponto não dá mais. Muita vez pensando, elle não sabia dizer a sua situação. Era pouco definida. Poderia no dia seguinte...
>
> Mas com elegancia comia nos primeiros restaurantes, com 20% de abatimento, posava gratis nas confeitarias para levar concorrência, conseguia que o que lhe pediam favores correspondessem com o maximo.
>
> - Grande cavador, você!
>
> - Cavador, o homem que trabalha forçando o seu temperamento...
>
> Deus um balanço na alma; viu quando tinha peorado em tudo, sentiu mesmo a inanidade de uns dinheirinhos. E entrou na redacção, onde já era redactor.
>
> E succedia que outro joven chegado do norte apparecera.
>
> - Então, o sr. quer ser jornalista?
>
> - Eu desejava...
>
> - Não cáia nessa. É uma vida infernal! de cem vence a metade de um. Tudo isso é illusão. ire estes rapazes! Não sáe nickel. Examine-os. Estão todos doentes. Não é vida; é uma torrente!
>
> - Mas o sr... murmurou o recém-vindo.
>
> - Eu cheguei ha alguns annos. Mas si fosse a recomeçar preferiria quebrar pedra. Seja empregado publico!
>
> - Não, eu vou ser jornalista.
>
> - A attracção, o inferno...
>
> E o jovem que tinha chegado do norte alguns annos antes, vendo a resolução do que chegára hontem, já temendo a victoria desse, já temendo uma antipathia, já temendo o ataque de jornal de que tinha um louco medo, covarde, assustado, neurasthenico, insincero, sorriu, abrandou a voz.
>
> - Que ha de fazer? Com estas disposições vence-se. Estou ás suas ordens para ajudal-o a collocar-se... (João do Rio, Esplendor e miseria do jornalismo, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 172-180).

Para melhor entendermos, a crônica aderiu ao jornal brasileiro definitivamente *depois do século XIX* [110] e impôs-se como veículo de informação e cultura. Dessa maneira, cumpriu a função de informar os sucessos do dia, além de *desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia*. Oscilou, pois, sua estrutura, entre a reportagem e a literatura, *entre o relato impessoal, frio e desdolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia* [111].

> Daquele romance quilométrico servido em fatias, picadinho de romance, que, dia após dia, e por anos a fio ocupa o privilegiado rodapé de nossos jornais, como ocupou os de Paris, a partir de 1840, chegando a da matriz parisiense paquete após paquete. Mas mesmo aquele paquete vai trazendo também revistas, jornais, notícias, livros, modas, diz-que-diz, revoluções, da mesma excelsa matriz. Paris dos sonhos, os bailes do Imperador, caro a Rubião, e ao *Brésilien*, personagem das *Gaités Perisiennes* de Offenbach, fornecendo a matéria prima importada que vai amalgamar com a prata da casa, luar de botafogo, e Cruzeiro do Sul, entrudo e baile de máscaras, *soirées* e o toque do Aragão, modistas da Rua do Ouvidor e a última peça do Ginástico, a última ópera, o novo ministério e o *bond*, o

[110] Moisés, 1978: 245.
[111] Id., ibid., p. 247.

> ônibus e o feitor, o passeio a Catumbi e as enchentes, a limpeza das praias e a máquina de costura, assunto eterno, a *Constituição*, *et j'em passe*, para compor a apetitosa mistura que vai rechear o espaço vazio do jornal aberto à recreação, o *folhetins*, ou *Variedades*, ou, ou, ou. Dando, por exemplo, O FOLHETIM DO JORNAL DO COMÉRCIO e o *folhetim do Jornal do Comércio* (Meyer, 1992: 130).

A crônica bem criada pelas reportagens inusitadas que agitavam o cenário da época, como que *pílulas de fácil digestão, pois que se dirige ao público médio* [112], vai destacar João do Rio. Como nesta crônica a seguir:

> Atravessámos uma aléa de sapucaias. O terreno enlameado pegava na sóla dos sapatos. Justino ia á frente, com um preto que assobiava dous cães sujos e magros. Por entre os canteiros incultos crescia a herva damninha, e os troncos das arvores, molhados de luar, pareciam curvar-se.
>
> - Entramos no inferno?
>
> - Vamos ao sabat moderno.
>
> Tinhamos chegado ao velho predio, que emergia da sombra. O negro empurrou a porta e todos tres, mysteriosamente, penetrámos numa saleta quasi escura, onde não havia ninguem. Justino lavou as mãos, respirou forte e, abrindo uma outra porta, sussurrou:
>
> - Entre.
>
> Dei numa vasta sala cheia de gente. Candieiros de querosene com reflectores de folha pregados ás paredes pareciam uma fileira de olhos, de fócos de locomotiva golpeando as trevas numa pertinaz interrogação. A atmosfera, impregnada de cheiros máos de pó de arroz e de suor, suffocava. Encostei-me ao portal indeciso. Remexia e gania entre aquellas quatro paredes o mundo estercorario do Rio. Velhos viciados á procura de emoções novas, fufias hystericas e nymphomaniacas, mulatas perdidas, ralé da prostituição, typos ambiguoas de calças largas e meneios de quadris, caras lividas de *rôdeurs* das praças, homens desbriados, toda essa massa heteróclita cacarejava impaciente para que começasse a orgia. Os velhos tinham olhares cupidos, melosos, os typos dúbios tratavam-se entre si de comadres, com as faces pintadas, e a um canto o empregado dos Correios, esticando o pescoço depennado de condor, fixava na penumbra a presa futura. Não era uma religião; era um começo de saturnal.
>
> Senti que me tocavam no braço. Voltei-me. Era um poeta muito vermelho, que cultivára outr'ora, numa revista de arte, o satanismo litterario. Desiquilibrado, mattoide, o Carolino estava alli em parada intima de perversão poetica.
>
> - Também tu? fez apertando-me a mão entre as suas viscosas de suor. Curioso, hein? Mas palhaçada, filho, palhaçada! É a segunda a que eu assisto. Uma missa negra de jornal de Paris com ilustrações ao vivo... Imagina que nem ha padres. O officiante é o degenerado que anda á noite pelas praças.
>
> - E as hostias?
>
> - As hostias, essas ao menos são authenticas, roubadas ás egrejas. Dizem até... Esticou-se, colou a bocca ao meu ouvido como quem vai fazer uma espantosa revelação: dizem até que ha um sacristão na cidade a mercadejal-as. É para quem quer... hostias a dez tostões. É boa!
>
> Mas que differença, meu caro, da missa antiga, da verdadeira!
>
> - Não se mata ninguem?

[112] Moisés, 1978: 250.

- É lá possivel! E a policia? Já não estamos no tempo de Gilles de Rais da Montespan... Bom tempo esse!

Pousou os dedos no peito, revirou os olhos saudosos. Era como se tivesse tido relações pessoaes com Gilles e a Montespan.

A turba entretanto continuava a piar. Todas as janellas fechadas faziam da sala um forno. Carolino encostou-se também e deu-me informações curiosas. Estava vendo eu uma rapariga loura, com uma fistula no queixo e oculos azues? Era uma *troutesse* da praça Tiradentes. Certo homem pallido, que corcovava abanando-se, era artista peladinista, outro gordo e flacido fazia milagres e intitulava-se membro da Sociedade de estudos Psychicos. Havia de tudo... Uma senhora, vestida de negro, passou por nós grave, como cançada.

- É esta?

- É a princeza... Uma mulher original, estranha, que já adorou o fogo...

- Mas você está fazendo romance. Isso é litteratura. agente do vicio. Porque estou eu aqui? A litteratura, Huysmans, o conego Docre do *Là-Bas*, os livros enervadores. Os que arranjaram estas scenas, o rapaz dos Correios, o Justino, o Bóde...

- O Bóde?

- É o nome satanico do sacerdote... têm o cerebro como uma sandwiche de litteratura.

- Mas o resto, estas quarenta pessôas que eu vejo, tenho a certeza de vêr e que encontrarei telvez amanhã nas ruas?

- Em ruas más... São depravados, pervertidos, doentes, endemoinhados! Satan, meu amigo, Satan, que os padres arrancam dos corpos das mulheres no Rio de Janeiro, a varadas.

- É sempre o melhor meio.

- O unico efficaz – mas que nos tira a illusão e a fantasia... Confesse. É o goso a descida ao abysmo da perdição como Deus do Mal, este bando de gosma em que, de irreaes as scenas, não as acreditam os nossos olhos, ao vêl-as, nem os nossos ouvidos ouvindo-as. Começa a cerimonia... Entremos. Só falta aqui o fallecido coronel...

Abrira-se uma porta, a da casa de jantar, e a crápula entrava a encontrões dando-se biliscões, com o olhar guloso e devasso. Entrámos também.

Como era possivel a desillusão de Carolino! A missa negra a que eu assisti, era uma parodia carnavalesca e sadica, uma mistura de varias missas com invenções pessoaes do sacerdote. Havia phrases do officio da Observancia, trechos sacrilegos do abbade Guibourg, a missa de Vintras, esse doido formidavel, aparatos copiados aos Ausariés da Syria e um desmedido deboche, o deboche do theatro S. Pedro em noite de carnaval, se a policia não contivesse o desejo e as portas se fechassem. Carolino tinha razão.

O erotismo ambicioso de outr'ora devia ser mais interessante. Goubourg aspergindo d'agua benta o corpo nú da Montespan deitada nos evangelhos dos reis, os pombos queimados, a paixão de Nossa Senhora lida com os pés dentro d'agua, o ciborio cheio de sangue innocente no centro das sensações, tinham um fim. A missa de Ezequiel, o officio supremo em que, além de Satan, apparecem Belzebuth, Astarob, Asmodeu, Belial, Moloch e Baal-Phagor, era religiosamente terrivel. A que os meus olhos viam, não passava de phantasia de debochadas e hystericas necessitando do refle policial e do chicote.

A casa de jantar estava transformada numa capella. Ao fundo levantava-se o altar-mór, ladeado de um pavão empalhado com a cauda aberta – o pavão symbolo do Vicio Triunphal. Nos quatro do tecto, morcegos, deitados em corações de apael vermelho, pareciam assustados. Pannos pretos com cruzes de prata voltadas cobriam as janellas e as portas.

Do altar-mór, que tinha tres degraús cobertos por um pellego encarnado, descia, abrindo em fórma de leque, um duplo renque de castiçaes

altos, sustentando tochas accesas de céras vermelha. Era essa toda luz da sala. O banso tomou posições. Alguns riam; outros, porém, tinham as faces pallidas, olheiras, dos apavorados. Nós, eu e o poeta, ficámos no fim. Um silencio cahiu. Do alto, pregado a cruz tosca, uma esculptura infame pretendia representar Christo, o doce Jesus! Era um boneco torpe, de bigodes retorcidos, totalmente excitado, que olhava os fieis com um olhar trocista e o beicinho revirado.

- É horrendo.

- Se estamos na casa do horrendo! Guarde a sua emoção. Tudo isso é religião O mesmo fazem com Iskariote no sabado de Alleluia os meninos catholicos.

Guardei. Vinham aparecendo aos saltinhos, num andar de marrecos presos, quatro sacristães com as sotainas em cima da pelle. Esses efebos diabolicos, de faces carminadas e sorrisinhos equivicos, passeavam pela sala como *ménagères* preoccupadas com um jantar de cerimonia, dando a ultima de mãoá mesa. Depois surgiu um negrinho de batina amarella, com os pés nús e as unhas pintadas de oiro. Trazia os braseiros para o incenso e quando passava pelos homens erguia de vagar o balandrau côr de enxofre. A princeza, adorada do fogo, olhou-o com gula e ia talvez falar, quando appareceu o sacerdote acompanhado de um outro sacristão exotico. À luz dos círios que estalidavam, nessa luz vacillante e agônica, o mulato era theatral. Alto, grosso, com o bigode trincado, as olheiras papudas, os beiços sensuais pendentes, fez a appareição de capa encarnada e báculo de prata, com os symbolos da Shiva potente.

- Esse homem é doido?

- Um sadico intelligente. tem como prazer unico crime de um príncipe que ha um anno agitou a moral acchiduvidosa de Londres... Ainsa não conversou com elle? Muito interessante. Ha tempos inventou a divina juncção dos sexos num typo unico, o androgyno satanico. É admiravel...

- A litteratura! fiz.

- O mal! retrucou o poeta cynico, e apontou o Dr. Justino.

O pobre medico encostado a uma das cruzes batia palmas clamando.

- Satanaz! Satanaz! Nosso Senhor! Acode!

O sacerdote virou-se. A cauda estrellada de um pavão cobria-lhe o peito da tunica.

Curvou-se, juntou as mãos, e a parodia da missa catholica começou, em latim, mudando apenas Deus pelo Diabo. Era tal qual, curvaturas, gestos, toques de campainha, respostas dos sacristães, tudo. De repente, porém, o homem desceu os tres degráus, os sacristães surgiram com thurybulos enormes, e elle, despregando a casula surgiu inteiramente nú, com o cavagnac revirado, a mão na anca, cruel como o proprio Rebelde. As mulheres, os pequenos equívocos, o occultista arrancaram as roupas, rasgaram-se emquanto o seu dorso reluzente e suado curvava-se deante dos incensos. Depois de novo, com uma voz do metal bradou:

- Senhor! Satan! Gloria da terra! Tu que aclamara os pobres homem, Fonte de ouro, mysterioso Guarda das criptas e dos antros; Tu que moras na terra onde o ouro vive; Causa dos peccados; Amparo da carne; Delirio unico; Fim da vida; - deixa que te adoremos! Não te exterminaram as soitanas baratas, não te perdes o Ouro, não se acabará nunca o teu poderoso imperio, ó Logica da Existencia! Satanaz, estás em toda parte; és o Desejo, a Razão de Ser. o Espasmo! Ouve-nos, apparece, impéra!

Não vês na cruz o larapio que roubou a tua labia e o teu saber?

- Deus! murmurei.

- Guarde a sua emoção, meu amigo. É do rito. Elles dizem que Jesus foi o principio, de Lucifer...

- É preciso encarnar o magico, continuava o homem, neste pedaço de pão; é preciso magual-o, fazel-o sofrer, mostrar-lhe que és unico, impassivel e admiravel. Que seria da humanidade se não fosse o teu Auxilio,

ó Portador dos gozoz, ó Desmascarador das hypocrisias? Todo mundo soluça o teu Nome, a Persia, a Chaldéa, o Egypto, a Grecia, a Roma dos roubadores da tua Pompa. Olha pelo mundo a victoria, os philosophos, os sabios, os médicos, as mulheres. Os philosophos desviam o amor do Outro, os sabios a crença, os médicos arrancam dos ventres a maternidade, fazem as asexuadas delirantes, esmagam as creanças, as mulheres escorrem a lascívia e o ouro! Nós todos prostrados adoramos-te, diante do impostor, do mentiroso, desse que aconselha a renunciar á Carne! Que venha o dinheiro, que venha a Carne! que se esmage os seios das mulheres e se lhes crave o punhal da luxuria em frente ao impostor... Jesus ha de descer á hostia; tu queres!

Deixou cair o braço. Na face dos eotomanos a loucura punha rictus de angustia.

O sacerdote espumava, e a fumaça dos incensarios de tão espessa parecia envolver-lhe a indecorosa nudez n'uma chlamyde de cinza, estrellada de círios.

- Ó Rei poderoso das satisfações, os que te acreditam abandonam as cobardias da vergonha, as pregas do pavor e a estupidez da resignação. Envia-nos Astaroh, dá-nos o amor, faze-nos gosar o prazer, faze-nos...

Um palavrão silvou, sagrado como a Biblia. Houve um complexo de urros e guinchos.

- *Amém!* cacarejaram os pequenos.

- Tu que és o Vicio Amplo, ajuda-nos a violar o Nazareno, para a gloria immensa.

Outro palavrão estalou. Metade do grupo não comprehendia o *galimatias* blasphemo, mas as phrases indignas eram como varadas ascendendo a lubricidade, e a gentalha então, com o gesto lubrico dos macacos, cuspinhava improperios.

O sacerdote não descansou. Atirada a palavra, trepou nos degráos, colocou uma mitra immoral no craneo, e, estendendo entre os dedos uma hostia branca de neve, encostou-se ao altar vacillante.

- Que vai elle fazer?

- Vai ao sinistro banal...

Que Deus seria esse? Ia perguntar ao poeta, mas não tive tempo. Um dos sacristães trepara ao altar, com o calice na mão. Como coroado pelos pés do Christo, o pequeno com tremores pelo corpo, tics bruscos, garrões de nervos, o olhar embaciado sujeitava-se á extirpação do baptismo da hostia, e emquanto o braço do sacerdote num movimento cruel sacudia-o, sua voz ia dizendo:

- Que Satan o faça encarnar...

De repente o braço estacou. O pequeno tombara babando. Houve então a apotheose.Com a hostia poluida, o homem nú desceu gritando; os brazeiros cahiram por terra, os homens ambiguos com gargalhadas infames rolavam; mulheres estrábicas trepavam pelo altar do quatro pés, querendo comer as migalhas da hostia húmida. A rapariga de oculos azues com os cabellos presos a um círio estendia o corpo convulsionado; o occultista gordo gania, em torno do malandro nú, o *sacerdos*; uma teoria de satyros e fúrias hydrophobas mastigava enojada os pedaços da hostia que o rapaz de pescoço de condor cuspinhara. A fumaça dos círios suffocava, alguns castiçaes tinham cahido.

- Hein? fez o poeta, por *pose.* Mas tinha os olhos injectados e tremia.

Então, agarrei-o, passávamos á sala em que os corpos redomoinhavam promiscuamente no mais formidavel dos deboches tombados. Dous synetas puxaram-n'o. Claudino amparou-se no depestal do pavão, o Vicio Triumphal rolou. Demos na sala dos reflectores, desesperados. A sala parecia na sua silidão uma *gare* de crime deserta. Entrámos na outra em que Justino rolava num canapé sob a pressão de íncubos sufficientes e reaes. O negro abriu meia porta:

- Não querem a agua maldita?

> - Não.
> - V. S. vai assustado. Não diga nada, meu senhor. Deus lá em cima é que lhe dá essa castigo.
> Deixei-o a fallar, deitei a correr como um doudo, na noite enluarada. Ouro, prostituição, infamia, canalhice, sacrilegio, vergonha! Mas que é tudo isso diante da castidade immaculada dos elementos? Dos altos céos immensos que estrellas cravejavam de gloria, a lua derramava por sobre a calma da noite um manto inconsutil de crystal e ouro, e a terra inteira, cheia de paz e de doçura, abria em perfume sob o sudario de luz, infinitamente casta...
> E foi como se, arrancado ao inferno de um pesadelo lobrego de nojo e perversão, eu voltasse á realidade misericordiosa de bondade da vida (João do Rio, A Missa Negra, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 163-172).

Se, por um lado, o próprio veículo – o jornal – obrigou o autor, ao descrever um episódio, a esta excessiva referencialidade, por outro se observa, em seus textos, uma independência que se contrói em pequenos espaços criados por comentários e digressões ligados ao tema central [113]. Sem deixar de recorrer ao sentido metafórico mais amplo da ficção, como ocorre com as formas em prosa, a História presente de suas crônicas alcançaram larga difusão e aceitação.

> Como procede todo autor de ficção, com a diferença de que o cronista reage de imediato ao acontecimento, sem deixar que o tempo lhe filtre as impurezas ou lhe confira as dimensões de mito, horizonte ambicionado por todo o ficcionista de lei (Moisés, 1978: 247).

Para João do Rio, *a chronica*:

> evoluiu para a cinematographia. Era reflexão e commentario, o reverso d'esse sinistro animal de genero indefinido a que chamam: artigo de fundo. Passou a desenho e a caricatura. Ultimamente era photographia retocada mas sem vida. Com o delirio apressado de todos nós, é agora cinematographica, - um cinematographo de letras, o romance da vida do operador no labirintho dos fatos, da vida alheia e da fantasia – mas romance em que o operador é personagem secundario arrastado na torrente dos acontecimentos. Esta é a sua feição, o desdobramento das fitas, que explicam tudo sem reflexões, e como o seculo está cançado de pensar, e como a frase verdadeiramente exata das humanidades na fartura dos casos é o classico: - já vi! o operador escreve despreocupado lhe importando que vejam a fita, que a comprehendam ou não, ou que tornem a vê-la.
> Segue-se d'ahi que nem a fita se revê, nem a pagina precida com a vida se torna a lêr. Supremo consolo! Desagradou ou encantou. Não houve tempo de reler para notar defeitos – mesmo porque não ha tempo para nada. A grande idéa dos que mudam o aparelho da reprodução da vida seria que os espectadores esquecessem o que já disseram na fita passada para sentir a

[113] Bastos, 1992: 229.

> novidade da proxima. Assim poderiam contradizer-se sem escandalo – o que é um goso intellectual superfino, e parecer sempre novo – o que, apesar de accendrados reclamos, não o consegue ser agora nem mesmo o velho e decadente Destino... (João do Rio, *Cinematographo*, 1909: X-XI).

*As Religiões no Rio* foi publicada na Gazeta de fevereiro a março de 1904 e seguiu a mesma estrutura de uma obra publicada anos antes no *Le Figaro* de Jules Bois, posteriormente publicada em 1898 no volume *Les petites réligions de Paris*: o narrador visita templos e sacerdotes de religiões desconhecidas de uma grande metrópole.

> A Religião? Um mysterioso sentimento, mixto de terror e de esperança, a symbolisação lugubre ou alegre de um pode que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassalador, o equivoco, o medo, a perversidade...
>
> O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverencia, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa.
>
> Ao ler os grandes diarios, imagina a gente que está n'um paiz essencialmente catholico, onde alguns mathematicos são positivistas. Entretanto, a cidade pullula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. São swendeborgeanos, pagãos, litterarios, physiolatras, defensores de dogmas exoticos, auctores de reformas da Vida, reveladores de sangue, descendentes da rainha de Sabá, judeus, schismaticos, espiritas, babalãos de Lagos, mulheres que respeitam o oceano, todos os cultos, todas as crenças, todas as forças do Susto. Quem atravez a calma do semblante lhes adivinhará as tragedias da alma? (João do Rio, *As Religiões no Rio*, 1906).

A inspiração pode ser francesa, bem como a estrutura - o narrador visita templos e sacerdotes de religiões desconhecidas de uma grande metrópole -, algumas seitas são comuns com títulos diferentes aos publicados no *Le Figaro* - *A nova Jerusalém- Les swendenborgiens*; *O Satanismo – Vintras, Boullan et le satanisme*; *A Igreja Positivista - Le culte de l'Humanité*; mas há mais diferenças que semelhanças, até sobre *A Egreja Positivista*, afinal João do Rio pesquisou sobre nossos cultos e visitou nossos templos, os templos do Rio de Janeiro, as personagens são da cidade, bem como o estabelecimentos dessas igrejas em solo nacional.

> Não é um trabalho completo. Longe disso. Cada uma dessas religiões daria farta messe para um volume de revelações. Eu apenas entrevi a bondade, o mal e o bizarro dos cultos, mas tão convencido e com tal desejo de ser exacto que bem póde servir de epigraphe a este livro a frase de Montaigne:
>
> "*Cecy est um livre de bonne foy."*
>
> (João do Rio, *As Religiões no Rio*, 1906).

Nota-se, também, a preocupação do autor em imprimir a terminologia própria, o discurso de cada religião em suas crônicas, embora confessasse com ironia: *Eu não comprehendera muito bem, não comprehendera mesmo nada.*

Assim explicou o *hierofante Magnus Sondal* quando o escritor resolveu interrogá-lo sobre a *physiolatria*:

> - Os physiolatras, os que praticam a magia orthologica, não precisam de local determinado. São os novos homens, fazem excursões pelos prados, montes e lagos em Fraterias Estheticas, Philosophicas ou Orthologicas, conforme o gráo do *ludambulos.*
> - *Ludambulos*?
> - Uma palavra da lingua universal!
> - O *volapuck?* O *esperanto?*
> - Não, uma lingua inventada por mim, o *Al-tá.*
> - Mas que vem a ser o Al-tá?
> - Applicando a Orthologia (ou Logica Universal) aos factos da Linguagem, verifica-se que os elentos fonéticos, sons e entonações (ou consoantes e vogaes) são por toda parte idênticos. Deduz-se que são oriundos das mesmas impressões e resultantes das mesmas aptidões expressionaes. Collocando em *synese*, descobre-se que os *sons*, que exprimem *relações*, fórmam uma escla semitonal, como a da musica, como a da musica, e composta de *treze notas*, ou graves *primarias* como todas as escalas, aliás: - **U** (grave fumdamental) **A** (dominante e geratriz) e **I** (sensível superior) estabelecem todas as relações synésicas:

| **U** | **A** | **I** (e **U**) |
|---|---|---|
| Gênese | Mégaphorêma | Métaphorêma |
| Origem | Crescimento | Transformação |
| Passado | Presente | Futuro |
| Corpo | Espaço | Movimento |
| Sentir | Pensar | Agir |
| Oppressão | Libertação | Aspiração |
| Escuro | Amarello | Rubro e Branco |
| etc. | etc. | etc. |

> Quanto ás entonações, essas formam tres *teclas*, donde tres escalas, tambem, analógicas mas distinctas:

**H** (geratriz)

| Tecla guttural | Tecla dental | Tecla labial |
|---|---|---|
| K (Chave) | T (Chave) | P (Chave) |
| G (guê) | D | B |
| Ch | R | F |
| J | r (brando) | V |
| . | L | . |
| . | Lh | . |
| . | S | . |
| . | Z | . |
| . | N | . |
| . | Nh | . |

> Applicando a Synése ortologica ás Teclas oraes, como se faz relativamente aos Sons, temos:

| | | |
|---|---|---|
| Tecla gutural | Tecla dental | Tecla labial |
| Gênese | Mégaphorêma | Metaphorêma |
| Objectivo | Subjectivo | Activo |
| | | Ergonimia |
| Eidonomia | Eimologia | e |
| | | Erostergia |

Detalhando, emfim, o valor fraccional dos phenômas em geral, obtem-se, por deducção logica, a *expressão natural*; - de qualquer especie de impressão: - sensacional, emocional ou accional... e a Lingua Universal está, emfim, *racionalmente* instituída.

Exemplo perfunctório:

**K** é a raiz de *Corpo, concrecto,* etc.

**A** significa o *actual* e *acção, donde:*

Activo: **K A –** o Corpo que se apresenta e se móve.

e

Passivo: **A K –** o Corpo que é impellido ou soffre a acção.

**M** é o symbolo do sentir e agir, donde:

Passivo **A M** = *Eu = amo = sou...*

e

Activo: **M A** = *Mu =mover = mãi, mulher... crear.*

Eu não comprehendera muito bem, não comprehendera mesmo nada (João do Rio, Os Physiolatras, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 83).

João do Rio conversou com o *velho positivista* Teixeira Mendes, no templo da Humanidade na rua Benjamim Constant, para escrever sobre a *Egreja Positivista.* Também o escritor era o primeiro filho do positivista gaúcho Alfredo Coelho Barreto que, ao mudar-se para o Rio, em 1872, estudou medicina e mecânica na Escola Politécnica. No mesmo ano do nascimento do autor, em 1881, teve por concurso a cadeira de mecânica e astronomia no internato do Ginásio Nacional, hoje Colégio Pedro II. Então, sabia como *conversar* e o que escrever:

O amor por principio
E a ordem por base
O progresso por fim

Era domingo, á porta do templo da Humanidade, na rua Benjamin Constant.

Com o céo luminosamente azul e o sol tepido, havia muita concurrencia nessa rua, de ordinario deserta: - senhoras, cavalheiros de sobrecasaca, militares, creanças. Uns subiam logo as escadas do templo, cuja fachada recorda um templo grego; outros, mais intimos, seguiam para o fundo, pelo lado direito. Teixeira Mendes fazia a sua prédica dominical.

Tinhamos ido conversar com um velho positivista. A principio elle annunciara um profundo desprezo pela frivolidade jornalistica e a imprensa. Mas depois, como eu risse sem rancor, permitiu-se levar-me até a Egreja e foi tão bondoso que alli estávamos... (...).

- Não é possivel negar a influencia positivista da nossa politica, sobre os brasileiros cultos, ia eu dizendo, mas o publico...

- Os jornaes...

- ... o grande publico não comprehende e irrita-se. O meu amigo póde falar de Spencer, de Kant, de outros philosophos. Passa por erudito e é respeitado. Basta porém, fallar de Comte para que o tomem por um

> exquisitão e perguntem injuriosamente se essa é a religião de Clotilde de Vaux.
>
> - É natural. É gentinha que não conhece o culto, adulterado por escritores anarchicos. Mas você vê que os honestos já começam a compreender a doce religião que submetteu a intelligencia ao sentimento.
>
> - Tem-lhe custado.
>
> - Positivismo tem quarenta annos de propaganda no Brasil. Em 1864, o Dr. Barreto de Aragão publicava uma arithmetica dando a hierarchia scientifica de Comte e o Dr. Brandão escrevia a *Escravidão no Brasil.* Foram esses os primeiros livros positivistas, hoje quasi desconhecidos. Depois é que o positivismo começou a ser falado entre os mathematicos e que os professores da central e da Escola Militar deram em citar a *Astronomia* e o primeiro volume de *Philosophia.* (João do Rio, A Egreja Positivista, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 59-60).

Sobre a *Egreja Positivista* no país, escreveu como que fazendo um inventário:

> No Brasil os ortodoxos devem ser uns 700. Os sympathicos não se pódem mais contar. As gerações que sáem da nossa Escola Militar são quasi que composta de sympathicos...
>
> -E a influencia moral augmenta?
>
> O positivista confessou com tristeza.
>
> - Vai se tornando fraca. Não se admire. Será por fraqueza dos apóstolos? Será porque o publico se afasta da realidade, corrompido moralmente? O facto é patente. Ainda ha pouco o *privilegio funerário* foi uma campanha perdida... Mas entremos.
>
> Com o chapéo na mão, nós entramos (João do Rio, A Egreja Positivista, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 66).

A função jornalística, informativa, assume o caráter literário na crônica que se caracteriza pela subjetividade e o movimento do *eu* [114], e, assim, estabelece-se a descrição do espaço físico da Igreja: *suave banho de esperança.* Quer dizer, houve um recorte subjetivo que o descritor imprimiu no texto para que pudesse *representar sua visão de mundo particular* [115].

> Com o chapéo na mão, nós entrámos. Havia luxo e conforto. De um lado a secretaria, onde se vendem as obras editadas pela egreja, de outro, a sala onde está a escada para o côro, com orchestra e uma rica biblioteca de carvalho lavrada. Degráos atapelados dão accesso á nave.
>
> O tempo da humanidade é lindo. Ao alto, junto ao tecto correm janellas que arejam o ambiente. Todo pintado de verde-mar, está-se dentro como num suave banho de esperança. Sentam-se os homens na nave, que tem quatorze capelas; - columnas de páo negro sustentando em portaes abertos bustos esculpturados por Decio Villares. Os bustos representam os mezes do calendario: Moysés ou a Theocracia inicial, Homero, Aristoteles, Archimedes ou a poesia, philosophia e a sciencia antiga; Cesar, ou a civilisação militar; S. Paulo, ou o catholicismo; Carlos Magno, ou a civilisação feudal: Dante,

[114] Moisés, 1978: 250-251.
[115] Marquesi, 2004: 113.

> Gutemberg, Shakespeare, Descartes, Frederico Bichat, ou a epopés, a indústria, o drama, a philosophia, a politica, a sciencia moderna, e Heloisa, a sancta entre as sanctas, que fica na ultima capella voltando o seu semblante maguado para a porta.
>
> Na capella-mór, rica de tapetes e de madeiras esculpidas, ha a cathedra, onde se senta Teixeira Mendes com as vestes sacerdotaes negras debruadas de verdes. Por traz fica um busto de bronze de A. Comte, e, dominando toda a sala, o quadro de carvalho lavrado com letras de oiro, de onde surge a figura delicada de Clotilde, a humanidade symbolizada por Decio numa das suas mirificas atmosferas senhadoras.
>
> A voz de Raymundo corre a continuidade de uma quéda de águas; na nave cheia scintillam galões e lunetas graves; na capella-mór, senhoras ouvem com attenção essa palavra, que não deixa de ser demolidora.
>
> - Que é o positivismo? sussurro eu, sentando-me.
>
> - É uma religião que respeita as religiões passadas e substitue a revelação pela demonstração. Nasceu da ruptura do catholicismo e da evolução scientifica do seculo 17º para cá. De Maistre dizia que o catholicismo ia passar por muitas transformações para ligar a sciencia á religião. Comte descobriu a lei dos tres estados, a chave da sociologia, e quando era o grande philosopho, Clotilde apareceu e ensinou que a intelligencia é apenas o ministro do coração.
>
> Agir por affeição
>
> Pensar por agir.
>
> Comte proclamou que o homem e a mulher se completam sob o triplice aspecto: sentimento, intelligencia e atividade. A religião divide-se em Culto, Dogma e Regimen, o que vem a ser bem amar, bem conhecer e bem servir a humanidade, o Grande Ser, o conjuncto das gerações passadas e futuras pela geração presente. A existencia do Grande Ser está ligada á terra, o Grande-Fetiche, e ao espaço, o Grande Meio...
>
> - Mas quantas senhoras!
>
> - As mulheres devem amar o positivismo. Comte dignificou-as. A mulher é a força moderadora, o sentimento puro do amor que faz a sociabilidade, é a sacerdotisa espontanea da Humanidade que ediffica pela affeição o orgulho vão e o reino da força: a mulher é a humildade, o fóco do culto no lar, é Beatriz, é Clotilde, é Heloisa, mãi, esposa e filha, a Veneração, a Doçura e o Bem. As mulheres deviam ser todas positivistas.
>
> Emquanto o meu amigo assim falava, Raymundo Mendes, do alto da cathedra, relampejava. Na catadupa das palavras faltavam *rr*, havia repetições do pensamento, de phrases, mas na explicação cultual, de repente, iconoclastamente, o azorrague partia contra os factos, contra a anarchia actual: e um ésto de amor, de amor indizível, de amor pela Vida, subia, como um incensório, á alma das mulheres.
>
> Fiquei enlevado a ouvil-o. Esse mesmo homem, puro como um Crystal, que tem o saber nas mãos, eu já o vira uma vez, de manhã, carregando com dignidade um embrulho de carvão...
>
> As mulheres sorriam; em toda a translucida claridade parecia vibrar a alma do grande philosopho terno e bom, e do alto, Clotilde, a Humanidade, abria como um lirio a graça suave do seu labio (João do Rio, A Egreja Positivista, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 66-69).

A crônica *No Mundo dos Feitiços* vai além, atesta pesquisa pioneira no assunto dos cultos africanos. Só três décadas depois os estudos do professor Raimundo Nina Rodrigues (*1862 +1906), sobre *Os africanos no Brasil*, feitos na Bahia, teriam circulação, assunto já abordado com detalhes por João do Rio em 1904.

Nessa crônica, João do Rio escreveu sobre um adolescente africano chamado *Antonio* que sabia dos deuses *catholicos* e dos seus próprios:

> Antonio é como aquelles adolescentes africanos de que fala o escritor inglez. Os adolescentes sabiam dos deuses catholicos e dos seus proprios deuses, mas so veneravam o wiskey e o shilling.
>
> Antonio conhece muito bem N. S. das Dores, está familiarisado comos *orixalás* da Africa, mas só respeita o papel moeda e o vinho do Porto. Graças a esses dous poderosos agentes, gozei da intimidade de Antonio; negro intelligente e vivaz; graças a Antonio, conheci as casas das ruas de São Diogo, Barão de S. Felix, Hospicio, Nuncio e da America, onde se realizam os *Camdonblés* e vivem os pais de santo. E rendo graças a Deus, porque não ha de certo, em toda a cidade, meio tão interessante.
>
> - Vai V. S. admirar muita coisa! dizia Antonio a sorrir; e dizia a verdade (João do Rio, No Mundo dos Feitiços – Os Feiticeiros, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 1).

João do Rio prosseguiu dando detalhes ao leitor:

> Da grande quantidade de escravos africanos vindos para o Rio no tempo do Brazil colonia e do Brazil monarchia, restam uns mil negros. São todos das pequenas nações do interior da Africa, pertencem aos *igesá, oié, ebá, aboum, haussá, itaqua,* ou se consideram filhos dos *ibouam, ixáu* dos *gêgei* e dos *cambindas*. Alguns ricos mandam a descendencia brasileira á Africa para estudar a religião, outros deixam como dote aos filhos cruzados daqui os mysterios e as feitiçarias. Todos, porém, fallam entre si um idioma comum: - o *eubá* (João do Rio, No Mundo dos Feitiços – Os Feiticeiros, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 1-2).
>
> .

Continuou introduzindo a fala de *Antonio*, que explicou sobre a língua falada entre eles no Rio:

> Antonio, que estudou em Lagos, dizia:
>
> - O *eubá* para os africanos é como o inglez para os povos civilisadas. Quem falla o *eubá* póde atravessar a Africa e viver entre os pretos do Rio. Só os *cambindas* ignoram o *eubá*, mas esses ignoram até a propria lingua, que é muito difficil. Quando os *cambindas* fallam, misturam todas as linguas... Agora os *orixás* e os *alufás* só fallam o *cubá.*
>
> - *Orixás, alufás*? fiz eu, admirado.
>
> - São duas religiões, inteiramente diversas. Vai ver (João do Rio, No Mundo dos Feitiços – Os Feiticeiros, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 2).

Descreveu, João do Rio, o que chamou de *duas grandes crenças*:

> Os *orixás*, em maior numero, são os mais complicados e os mais animistas. Litholatras e phitolatras, têm um enorme arsenal de santos, confundem os santos catholicos com os seus santos, e vivem a vida dupla,

> encontrando em cada pedra, em cada casco de tartaruga, em cada herva, uma alma e um espirito. Essa especie de polyteismo barbaro tem divindades que se manifestam e divindades invisíveis. Os negros guardam a idéa de um Deus absoluto como o deus catholico: *Orixá-alúm*. A lista dos santos é infindável. Ha o *oxiralá*, que é mais velho, *Axum*, a mãe d'agua doce, *Ye-man-já*, a sereia, *Exú*, o diabo, que anda sempre detrás da porta, *Sapanam*, o santissimo sacramento dos catholicos, o *Iricó*, cuja apparição se faz na arvore sagrada da gameleira, o *Gunocó,* tremendo e grande, o *Ogum*, S. Jorge ou o Deus da guerra, a *Dadá*, a *Orainha*, que são invisiveis, e muitos outros, como o santo do trovão e o santo das hervas. A juntar a essa colleção, complicada, tem os negros ainda os espitiros máos e os *heledás* ou anjos da guarda. (...) A's vezes encontramos nas ruas negros retintos que mastigam sem cessar. São *babalaôs*, mathematicos geniaes, sabedores dos segredos santos e do futuro da gente: são *babás* que tiram o *endilogum*; são *babaloxás*, pais de santo veneráveis. (...)
>
> Os *alufás* têm um rito diverso. São maometanos com um fundo de mysticismo. Quase todos dão para estudar religião, e os proprios malandros que usurpam o titulo sabem mais que os *orixás*.
>
> Logo depois do *suma*ou baptismo e da circumcisão ou *kola*, os *alufás* habilitam-se á leitura do Alkorão. A sua obrigação é o *kissium*, a prece. Rezam ao tomar banho, lavando a ponta dos dedos, os pés e o nariz, rezam de manhã, rezam ao pôr do sol. Eu os vi, retintos, com a cara reluzente entre as barbas brancas, fazendo o *aluma gariba*, quando o crescente lunar apparecia no céo. Para essas preces, vestem o *abadá*, uma tunica branca de magas perdidas, enterrram na cabeça um *fìlá* vermelho, donde pende uma faixa branca, e, á noite, o *kissium* continúa, sentados elles em pelle de carneiro ou de tigre.
>
> - Só os *alufás* ricos sentam-se em pelles de tigre, diz-nos Antonio.
>
> Essas creaturas contam á noite o rosario ou *tessubá*, têm o preceito de não comer carne de porco, escrevem as orações numas taboas, as *atô*, com tinta feita de arroz queimado, e jejuam como os judeus quarenta dias a fio, só tomando refeição de madrugada e ao pôr do sol.
>
> Gente de cerimonial, depois do *assumy*, não ha festa mais importante como o *ramadan*, em que trocam o *saká* ou os presentes mútuos. Tanto a sua administração religiosa como a judiciaria estão por inteiro independentes da terra em que vivem (João do Rio, No Mundo dos Feitiços – Os Feiticeiros, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 2-6).

As casas, as pessoas, *os cheiros*, a vida impossivel de ser vivida sem credulidade, os gestos seculares desses homens...

> Antonio levou-me primeiro á residência de um feiticeiro *alufá*. Pelas mesas, livros com escripturas complicadas, hervas, coelhos, esteiras, um calamo de banbú finíssimo.
>
> Da porta o guia gritou.
>
> - Salamaleco.
>
> Ninguem respondeu.
>
> - Salamaleco!
>
> - Maneco Lassalama!
>
> No canto da sala, sentado numa pelle de carneiro, um preto desfiava o rosário, com os olhos fixos no alto.
>
> - Não é possivel fallar agora. Elle está rezando e não quer conversar.
>
> Sahimos, e logo na rua encontrámos o Xico Mina. Este veste, como qualquer de nós, ternos claros e usa suissas cortadas rente. Já o

> conhecia de o ver nos cafés concorridos, conversando com alguns deputados. Quando nos viu, passou rapido.
>
> - Está com medo de perguntas, Xico gosta de fingir.
>
> Entretanto, no trajecto que fizemos do largo da Carioca á praça da Acclamação, encontrámos, afóra um esverdeado discipulo de Alikali, *Omancheo*, como elles dizem, duas mãis de santo, um velho *babalaô* e dois *babaloxás*.
>
> Nós iamos á casa do velho mathematico Oloô-Teté.
>
> As casas dos minas conservavam a sua apparencia de outr'ora, mas estão cheias de negros bahianos e de mulatos. São quasi sempre rotulas lobregas, onde vivem com o personagem principal cinco, seis e mais pessoas. Nas salas, móveis quebrados e sujos, esteirinhas, bancos; por cima das mesas, terrinas, pucarinhos de agua, chapéos de palha, hervas, pastas de oleado, onde se guarda o *opelé*; nas paredes, atabaques, vestuarios esquisitos, vidros; e no quintal, quasi sempre, jabotys, gallinhas pretas, gallos e cabritos.
>
> Ha na atmosphera um cheiro carregado de azeite de dendê, pimenta da Costa e catinga. Os pretos fallam da falta de trabalho, fumando grossos cigarros de palha. Não fosse a credulidade, a vida ser-lhes-ia difficil, porque em cada um dos seus gestos revela-se uma lombeira secular (João do Rio, No Mundo dos Feitiços, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 7-8).

Documentou a cantiga: *Enquanto isso, a negra da cantiga entoava outra mais alegre, com grande gestos e risos.*

> *O loô-rê, xa-la-ré*
> *Camura-ridé*
> *O loô-ré, xa-la-ré*
> *Camurá-ridé*
> - E esta o que quer dizer?
> - É uma cantiga de *Orixalá*. Significa: O homem do dinheiro esta ahi. Vamos erguel-o...
>
> Apertei-lhe a mão jubiloso e reconhecido. Na alusão da ode selvagem a lisonja vivia o encanto da sua vida eterna (João do Rio, No Mundo dos Feitiços, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 12).

Em outra crônica, *O Feitiço*, afirmou nossa dependência da magia: *É todo um problema de hereditariedade e psycologia essa attracção morbida* decorrida no Rio:

> Nós dependemos do Feitiço.
>
> Não é um paradoxo, é a verdade de uma observação longa e dolorosa. Ha no Rio magos estranhos que conhecem a alchimia e os filtros encantados, como nas magicas de theatro, ha espiritos que incommodam as almas para fazer os maridos inorrigiveis voltarem ao thálamo conjugal, ha bruxas que abalam o invisível só pelo prazer de ligar dous corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessa horrendas mulheres tem para este povo o indiscutivel valor do Feitiço, do mysterioso preparados dos negros.
>
> É provavel que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não ha ninguem cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolencia malandra dos negros e das negras. É todo um problema de hereditariedade e psycologia essa attracção mórbida. Os nossos ascendentes acreditavam no arsenal complicado da magia da idade média, na pompa de uma sciencia que levava á força e ás

> fogueiras sabios estranhos, derramando a loucura pelos campos; os nosso avós, portuguezes de boa fibra, temeram diante dos encantamentos e amuletos com que se presenteavam os reis entre diamantes e esmeraldas. Nós continuamos fetiches no fundo, como dizia o philosopho, mas rojando de medo deante do Feitiço africano, do Feitiço importado com os escravos, e indo buscar tremulos a sorte nos antros, onde gorillas manhosos e uma sucia de pretas cynicas ou hystericas desencavam o futuro entre kagados estrangulados e pennas de papagaio! (João do Rio, Feitiço, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 25-26).

Mais adiante, o autor nos deu um breve depoimento de como pesquisava sobre as religiões no Rio, e declarou de maneira muito pessoal: *Vivi tres mezes no meio de feiticeiros, cuja vida se finge desconhecer (...)*, e *julgo que seria mais interessante como pathologia social estudar, de preferencia aos mercadores de paspalhice, os que lá vão em busca de consolo.* (...) *Somos nós que lhe asseguramos a existencia, com o carinho de um negociante por uma amante atriz.* Mencionou, João do Rio, que *a policia visita essas casas como consultante.*

Na crônica *Os novos feitiços de Sanin,* João do Rio continuou na companhia de *Antonio* a penetrar nos segredos do culto africano. É preciso considerar em seus textos que, embora recorrendo à forma do texto narrativo, aponta para a importância do sistema de representações de lugares e personagens.

> O léxico que se presta, entretanto, para falar de conhecimentos do mundo e das palavras que nos permitem designar e reconhecer objetos, é uma questão complexa. Nosso vocabulário depende de nossa confrontação com o real e das interações verbais com o outro. No entanto, a experiência do mundo não é universal; ela varia em função do contexto sociocultural e geográfico dos sujeitos (Marquesi, 2004: 103).

Com a precisão das definições, fazendo prevalecer a sensação, a emoção de outra entrevista, antes da matéria jornalística, o autor acentuou a espectativa do que ele encontraria nessa investida com *Sanin:*

> - Pois seja! disse Antonio, tomando coragem. V. S. póde ir, mas não cuspa, não fume e não coma nessa casa. Eu não vou.
>
> - Acompanhas-me até a porta?
>
> - Até a esquina. Ficarei de alcatéa. Sanin e Ojô são capazes de me acabar com a vida.
>
> A vida de Antonio é uma vida, sob todos os títulos, preciosa, e naquelle momento ainda o era mais, porque a sustentava eu. Reflecti e concordei.
>
> - Está direito, ficas á esquina...
>
> - Chovia a cântaros. Antonio, sem guarda-chuva, mettido num capote que lhe ia até os pés, acendia constantemente um charuto, que apagava.

- Mas, que é esse Sanin, afinal?

- Um feiticeiro damnado!

- Mas *babaloxá,babalaô*, traficante?...

- *Babalaô*, não senhor. Para ser *babalaô* é preciso muita cousa. Só de noviciado, leva-se muito tempo, annos a fio, e a cerimonia é difficillima. Quando um iniciado quer ser *babalaô*, tem que levar ao *babalaô* que o sagra, dous cabritos pretos, duas galinhas d'Angola, duas galinhas da terra, dous patos, dous pombos, dous bagres, duas preás, um kilo de limo, um *ori*, um pedaço de *ossum*, um pedaço de giz, dous gansos, dous gallos, uma esteira, dous caramujos e uma porção de pennas de papagaio encarnadas.

- É muito difficil.

- E não é tudo. Tem que levar também um kilo de sabão da costa, que se chama *ochê-i-luaiê*, e não entra para o *ibodo-iffá* ou quatro sanctos sem estar de roupa nova e levar na algibeira pelo menos 200$000. O futuro *babalaô* fica sete dias no *ibodô*, onde não entre ninguem para não ver o segredo.

- O segredo?

- O segredo é um ovo de papagaio. V. S. já viu um ovo de papagaio? Nunca! É difficil. E quem vê um ovo desses, arrisca-se a ficar cego. O ovo em africano chama-se *éiu*, o papagaio *odidé.*

(...)

Quando sai de dentro do botequim, Antonio esticou a mão.

- *Orum-my-lá ború ybó, yê, ybó, xixé!*

Negro amável! ! Com aquelle gesto sacerdotal dizia-me:

- Satisfaça ao Deus que faz tudo e tudo entorta, *amem!*

Abri o guarda-chuva e respondi já de longe.

- *Ybó – xixé!*

Sanin mora agora na casa do famoso Ojô, o director social da feitiçaria. A casa de Ojô fica na rua dos Andradas, quasi no começo, com um aspecto pobre e um cheiro desagradavel. Quando batemos, a chuva rufava em torno um barulho ensurdecedor. Não nos responderam. Batemos de novo. Alguem de certo nos espiava. Afinal abriu-se a rotula e uma mulher apareceu.

- Baba Sanin?

- Não está.

- Venho mandado por um conhecido. Sem receio.

- A casa é do Emanuel...

- Ojô, sei bem. Foi o Miguel Pequeno que me mandou. Abre.

De novo a rotula fechou. A mulher ia consultar, mas não demorou muito que voltasse abrindo de esguelha e dizendo mysteriosamente.

- Entre.

A sala tinha areia no assoalho, os moveis concertados indicavam que Ojò vive bem. Numa cadeira um facto branco engomado, e mais longe o chapéo de palha attestava apresença do feiticeiro.

- Então Sanin?

- Vem já.

Pouco tempo depois appareceu Sanin de blusa azul e gorro vermelho, o typo classico do mina desapparecido, andando meio de lado, com o olhar desconfiado. O pobre diabo vive assustado com a policia, com os jornaes, com os agentes. Para o seu cerebro restricto de africano, desde que chegou, o Rio passa por transformações phantasticas. É um malandro, orgulhoso do feitiço e com o medo damnado da cadeia. Fôra de certo quasi á força que apparecera, é só muito lentamente o pavor o deixou fallar.

- Baba Sanin, o Miguel Pequeno mandou-me aqui para o negocio muito grave. Bada tem uns feitiços novos.

- Não tem...

- Eu sei que tem. Abri a carteira, uma carteira de effeito, como usam os homens da praça, enorme, com fechos de prata. Não tenha medo. Se o Baba não me faz trabalho, estou perdido. É a minha ultima esperança.

- Que trabalho?

Revolvi as notas da carteira, devagar, para mostral-as, tirei um papelzinho e mysteriosamente murmurei:

- Aqui tem o nome della...

Na cara do feiticeiro deslisou um sorriso diabólico;

- Aha! Aha... Está bom.

- Sanin, eu tenho fé nos sanctos, mas os outros feiticeiros não dão volta ao negocio.

Você vai acabar. Olhe, póde contar...

Tudo neste mundo é esperança de dinheiro, de felicidade, de paz, e tanto vive de esperança o feiticeiro que a dá como as pobres creaturas que com elle vão procurar.

Sanin começou a fallar dos feitiços dos outros, lembrou-se dos seus bocados, e em pouco, com a esperança de ganhar mais, fazia-me recordações.

Cada feiticeiro tem feitiços proprios. Abubaca caolho, o alcoolico da rua Rezende, tem o *ibá*, cuia com pimenta da costa e hervas para fazer mal. Quando se fala do *ibá*, diz-se simplemente: o feitiço do Albubaca. *Gya*, cabeça de pato com lesmas e o cabelo da pessoa, é uma descoberta de *Ojô* e serve para enlouquecer. Quem quer enlouquecer o proximo, arranja ou falsifica a obra de *Ojô*.

- Mas baba Sanin, como é que sabe tudo isso?

- Então não aprendi? Eu sei tudo.

E como sabe tudo, dá-me receitas. Fico sabendo, sem pasmo, sentado numa cadeira, que giba de camello com corpo de macaco e um cabrito preto em hervas matam a gente e que esta descoberta é do celebrado João Alabá, negro rico e sabição da rua Barão de S. Felix 76. Não é tudo. Sanin faz-me vagarosamente dar volta ao armazem do feitiço. Eu tomo notas curiosas dessa medicina moral e physica.

Para matar, ainda ha outros processos. O malandrão Bonifacio da Piedade acaba um cidadão pacato apenas com um cuspo, sobejos e treze orações; João Alabá conseguirá matar a cidade com um porco, um carneiro, um bode, um gallo preto, um jaboty e a roupa das creaturas, auxiliado apenas por dous negros nús com o *tessubá*, rosario, na mão, á hora da meia-noite; pipocas, braço de menino, pimenta malagueta e pés de anjo arrancados ao cemiterio matam em treze dias; dous jabotys e dous caramuljos, dous abis, dous orobós e terra de defunto sob sete orações que demorem sete minutos chamando sete vezes a pessoa, é a receita do Emygdio para expedir desta vida os inimigos...

Ha feitiços para tudo. Sobejo de cavallo, com hervas e duas orações, segundo Alufá Ginja, produz ataques hystericos; um par de meias com rastro da pessoa, hervas e duas orações, tudo dentro de uma garrafa, fal-a perder a tramontana; cabello de defunto, unhas, pimenta da Costa e hervas obrigam o individuo a suicidar-se; cabeça de cobras e de kagado, terra de cemiterio e caramujos atrazam a vida tal qual como os pombos com hervas damninhas, e não ha como pombas para fazer um homem andar para trás...

- Mas para dar sorte, caro tio?

- Ha mão de anjo roubada ao cemiterio em dia de sexta-feira.

- E para tomar um homem ladrão, por exemplo?

- Um rato, cabeça de gato, hervas, o nome da pessoa e orações.

- E para fazer um casal brigar?

- Cabeça de macaco, aranha e uma faca nova.

- E para amarral-os por toda a vida?

O negro pensou, olhando-me fixamente:

- Um *obi*, u *orobô*, unhas dos pés e das mãos, pestanas e lesmas...

- Tudo isso?

- Preparado por mim.

Então Sanin fala-me dos seus feitiços. Sanin é poeta e é phantasista.

> Sob a dependencia de *Ojô*, quasi seu escravo, esse negro forte, de quarenta annos, trouxe do centro da Africa a capacidade poetica daquella gente de miolos torrados, as ultimas novidades da phantasia feiticeira. Para conquistar, Sanin tem um breve, que se põe ao pescoço. O breve tem dous *tiras*, uma cabeça de pavão e um colibri, tudo colorido e brilhante; para amar eternamente, cabeças de rola em saquinhos de velludo; para apagar saudade, pedras roxas do mar.
>
> Quando lhe pagam para que torne um homem judeu errante, o preto prepara cabeças de coelho, a presteza assustada; pombos pretos, a dôr; hervas do campo, e enterra em frente á porta do novo Ashaverus; quando pretende para sempre uma mulher, faz breve de essencias que o apaixonado sacode ao avistal-a. Sanin é também mau – mas de maneira interessante.
>
> Os seus trabalhos de morte são os mais difficeis. Sanin ao meio-dia levanta no terreiro uma vara e reza. Pouco tempo depois sae da vara um marimbondo e o marimbondo parte, vai procurar a victima, e não pára emquanto não lhe inocula a morte.
>
> O marimbondo é vulgar á vista do boto vivo mettido dentro de uma caveira humana; em presença do feitiço do morcego, a aza que roça e mata, a raposa e o lenço, e eu fui encontrar pondo com execução o maior feitiço: baiacú de espinho com ovo de jacaré, - que é *babalaô* da agua, baiacú que faz seccar e inchar a vontade das rezas e domina as almas para todo o sempre.
>
> - Mas por que você, um homem tão poderoso, não me queria receber?
>
> - Porque andam a falar de nós, porque a policia vem ahi. Fizemos outro dia até um despacho no campo de Sant'Anna com os dentes, os olhos de um carneiro, jabotys, hervas e duas orações para quem falla de nós deixar falar.
>
> - Mas por que um carneiro?
>
> - Porque o carneiro morre calado. Foi o Antonio Mina quem fez o despacho e todos nós rezamos de bruços e todos nós demos para o despacho, que custou cento e oitenta e tres mil réis.
>
> Então eu apanhei o meu chapéo, apertei a mão do phantasista Sanin.
>
> - Pois fez mal, baba, fez muito mal em dar o seu dinheiro, porque quem fala de vocês sou eu.
>
> E como o negro aterrado abrisse a bocca enorme, eu abri a carteira e o convenci de que todas as suas fantasias, arrancadas ao sertão da Africa, não valem o prazer de as vender bem.
>
> Dinheiro, mortes, e infamia as baes desse templo formidavel do feitiço! (João do Rio, Novos feitiços de Sanin, In: *As Religiões no Rio,* 1906: 50-57).

Prosseguiu, nessa crônica, e nas demais da obra *As Religiôes no Rio* (*No Mundo dos Feitiços, As Iauõ, O Feitiço, A Casa das Almas, Os novos feitiços de Sanin, A Egreja Positivista, Os Maronitas, Os Phisiolatras, O Movimento Evangelico, A Igreja Presbyteriana, A Igreja Methodista, Os Baptistas, A.A.C.M., Irmãos e Adventistas, O Satanismo, A Missa Negra, Os Exorcismos, As Sacerdotizas do Futuro, A Nova Jerusalém, O Culto do Mar, O Espiritismo, Os Exploradores, As Synagogas)*, com

descrição pormenorizada, utilizando termos próprios da religião a que se referia, sem deixar de observar uma linguagem literária padrão [116].

> Quem no seu andar tranquilo de homens sem paixões irá descobrir os reveladores de ritos novos, os magicos, os nevropathas, os delirantes, os possuidores de Satanaz, os mystagogos da Morte, do Mar e do Arco-Iris? Quem poderá perceber, ao conversar com estas creaturas, a lucta fratricida por causa da interpretação da Biblia, a lucta que faz mil religiões á espera de Jesus, cuja reapparição está marcada para qualquer destes dias, e á espera do Anti-Christo, que talvez ande por ahi? Quem imaginará cavalheiros distinctos em intimidade com as almas desencarnadas, quem desvendará a conversa com os anjos nas chombergas fétidas?
>
> Elles vão por ahi, papas, profetas, crentes e reveladores, orgulhosos cada um com seu culto, o unico que é a Verdade. Falai-lhes boamente, sem a tenção de agredil-os, e elles se confessarão, - porque só uma cousa é impossivel ao homem: enganar o seu semelhante na fé.
>
> Foi o que fiz na reportagem a que a "Gazeta de Noticias" emprestou uma tão larga hispitalidade e um tão grande ruido; foi este o meu esforço: levantar um pouco o mysterio das crenças nesta cidade (João do Rio, *As Religiões no Rio*, 1906).

Tentou olhar de maneira científica e distante para relatar o que vira ao visitar templos, igrejas, assistir a cerimônias, falar com sacerdotes, com frequentadores, sempre introduzindo diálogos como se depoimentos fossem. Na leitura das crônicas, porém, observam-se impressões, sensações, opiniões suas, evidentemente. Em meio à procura da objetividade, as crônicas tomam um ar subjetivo e, assim, determina-se a mobilidade do texto [117], seja porque elas registrem também a variação emocional do escritor.

Depois dessa obra, João do Rio tornou-se personalidade jornalística. Em dezembro chegou de Lisboa a edição em livro e transformou-se em um campeão de vendas para a época.

---

[116] Dino Preti escreve (1984: 91): *existiria uma linguagem literária padrão? O estilo do artista corresponderia sempre ao que o leitor comum espera dele, em termos de uma linguagem apurada nos melhores modelos cultos? São perguntas difíceis de responder, tomando posições definitivas, porque a literatura, numa perspectiva diacrônica, tem demonstrado grande variedades de soluções propostas pelos escritores em todas as épocas (em especial os prosadores). A verdade é que o artista tem de servir-se do mesmo instrumento lingüístico de que a sociedade se utiliza como meio de comunicação, a mesma língua. E raras são as culturas, como a árabe, por exemplo, que possuem um dialeto literário, distinto da língua falada. Teoricamente, o escritor (e aqui trataremos especificamente do romancista, do prosador, enfim) é o representante de uma camada cultural superior (pelo menos em termos essencialmente culturais – não econômicos, porque ele pode vir de uma origem muito modesta e nesse nível permanecer). O leitor comum, em tese, procura no escritor esse conceito. Para ele, escritor é "o que escreve bem", melhor do que se faz comumente na sociedade. Em princípio, portanto, essa posição cultural privilegiada do escritor colocaria a obra literária em relação direta com o que podemos chamar de linguagem-padrão, uma "norma culta", um ideal lingüístico consagrado pela p´ropria comunidade.*

[117] Moisés, 1978: 251.

> O Brasil sempre foi um centro de reunião de colonias diversas praticando as suas crenças com a mais inteira liberdade.
>
> Entre a pratica da religião, porém, e a prégação á grande massa vai uma differença radical (João do Rio, O Movimento Evangelico, In: *As Religiões no Rio,* 1906: 97).

Na crônica *As Synagogas*, João do Rio escreve *sobre a vasta colonia semita ligada á nossa vida economica, presa ao alto commercio, com differentes classes sem relações entre ellas e differentes ritos,* no Rio de Janeiro do começo do século:

> Hontem, 14 de Hadar de 1664, eu assisti ás ceremonias do carnaval nas synagogas da Sion fluminense. O esperto Mardocheu, que tudo conseguira com a perfumada belleza de Esther, ao comunicar de Suza a sua luminosa victoria, ordenára para todo o sempre diversões e alegria nesse dia. Os filhos de Israel obedecem e, como a patria de Israel é o mundo, nenhuma cidade ainda soffreu por não festejar data tão preciosa. No Rio, também hontem, cerca de quatro mil familias divertiram, riram e beberam. Divertiram com discreção, é certo, beberam sem violencia, riram com calma, exactamente porque a gente do paiz de Judá tem a tristeza n'alma e a tenacidade na vida.
>
> As festas do *peisan* foram copiadas dos persas pelos romanos. Os povos modernos copiaram dos romanos, augmentando os dias de prazer e destruindo a intenção cultual da cerimonia. Quem assistiu á orgia continua dos batuques carnavalescos, talvez não possa comprehender como cerca de dez mil judeus commemoram o 14 de Hadar, com tanta modestia e tanta correcção. Esses dez mil judeus divertiram-se, trocaram presentes, cantaram, ouviram mais uma vez a historia da linda Esther, lida pelo *hhasan* nos sagrados livros, e cada um recolheu um momento o espirito para pensar em Mardocheu, no rei Assuéro e na maneira por que 60 milhões de antepassados foram salvos da morte e do patibulo.
>
> Entretanto, pela vasta cidade, ninguem desconfiou que tanta gente tivesse a alegria n'alma.
>
> É que os olhos de Israel são receiosos, sempre curvados ao sopro das perseguições, sempre sabios. Festejaram sem que ninguem désse por tal...
>
> O Rio tem uma vasta colonia semita ligada á nossa vida economica, presa ao alto commercio, com differentes classes sem relações entre ellas e differentes ritos.
>
> Ha os judeus ricos, a colonia densa dos judeus armênios e a parte exotica; a gente ambigua, os centros onde o lenocinio, mulheres da vida airada e *caftens*, cresce e augmenta; ha israelitas francezes, quasi todos as Alsacia Lorena; marroquinos, russos, inglezes, turcos, arabes, que se dividem em seitas diversas e ha os *Aknenazi* communs na Russia, na Allemanha, na Austria, os *falachas* da Africa, os *rabbanitas*, os *Karaitas*, que só admitem o Antigo Testamento, os argonicos e muitos outros.
>
> Os semitas ricos não têm no Rio ligação com os humildes nem protegem como em Pariz e Londres os grandes banqueiros da força de Hirsch e dos Rottchilds. São todos negociantes, jogam na Bolsa, veraneiam em Petropolis, vestem-se bem.
>
> Muitos são joalheiros, com a arte de fazer brilhar mais as joias e de serem amaveis. Francezes, inglezes, allemães, o culto desses cavalheiros apresentaveis e mundanos reveste-se de uma discreção absoluta. Uns praticam o culto intimo, outros não precisam do *hhasan* e fazem juntos apenas as duas grandes cerimonias: a *Ion-Kipur* ou dia das lamentações e do perdão, e o anno novo ou *Rasch-Haschana*.

Algumas synagogas já têm sido estabelecidas nas salas de predios centraes para receber esses senhores. Actualmente não ha nenhuma, estando na Europa quem mais se preoccupava com isso.

As riquezas das nações estão nas mãos dos judeus, brada o anti-semita Drumont, ao vociferar os seus artigos. A nossa tambem está, não porém nas dos judeus daqui, que são apenas homens ricos bem installados nos bancos e na vida.

O outro meio, extraordinariamente numeroso, é onde vicejam o vicio e a inconsciencia, os rufões e as simpes mulheres que fazem profissão do meretricio. Essa gente vem em grandes levas da Austria, da Russia, de Marselha, de Buenos-Aires, e habita na maior parte na praça Tiradentes, nas ruas Luiz de Camões, Tobias Barreto, Sete de Setembro, Espirito-Sancto, Senhor dos Passos e nas ruellas transversais á rua da Constituição. Comem quasi todas numas pensões especiaes dessas ruas equivocas, pensões sujas em que se reúnem homens e mulheres discutindo, bradando, gritando. O alarido é ás vezes infernal, porque, quasi sempre numa briga de casal, ella explorada por elle, todos intervêm, dão razão, estabelecem contendas. Nestas casas guardam não raro uma sala para costura e outra destinada á synagoga.

Ha mais mulheres do que homens. Os homens são intelligentes, espertos, sabem e explicam com clareza, as mulheres são profundamente ignorantes da propria crença. Quasi nenhuma sabe a data exata das festas, a sua duração, a sua razão de ser. É interessante interrogal-as, gastar algumas horas visitando as alforjas apartadas desta babel americana.

- Então vai á synagoga?
- Oh! aqui não ha nada direito; em Buenos-Aires sim.
- Mas você vai sempre a estas reuniões?
- Vou. Então podia deixar de ir?
- Por que vai?
- Porque tenho que ir. Quando saio de casa, deixo uma vela accesa.
- Porque?
- É costume.
- A festa do anno novo quantos dias dura?

Uma nos diz trez dias, outra oito, outras respondem vagamente. Entretanto, russas, inglesas, francezas, fazem questão de se dizer judias e obedecem á fé. No dia do *Kipur*, ou dia do perdão, do arrependimento e das lamentações, fecham-se os prostibulos, todas ellas vão ás synagogas improvisadas soluçar os pecados do anno inteiro, os peccados sem conta. As' 4 da tarde fazem uma refeição sem pão, sem carne e desde que no céo palpita a primeira estella, até ao outro dia, quando de novo Lucifer brilha, não se alimentam mais, limpas de todos os desejos e de todas as necessidades humanas...

Estes judeus reunem-se em qualquer parte, o mais lettrado lê a historia no topico necessario, e choram e riem ou canam, conforme é necessario, crentes ignorantes. As synagogas ambulantes estão cada anno numa rua. As ultimas reuniões deram-se na rua Espirito-Sancto, na rua da Constituição, e na rua do Hospicio. É o chefe do culto, dirigindo os convites e organisando as festas, uma meretriz, a Norma, que ultimamente introduziu no Rio o *entólage*, o roubo aos freguezes.

A outra sociedade, a mais densa, é a dos armenios e a dos marroquinos. Essa fez-se de grandes levas de immigração para o amanho de terra, em que o Brasil gastou muito dinheiro. Os agentes em Gibraltar aceitavam não só familias como homens solteiros. As colonias não deram resultados; no Iguassú os colonos fugiam aos poucos, e em outros logares foi impossivel estabelecel-os, porque o povo até os julgava com chifres de luz como Moysés.

Os judeus arabes appareceram por aqui na miseria, mas aos poucos, pela propria energia, tomaram o commercio ambulante, viraram *camelots*, montaram armarinhos e acabaram prosperando. Ha ruas inteiras occupadas por elles, naturalmente ligados aos turcos mahometanos, aos

gregos scismaticos e a outras religiões e ritos degenerados, que pullulam nos quarteirões centraes.

Nas levas de immigrantes vieram homens intelligentes e cultos. O *hhasan* David Hornstein é um exemplo. Esse homem cursou doze annos a Universidade Talmudica, é polyglotta, professor, correspondente de varios jornaes escriptos em hebreu e rabbino diplomado da religião judaica. David estava na Palestina, na colonia Rishon I' Sion, uma especie de companhia que o fallecido barão B. Rothschild installára em terrenos comprados ao sultão, com grande odio dos beduínos. Nessa colonia havia médicos, advogados, russos nihilistas. O resultado foi a sublevação, que o amavel barão, depois da morte do administrador, acabou, dispersando os amotinados. Vinte dous desses homens, entre os quaes David e o erudito Kulekóf, que acabou rico em S. Paulo, partiram para Bayreuth, depois para Pariz. Hirsh deulhe 500 francos, fazendo um discurso camarario.

Os judeus revolucionários foram para Gibraltar e ahi embracaram para o Brasil. Todos acabaram com fortuna, menos o rabbino, que ficou ensinando linguas, porque o sacerdote judeu não vive do seu culto.

É esta parte densa da colonia judaica que tem duas synagogas estaveis, uma na rua Luiz de Camões 59 e outra na rua da Alfandega 369.

A synagoga da rua Luiz de Camões é do rito argonico. Entra-se num corredor sujo, onde creanças brincam. Aos fundos fica a residencia da familia. Na sala da frente está o templo, que quasi sempre tem camas e rêdes por todos os lados.

As taboas de Moysés negrejam na parede; a um canto está o altar, e na extremidade oposta fuca a arca onde se guarda a sagrada historia, resumo de toda a sciencia universal, escripta em pelle de carneiro e enrolada em formidaveis rolos de carvalho. Só nos dias solemnes se transforma o templo. David Hornstein faz a cerimonia no meio da sala, no altar, envolto na sua tunica branca riscada nas extremindades de vivos negros, com um gorro de velludo enterrado na cabeça. Muito myope, o *hhasan* é acompanhado por tres pequenos que entoam o côro.

No altar David retira a capa de velludo roxo dos rolos, abre-os da esquerda para a direita. Ao lado guiam-lhe a leitura com uma mão de prata. Ahi, immovel, sem se mexer, faz a oração secreta para que Deus o attenda e o perdõe de ser enviado e ousar rogar pelo seu povo.

Jehovah naturalmente atende e perdóa. O *hhasan* infatigavel já tem desenhado cento e cincoenta sepulturas, já praticou a circuncisão em cerca de setecentos pequenos, já baptisou, mergulhando em tres banhos consecutivos, muitas meninas, já casou muitos judeus e prospera fallando dos nossos politicos e citando os deputados com familariedade.

A synagoga da rua da Alfandega é muito mais interessante. Occupa todo o sobrado do predio 363, que é vulgar e acanhado, como em geral os do fim daquella rua. Sobe-se uma escada imgreme, dá-se num corredor que tem na parede as taboas de Moysés.

Ahi vive outro Moysés, o *hhasan*, com uma face hespanholada e um ar bondoso. Na sala de jantar estão as paredes ornadas de symbolos, representando as doze tribos de Judá, e ahi passam Moysés ella de lenço na cabeça, elle com um chapéo de palha velho.

A sala da frente é destinada ás cerimonias. Quasi não se póde a gente mover, tão cheia está de bancos. No meio col olocamaltar de vinhatico envernizado, em que o *hhasan* fica de pé lendo ou cantando.

Nas paredes apeas as taboas, ao fundo a arca com cortinas de seda, onde se guarda o sagrado livro. Do tecto pendem presos de correntes brancas vasos de vidros, cheios d'agua onde lamparinas colossaes queimam crepitando. Sobre o altar desce o lustre de crystal, chispando luzes nos seus multiplos pingentes. Além de Moysés, ha outro sacerdote, Salomão, tão devoto, que é o *hhassidim*...

Foi nesta synagoga, indicada por um negro fallacha, cuja origem vem dos tempos de Salomão e da rainha de Sabá, que eu assisti ao *peisan*.

> - Oh! elles são bons e se protegem uns aos outros, dizia o negro assombroso. A vida do judeu pobre é a do pouco comer, do pouco gosar, do muito soffrer. Agora, fizeram a *Irmandade de proteção Israelista.*
>
> Eu olhava a turba colorida, a serie de perfis exoticos, de caras hespanholas e arabes, de olhos luminosos brilhando á luz dos lampadarios. Havia gente morena, gente clara, mulheres vestidas á moda hebraica de tunica e alpercata, mostrando os pés, homens de chapéos enterrados na cabeça, caras femininas de lenço amarrado na testa e creanças lindas. O *hhasan*, paramentado, lia solemnemente e toda aquella exquisita iluminação de baldes de vidro, fazendo halos de luz e mergulhando n'agua translucida as mechas das lamparinas, aquelle lustre, onde as luzes ardiam, eram como uma visão de sonho estranho.
>
> Enquanto o *hhasan* lia, com os pés juntos, sem mover siquer os olhos, com uma voz acida tremendo no ar, todos tinham nas faces sorrisos de satisfação.
>
> As cidades serão destruidas a ferro e fogo se não festejarem este dia do mez de hadar. Nós festejamos. E deante das lampadas, para aquelle punhado de judeus, a historia desenrolava a maravilha de Assuero, que reinou desde a India até a Ethiopia sobre cento e vinte cidades. Era Suza, a capital maravilhosa, Esther suave e candida, substituindo a rainha Vashi, Mardocheo sentado á porta do templo sem adorar Aman, a quem Assuero tudo dava, Aman forçado a levar Mardocheo em triumpho, tudo por causa de uma mulher tremula e tímida, que desmaiava, salvando 60 milhões de judeus e mandava matar quinhentos inimigos, pedindo concessões identicas para as provincias.
>
> Era a data da matança; festejava-se o dia em que Aman foi para o patibulo que preparára para Mardocheo, e o momento em que se espatifara Arisai, Aridatha, Phermesta, Aridai e Jeratha.
>
> Mas daquelle livro sagrado, entre aquellas illuminações, a fé destillava a suprema delicia. Era como se cada palavra recordasse os banquetes dados aos príncipes nos atrios do palacio ornado de pavilhões da côr do céo, da côr do jacintho e da côr da assucena; era como se cada periodo abrisse a visão das columnas de marmore, dos leitos de prata e ouro e dos pavimentos embutidos, onde esmeraldas rolavam...
>
> Nós estavamos apenas numa sala estreita que fingia de synagoga, no fim da rua da Alfandega (João do Rio, As Synagogas, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 237-245).

Na crônica *O culto do mar*, da mesma obra, pode-se observar que, para João do Rio, conversar com aqueles que cultuavam o mar foi ter impressões absolutamente inéditas de moral, de filosofia e de religião. *Nunca reparaste nos pescadores?,* indaga o autor envolvendo o leitor, *é gente que tem calão próprio, pele lustrosa como o macio grosso do veludo, alma ondeante, maravilhosa e simples,* e que conserva *a cristandade mais pura de não se encontrar mais hoje*. Suas impressões sensoriais e sentimentais interferem na maneira de reportar o culto e *os ultimos idolatras das vagas*, assim escreveu:

> O culto do mar é praticado pelos pescadores das nossas praias. É um culto variado, cosmolatra e fantasista, em que entram a lua e alguns elementos divinizados.

> - Não conheces os nossos pescadores? Gente tranquilla. Raramente se aggridem e sempre por questão de pesca.
>
> Os pescadores formam um corpo distincto, diverso dos catraeiros, dos matitimos, dessa população ambigua e viciada que anda no caés á beira das ondas perturbadoras. Não ha canto da nossa bahia que não tenha uma colonia de pescadores. Vivem todos muito calmos, sem saber do resto do mundo. Emfim, numa classe á parte, com festas próprias, que não se afasta do oceano e é unida pelo culto do mar. Os pescadores são os ultimos idolatras das vagas. Conversar com elles é ter impressões é ter impressões absolutamente ineditas de moral, de philosophia e de religião.
>
> - Mas essas colônias são brasileiras? indaguei do meu informante.
>
> - Não. Ha colônias só de portuguezes, como a de Santa Luzia e de Santo Christo, de portuguezes e brasileiros, como em Sepetiba, de italianos apenas, de brasileiros só. Uma série de núcleos ligados pela crença. São outros homens. Nascem de mais pescadoras, partejadas quasi sempre por curiosas, vivem nas praias, nunca as abandonam, Aos quatro annos nadam, aos dez remam e acompanham os parentes ás pescarias, e assim passam a existencia, familiarizados apenas com as rêdes, os apetrechos de pesca e o calão, o pitoresco calão maritimo.
>
> O oceano imprime-lhe um cunho especial, são propriedade domar. Nunca reparaste nos pescadores? Têm os pés differente de todos, uns pés contracteis que se crispam nas pranchas como os dos macacos; andam a bambolear, balouçando como o barço, e a sua pelle lustrosa tem o macio grosso dos velludos. A alma dessa gente conserva-se ondeante, maravilhosa e simples.
>
> - Mas os pescadores são christãos?
>
> - Está claro. Mas christãos puros é difficil encontrar hoje afóra os evangelistas e os syrios.
>
> - Lembro-me da festa de Nossa Senhora, na Lapa.
>
> - É outra coisa.
>
> - Vi em Sancta Luzia a devoção de S. Pedro.
>
> - Era promessa de um rapaz que, por fata de meios não a continúa. Deixemos N. Senhora e S. Pedro. Falo de um culto que emana no intimo respeito das ondas. Todos os pescadores das praias e das ilhas proximas festejam, sacrificam ao mar e têm um objecto especial de devoção. Não ha nenhum que não tema a Mãi d'Agua, a Sereia, os Tritões e não respeite a Lua. Conheço três manifestações desse culto. A Mãi d'Agua entre os pescadores de Santo Christo e de Santa Luzia, a da Lua e do Mar e a do Arco-Iris.
>
> - O arco-iris?
>
> - Em Sepetiba. É dos mais completos e dos mais bellos, tendo como sacerdote uma mulher.
>
> O arco-iris, a adoração de um deus que se curva nas nuvens polychromo e vago, que ergue das ondas um facho de luzes brandas e desapparece, o terror daquillo que se desfaz, sem que se saiba como! Era uma phantasia! Mas os cosmolatras inventam tanta cousa para perfumar a sua ignorancia, que bem podia ser.
>
> - Não ha duvidas, disse meu amigo. O arco-iris, é uma antiquíssima divindade, um annuncio dos céus. Lembra-te disso e acompanha-me (João do Rio, O culto do mar, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 205-207).

O contexto era favorável, oferecia um campo ímpar de atuação para os intelectuais de um país pobre e quase totalmente analfabeto, então, o jornalismo representava tudo e foi um fenômeno muito marcante da área da cultura, com profundas repercussões sobre o comportamento do grupo intelectual. Às camadas alfabetizadas da

cidade era obrigatório o consumo cotidiano desse jornalismo, de par com as revistas intensamente ilustradas, coqueluche da nova burguesia mais refinada.

Criou-se, dessa maneira, a opinião pública urbana, seguidora do juízo e orientação dos homens de letras que preenchiam as redações. Daí o estilo dos cronistas, sob esse clima frenético, daí o estilo de João do Rio no tocante ao público carioca, todos os alicerces da sensibilidade romântica tradicional dos antigos folhetins estavam corroídos, as ilusões se foram, ninguém mais morria por ideais, o automóvel, a elegância, o retrato no jornal, a carreira diplomática resumem em si quase todos os anseios dessa nova geração.

O novo ritmo da vida cotidiana eliminou ou reduziu drasticamente o tempo, as novas condições obrigaram os jornais a um rigoroso processo de seleção das matérias. Na época, o jornalismo brasileiro estava passando por uma fase de modernização, os jornais sacrificavam alguns artigos em favor do noticiário e da reportagem, as notícias de polícia e de política passavam a cobrir largo espaço, surgia o noticiário esportivo até então inexistente, e tudo isso no sentido de servir ao gosto sensacionalista do público que começava a despertar.

> - O jornalismo, como se acha constituído actualmente, não me parece dos melhores, mas já houve tempo em que foi excellente, não direi como *factor*, porém como elemento *animador* – isso no tempo dourado, em que os espiritos scintilantes, robustos, limpos, sem invejas, sem receio de *sombra* e, sobretudo, sem snobismo, eternamente moços e eternamente bohemios, de Patrocinio e de Ferreira de Araujo, eram as duas vidas, as duas almas simples e claras, as duas forças sadias da imprensa. Hoje, comtudo, elle produz ainda, embora com menos frequencia, belas organisações literarias, e nós ahi temos para provar o quanto o jornalismo pode, não criar, mas evidenciar o literato (João do Rio, Lima Campos, In: *O Momento Literario,* s.d.: 87).

Nem todos, porém, se adaptavam à situação ou a ela se submetiam, já que o jornal não acolhia o soneto burilado ou o conto, os literatos que trabalhavam no jornal deram-lhe, então, uma crônica literária alinhavada de notícias, de reportagens reais ou fictícias, da crítica literária. Assim, a crônica ganhou o caráter informativo.

Era a decadência do folhetim da geração passada, da publicação dos romances em curtos capítulos, para a coluna em formato de crônica, focalizando apenas um assunto do quotidiano, iniciada já em 1875 com o aparecimento da *Gazeta de Noticias*, do *Diário Mercantil* de Gaspar da Silva, em São Paulo, seguidos de perto pelo *O Paiz* (1884), *Novidades* (1887-1892), *O Correio do Povo* (1891), *A Noticia*, *A Imprensa* nos

últimos tempos do Império e nos primórdios da República. *Todos abrindo espaço relativamente às letras, apesar das perturbações políticas desses dois decênios* [118] suscitarem artigos críticos sobre a República. O *Jornal do Commercio* é assinalado pela contribuição da literatura em nosso jornalismo no período em questão. Na opinião do poeta Raymundo Correia:

> - Si me parece que atravessamos um período estacionario? De modo algum, pois nada ha, entre nós, desse definitivo que caracterisa os periodos estacionários. O período actual é, ao contrario, de transição. Transição em tudo; na politica, nos costumes, na lingua, na raça e, portanto, na literatura tambem, que é onde melhor se reflectem o espirito e o sentimento das nações. Quem se puzer um pouco ao lado desse movimento, dess ebulição geral, assistirá ao espectaculo miraculoso de uma sociedade, de um povo inteiro em vias de formação. Tudo se mescla, se mistura, se confunde de tal modo que só de hoje a 90 annos é que lhe poderei dizer ao certo o resultado disto.
>
> - O jornalismo para a arte literaria, não é um factor, é um subtrahendo.
>
> Dentre todos os males necessarios e inevitáveis de nossa epocha, nenhum ha mais infenso, do que elle, á cultura sã e tranquilla da *verdadeira* arte (João do Rio, Raymundo Correia, In: *Momento Literario,* s.d.: 318-319).

João do Rio acreditava que o jornalismo era uma face favorável à arte literária, e o jornalista, tarimbeiro de redação, aquele que trazia a dose de literatura para o jornal. Por isso reclamava:

> O jornalista carioca é o unico que não se defende. Quando é um delles a fundar um novo diario, os pedidos de quanta influencia politica ha são logo atendidos, preterindo nomes honestos de profissionais. Quando é um cidadão qualquer, deputado ou bolsista, que funda o jornal sem saber o seu valor, então é uma lastima: a lista do pessoal é do começo ao fim de estreantes transitórios.
>
> Isso desmoralisa. Apesar da evolução dos nossos costumes, evolução vertiginosa que foi logo das sobrecasacas conselheiraes ao *smartismo* mais sandeu, ninguem se atreverá a dizer numa roda conservadora:
>
> - Eu sou jornalista! – sem ter como resposta a pergunta:
>
> - Já é profissão o jornalismo? porque infelizmente esse exhaustivo trabalho, esse rude e honesto labor ingrato para os mais dedicados, é na maioria a "cavação" passageira de uma porção variada de cavalheiros á espera de outra coisa...
>
> Nós, entretanto, continuavamos a passear pela Avenida, quando encontrámos um sujeito, cuja profissão eu sempre ignorei, mas que veste e conversa bem. O meu excellente camarada fez-lhe uma serie de gentilezas. Depois, amavel, batendo-lhe no hombro:
>
> - Você talvez não saiba. O alegre Eusebio vae ser nosso collega.
>
> - Que! Tambem jornalista?
>
> - É. Tomei a secção mundana e os teatros do novo jornal.
>
> - Meus parabens.

[118] Broca, 2005: 290.

> Eu estava com uma louca vontade, não se lhe perguntar se elle sabia o que vinha a ser teatro, mas ao menos se sabia escrever tres linhas com sentido. Eu sempre fui um homem pouco exigente. Afinal, não me contive. Cortei um pouco mais o desejo e indaguei:
>
> - Mas, Eusebio, você entende de jornal?
>
> - Ora, meu filho, fez elle. Não queiras vender caro o peixe. Quem não entende desse negocio de jornal? Jornalismo é como o cigarro. Não ha quem não tenha experimentado.
>
> E olhou-me bem d'alto, com a superioridade do forte cavador que estraçalha um pobre diabo.
>
> Foi então que me lembrei do charutão das Filipinas. A imprensa carioca é bem esse charutão que toda gente chupa, que anda por todas as bocas, dos pirralhos de mama aos velhos cretinos. Apenas, nós é que guardamos o charuto e que lhe chupamos as pontas. E como decididamente a amargura (talvez o sarro) desse fenomeno tragico elevava-se a vertigens simbólicas, deixei a Avenida, com medo de vêr mais jornalistas, mais fumadores, nos barbeiros, nos *garçons* de café, nos transeuntes, nos cocheiros, nos motoristas, até nos cinematografos, onde se avolumava a onda de populares... (João do Rio, O charuto das Filipinas, In: *Cinematographo*, 1909: 263-265).

Mais uma vez inspirado pela imprensa francesa *L'Echo de Paris*, *Enquête sur lévolution littéraire* do jornalista Jules Huret, publicada em 1891, João do Rio escreveu outra série de reportagens e entrevistas com críticos e autores chamada de *O Momento Literário* para a *Gazeta.*

Posteriormente transformada em livro de grande sucesso, a série foi bastante expressiva, estavam, nas reportagens, os autores: Olavo Bilac, Coelho Netto, Julia Lopes de Almeida, Felinto de Almeida, Padre Severiano de Rezende, Felix Pacheco, João Luso, Guimarães Passos, Lima Campos, Garcia Redondo, Osório Duque Estrada, Flávio Luz, Mário Pederneiras, Rodrigo Octávio, Laudelino Freire, Gustavo Santiago, Julio Afranio, Augusto Franco, Alberto Ramos, Magnus Sondhal, Luiz Edmundo, Nestor Víctor, Artur Orlando, Rocha Pombo, Pedro do Couto. *Cartas de* João Ribeiro, Clovis Bevilacqua, Silvio Romero, Raimundo Correia, Medeiros e Albuquerque, Garcia Redondo, Frota Pessôa, Mario Perderneiras, Luiz Edmundo, Curvello de Mendonça, Nestor Victor, Silva Ramos, Arthur Orlando, Souza Bandeira, Inglez de Souza, Affonso Celso, Elysio de Carvalho.

E os que não responderam à solicitação dessa entrevista literária, mas que foram mencionados em crônica: Machado de Assim, Graça Aranha, Aluizio de Azevedo, Arthur de Azevedo, Alberto de Oliveira, Gonzaga Duque, Emilio de Menezes e José Verissimo.

> Naturalmente, a ausência de certos nomes notaveis num inquérito, que procurava as respostas dos coripheus dos espiritos brasileiros, podera parecer estranha. Talvez o seja, mas; omo todas, as coisas verdadeiramente

> estranhas, é perfeitamente explicavel. Ha nomes que deviam aqui estar, mas que não estão porque a isso se oppuzeram uma sensibilidade grande, a vaidade doentia, a noção de responsabilidades graves e principalmente talvez a balburdia das idéas. A sensibilidade grande é a do ilustre Machado de Assis. Quando fui pessoalmente levar-lhe o inquérito, o admiravel escritor recebeu-me com um accesso de gentilezas, que nelle escondem sempre uma pequena perturbação.
>
> - Um inquerito? Pois não: ás suas ordens, com todo o gosto.
>
> Passaram-se os dias. Voltei á carga.
>
> - Francamente, disse-me o auctor de *Braz Cubas*, o assumpto é grave, é muito grave. Mas eu respondo, respondo quando tiver animo para escrever.
>
> Logo os amigos e admiradores do mestre disseram-me:
>
> - Perdes o tempo, o Machado não responde...
>
> Resolvi então cultivar a relação preciosa em bocados de palestra, ouvidos nos balcões do Garnier, por onde todos os dias passa o glorioso escriptor. Soube assim que o *Braz Cubas* fora ditado, durante uma molestia de olhos de Machado, á sua esposa; que o humorista incomparavel da *Theoria do Medalhão* tem uma vida de uma regularidade chronometrica, que as suas noites passa-se a tentar o sommo... (João do Rio, Os que não responderam, In: *O Momento Literario,* s.d.: 320-321).

Por essa época, ainda com um livro publicado – *As Religiões no Rio* -, pretendeu à Academia Brasileira de Letras, oferecendo candidatura para a vaga aberta por causa da morte de Pedro Rabelo. *Em junho de 1906, a Academia elegeu o sexagenário Heráclito Graça, tio de Graça Aranha, com 17 votos contra oito de Paulo Barreto* [119]. Nova oportunidade surgiu em abril quando faleceu Teixeira de Mello, e em nova carta a Machado de Assis declarou-se candidato, perdeu a vaga dessa vez para o Barão de Jaceguay.

Restou-lhe continuar a observação da cidade e seus habitantes também na revista *Kosmos*, lançada desde 1904. Colaboravam na revista, com João do Rio, Olavo Bilac, Artur Azevedo, Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, José Veríssimo e Coelho Neto. A publicação das crônicas a respeito do *bota-abaixo* continuou até 1908, além de novas reportagens dos africanos sobreviventes e seus costumes carnavalescos e juninos, dos moradores do morro de Santo Antônio, provavelmente a primeira descrição de uma favela, *construcção inedita de um acampamento*:

> Certo ja ouvira fallar das habitações do morro de Santo Antonio, (...). Como se creou alli aquella curiosa villa de miseria indolente? O certo é que hoje, ha, talvez, mais de quinhentas casas e cerca de mil e quinhentas pessoas abrigadas lá por cima. As casas não se alugam. Vendem-se. Alguns são constructores e habitantes, mas o preço de uma casa regula de quarenta a setenta mil réis. Todas são feitas sobre o chão, sem importar as depressões do terreno, com caixões de madeira, folhas de Flandres, taquarás. A grande

[119] Rodrigues, 2010: 59.

> artéria da "urbs" era precisamente a que nós atravessavamos. Dessa, partiam varias ruas estreitas, caminhos curtos para casinhotos oscillantes, trepados uns por cima dos outros. Tinha-se, na treva luminosa da noite estrellada, a impressão lida da entrada do arraial de Canudos, ou a funambulesca idéa de um vasto gallinheiro multiforme. Aquella gente era operária? Não. A cidade tem um velho pescador, que habita a montanha ha varios lustros, e parece ser ouvido. Esse pescador é um chefe. Ha um intendente geral, o agente Guerra, que ordena a paz em nome do Dr. Reis. O resto é cidade. Só na grande rua que descemos encontrámos mais dous botequins e uma casa de pasto, que dá ceias. Estão fechadas, mas basta bater, lá dentro abrem. Está acordado, e o Paraty corre como não corre a agua (João do Rio, Os livres acampamentos da miseria, In: *Vida Vertiginosa*, 1911:143-147).

Nota-se, nessa crônica, a inclinação que o autor tinha para o retrato social da época ao compor seu painel naturalista por meio da documentação e observação. O propósito da crônica não foi o retrato psicológico individual, nem a documentação da linguagem das personagens dos acampamentos da miséria, mas uma *pintura* de um grupo comunitário. João do Rio utilizou-se, até, da terminologia biológica: *Um dos machos que dormiam embrulhados em colxas de chita ergueu-se (...).*

> Nesta empolgante sociedade, onde cada homem é apenas um animal de instinctos impulsivos, em que ora se é muito amigo e grande inimigo de um momento para outro, as amisades só se demonstram com uma exuberancia de abraços e de pegações e de segredinhos assustadora – ha o arremesso exacto de uma sociedade constituida (João do Rio, Os livres acampamentos da miseria, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 148).

Na crônica, fixou algumas poucas expressões no nível da fala coloquial: - *O' Alice! Alice, cachorra, abre isso! Vai ver que está ahi o cabo! Eu ja andei com ella tres mezes.; – O violão está no norte e você vai pr'o sul, comentou um da roda.; - Rapaziada, vou embora.; – "Seu" tenente Juca, confidenciou o soldado,(...).* Na narrativa, utilizou-se das aspas para destacar algumas expressões: *Fóra, afinando instrumentos, interminavelmente, os seresteiros estavam mesmo como "paos daqua" e já se melindravam com referencias á maneira de cantar de cada um.*

Num tom sentimental, terminou descrevendo o morro de Santo Antonio com muito floreio verbal, com termos caprichosos para descrever as imagens, visando à estética: *empallidecer na perola da madrugada* e *estrellas palpitantes e canoramente galos cantavam por traz das hervas altas*. Mas não menos vivos, pois soube tirar da vida mundana suas criaturas e, na sua visão, ainda imersas na fatalidade fisiológica, ainda não libertas dos instintos. Aproveitando criaturas e fatos reais, João do Rio misturou esteticismo e naturalismo:

> E quando de novo cheguei ao alto do morro, dando outra vez com os olhos na cidade, que embaixo dormia illuminada, imaginei chegar de uma longa viagem a um outro ponto da terra, de uma corrida pelo arraial da sordidez alegre, pelo horror inconsciente da miseria catandeira, com a visão dos casinhotos e das caras daquelle povo vogoroso, refestelado na indigencia em vez de trabalhar, conseguindo bem no centro de uma grande cidade a construção inedita de um acampamento de indolencia, livre de todas as leis. De repente, lembrei-me que a variola cahira alli ferozmente, que talvez eu tivesse passado pela tóca de variolosos. Então, apressei o passo de todo. Vinham a empallidecer na perola da madrugada as estrellas palpitantes e canoramente gallos cantavam por traz das hervas altas, nos quintaes visinhos (João do Rio, Os livres acampamentos da miseria, In: *Vida Vertiginosa*, 1911:143-147).

Na revista *Kosmos* tornou-se grande divulgador da obra de Oscar Wilde, publicando várias traduções desse escritor em 1905, autor que assumiu como referência, pois, como Wilde, João do Rio considerava a obra de arte um produto do temperamento imaginativo, capaz de dar formas e de criar ilusões. *A genialidade inquieta de Wilde era para Paulo Barreto o melhor sintoma do caráter divino do artista* [120]. Em 1916 ainda reproduziria a displicência com que o dândi wildiano falava sobre a vida na obra *Pall Mall-Rio*, coletânea de crônicas do inverno mundano de 1916.

Em *Pall Mall-Rio* as crônicas são concebidas com muitos diálogos, os interlocutores atuavam no sentido de puxar uma conversa qualquer, assim criariam a oportunidade para que o autor introduzisse suas frases, criticasse ou apenas comentasse algo, ou enfatizasse o clima *snob* da ocasião pela explosão do irresistível desejo de falar. Como também fez nas crônicas reunidas nas obras *No Tempo de Wencesláo...,* de 1917, só que explorando a temática política,

> O desvario faz do paiz um vasto hospicio de alienados, em que os problemas são encarados inversamente. Reina um conflicto sem conclusões, um conflicto perenne de manicomio sem guardas, em que malucos oscilam entre a pancada e o abraço enternecido (João do Rio, O sorriso de Antonio Carlos, In: *No Tempo de Wencesláo...*, 1917: 31).

e *Os dias passam...,* livro publicado com os editores Lello, no Porto, composto de 19 crônicas publicadas entre 1904 e 1910 na *Gazeta* e em *A Noticia*.

> - Está um dia lindo!
> É depois do almoço. O homem está aborrecido. Tantos negocios não realisados, quantas complicações intimas que é preciso encobrir no sorriso da sociabilidade! E, de repente, um certo aspecto da natureza urbana reflecte de modo imprevisto a belleza gloriosa do dia. Normalmente o

[120] Levin, 1996: 93.

> homem por alli passa, em horas do mesmo sol, e, entretanto, só de vez em quando tem a doce sensação de alegria calma e perfeita. Aquellas mesmas casas, aquelle mesmo céo, o macadam da rua em varias ocasiões, sob o mesmo firmamento sem nuvens, deram-lhe sensações de melancholia e de tedio atroz que se denomina o "spleen" da luz.
>
> Porque então a alegria subita? Será dos seus nervos? Mas se nada de pessoal lhe motivou a exclamação? Se os negócios andam a tropeços e a vida se lhe não affigura um calvario a subir sem cruz, mas de collarinho e gravata?
>
> O homem não pensa muito tempo. Está alegre, aproveita essa alegria, alíás admirado de que os seus conhecidos pareçam tambem anormalmente alegres. É preciso aproveitar. E no dia seguinte o mesmo sitio dá-lhe, por um tempo, horrivel de chuva, pretenções de bem estar e de conforto luxuoso.
>
> - Excellente, um coupé-automovel para ir jantar por ahi bem aconchegado com flores e vinhos delicados!
>
> E o homem gasta o que não pede e realisa o seu desejo. Está ao cabo de certo tempo convencido de que é doença, e não ha quem não o considere neurasthenico.
>
> - Cansaço dos nervos...
>
> - Acaba no hospicio...
>
> Ora, precisamente, o homem não pensa que é apenas um inconsciente reflexo da physionomia, da alma do dia (João do Rio, O que ensinam os dias..., In: *Os dias passam...*, 1912: 11-12).

Se no Brasil não floresciam os salões da aristocracia, reproduzir em *Pall-Mall Rio* os encontros seletos e as reuniões em torno de um número restrito de gente ilustre tornou-se necessário. E sobre a sociedade, escreveu João do Rio:

> - Oh!
>
> - Deixemos a politica. E vejamos a sociedade com a observação estrangeira, alheia ás influencias do meio. O Rio possuia uma sociedade na monarchia, que não datava das cruzadas, mas datava o seu titulo de algum serviço ao paiz ou ao imperador. Era uma sociedade de boas maneiras. Nós rapazes ainda, conseguimos sentir a differença entre Ouro Preto, um Paranaguá e o escol republicano. As senhoras, essas, sem bas-bleuismo e snobismo, eram deliciosamente senhoras.
>
> A sociedade actual é composta de fragmentos do grande vaso azul de Sevres, da aristocracia monarchica, e dos elementos mais ou menos plutocraticos. Ganhou dinheiro? É do sét (João do Rio, O ridiculo democratico, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 175).

Todavia, ao contrário do que se pode dizer a respeito da preferência de João do Rio em enxergar o Rio, julgado por isso mesmo pelo seu pobre exotismo, semelhante ao que se fez em França um *Claude Farrère* [121], com grande habilidade soube traduzir os paradoxos de uma cidade, descrevendo todos os defeitos incutidos nela, inclusive a

[121] Pereira, 1988: 271.

miséria que ladeava a elite da época. Esta crônica denuncia o tratamento que a sociedade dava às mulheres desamparadas:

> Quando entrámos, algumas detentas lavavam a primeira sala, sob o olhar severo de um guarda.
>
> - Tudo limpo?
>
> - Saiba v. s. que ainda não.
>
> - Pois apresse, apresse estas mulheres...
>
> O chão de pedra estava cheio de lama. A agua suja escorria da soleira da sala em dous grossos fios e as mulheres, de saia arregaçada, com pulos estranhos, davam gritinhos estridentes. Um cheiro especial, exquisito, pairava naquella galeria batida de sol, em que os metaes reluziam. Os guardas tinham a phisionomia fechada.
>
> - Quantas presas?
>
> Ha actualmente concoenta e oito, divididas por tres salas, uma das quaes é enfermaria. Á fala de logares, a promiscuidade é ignóbil nesses compartimentos transformados em cubiculos. A maioria das detentas, mulatas ou negras, fufias da ultima classe, são reincidentes, alcoolicas e desordeiras. Olho as duas salas com as portas de par em par abertas e fico aterrado. Ha caras vivas de mulatinhas com os olhos libidinosos dos macacos, ha olhos amortecidos de bode em faces balofas de aguardente, ha perfis esqueléticos de antigas bellezas de calçada, sorrisos estúpidos navalhando bocas desdentadas, rostos brancos de medo, beiços trêmulos, e no meio dessa caricatura do abismo as cabeças oleosas das negras, os narizes chatos, as carapinhas imundas das negras alcoolicas. Alguns destes entes, lembra-me tel-os vistos noutra peisão, no pateo dos delirios, no hospicio. É possivel? Haverá loucas na Detenção como ha agitados e imbecis? O Dr. Afranio Peixoto, o psichiatra eminente, dissera-me uma vez, apontando o pateo do Hospicio, onde, presas de agitação, as negras corriam clamando horrores aos céos: Ha algumas que têm quatro e cinco entradas aqui. Sahem, tornam a beber e voltam fatalmente.
>
> As mulheres tinham corrido todas para o fundo das salas, casquinando risinhos de medo. Naquella tropa, as alcoolicas andavam trôpegas, erguendo as saias com um ar palerma. Indiquei ao guarda uma dellas.
>
> - Venha cá, gritou elle.
>
> As mulheres agitaram-se. Eu? Sou eu? *Seu* guarda, posso ir? O guarda tornou a chamar a massa abjecta e foi quasi empurrada pelas outras que ella veiu, meio envergonhada.
>
> - Quantas vezes esteve no Hospicio?
>
> A negra olhou para nós. Os seus olhos amarelos, raiados de sangue, abriram-se num esforço e ella balbuciou.
>
> - Duas, sim senhor.
>
> O alcool ou a preparava para a tisica rapida ou, dias depois, a atiraria irremissivelmente para o manicomio.
>
> As outras creaturas, dotadas de curiosidade irresitivel, tinham-se aproximado das portas entre risadinhas e cochichos depravados, e eu pude assim, com calma e tranquilidade, apreciar e interrogar todas as flores de enxurrada, todas essas venenosas parasitas do amor torpe num campo perdido do jardim do crime. Essas mulheres estão na Detenção por cousas futeis, cousas que cometem diariamente até á cólera final dos inpectores tolerantes ou a vingança de algum soldado apaixonado.
>
> São moradoras do morro do Favella, das ruelas proximas ao quartel-general, dos becos que desaguam no largo da Lapa, das ruas da Conceição, S. Jorge e Nuncio. Quasi sempre brigaram por causa de uma "tentação" que tentava e pretendia satisfazer as duas. Outras atiraram-se á cara dos apaixonados num desespero de bebedeira.

- Saiba v. s. que da outra vez que estive aqui foi por causa do inspector. Eu tinha o meu bajojo; o bobo cheio de "fobó" estava-se endireitando. Mas veiu de carrinho. O diabo vingou-se!

E logo outra, apopletica:

- Cá comigo é nove. Não gosto de presepadas. Elle era rodelista. Quando a gente gosta de um homem, gosta mesmo, nem que bata o trinta e um.

Faltavam uma lingua imprevista e curiosa, cuspunhando; e, olhando as pobres coitadas, não sabia eu bem si falava a mulheres velhas ou a mulheres novas, de tal forma aquellas faces e aquelles corpos estavam arruinados. Perguntei a uma pardinha cujos dentes eram brancos e que devia ter sido bonita:

- Como se chama?

- Francisca Maria.

- Quantos annos tem?

- Tenho vinte.

E estava havia cinco naquella vida de horror. E assim a Carmen da rua Moraes e Valle, e assim a Carmelina com uma navalha na face, vibrada pela rival emquanto dormia, e assim a velha Rosa Maria á espera da liberdade apenas para continuar o seu fadario e voltar á Detenção. Todas estão tatuadas, tatuadas nos seios, hombros, tatuadas nos braços, nas pernas, no ventre, tatuadas nas mãos, algumas até tatuadas na testa. Esses riscos azues e essas manchas negras dão-lhes um aspecto bárbaro, um ar selvagem. Nenhuma de certo tem mais familia ou amizades duradouras. A tatuagem para os pobres corações apodrecidos é como a exteriorisação da saudade. Muitas têm, entre espadas, christos, sereias, peixes, corôas imperiais, o nome dos que lhes deram o ser, o nome dos irmãos, o dos filhos perdidos e dos amantes que se foram; muitas, nas horas de solidão, têm na propria pelle a recordação da eterna dôr.

Cavalhada de Luxuria, correndo nos recantos da cidade ao lado da morte e do assassinato, destinada aos fins trágicos da miseria, da siphilis ou do ciumes feroz, os seus proprios corpos são como o perpetuo simbolo das suas adorações, os altares onde se confundem todos os sentimentos. A cabocla Carmelina, uma das mais tatuadas, tem de tudo no corpo, a até as phalanges formam com iniciaes o nome do irmão. Os braços, ella os dedicou ao amor. Ha nomes e nomes, uns por cima dos outros, alguns apenas em iniciaes, outros por extenso. Examinando esses dous braços de Venus asquerosa, que com o mesmo delirio e a mesma alma apertaram na chama da paixão apaixonados, diversos, o guarda perguntou, como quem quer decifrar um enigma:

- E qual destes é querido agora?

Caemelina esticou o braço esquerdo, e todos nós lemos, emquanto ella sorria, o nome de Narciso, com uma cedilha de mais por baixo do *c.* A creatura amava um Narciso, e de certo naquelle momento aos seus olhos surgia a imagem desse seu deus temporario.

Eu porém já me nauseava, e Antonio Barros, chefe dos guardas, sempre solicito, levou-me á enfermaria, onde havia apenas tres doentes, - a Herculana e uma pequena feia, magra, olheirenta, espapaçada na cama como uma das mumias americanas que o Museu guarda na sua secção de ethnographia. Essa criaturinha tem quinze annos e parece ter mil. É dolorosamente irreal. Está condemnada por crime de infanticidio. matou o proprio filho ao nascer, mas antes devia ter matado outros, como matará os futuros com o seu olhar de círio perpetuamente ardendo na negridão das olheiras. Ao vel-a, lembra-se a gente as teorias dos criminalistas passados e principalmente das idéas de Maudsley sobre o crime e a loucura.

- Como te chamas?

- Olivia.

- Você não gosta das crianças?

Um gesto negativo de cabeça.

- Antes já procurara tomar remedios para abortar, não?

É uma pergunta sem razão de ser. A menina curva a cabeça e desata a chorar. Tudo quanto se lhe perguntar sobre o seu horror á maternidade, Olivia é incapaz de negar. Não deve estar nessa enfermaria de Detenção, mas num dos pateos do Hospicio. E, encolhida, com os cabelos esparsos nos travesseiros, a pele ressequida como um pergaminho muito esfregado por óleos barbaros, essa infanticida de quinze annos arreganha a face num rictus de angustia como um cadaver de aztéca ao ressurgir á faze da terra.

Neste momento, porém, houve um reboliço. Chegavam os pesos (sic) da Colonia dos Dous Rios á disposição do chefe. Fóra ouviam-se os rugidos de um negro abjecto, o *Bronze*, enleiado numa camisola de força, esperneando, espumando. Dous outros adolescentes bem dispostos, de chinellos novos, que sorriam perfeitamente contentes com a sorte, perfilavam-se ao longe entre os guardas.

Não tivemos tempo de chegar á janela. Pelo corredor vinham vindo tres mulheres, traziam todas a roupa de zuarte e um lenço cobrindo o craneo pelado. A primeira era magra, magrissima, tossindo a cada intante, com as mãos em cruz sobre o peito. De vez em quando parava e a sua face exprimia a horrenda e inexprimivel dôr de uma agonia sem fim. A segunda, apagada, com os braços abertos, parecia não sentir mais as pernas. A ultima, com uma face de burgueza honesta na miseria, tinha um ventre enorme, um ventre hudropico, um ventre colossal. Os guardas iam nos tocando.

- Eia! p'ra diante! eia!

As duas primeiras passaram sem ver, como o olhar isnsensivel. A ultima parou.

- Não posso mais. Vim para fazer operação. O! o meu martirio! De qualquer fórma, sr. guarda, eu morro, mas deixe-me ao menos morrer quando chegar a hora definitiva.

- Mas essa mulher é inteligente!

- pois si até ensina a ler.

Aproximei-me:

- Ah! meu caro senhor, por piedade, peça ao ministro o meu perdão. Ha tres annos que sofro. O odio de um inspector, a falta de amigos e de proteção reduziram-me a esta lamentavel estado. Venho da Colonia. Não me trataram como uma presa, trataram-me como uma pessoa digna de piedade. E apezar disso eu estou assim, perdão para mim!

- E a senhora chama-se?

- Maria José Corrêa. Fui professora publica...

Deus misericordioso! Que fatalidade sinistra arremessara aquelle pobre ente inteligente, descendente de uma familia honesta, á tropilha de uma colonia correcional? Que destino inclemente impele na sombra o homem, fórma os vagalhões da popularidade, afoga uns, atira outros ás estelas do maior numero? A essa mulher bastára perder o apoio da sociedade, para acabar no horizonte fechado do correcional todo os sonhos de ambição, todas as idéas felizes que os pais depositaram no seu espirito. Que lhe servia a visão superior do mundo na cloaca do crime e da luxuria? Que lhe servia ter ensinado ás crianças o amor das cousas dignas, si o seu fim era acabar no eito da colonia, cavando a terra entre as desordeiras e as perdidas varridas da cidade?

Tomou-me uma especie de medo, de phobia neurasthenica. Recuei.

O guarda dizia:

- Deixe de lambança, Maria. Todos te conhecem. Saiba v. s. que é popular nos kiosques da Estrada de Ferro Central. Vai ás cinco da manhã, e só deixa de beber quando os kiosques fecham. Antigamente servia-se da barriga para dizer que estava gravida e ser tratada na delegacia. Agora não ha mais disso. É uma alcoolica mais malcreada que qualquer outra.

> A mulher calou-se. As outras tinham parado e de repente a tisica, a que tinha na face a expressão horrenda de uma agonia sem fim, cahiu de joelhos soluçando.
>
> - Si eu tivesse o meu perdão. Nossa Senhora! não morria aqui! Si eu tivesse o meu perdão, eu ia morrer sossegada...
>
> Fóra o sol enchia o pateo de um explendor de ouro liquido (João do Rio, As mulheres detentas, In: *A Alma Encantadora das Ruas*, 1910: 283-291).

Não lhe faltava o propósito de ser um cronista da cidade, da cidade e do seu momento *snob* ou miserável também, mesmo deslumbrada ao descobrir-se grande capital, e por isso mesmo tendendo de algum modo a se descaracterizar. Não lhe faltou o essencial: a observação e o poder criador, mesmo abusando do estilo rebuscado, das palavras estrangeiras, das personagens retiradas das reminiscências de leituras, do desejo de armar efeitos tão característicos também em outros escritores de sua época: Artur Azevedo, Coelho Neto, Afrânio Peixoto, Júlia Lopes e Xavier Marques. Além desses, parecem também ter sofrido as mesmas deformações de espírito, embora diversos entre si: Mário de Alencar, Medeiros e Albuquerque, Magalhães de Azeredo, Garcia Redondo, Virgílio Várzea.

> no *trottoir roulant* da Grande Avenida passa, na aureola da tarde de inverno, o Rio inteiro, o Rio anonymo e o Rio conhecido – o Rio dos miseraveis ou o Rio cuja vida se prolonga de legendas odiosas e de invejas continuas. Mas ninguem vê a miseria. Podem parar nas *terrasses* dos *bars*, podem entrar pelas casas de chá os mendigos, resequidos esqueletos da secca do norte, estrangeiros de falar confuso, exploradores da caridade. O verão que esvurna os horrores e empasta de suor as caras, o tremendo verão que decompoz a cidade – partiu. A luz de inverno lustra os aspectos, faz resaltar os primas bellos, apaga a fealdade. Não ha gente desagradavel, como não ha automoveis velhos. Ninguem os vê. Os olhos estão nas mulheres bonitas, nos homens bem vestidos, nos automoveis de luxo. É um desfilar de opera. Parece que todos ouvem uma orchestra em surdina de instrumentos de madeira, e que a luz diffusa se derreteu no alto, através de uma camada musical de violetas brancas. E passam damas, e passam cavalheiros. E no meio dessa multidão o destaque de uma pequena sociedade – grandes damas, homens ilustres. Por que o destaque? Insensivelmente somos obrigados a fazel-o (João do Rio, Os encantadores, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 19).

Ainda na obra *Pall-mall Rio*, João do Rio escreveu sobre – *Como era o jovem de 1916? indagará V. em 2016* e a situação do filho de família da melhor sociedade:

> A situação do filho da melhor sociedade ainda não foi convenientemente estudada. O filho familia das classes pobres namora e emprega-se. De preferencia na Ligth. O filho familia das classes burguezas faz o possivel para obter um emprego publico, e contenta-se com qualquer

> coisa, com tanto que não faça nada. O filho familia da melhor sociedade nasce na aparencia do luxo, mesmo quando aquelles a quem chama de paes nunca tiveram fortuna senão a dos outros. Assim tem um berço bonito e uma ama de touca na primeira idade; uma professora de linguas e alguns pares de luvas de seda na segunda idade (dos tres aos cinco annos); a noção de que pertence a um mundo á parte d'ahi em diante, mundo superior criado para iluminar os outros e explorar esses outros. Quando o filho familia da melhor sociedade chega aos dezoito annos é - vagamente, muito vagamente! – estudante, anda de casaco curto e cintadissimo, com palmilhas debaixo do braço, frequenta o chá da Lallet, visita as familias "das suas relações" levando as intrigas de uma sala para outra sala, vae aos espectaculos estrangeiros, anda d'automovel, tem amantes francezas e não possue vintem. Assim, naturalmente, o filho familia da melhor sociedade faz contas. Deve ao alfaiate, deve ao sapateiro, deve ás garages, deve aos floristas. Dever é honra (João do Rio, A sorte de Jacques, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio Jose*, 1917: 139-140).

Voltando a 1908, *A Alma Encantadora das Ruas* foi posta à venda, e a Casa Garnier comprou do autor, por dois contos de réis, o direito de edição de *O Momento Literário*, lançado no mesmo ano.

Considerada uma das melhores obras da cidade do Rio, *A Alma Encantadora das Ruas* foi escrita como um *cronômetro* da cidade esmiuçada em suas ruas, era o *instante* de uma cidade.

> Outro dia, ao saltar de um tilbury no antigo largo do Paço, vi na boléa de um vis-a-vis prehistorico a ventuipotencia colossal de um velho cocheiro. As duas mãos gorduchas á altura do peito como quem vai rezar, enfiado numa roupa esverdinhada, o automedonte roncava. Seria uma recordação literaria ou a memoria de uma fisionomia de infancia? Seria o cocheiro as *Sapho*, o irmão mais velho de *Simeon*, ou simplesmente um velho cocheiro que eu tivesse visto na doce idade em que todas as emoções são novas? Era dificil adivinhar. Para os cérebros cheios de literatura, a verdade obumbra-se tanto que é sempre preciso perguntar por ella como o fez Poncius Pilatos diante de Deus.
>
> Foi para perto do vis-a-vis, bati na perna do velho. Estava feio. O ventre, um ventre fabuloso, parecia uma talha que lhe tivessem entalhado ao tronco; as penas sem movimento, pendiam como traves; os braços, extremamente desenvolvidos, eram quasi maiores que as pernas; e a caraça vermelha, com tons volaceos, lembrava os carões alegres do Carnaval. Abriu, entretanto, uma das palpebras com mão humor e resmungou:
>
> - Prompto!
>
> - Então você não me conhece mais?
>
> - Eu não, senhor.
>
> - Pois eu conheço a você desde menino.
>
> Elle abriu de todo as palpebras pesadas, um sorriso de alegre bondade passou-lhe pelo labio.
>
> - Saiba vossa senhoria que bem póde ser! Toda essa gente importante de hoje eu conheci meninos de colegio!
>
> Não sei por que estava meio emocionado.
>
> - E já fez ponto na Estrada de Ferro?
>
> - Ha vinte annos, eu e o *Bamba*.
>
> Encostei-me á boléa do antigo vis-a-vis. Havia vinte annos sim, havia vinte annos que no passar pela estação de carros os meus olhos de

> criança se fizaram curiosamente na phisionomia jocunda de um velho, que já naquelle tempo era velho e já naquelle tempo gravemente roncava na boléa de um carro? Havia vinte annos...
>
> É como lhe digo, afirmava elle. Conhece a filha do barão de Cotegipe? Eu vi aquella santa creatura menina. Conhece o filho do grande ministro João Alfredo? É meu amigo, dá-me dinheiro sempre que vem ao Rio. Olhe, ha de conhecer o dr. Fernando Mendes de Almeida e mais o irmão, o dr. Candido. Pois quando eu servia o pai, eles eram meninos de colegio. Ha mezes eu disse ao dr. Fernando tudo isso e elle foi dar um passeio no meu carro e deu-me doces, vinho do Porto, dinheiro. Estava admirado e ria...
>
> - Como se chama você?
>
> - Braga, eu sou o Braga.
>
> Pobre velho cocheiro a quem se dá como ás crianças doces de confeitaria! Eu continuava encostado ao vis-a-vis, imensamente triste e com a mesma curiosidade de criança.
>
> - Trabalho neste officio desde 1870. Tinha vinte annos, quando comecei. Toda a minha mocidade foi acabada aqui.
>
> - E não estás rico?
>
> - Rico?
>
> Soltou uma gargalhada sonora que lhe balançou o ventre e o envermelheceu mais. Os seus olhos pequenos olhavam-me da boléa com superioridade compassiva. É dificil encontrar um cocheiro de carro que tenha feito fortuna. Enriquecem os de carroça, os de caminhões. De carro, só se citam dois ou tres em trinta annos. O oficio, longe de tornar ageis os corpos, faz lesões cardiacas, atrofia as pernas, hipertophia os braços, de modo que quinze annos de boléa, de visão elevada do mundo, ao sol e á chuva, estragam e usam um homem como a ferrugem estraga o aço mais fino. O Braga era um velho trapo encharcado. Tanto adipo dava-me a impressão de que o pobre velho devia ter agua nos tecidos.
>
> Eu continuava a ouvil-o. Naquella boléa falava um cultor do quietismo, um renanista que tivesse comprehendido o nirvana. Nem uma ambição, nem um odio: apenas um sorriso de quem não se rala com a vida e vem para a rua almejando não encontrar freguezes para dormir mais á vontade. (...) (João do Rio, Velhos cocheiros, In: *A Alma Encantadora das Ruas*, 1910: 127-129).

Índice para o discurso brasileiro do começo do século, o autor da crônica deveria representar o tempo na e da cidade, num texto dinâmico, desatento e apressado, para ser apresentado àqueles que estavam nos *bonds*, nos cafés e, mais tarde, ser esquecido ao final de um dia vertiginoso. João do Rio seguia o padrão do gosto refinado dos intelectuais da época, a linguagem confirmava as lições classicistas, embora trouxesse alguns termos da cultura atualizada, como os que traduziam a moda. Nesta crônica, trata do *snobismo*:

> Não ha duvida. A maioria da sociedade atravessa agora uma crise nervosa que póde denominar a nevrose do snobismo. É nas gazetas, é nos salões, é nas ruas: - a melestia invade tudo. Não ha lar por mais modesto, não ha sujeito por mais simples que não se sintam presos do mal exquisito de ser snob e o snobismo é tanto molestia do galarim da moda, que uma porção de cidadãos graves já com afinco e solemnidade resolveu fazer-lhe opposição. O snobismo é como a neurasthenia, é peior porque as altitudes e o repouso só

> conseguem desenvolvel-o; o snobismo é o mal que se soffre mas cuja origem se ignora e cuja marcha não se sabe onde vae parar.
>
> Quem vem a ser snob em terras cariocas? O snob do Rio é um homem que algaravia uma lingua marcheteada de palavras estrangeiras, fala com grande conhecimento da Europa, da vida elegante da Riviera, das *croisseries* em *yatchs* pelos mares do Norte, dos hoteis e da depravação do Cairo e de outras cidades ophtalmicas do Egypto, onde é moda ir agora; o snob nacional é o typo que procura vestir bem e ser amavel – é afinal um reflexo interessante e sympathico do snob universal com a qualidade superior de ter pouco dinheiro (João do Rio, Ser snob, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 201-202).

Para João do Rio, a crônica era entendida como exigência de autonomia estética embora nascida do fato real, seja ele um acontecimento de âmbito social ou político de qualquer alcance, seja de âmbito individual, como quando seu dia suscitava a crônica que devaneava com a ocasião. E pretendendo-se não apenas o repórter, mas também o poeta ou o ficcionista do cotidiano [122], o autor corria sua pena sob a pressão do aviso do jornal que iria se fechar. Tudo isso ditava a pretensa espontaneidade, calcando com nitidez as linhas mestras de sua ideologia.

*Cinematographo* surgiu como uma coluna assinada por *Joe*, outro pseudônimo de João do Rio, em 1907, na *Gazeta de Noticias*. Durou até 1910. Como um diário à moda parisiense, mas muito carioca, era dividido em tópicos como

> uma fita, outra fita, mais outra... Não nos agrada a primeira? Passemos á segunda. Não nos serve a segunda? Para deante então! Ha fitas comicas, ha fitas serias, ha melancholicas, picarescas, funebres, alegres – algumas preparadas por actores notaveis para dar a reprodução idealisada de qualquer facto, outras tomadas nervosamente pelo oporador, á passagem do facto. Umas curtas, outras, longas. Podes deixar em meio d'ellas sem receio e procurar a diversão mais além. (...) Ademais, se a vida é um cinematografo colossal, cada homem tem no craneo um cinematografo de que o operador é a imaginação. (...) A chronica evoluiu para a cinematografia. Era o reflexão e commentario, o reverso d'esse sinistro animal de gênero indefinido a que cham: artigo de fundo. Passou a desenho e a caricatura. Ultimamente era photographia retocada mas sem vida. Com o delirio apressado de todos nós, é agora cinematographica, - um cinematografo de letras, o romance da vida do operador no labirinto dos factos, da vida alheia e da fantasia – mas o romance em que o operador é personagem secundario arrastado na torrente dos acontecimentos. (...) Segue-se d'ahi que nem a fita se revê, nem a pagina parecida com a vida se torna a lêr. Supremo consolo! Desagradou ou encantou. Não houve tempo de reler para notar defeitos – mesmo porque não ha tempo para nada (João do Rio, In: *Cinematografo*, 1909: V-XI).

Estão no *Cinematographo* as crônicas que registraram a Exposição Nacional de 1908, no Rio de Janeiro, para comemorar o primeiro centenário da abertura dos portos

[122] Moisés, 1978: 247.

no Brasil. Em oito meses foi construído um conjunto milionário, uma verdadeira cidade, na Urca, para expor produtos nacionais ao comércio internacional. A Exposição contava com as seções da Agricultura, da Indústria e Pastoril, cada estado da federação teve direito a um pavilhão, chamado de palácio, e foram feitos ainda dois teatros e três restaurantes. A Exposição tornou-se um ponto de encontro obrigatório.

*O clou da Exposição*

> Francamente. Nos futuros números sensacionaes da Exposição, o que mais me agradava a principio era ver o major Dias Braga, mostrando ao vulgo o que é nesta terra a arte teatral. (...) No momento, entretanto, da mais inutil e intruncada elocubra, surgiu a noticia de uma banda de bororós dos sertões de Mato-Grosso e eu ainda não voltára a mim de admiração, quando se anunciou simplesmente este facto: durante o certamen um menino prodigio se exhibirá dando alguns concertos... (...) Esse menino da Exposição assegurará aos estrangeiros o nosso papel na America do Sul de emulos da America do Norte. O menino prodigio era um caso raro aparecendo sporadicamente em cada paiz. Hoje, os Estados Unidos absorvem de tal modo o prodigio que o enleiaram num trust. (...) A Exposição vae revelar ao côro das nações que também nós cultivamos o menino prodigio. (...) Como tudo neste paiz é questão de imitação e de moda, a semente desse menino fará brotar do solo abençoado da patria verdadeiras florestas de meninos prodígios. Dentro de pouco tempo os paes felizes não dirão mais aos seus produtos:
>
> - Juquinha, diga um verso para o moço.
>
> Esses paes tomarão dos braços da ama o petiz enfaixado e com austeridade:
>
> - Doutor, explique aqui ao velho amigo a quadratura do circulo (João do Rio, In: *Cinematographo*, 1909: 267-273).

*Quando o brasileiro descobrirá o Brasil?*

> A Exposição vai abrir-se. É a grande amostra do Brasil. Cada Estado expõe as suas reiquezas naturaes e os tentamens da sua indústria. O estrangeiro admirará e aproveitará, graças ao céo. O brasileiro descobrirá. E eu estou a vêr o pasmo das cariocas e dos cariocas deante do ouro, das pedras, das madeiras, dos tecidos, dos aproveitamentos da natureza assombrosa, pelo homem vagaroso. Isto é do Paraná? Realmente, o mate é tão bebido e apreciado! Isto é do Amazonas? Ora, diga-me, onde fica Matto Grosso! Mas é estupendo, que Minas tenha, além de S. João d'El-Rey e de Belo Horizonte, esta estupenda riqueza! O Espirito Santo fica ao norte ou ao sul?
>
> E só talvez na Exposição o brasileiro descobrirá o Brasil – o que será talvez direito seu, depois de Cabral, de Turot e de Mme. Touché. E descobrirá com a pilula bem dourada e bem cara. Todos irão vêr a Exposição, não pelo Brasil que lá está, mas pelas diversões com que se arrebica.
>
> Como a interessante dama, que me fizera pensar no nosso curioso estado moral, esgotava a Scandinavia – francamente, que nos importa a Scandinavia – atrevi-me, modesto a insinuar a Exposição. Toda a roda mostrou um contentamento de bom tom.
>
> - Vai ser a salvação dos prazeres da primavera! disse o insuportavel e papal Rodrigo.

> - Tem todas as diversões imaginaveis, o *cgateau-d'eau*, restaurants exoticos, concertos em que ouviremos, pela primeira vez, os maestros russos tão em moda agora.
>
> - E o Brasil, minhas senhoras, e o Brasil, também.
>
> - O cavalheiro está insuportavel. Querem vêr que virou jacobino? Deixe-se disso! Mas a Exposição vai ser mesmo um encanto. Meu marido que lá deu um pulo, outro dia, de automovel, assegurou-me. Tem tudo. Vae ser talvez melhor que a de Paris...
>
> E eu senti que, substituindo o Pão de Assucar a Torre Eiffel, o brasileiro ainda depois da Exposição ignora o Brasil. Mesmo porque o Pão de Assucar está apagado... (João do Rio, In: *Cinematographo,* 281-283).

## *O milagre da mocidade:*

> No segundo dia da Exposição, desde que a luz se ascendeu, transformando a cidade dos palacios em cidade da maravilha, eu resolvi andar sósinho. (...) Que estavam os meus olhos mortaes admirando e louvando? A obra imortal de uma geração incomparavel. Aquella Exposição era simplesmente a Maravilha. Della, dessa grande prova universal, quantas consequencias enormes! O Brasil, errada e pretensiosamente descoberto por quanto cavador europeu tem aparecido, descobria-se elle proprio, descobria-se numa apoteose extraordinaria, amontoando as riquezas incomparaveis da terra e as riquezas estranhas da sua intelligencia e da sua energia. Naquelle certamen em que os pavilhões são palacios e cada sala assombramentos sucessivos, era o mesmo tempo a sensação do Brasil num mostruario colossal para o mundo e para o proprio Brasil; e os resultados do conhecimento exacto do estrangeiro, com a entrada de capitaes para a exploração das riquezas naturaes e o desenvolvimento das industrias, e as consequencias do intimo conhecimento interestadual, feito na ligação dos *halls*, seriam tão grandes, que o meu cerebro se recusava a pensar com medo ao exagero fantasista. (...) Aquella cidade da maravilha, erguida em oito mezes, quem a fizera? Dois moços: Miguel Calmon e Sampaio Correia. De Miguel Calmon, o benjamin do minsterio, póde-se bem dizer que a ousadia dos seus projetos, a sua retidão e a multidão de idéas que seu cerebro continha, espantaram um instante. (...) De Sampaio Correia só ha uma dificuldade: encontral-o para admiral-o bem e amal-o mais. (...) Ao mesmo tempo que dirigia as Obras Publicas, como ellas nunca fôram dirigidas, inaugurando uma série de trabalhos e providenciando para o já chronico abastecimento d'agua da cidade, Sampaio Correia, o melhor collaborador de Calmon, dirigia pessoalmente os trabalhos da Exposição, e esses trabalhos em oito meses fôram apenas: projeto geral co divisão da área, ornamentos, ajardinamentos; preparo da área com aterro e desaterro; demolição dos edificios antigos, dependencias da Escola Militar e doze predios particulares; contrução de um caés que completa a Avenida Beira-Mar até fóra da barra, com uma ponte de cimento com vinte metros de vão; outra ponte de alvenaria para a atracação de barcas, o assombroso *chateau d'eau*, aquelle porticoda maravilha que é o portão monumental, o palacio manuelino de Portugal, cerca de trinta pavilhões, o teatro, os restaurantes, as rêdes de exgotos e aguas fluviais, a distribuição da agua e da iluminação, que só por si é uma prova de talento e de arte, o calçamento, a arborização – que sei eu, deuses fortes da Hellada morta? o assombro da energia, da atividade, da capacidade, o prodigio de uma cidade criada em 130 dias, o milagre da força intelligente! Como não se sentir a gente participando um pouco dessa gloria imensa? (João do Rio, In: *Cinematographo*, 1909: 286-289).

## *A carta de um delegado á Exposição:*

A carta, evidentemente, caíra de uma algibeira poucos momentos antes. Nem o envolucro estava sujo. E, caso que nos aguçou a curiosidade maldosa, estava ainda aberta e por sellar. Um por um dos cavalheiros em torno á mesa sopezou a carta, olhou o sobrescripto, sorriu, disse uma frase. E todos pareciam acanhados porque a vontade geral era abrir a carta e lê-la. Ha quem resista á leitura de uma carta? (...)

Rimo-nos, olhando para os lados, por causa das duvidas. Getulio já desdobrava o papel. A carta era longa e dizia assim:

"Minha querida Nathalia. – Em primeiro logar um beijo muito longo á minha mulherzinha, de quem cada vez sinto mais saudades. (...) A principio, logo que cheguei, fui forçado a acompanhar o nosso senador, que como já deves saber volta á presidencia brevemente emquanto o actual estiver no Rio, a senatorisar um pouco. (...) Como a vida parte do estomago, dir-te-ei que a cidade é, quanto a hoteis, uma fabrica de mortes. Acabei pelos mais afamados, sempre com o senador, homem muito austero como tu sabes. Pois, minha filha, é uma grande miseria. (...) As diversões e os passeios tambem não agradam, porque a cidade, depois das avenidas e das lampadas elétricas, mais os automoveis, é de uma pretensão, e parece que toda a gente tem falta de dinheiro, principalmente as senhoras. (...) De resto, ha homens que mudam de roupa tres vezes por dia como nos romances, e vão sempre ao teatros de *smoking*. Coitados delles, Nathalia! Os teatros são detestaveis. Os artistas não sabem os papeis e quando a gente vae á caixa distribuem cadeiras de beneficio. (...) Ao demais, o trabalho na Exposição apertava. A comissão executiva parece que tem má vontade com o estado. Os volumes são os ultimos a serem descarregados e ainda não inauguramos o nosso pavilhão. Que trabalho o de delegado, minha boa amiga! (...) Infelizmente as coisas não sáem sempre ao contrario do que se pensa. Eu desejava partir já, mas ao que consta esse horror da Exposição caiu no vicio da população, e o ministro talvez a prorogue até dezembro. (...) São duas horas da madrugada. A fadiga vence-me, porque tivemos de mostrar a um capitalista americano os tecidos de fibra de bananeira. (...) Adeus Nathalia! Até breve. beija Renato e Euridice. Não te esqueças de dizer a teu pae que mande a ordem para a casa bancaria antes do fim do mez. E perdôa que te escreva o ultimo adeus quasi sem conter as lagrimas. Teu marido do coração – Oscar".

Todos nós sorriamos, quando Getulio acabou.

- Que força a desse snr. Oscar, hein? (...)
- Perdão senhores, esta carta...
- Achamol-a agora mesmo no chão.
- É minha. (...) (João do Rio, In: *Cinematographo,* 1909: 293- 299)

## *Os animais da Exposição:*

Ontem, o acaso fez-me passar o dia entre animaes. Esta sensação para o homem urbano que limita a sua vida ao salão onde se intriga e á praça onde se calumnia, é absolutamente rara. Eu, pelo menos, nunca a tivera, e pela concorrência de cavalheiros e damas e crianças que em torno ás gaiolas e em torno ás baias soltavam gritosinhos e exclamações de pasmo, é muito provável que noventa por cento da cidade esteja nesse interessante desconhecimento de animaes. (...) Na Exposição, em meio áquellas senhoras de grandes chapéos emplumados e de cavalheiros de luvas, tomando informações com os tratadores inglezes ou argentinos, foi como se de novo travasse relações com essas variedades de vida (João do Rio, In: *Cinematographo*, 1909: 304).

## *Os snobs e a Exposição*

Finalmente á noite, todos eles já estavam, solemnemente de casaca, peitilho reluzente, gestos fatigados de gente que se enfara. Em torno,

era a poteose da maravilha, uma fulguração de astros. os pavilhões, que são palacios, vestiam de luz da base ao alto das torres; (...).

Elles passeavam, entretanto, como se o governo tivesse insistemtemente mandado pedir o seu conselho e a sua opinião, passeavam como arbitros da belleza e professores de chic, irredutivelmente agressivos. (...)

E são todos assim. Vão lá fatalmente, posando uma desnacionalisação de bom tom passear as casacas e os smokings, acham defeito em tudo porque não pódem sorrir, sorriem porque não podem rir, falam baixo porque já não podem gritar.

(...) O snob é um animal com todos os ridículos e todas as vulgaridades pretenciosas. O nosso tem mais uma: acha feio ser brasileiro.

E na Exposição, deante da mostra maravilhosa da Energia de um Grande Paiz, eu tenho vontade de abraçar o snob pelas suas convicções. Ou bem que se é integralmente pastrana, ou bem que se não é (João do Rio, In: *Cinematographo,* 1909: 315-319).

## *As infelizes meninas da Exposição*

Precisamente, ás 9 da noite, encontrei, que palmilhava, vestida de rôxo com um grande chapéo de velludo rôxo, á Avenida dos Pavilhões, Clementina de Souza.

- Por aqui, com esta noite de chuva?

- Não ha mais onde ir. Na Exposição reune o carioca toda a diversão. Andar pela cidade agora, á noite, é ter a exquisita idéa de que a cidade está vazia. E depois, meu caro, na Exposição quanto mais se vêm a gente mais aprende.

- Com efeito, os mostruarios...

- Qual mostruários, qual historias. Entrei no Palacio dos Expositores uma unica vez, para vêr a exposição de pintura. Não é para isso que venho cá. É para vêr o vivo, o animado.

- E vae vêr o que?

- Vou ao teatro.

Clementina de zouza é uma dessas raparigas intelligentes a quem o destino se compraz em satisfazer, e que longe de ser pedante sabe valorisar a sua beleza com certo espirito, um pouco de arte e algumas observações justas. Mas a par dessas qualidades, Clementina apaixona-se. A sua paixão é rapida, passa, e recomeça em outro caso dias depois. De modo que quando eu soube da sua visita ao teatro temi que Etelvina, já em tempo louca de amor por um jochey inglez, estivesse apaixonada por algum galã da companhia regeneradora da arte nacional.

- Com que então, paixão?

- Não, melancolia. O Teatro é o meu lado melancolico da Exposição. Não perco um espetaculo. Venho ouvir, cada vez mais comovida, a historia das pobres meninas... (João do Rio, In: *Cinematographo* 1909: 358-359).

## *O Bairrismo*

- Uma exposição é como uma enorme pedra atirada num grande lago!(...)

- Eu explico. A pedra atirada ao lago cria uma série de círculos concentricos, que se vão alargando, alargando, até se perderem no achamalotear das aguas. A exposição é o grande calhau que resume o incentivo da vida, e que ás vezes se chama vaidade e ás vezes se chama orgulho (João do Rio, In: *Cinematographo*, 1909: 365).

*Noturno Policromo*

> - Estou cançado!
>
> Nós tinhamos chegado cedo á Exposição. A visita fora demorada a meia duzia de salas. Havia muita coisa que vêr de util que não se via bem e muita coisa frívola que os expositores mostravam abundantes de detalhes demorados. Depois, fóra havia a poeira. Nós sentiamos a poeira nas roupas e nas mãos. Sentámos a custo no *bar*. E a conversa variada daquella gente enervava. (...)
>
> - Que vaes fazer?
> - Vou jantar.
> - Deixas a Expozição?
> - Deixo.
>
> (...) De repente no pavilhão da Sociedade de Agricultura bateu na tréva beirando a frontaria uma descarga de luz a estender um friso de fogo.
>
> (...) Então, comecei a andar sentindo-me como um personagem de Wells, a fazer uma longa peregrinação dentro de um diamante collossal que desafiasse o fulgor e o tamanho do grande Mogol. A luz fazia-me como um ambiente de pompa, em que scintillavam diluidos e confundidos todos os mineraes do mundo. (...)
>
> No turbilhão de luz a feira agitava-se. (...) E as orquestras tocando, as bandas militares, fazendo soar os metaes, os gritos descontrolados da turba pareciam as vozes de todas aquellas luzes. (...)
>
> - De repente, porém alguem gritou:
> - O fogo! vae começar o fogo!
>
> A multidão correu em direção á ponte, as janellas do palacio animaram-se de gente, e foi como a correspondencia da porta e da fonte em pleno céo. Os rojões subiam fazendo curvas para estalar lá em cima (João do Rio, In: *Cinematographo*, 1909: 373-380).

Na obra *Cinematographo* foi publicada umas das crônicas mais poéticas de João do Rio, *O Velho Mercado,* que ficaria armazenado *na retina pela última vez*. Sua mudança foi mais uma *cirurgia urbana* para *modificar inteiramente o Rio de Janeiro de outrora:*

> Quem não sentiu a influencia da Praça, quem não palpou aquella plethora de vida? Na Praça havia a abundancia, a riqueza, a miseria e a vagabundagem. Ao lado de rapazolas que mourejavam desde pela madrugada entre montanhas de vegetaes e ruinas sangrentas de carne, rastejando por entre as fortunas feitas ás braçadas no desencaixotar das cebolas e dos alhos, viviam e morriam com fome garotos esqualidos, vagabundos estranhos, toda a vasa do crime, do horror da prostituição, bem identica á vasa cheia de detritos da velha doca e da rampa. Noite e dia aquela gente, que tinha um calão proprio e vivia separada da cidade, labutava, e era uma sensação exquisita sentir-lhe os vários aspectos... (João do Rio, In: *Cinematographo*, 1909: 216).

A recordação vai mais longe:

> Oh! Os aspectos da Praça! Seria preciso pertencer a todas as classes sociaes para aprehendel-os e enfeixal-os. Ás primeiras horas da noite,

> quando ainda ha no céo alguma luz deixada pelo sol, as casas de pasto com a crua iluminação do gás, os botequins baratos, as casas de louças, as barracas de frutas e de aves, as bancas de peixe, os açougues, a praça dos legumes cheia de montanhas vegetaes – passavam por uma crise de nervos. Eram os donos das falúas, eram carregadores, catraeiros, garotos, gente de hoteis, homens das bancas de peixe, suando, gesticulando, gritando. Na rampa desciam por pranchas tipos herculeos carregando caixões, os caixões passavam para outras cabeças e havia, ininterrupta, uma corrente viva de trabalho exhaustivo, enquanto pela bodegas comiam outros em magas de camisa, mas calmos e já prosperos, ou de camisa de meia, suando e saudáveis, entre o farisaismo dos ciganos à cata de coisas grátis e o bando de malandros parasitas, desde o garoto do recado ao mendigo falso. (João do Rio, In: *Cinematographo*, 1909: 216-217).

A crônica revela o fascínio que a antiga Praça exercia sobre o autor. Quando mudaram a Praça do Mercado para a nova instalação, *naquele abafado e sombrio dia*, Paulo Barreto refletiu sobre *quantas vidas se passaram ali*, *quantas lutas, quantas intriguinhas, quantas discussões, quantos combates, porque a gente da praça sempre foi valente?* E no desejo ou vaidade de contribuir, talvez mais que outros autores de sua época, retratou um momento de mudança da sua cidade, em detalhes, para a análise de épocas futuras. Terminou, cheio de lirismo, sobre o Mercado já transformado

> E o mercado era desolador. O quadrilatero onde paravam as carroças de verduras estava deserto. A parte central, onde havia bancas de peixe, frutas, casas de cebolas e de louças também deserta e junto ao chafariz sêco um soldado de ar triste. Pelas ruas estreitas, uma ou outra casa ainda aberta a carregar os utensilios para o novo edificio, onde ninguem dorme e ás dez horas fecha. No mais, portas batidas, portões de grade mostrando a ruina vasta das paredes e o anseio interminavel de mudança. Paramos enfim na rampa. Alguns homens conversavam em mangas de camisa. Para elles era impossivel deixar de aproveitar a rampa. Mas a doca estava quasi vazia. Só, amarrada a um dos grossos e gastos argolões de ferro, uma falúa balouçava. Era a ultima. D'alli a minutos ella partiria, deixando abandonada a velha bonacheirona antiga, cuja história antiga já tinha da legenda. Era a derradeira. A atmosfera estava carregada. E além da falúa tão cançada e triste, arabescando o horizonte de treva, um bando de corvos em circulos concentricos alastrava um pedaço de céo (João do Rio, In: *Cinematographo,* 1909: 220- 221).

Também no *Cinematographo* foi publicada uma crítica mordaz à política dos ministros, *A futilidade de informação e os seis ministros*, João do Rio nunca teve essa classe política em boa conta:

> A monarchia tinha as crises de gabinete; a republica tem a fatalidade dos quadriennios. Um bello dia um jornal, por pilheria, diz que o futuro presidente já pensa nos futuros ministros. Ha palpites, ha apostas. Os homens praticos e interesseiros passam afflictos por não saber a quem melhor bajular. Os antigos ministros, nervosos, fazem nomeações a toro e a direito. É

> de repente ministro um cavalheiro com quem ninguem conta. Ministro! Quanta cousa um ministro póde fazer! A preamar do interesse afoga-o, as deliquescências da lisonja lambusan-lhe os pés, i humilde deputado de hontem, o provinciano da vespera, vê abrir-se com os arcanos nunca desvendaveis de uma secretaria todas as bôcas num sorriso, todas as mãos num gesto rapace-affectuoso, e a porta da rua a um reporter que indaga, também sorrindo e talvez tambem rapace-affectuoso.
>
> - Qual o plano de v. ex.ª?
>
> Na sua confusão e no seu maravilhamento, o novo director dos destinos as patria não se lembrou de concertar um plano, mas organiza tres ou quatro ultimos planos de pintura com escapas de perspectiva immensa, ou põe deante do interviewer tres ou quatro próximos actos que entram pelos olhos como as figuras da frente nas fitas cinematographicas e no dia seguinte lê nos jornaes cousas interessantes, acreditando que o povo inteiro se acomoda e pensa com suas idéas.
>
> Engano! Desastroso engano! A multidão, o povo, quando qualquer tipo chega a uma posição notavel, ou gosta de saber qual a canalhice que o fez galagar tão rapidamente o alto posto ou, quando não ha canalhice, só se preocupa de como vive o cidadão em plena evidencia. É a curiosodade da vida alheia, a hereditariedade latina. Um jornalista pratico não perderá nunca o seu tempo em inventar uma interview para esses ingratalhões de quatro annos. Um jornalista pratico vaio ao peior inimigo do homem ex-desconhecido e pede-lhe um *dossier* de calunias, ou então mune-se de *book-notes* e em plena apotheose do funcionalismo saudador indaga:
>
> - Quantas horas dorme v. ex.ª? Qual o seu livro de cabeceira? O seu prato preferido? Passeia a pé, de bicycleta, em fiacre ou d'automovel?
>
> E com essas immensas futilidades tem a certeza de que o publico todo, ávido e nervoso, se preocupa muito mais com o modo de passear do ministro que com o seu plano, aliás sempre irrealizado, de salvação do paiz... (João do Rio, A futilidade de informação e os seis ministros, In: *Cinematographo*, 1909: 76-77).

Na crônica *O melhor pistolão*, acidamente comentou acerca dos mineiros no poder (era a época da célebre política café com leite):

> Ser mineiro hoje é realisar o ideal da sua vida, ser mineiro é ser feliz, é ter o pão assegurado e assegurada a consideração, é viver, é triunfar; ser mineiro é poder contar com todas as sortes, a dos empregos, a dos bilhetes de loteria, a do elogio universal.
>
> Antigamente o mineiro era um matuto austero que sabia latim e mesmo grego. Hoje, o mineiro não sabe latim nem mesmo grego (coisas de resto inteiramente inuteis) mas sabe tudo e sobre acima de tudo.
>
> Contam que de Thalès de Mileto – que dando-lhe alguem como causa da propria miseria a sua imensa sabedoria, Thalès, fiado nos conhecimentos meteorologicos, previu uma grande colheita de azeitonas, alugou a preço reduzido todos os lagares de Chio e Mileto e, assim, quando se fez a colheita, poude realugal-os a preços loucos, ganhando uma fortuna.
>
> Se Thalès fôsse vivo, não precisava alugar coisa alguma. Bastava ter dito com tempo ás multidões:
>
> - Eu sou mineiro...
>
> Estaria pelo menos, nomeado diretor da Caixa de Conversão, nomeação que seria a mais acertada escolha do fulgurante David Campista.
>
> Ser mineiro é ser o romano na Grecia conquistada, é ser Guilherme II, em Tanger, é ser francez no Tonkin. Nós sômos, a delicia e prazer, uma colonia magnifica de heróes descendentes dos caçadores de diamantes. É

> mineiro o presidente da Republica, é mineira a fazenda, é virtualmente mineira a Central, é mineira a presidencia da Camara, é mineira a policia, vae ser mineiro o ministério da Agricultura. Todos se voltam por um glorioso fenomeno de heliotropismo social, para Minas altiva. Já seis armarinhos passaram a chamar-se Bello-Horizonte, todas as casas de leite são de Campo Bello, de Itatiaya, acabam de fundar uma sociedade beneficente Dr. Affonso Pena; o venerando Bettencourt da Silva prepara o diploma de socio do Liceu para varios mineiros, já ha uma casa de doces, simbolicamente chamada *A Familia Mineira.*
>
> Não é só. Outro dia li um anuncio que se achava á disposição do publico uma cartomante mineira (era uma franceza desejosa de réclame): e Nené Gama, uma rapariga que toda a gente sabe do Pará e que eu tenho a franqueza de admirar, resolveu chamar-se ha cinco noites no High-Life: Nené Mineira. (...)
>
> Assim ser mineiro foi, a principio, para os cavadores da vida, chegar ao fraco da sensibilidade governadora. Depois o habito alastrou. Hoje é uma agradabilissima doença (João do Rio, O melhor pistolão, *Cinematographo*, 242-245).

Antes, dedicou-se ao teatro, grande diversão carioca totalmente dominada, nos primeiros anos do século XX, pela personalidade de Artur Azevedo, mestre na comédia, mestre na revista. Por volta de 1905, amparada em números cômicos e folclóricos, a revista portuguesa estava sendo ultrapassada pela revista de estilo parisiense, de quadros curtos, muita dança, números amparados pela iluminação elétrica. Isso revolucionou a Praça Tiradentes.

A principal casa de espetáculos era o Lírico, antigo Teatro Pedro II, na Rua da Guarda Velha (atual Rua 13 de Maio). O preferido das plateias era o São Pedro de Alcântara (hoje João Caetano), na Praça Tiradentes, onde existiam o Cassino Santana (hoje Carlos Gomes), e o Moulin Rouge, teatro de variedades dramáticas (depois São José, e hoje demolido). Havia também, entre os dois últimos, na Rua Pedro I, o Recreio Dramático e o Lucinda, construído para a atriz portuguesa Lucinda Simões (também demolidos). O Palace-Théâtre era outra boa casa de espetáculo na época (depois virou cinema Palácio), havia também o Fênix, na Rua da Ajuda (que foi demolido), e o Apollo, na Rua do Lavradio (depois virou escola pública).

A elite carioca estava acostumada aos grandes intérpretes, às companhias em geral francesas e italianas que mambembavam no Rio e em Buenos Aires quando era inverno na Europa. As peças eram apresentadas em língua original, o que limitava muito a audiência. Na revista brilhava a atriz Cinira Apolônio (*1857 +1938), intelectual do seu tempo, fluente na língua francesa, também cantora, compositora e maestrina; os grandes nomes masculinos da época eram Brandão, Antônio Peixoto, João Colás, Grijó.

> O cassino palpitava. Tantan Balty, no seu ultimo numero, dissera, com québros de olhos e perversidades na voz, uma cancioneta extreaordinariamente velhaca. A sala, sob a clara luz das lampadas electricas, acendiam-se, gania luxurias. Senhores torciam o bigóde com o olhar vitreo, as damas envolviam os braços nas plumas das *boas* com um ar mais acariciador. Nós estavamos todos. Na orla dos camarotes, pintados de vermelho, pousavam em atitudes de academia, expondo vestidos de tonalidades vagas e anneis em todos os dedos as mais encantadoras creaturas da estação. Por traz dos camarotes surgiam panamás, monoculos, faces escanhoadas, bigodes á kaiser, e os *garçons* passavam de corrida levando garrafas e bandejas. Em baixo, na platéa, velhos frequentadores tomando *bocks*, reporters, caixeiros, moços do commercio batendo as bengalas nas folhas das mesas, uma ou outra mulher entristecida e a *claque*, uma *claque* absurda, berrando chamadas deante dos copos vasios, quasi no fim da sala.
>
> Tantan Balty voltara, resfolegara, e com as duas grossas mãos no labio rubro, parecia querer beijar toda a multidão. Afinal, a campainha retiniu e o velario correu, cerrou-se sobre uma ultima graça de Tantan. Tinha acabado a segunda parte. Havia o rumor de cadeiras, de estampidos de rolha, de copos entrechocados, por todos o *hall*. As lampadas electricas tinham uma medonha trepidação, como sefossem grandes borboletas de luz presas de agonia a bater as azas brancas (João do Rio, Gente de Music-Hall, In: *Cinematographo,* 1909: 1-2).

A primeira revista de João do Rio foi encomendada pela empresária e encenadora Lucinda Simões e seu marido, o ex-advogado e novo galã Cristiano de Souza. Chamava-se *A folia*, mas Paulo Barreto mudou o título para *Chic-Chic*. Quando estreou em 1906, teve: a coautoria do jornalista J. Brito (Juca Vadio); a música do maestro Luiz Moreira; os cenários dos chargistas K. Lixto Cordeiro e Crispim do Amaral; Lucinda, além de dirigir, interpretava o personagem Brasil; Cristiano de Souza, o Princípe; Ferreira de Souza, o *compère*; a versátil Cinira Polônio interpretava nada menos do que sete papeis; e havia a participação da ainda adolescente Itália Fausta (*1879 +1951), que futuramente se tornaria uns dos mais importantes nomes do teatro brasileiro. A peça não foi um sucesso. Quando mudou de teatro, indo para o Apollo, e incluídos novos quadros, o público gostou.

Veio em seguida o drama de um ato *Clotilde*, escrita em tempo recorde a pedido de Álvaro e Lucília Perez. A estreia desse drama deu-se no primeiro trimestre de 1907. *A bela Madame Vargas* sairia em cartaz em novembro de 1912, e publicada em 1927, assim como outra peça de sua autoria, *Eva*, escrita em 1915.

> Fora Cinira Polonio, a estrela coruscante, que com o seu faro de theatro descobrira na linha de vinte coristas aquelle diabo.
>
> - Olhem, fazia ella, porque não dansam vocês como a pequena? Imediatamente, todos os olhos convergiram para o bichinho, minutos antes anonimo. O maestro parou: - Homem, realmente, estava vendo isso mesmo; o empresario coçou a cabeça, e todo o theatro, naquela hora de ensaio, em que a crua violencia do sol do terraço tomava um esmorecido as ceruleo para os

> lados do palco, esperou com um sorriso pregado na face. As coristas, algumas conservavam as mãos no ar e eram uma galeria de caras empapuçadas ainda do somno da manhã, mas as moças bem moças, bem fortes. Cinira Plonio fez um gesto.
>
> - Venha cá você.
>
> A pequena sorriu e aproximou-se num passo de "footing", o passo sport inaugurado por certas cocottes nas fatigantes exhibições do Castellões. Tinha um enorme chapéu de palha do Chile com fitas de velludo e era a unica de labios pintados.
>
> - Prompto.
> - Nunca trabalhaste em theatro?
> - Não senhora, agora é que estreio.
> - Ah! estreias agora, sorriu a estrela acentuando o verbo. E donde vens?
> - Venho da casa de Chica Pereira, estou lá por causa de um sujeito que me queria explorar. Comprehende, eu não sou dessas. Foi lá que eu aprendi o "cake-wake" com os inglezes, uns diabos, madame, que é chegar e é vestirem-se com a roupa da gente.
> - E que edade tens tu?
> - Eu vou fazer quinze.
> - Bom, fez o empresario, vamos vêl-a dansar o negocio, mas só.
>
> O maestro fez soar os primeiros acordes, e ella empinou-se, e como estava sendo observada exagerou, caricaturou a dansa num delirio que era uma pandega, brandindo a sombrinha e gritando "away!" Naturalmente, então, nós começavamos a rir, quando um empregado trouxe desdobrado um papel da justiça para o ensaiador.
>
> Em baixo, na platéa, um magote de agentes secretos e de soldados da polícia, olhava o ensaio.
>
> - Quem é aqui a Etelvina dos Santos? indagou o ensaiador.
> - Sou eu, sim senhor. Ainda esses canalhas!...
> - É, o juiz manda entregal-a aos agentes. Você é menor, vai ser depositada numa casa de familia.
> - Imbecis! Já me mandaram buscar tres vezes á casa da Chica. Não querem deixar a gente ser o que deseja. Mas eu os arranjo! (João do Rio, A reforma das coristas, In: *Cinematographo,* 1909: 161-163).

João do Rio tivera um ano de boa produtividade, com dois livros e duas peças encenadas, além da tradução de *Salomé* de Oscar Wilde, e, em 1908, foi a vez do escritor documentar sua primeira viagem à Europa.

> Um dos primeiros artigos publicados sobre Wilde no Brasil, e talvez mesmo o primeiro, teria sido o de João do Rio, no número de abril de 1905, na revista *Renascença*, sob o título "Breviário do artificialismo". Inicialmente, o autor narra como travou conhecimento com a obra de Wilde, naquele tom que lhe era peculiar, despertando por vezes desconfiança de uma mistificação. Conta-nos que há cerca de dois anos estudava com Mrs. Fox os humorsitas e os pré-rafaelitas ingleses, quando, certo dia, depois de ouvi-la recitar o trágico poema de Austin sobre Polifemo, foi procurar na biblioteca um livro novo. Eis que seus dedos tocam um volume sujo, em mau papel, da Casa Hunro, de Nova York. Eram os poemas de Wulde. Alvoroçou-se, pois já conhecia a legenda do poeta. Abriu nervoso o volume, na ânsia de encontrar a "ode da perdição", experimentando a irresistível tentação do fruto proibido. "Ah! este homem não se deve ler!" – atalhou Mrs. Gladys, que depois de lembrar o processo, muito vermelha, prosseguiu: "Conheci-o em

> Londres, ante... Era um homem assombroso. A cidade toda, a Inglaterra inteira venerava-o..."
>
> Seis meses depois, a Casa Crashley mandava participar a João do Rio a chegada dos livros de Wilde que ele havia encomendado. O livereiro logo lhe foi explicando que as obras de Wilde tinham sido queimadas depois do processo, sendo difícil encontrá-las, e custavam muito caro, com exceção de *Intenções*, de que se fizera uma edição em Paris (Broca, 2005: 62).

Assim embarcou com destino a Lisboa e suas crônicas de viagem saíram nos jornais *A Noticia* e *Gazeta de Noticias*. Ficou duas semanas em Lisboa, travou conhecimento com os principais nomes da literatura local, frequentou teatros, percorreu, no baixo mundo da Alfama e da Mouraria, as casas de fado, rumou ao Porto e assinou com os Irmãos Lello Editores um contrato para o livro *Cinematographo* que sairia em 1909. Seguiu viagem para Paris.

Paris rendeu a João do Rio quase uma dezena de artigos; visitou a editora Garnier que logo lhe encomendou uma coletânea sobre o cancioneiro lusitano – assim nasceu *Fados, canções e danças de Portugal*, 35 fados, 85 canções e 78 danças, muitas delas com partitura musical. Em Nice, escreveu a introdução do cancioneiro. Da Riviera retornou a Portugal através da Espanha.

> - Faço-te as minhas despedidas.
> - Que é isso?
> - Parto para a Europa.
> - Ora esta! Eu também.
> - Que coincidencia! Sabe que o Julio parte também.
>
> (...) Havia inveja. E as pessoas conhecidas pediam coisas, presentes, recordações. O homem não ia a Europa, ia ás compras pelos conhecidos, anotando no seu "book-notes" desde vestidos para raparigas até bonecas para os bebés (João do Rio, O bem das viagens, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 155-156).

De volta ao Brasil, faleceu seu pai, o professor Coelho Barreto, aos 54 anos em 20 de março de 1909. Quando estava prestes a adquirir independência, João do Rio teve de acolher sua mãe Florência, e a maior parte da quantia recebida com um novo contrato assinado para a coletânea de contos *Dentro da noite*, com a Garnier, foi para a compra de duas casas menores, bem próximas uma da outra. Da Rua Senador Dantas, ela foi para a Rua do Resende nº 20, ele para a Avenida Mem de Sá nº 91, esquina com Rua Gomes Freire. *Possessiva e meio infantil, ávida de borborinho e aplausos, ela não desgrudará do filho até a morte desse, e posteriormente cultuará sua memória* [123].

[123] Rodrigues, 2010: 102.

Premido pela necessidade financeira, lançaria, em novembro, em parceria com Viriato Correia, o livro de contos *Era uma vez...,* edição da livraria Francisco Alves. O sucesso foi escasso. Nessa obra se encontra um clássico do gênero *A onça e o bode* de Viriato que, ao contrário de seu coautor, não se preocupou em burilar excessivamente os textos.

A aproximação com o mundo da política fez com que João do Rio travasse amizade com Rui Barbosa, presidente da Academia Brasileira de Letras, e, como já era ligado a Medeiros e Albuquerque, recebeu o apoio de que precisava para se eleger a vaga da Academia. Elegeu-se em 7 de maio de 1910. Em junho do mesmo ano Paulo Barreto passou a ter uma coluna no matutino *O Comércio*; foram apenas 11 artigos que tratavam de assuntos muito diferentes da imprensa carioca.

Da incursão na política, saíram temas emblemáticos que foram decisivos nas décadas seguintes, como a impressionante crônica *Os trabalhadores da estiva*, publicada na obra *A Alma Encantadora das Ruas*, e *O Feminino Activo*:

> Mas a situação de obrigar a mulher á escravidão social com o argumento da sua fragilidade fechando-a no limite de ou a ser dona de casa, mantida pelo homem como um apparelho do lar, mais ou menos estimavel, ou virar a esquina da honra com a dor maior de ser ainda mantida pelo homem, devia acabar. Devia acabar pelo desenvolvimento social da terra, pela corrente permanente das idéas estrangeiras pela invasão immigratoria, plea necessidade urgente da vida intensa. No tempo em que uma senhora só sahia á rua nos dias solemnes com o esposo, a filharada e as criadas, no tempo em que as *cocottes* revolucionaram a cidade como animaes diabolicos encarregados de perder os paes de familia, e as actrizes eram *essas damas*, era possivel que uma mulher achasse natural, sem fundo de exploração e de parasitismo, viver á custa do senhor seu marido. (...)
>
> E phemomeno curioso! só os pobres, a gente pobre que faz mais filhos e trabalha mais estabelecera no casal o comnunismo do trabalho para o direito egual á despesa – porque as mulheres dos trabalhadores braçaes trabalham tanto quando os maridos.
>
> A Republica, isto é a acção de Benjamin Constant e de seus discípulos mesmo anterior á Republica, fez a carreira liberal das professoras publicas. Meninas que não contavam certo o casamento, familias modestas sentiram o bem de dar instrucção ás filhas garantindo-lhes o futuro. Esta carreira abriu horizontes. A primeira medica causou espanto. Os homens foram os que mais a guerrearam no seu egoismo de tudo querer. A primeira advogada foi chasqueada. A totalidade dos cérebros masculinos não pensa no outro sexo sem um desejo de humilhação sexual. Essas, porém, eram casos excepcionaes, e a sinceridade envergonhada e que não tinha coragem de se ir propôr aos patrões para trabalhar honradamente (João do Rio, O feminino activo, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 211-212).

João do Rio descreveu as condições de trabalho dos estivadores e carregadores de minério:

> Ás 5 da manhã ouvia-se um grito de machina rasgando o ar. Já o caés, na claridade pálida da madrugada, regorgitava num vai-e-vem de carregadores, catraeiros, homens de bote e vagabundos mal dormidos á beira dos kiosques. (...) Á beira desse caés, saveiros enormes esperavam mercadoria; e, em cima, formando um circulo ininterrupto, homens de braços nús sahiam a correr de dentro da casa, atiravam o saco no saveiro, davam a volta á disparada, tornavam a sahir a galope com outro saco, sem cessar, contínuos como a correria de uma grande machina. Eram sessenta, oitenta, cem, talvez duzentos. Não os podia contar. A cara escorrendo suor, os pobres surgiam do armazem como flechas, como flechas voltavam. (...)
>
> - Qual! trabalham assim a horas a fio. Cada saco daquelles tem sessenta kilos e para transportal-o ao saveiro pagam 60 réis. Alguns pagam menos – dão só 30 réis, mas, assim mesmo, ha quem tire dezesseis mil réis por dia. (...) E não falavam, não tinha palavras inuteis. Quando a ruma estava feita, erguiam a cabeça e esperavam a nova carga. Que fazer? Aquillo tinha que ser até ás 5 da tarde! (...)
>
> Que querem elles? Apenas ser considerados homens, danificados pelo esforço e a diminuição das horas de trabalho, para descançar e para viver. Um delles, magro, de barba inculta, partindo um pão empapado de suor que lhe gotejava a fronte, falou-me, num grito de franqueza:
>
> - O problema social não tem razão de ser aqui? Os senhores não sabem que este paiz é rico, mas que se morre de fome? É mais facil estoirar um trabalhador que um larapio? O capital está nas mãos de um grupo restrito e ha gente de mais absolutamente sem trabalho. Não acredite que nos baste o discurso de alguns senhores que querem ser deputados. Vemos claro e, desde que se começa a ver claro, o problema surge complexo e terivel. A *greve*? Eram nove horas de trabalho. De toda a parte do mundo os embarcadiços diziam que o trabalho da estiva era só sete!
>
> Fizemos mal? pois ainda não temos o que desejamos (João do Rio, Os trabalhadores de estiva, In: *A Alma Encantadora das Ruas*, 1911: 187-194).

A segunda viagem à Europa, em 1910, foi mais longa, durou cinco meses, incluindo um contrato com a editora dos irmãos Lello para um novo livro, *Os dias passam...,* e atualização de um dos livros que escrevera *Portugal d'agora*. Pouco antes de voltar da Europa, começaram a circular os primeiros exemplares do seu livro de contos *Dentro da noite*, obra impregnada de decadentismo assimilado a Wilde que se repetia não apenas no enredo, mas principalmente no estilo. Alguns contos haviam sido publicados na *Gazeta*, como *A noiva do som* de 1904, e o conhecido *O bebê de tarlatana rosa*.

Ao voltar da Europa, tornou-se Diretor da *Gazeta de Noticias* após ajudá-la financeiramente, e um dos subsecretários sair do jornal levando consigo 12 importantes colaboradores para fundar *A Noite*, em 18 de junho. Então, para fortalecer a gazeta lançou nova coluna, *O Instante*, com o pseudônimo *Paulo José*, e reuniu os

colaboradores e amigos de redação: Figueiredo Pimentel, ex-poeta, autor das famosas *Histórias da Carochinha* e responsável pela célebre coluna *Binóculo*, em que misturava crônica social com conselhos de etiqueta e elegância; Viriato Correia, repórter e contista; Roberto Gomes, crítico musical; Candido Campos, secretário.

Outros jovens colaborariam com a *Gazeta*, ajudados pelo diretor, Gilberto Amado, Abadie Farias Rosa, Diniz Júnior, Benedito Costa, Sebastião Sampaio, Agrippino Grieco. Humberto de Campos, após ser rejeitado pela *Gazeta*, tornou-se inimigo de João do Rio para o resto da vida.

Assim a *Gazeta* continuou na vanguarda da imprensa brasileira com um número maior de fotografias e, na página central, grandes temas: a segunda-feira era o dia de *Le Bresil Economique*, relatório em francês dirigido aos comerciantes e firmas estrangeiras; na terça era a vez dos *Esportes*; na quarta o tema era dedicado a São Paulo; na quinta, *A moda*; na sexta, *Literatura & Artes Plásticas*; no sábado, *Teatro, Música e Cinema*; e no domingo, *Notícias de Portugal*. Em 1914, Paulo Barreto estava ainda no colunismo diário como *Joe* na *Á margem do dia*, uma espécie de *Cinematographo* reduzido, e com produção rotineira na *A ilustração Brasileira*. Sairia da *Gazeta* em 1915, com 34 anos, após desavenças entre a diretoria do jornal, para colaborar no adversário *O Paiz*.

Quando saiu da *Gazeta*, a Garnier já havia publicado seu primeiro romance, *A profissão de Jacques Pedreira,* mas, inconformado com os erros de impressão, João do Rio moveu um processo contra a editora e proibiu a edição do romance. Esse evento marcou o rompimento do autor com a Editora Garnier.

Por essa época, *Godofredo de Alencar*, chamado de *heterônimo* pelo autor, já havia aparecido; o conto *Os tormentos dos quatro santos*, publicado em agosto de 1913; *A bela Madame Vargas*, encenada em Portugal e no Rio novamente; e o autor, em cerimônia muito prestigiada, havia sido impossado na Academia de Ciências de Lisboa.

Em 1915 ainda publicou na *Gazeta* as reportagens feitas em viagem ao sul, à Argentina, quase todas impressões do que e com quem encontrou. Em Buenos Aires escreveu a peça *Eva* de um fôlego só, como segundo declarou ao *Correio Paulistano* em entrevista.

Quando mudou de emprego, estreando em *O Paiz* com *Opiniões de um jornalista impossível*, começou a escrever uma peça por encomenda de Cristiano Souza, *O encontro/Um ato sobre uma triste saudade*. Essa obra melodramática ficou em cartaz

no teatro Trianon, na Avenida Central. Veio em seguida, sob sua direção no Brasil e de João de Barros em Portugal, o primeiro número de *Atlântida*, mensário artístico, literário e social para Portugal e Brasil, patrocinado pelos ministros das Relações Exteriores do Brasil e dos Estrangeiros e Fomento de Portugal. Todos os 48 números foram impressos em Portugal.

Inspirado no jornalista francês especializado em crônica social Michel Georges Michel, do *Le Gaulois*, o pseudônimo *José Antonio José* foi criado em setembro de 1917, e a coluna se chamava *Pall-Mall Rio* [124]. No ano seguinte, a coluna *A semana elegante* estreou em *A Revista da Semana*. Tanto *Pall-Mall Rio*, quanto *A semana elegante*, destinavam-se ao público feminino e eram verdadeiros inventários da classe dominante do Rio e de São Paulo (costumava ir a São Paulo com muita frequência e registrar o que lá se passava na sociedade), eram colunas à maneira de *Cinematographo*.

Deu-se início, assim, a uma nova fase do escritor João do Rio marcada pela atividade social em salões, palacetes, onde a intelectualidade do Rio e São Paulo, ou de outros estados, circulavam. Quer no Rio, ou em São Paulo, não houve quem tenha sido alguém em 1916 e não tenha sido citado na coluna *Pall-Mall*. Assim nasceu *Chá das cinco*, com 11 cenas e 14 personagens, em um único ato, peça de teatro definida pelo autor como muito frívola, mas que retratava perfeitamente o meio social.

Nesse mesmo ano foi lançado pela lisboeta Bertrand *Crónicas e frases de Godofredo de Alencar* reunindo crônicas da *Gazeta*, de *O Paiz* e de *A Revista da Semana* desde 1914 ainda não publicadas.

A obra *Crónicas e frases s*egue a mesma linha das crônicas com diálogos, mas com personagens históricos e mitológicos que surgiam para o autor como aparições, como uma *Miragem*: - *Eu sou Dezembro, o mês último do ano...;* ou - *Ninguêm dirá que vão aqui os Três Reis Magos!...;* ou - *O Procurador da Judea? Pôncio Pilato!;* ou ainda: - *Espírito da Natureza!.* Também conversa com *Orfeus* e Salomé, em *As opiniões de Salomé,* entre outras. As crônicas são entremeadas de frases de efeito:

---

[124] Rodrigues (2010: 201) explica: *qual o significado da expressão Pall-Mall (pronuncia-se pé-mél)? Originariamente um jogo semelhante à pelota basca, muito popular no século XVIII, é também o nome de uma rua de Londres onde estão localizadas as sedes dos mais sofisticados e elegantes clubes para cavalheiros. Lá lançava-se moda desde o final do século XIX, e a expressão desde cedo esteve ligada à noção de elegância, do jornal Pall-Mall Gazette (confessadamente dirigido à classe dominante) até os cigarros da marca Pall-Mall, os primeiros king size. Por isso mesmo, quando Jean Lorrain abandonou Paris por Nice por volta de 1900, intitulou pall-malls a série de perfis de personalidades e descrições de efemérides que publicou sem assinatura no L'Écho de Paris, futuramente reunidos no volume Pall-Mall-Paris. O "Pall-Mall-Rio" de José Antonio José se propunha fazer o mesmo no lado de baixo do equador.*

> Não há maior luxúria que a de pensar. Só uma a sobrepuja: a de pensar bem. porque pensar é uma perversidade inenárrávelmente deliciosa (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 111-112).
>
> Um homen de espírito, quando inicia uma paixão, só pensa sériamente no prazer de a terminar. Uma mulher, com espírito (o que é raro) ou sem êle (o que é norma), antes, durante e depois só pensa no meio de aborrecer o apaixonado com o a que ele chama: prova do seu amor (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 112).
>
> Ninguêm compreenderá a paisagem sem confôrto. Porque não a vemos mais. E a razão é simples. Antes do automóvel éramos nós que víamos as árvores. Agora são as árvores que nos vêem (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 112).
>
> Quási tudo o que se faz na vida é inútil. Se pensássemos com equilíbrio em vez de pensar de mais ou de pensar de menos, as maiores tolices universais não se teriam dado – cada um de nós não se queixaria de calamindades íntimas e talvez ainda existisse o *diplodocus*. Mas seríamos muito menos interessantes (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 113).
>
> A grande tolice da humanidade foi fazer do amor uma idea. O amor é o instinto. Dar-lhe cérebro é entristecê-lo (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 114).
>
> Há pessoas que nunca pensaram em tomar sorvete e que, entretanto, tomam sorvete em Veneza no outono. Tudo na vida é uma questão de ambiente (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 115).
>
> Para um homem que pensa só há uma coisa triste do que ter trinta anos: ter quarenta. Aos cinquenta começa a chegar a resignação, que é uma espécie de mineralização da alma. Para as mulheres trinta anos condensam, englobam, sintetizam, arregimentam todos os desesperos e tôdas as coragens. Mesmo porque não há mulher que confessadamente tenha mais de vinte e nove... (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 116).
>
> Seria impossível Sócrates no Brasil. Sócrates perguntava porque sabia. Nós não perguntamos porque não sabemos. Haverá coisas mais opostas?... (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo* Alencar, 1920: 174-175).

Em nota, escreveu sobre Godofredo de Alencar:

> – António Maria Godofredo Pereira de Alencar – nasceu no Rio de Janeiro. Tem trinta anos. É solteiro. Viajou em vez de ser bacharel. Temperamento lírico-irónico. A ironia é o lirismo da desilusão. Feliz por que quere ser feliz. Suficientemente desconhecido dos seus amigos íntimos. Talvez almejasse a fama, se não odiasse a pior das vulgaridades: a literária. Não quere nada porque quere tudo. Daí escrever algumas vezes por excesso de ócios cheios de pensamentos. Não publicaria jamais, entretanto, uma página. Figura de romance como tôdas as figuras reais, que não copiam os

> romances. Para tentar um criador de ficções, que de-certo dêle faria outro personagem, inteiramente diverso do original.
>
> Assim pensando cuidaram os amigos em lhe publicar algumas frases, observações, alegorias. Na vida só as ideas e as imagens contam. O resto é realização. O público ledor encontra dest'arte a história de Godofredo de Alencar através das palavras que o seu cérebro e o seu coração formaram em dois ou três meses. E bem se pode dizer do presente livro: o romance mental de um homem que não é de todo desinteressante (João do Rio, Nota, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar*, 1920).

Logo depois da publicação de *Pall-Mall Rio* pelos irmãos Villas-Boas, foi a vez de *No tempo de Wenceslão...* pela mesma editora, um apanhado de 32 artigos de *O Paiz*. Mas dessa vez as crônicas exprimiram as impressões sentidas dos fatos políticos, sociais durante o tempo em que foi presidente o Sr. Wenceslão Braz: tratou da falta de sinceridade no jornalismo; escreveu uma entrevista com o próprio *Wenceslão*; de como estaria o Brasil em 1916?; sobre o livro de Afranio Peixoto *Minha terra e minha gente*; sobre *A Politica Brasileira*; sobre o período da Grande Guerra, *a Europa inteira em fogo e em sangue e todas as atenções voltavam-se para a America;* sobre a moral do cidadão. Escreveu, também, sobre *a violenta corrida para o progresso que teve o seu fastigio no governo Nilo Peçanha;* e Portugal em guerra - *O cataclysmo da guerra chega a Portugal. Tomou para nós, assim, um novo aspecto, de mais viva preocupação a grande tragedia*.

Escreveu até sobre o alistamento militar:

> - Porque o momento é unico. Não sei se a guerra européa, se a crise financeira, ou ambas as cousas, ligadas ás sympathias dos intellectuaes pela formação do soldado, deram ao ambiente e ás gerações novas o enthusiasmo patriótico. Recebemos aqui, por dia, cinco a seis pedidos para assentar praça. Podemos escolher. Escolhemos os melhores.
>
> - Para mais facilmente educal-os?
>
> - Para incutir-lhes a consciência da funcção que exercem. Esse trabalho é o preparo physico e militar propriamente, com os exercicios diarios, pela manhã, no quartel e no campo da Aclamação; é o preparo do espirito e o preparo moral, com o exemplo, com a insistencia educativa. Póde-se fazer de cada um soldado um patriota fervoroso, sem oratória, sem explosões rhetoricas: o soldado alheio á politica, o soldado orgulhoso de ser disciplina, de ser o musculo da Patria.
>
> (...) E da porta em concha do quartel golfou radioso o passo de marcha daquella mocidade, producto do verdadeiro amor patriotico da intelligencia militar, romperam na luz azul do dia os nossos soldados, direitos, firmes, convencidos, *outros* brasileiros, os brasileiros como deviam ser. No ar vibravam os versos.
>
> E foi como se de repente todos nós tivessemos a imagem do brasil fabuloso ao desfraldar de centenas de bandeiras, thesouro de força e de esperança a aconchegar o mais formoso pedaço do vasto céo azul (João do Rio, O novo soldado, In: *No tempo de Wenceslão...*1917: 220-225).

As duas colunas *Pall-Mall* e *A semana elegante* foram interrompidas em 1917, pois Paulo Barreto andava com graves problemas de saúde. Também teve de abandonar suas contribuições em *A Rua*, *A revista da Semana* e *O Correio Paulistano*. Só não abandonou *O Paiz* completamente, *José Antônio José* tinha nova coluna *Ontem, hoje, amanhã*.

Como não tinha mais o cargo nem o salário de diretor da *Gazeta*, o escritor teve de arranjar dinheiro onde pôde – estava terminando sua casa nova na Avenida Meridional, atual Vieira Souto, em Ipanema - e acentuou a comercialização de sua personalidade, na leitura de conferências patrocinadas por amigos políticos na capital paulista, mineira e no norte fluminense. Houve até bilheteria nesses eventos.

João do Rio não era funcionário público como alguns de seus amigos escritores, ganhava seu sustento nos vários jornais para os quais contribuía. Quanto aos livros que escrevia, os direitos autorais no Brasil se restringiam, na venda definitiva da obra para o editor por uma soma de dinheiro, e os direitos autorais do teatro não obedeciam à legislação, eram dependentes do retorno da bilheteria.

Desde 1913 ele e Chiquinha Gonzaga demandavam na justiça os direitos do autor [125]. Então, tinha de produzir. Apesar de esse ano ter sido uns dos mais fracos, ainda lançou pela editora Portugal-Brasil seu segundo romance *A correspondência de uma estação de cura*.

Terminada a Guerra, *O Paiz* enviou-o para cobrir a conferência do armistício, em Versalhes. Na mesma madrugada morria Olavo Bilac, dezembro de 1918. A Europa não era mais a mesma, a situação política era tensa.

Munido de um passe obtido pelos amigos, locomoveu-se por todos os lugares onde pudesse observar, entrevistar, discutir, concluir, escrever, tirar uma notícia. Entrevistou populares desconhecidos, líderes operários, monarquistas, católicos

[125] Rodrigues (2010: 225-226) escreve que *nada se pôde fazer enquanto não foi aprovado o Código Civil, depois de 15 anos circulando no Congresso. Finalmente promulgado em 1916, ele incluiu uma Lei de Direitos Autorais (Lei nº 3.071). Em 13 de setembro do ano seguinte, o chanceler Nilo Peçanha e o representante da França, o poeta Paul Claudel, assinaram no Itamaraty a Convenção Franco-Brasileira de Direitos Autorais, que veio afetar diretamente o meio teatral brasileiro, onde a maioria das peças encenadas eram francesas. Liberados dos empecilhos legais, os dramaturgos e comediógrafos locais resolveram criar uma entidade para defender os seus direitos. Apenas duas semanas depois do acordo com a França, em 27 de setembro, surgiu a Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT). Entre seus membros fundadores estavam Oscar Guanabarino, Viriato Correia, Raul Pederneiras, Gastão Tojeiro, Chiquinha Gonzaga, Paulo Barreto, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Henrique Oswald, Francisco Braga, Goulart de Andrade, Julião Machado, Oduvaldo Vianna, Luiz Peixoto, Batista Júnior, Oscar Lopes, entre outros. Nomes muito expressivos. No dia 20 foi eleita a primeira diretoria: João do Rio (presidente), Viriato Correia (secretário), Bastos Tigre (tesoureiro) e Oduvaldo Vianna (procurador).*

integralistas, o amigo Guerra Junqueiro; encontrou-se com o presidente Wilson, dos Estados Unidos.

Como jornalista cobriu os vários lados da questão russa e, apesar de sua antipatia por Lênin, chegou a participar de uma reunião de socialistas revolucionários em companhia de um jornalista da *Humanité*. Defendeu em seus artigos, como pouquíssimos intelectuais brasileiros em 1919, uma plataforma pelas *benesses conquistadas muito anos depois, como a jornada de trabalho, auxílio-desemprego, salário mínimo, plano saúde, aposentadoria e liberdade sindical* [126]. Ao mesmo tempo, não deixou de frequentar os melhores e piores lugares da sociedade, nem deixou de encontrar-se com o papa em Roma.

A saúde de João do Rio se fragilizava a cada dia com o excesso de peso e o cansaço prematuro, enquanto seus textos continuavam entusiásticos. Pela editora Portugal-Brasil lançou *A mulher e os espelhos*, segundo livro de contos reunidos do que publicara em *Atlântida*, *O Paiz*, *Gazeta de Notícias,* e *A Noticia*, entre 1909 e 1917, entre outros contos inéditos.

Em janeiro de 1920 saíram os três volumes de *Na Conferência de Paz* pela editora Villas-Boas & Co., no Rio; em fevereiro foi publicada *Adiante!,* pela editora Bertrand, uma coletânea de discursos, conferências e artigos com temas patrióticos.

O escritor tornou-se um paladino das novas ideias políticas e sociais e foi muito atacado por isso. A revista *ABC*, numa enquete anônima intitulada *A feira literária e seus mercadores*, acusou-o de *o único escritor iniversalmente conhecido no Brasil*, mas *toda a obra do sr. João do Rio é uma multiplicação de Godofredos de Alencar, vestindo trajes diferentes, mas com a mesma metalidade ligeira* [127].

Nos primeiros meses de 1920 sairiam na imprensa suas últimas obras de ficção, os contos satíricos: *o homem-macaco*, *o homem da cabeça de papelão* e *As palavras da máquina.*

Em março tornou-se acionista majoritário da Sociedade Anônima *A Patria*, que tinha oficinas próprias e sede no nº 8 do Largo da Carioca, *endereço nobre, próximo do saudoso Café Paris, onde 20 anos antes Paulo Barreto pontificara entre outros jovens intelectuais* [128].

---

[126] Rodrigues, 2010: 241.
[127] Id., ibid., p. 253.
[128] Id., ibid., p. 255.

Foi nesse jornal que o autor iniciou uma polêmica que se arrastou para a agressão física. O jornal *A Patria* (também *O Paiz* e *A Rua*) apoiou os pescadores portugueses contra as medidas restritivas do Governo. As posições governamentais foram, por sua vez, foram defendidas pelo *Correio da Manhã* e as revistas *ABC*, *Brás Cubas* e *Gil Blás*. O caso, então, estendeu-se quando o jornal *A Patria* publicou manifestos dos pescadores portugueses e editoriais contra as ideias jacobinas e a Associação Social Nacionalista (ASN). Acabou que o Capitão Villar, da Marinha, e alguns comandados foram tirar satisfação com diretor do jornal, João do Rio.

Encontrando o jornalista no restaurante Brahma, no Largo da Carioca, enquanto almoçava sozinho, aproveitaram a situação, derrubaram o escritor no chão aos socos e pontapés, chutaram-lhe a cara e arrancaram-lhe sangue. A história não acabou aí, houve manifestações de apoio tanto para o ofendido, como aos agressores, e ofensas publicadas nos jornais contrários ao jornal *A Patria*, ofensas graves a João do Rio.

O jornalista acabou recebendo a solidariedade de Medeiros e Albuquerque, Rui Barbosa, Monteiro Lobato, de políticos importantes, dos jornais *O Paiz*, *A Noite* e o *Jornal do Commercio* de que era colaborador.

Com a polêmica, a coluna de João do Rio, *Bilhete*, em *A Patria*, virou sucesso, principalmente quando denunciou a polícia de forjar atentados anarquistas, quando saudou emocionadamente as crianças operárias que fizeram greve numa fábrica de tecidos em Petrópolis em 1920, ou quando denunciou concessões milionárias na Amazônia, no Mato Grosso e em Santa Catarina obtidas pelos americanos.

Nesse mesmo tempo, João do Rio vivia uma imensa solidão, evitava a todo custo a sociedade *Pall-Mall Rio,* perdia a simpatia da alta sociedade e do meio diplomático. Em março de 1921 saiu *Ramo de loiro/Noticias em louvor* pela Bertrand, composto de dez ensaios, alguns publicados na *A Revista Americana, Gazeta de Noticias* e *O Paiz*, e em junho uma obra que reunia 13 textos variados, *O rosário da ilusão*, pela editora Portugal-Brasil.

Nos intervalos do jornalismo trabalhava em duas peças de teatro, uma comédia *A serpente*, e uma sátira política *Ministro Prates*, que ficaram incompletas.

No dia 23 de junho, depois de muito fazer na redação do jornal, e já em um carro rumo a sua casa, teve um ataque cardíaco aos 40 anos incompletos. Eram dez e meia da noite e assim partiu João do Rio, o João de dona Florência, do professor Coelho Barreto, do Rio de Janeiro, da rua, da nossa *Belle époque*, da decadência de Roma em que os

imperadores duravam no trono, o João que via, como todos nós, com vaidade ou com modéstia, a vida no tempo vertiginoso. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que com a própria vida resiste às épocas.

Nas palavras de João do Rio ao Leitor: *E tu leste, e tu viste tantas fitas... Se gostastes de alguma, fica sabendo que fóram todas apanhadas ao natural e que mais não são senão os factos*.

## 2.2 CRONOLOGIA

1881 - Nasce, a 3 de agosto, no Rio de Janeiro, no sobrado nº 284 da Rua do Hospício (atual Rua Bueno Aires, Centro), filho do gaúcho de São Leopoldo Alfredo Coelho Barreto (positivista e professor de Matemática do Ginásio Nacional) e da carioca Florência Cristóvão dos Santos. Registrado como João Paulo Alberto Coelho Barreto, recebe os sacramentos no Templo do Apostolado Positivista aos dois anos e idade.

1894-96 – Estudante autodidata, auxiliado pelo pai, com passagens pelo Colégio Mosteiro de São Bento, depois pelo Colégio Pedro II.

1899 – Primeiro texto jornalístico publicado em *A Tribuna*, de Alcino Guanabara, a 1º de junho, seguido de colaborações em *A Cidade do Rio*, periódico de José do Patrocínio, sobre, entre outros assuntos, o naturalismo, *Thérèse Raquin* de Zola, Dumas Filho e *A balada do enforcado* de Wilde, na versão de Elysio de Carvalho. O primeiro conto *Impotência*, abordando desejos homoeróticos, é publicado em agosto. Passa a assinar *Paulo Barreto* e *Claude*.

1901-1902 – Após tentativa frustrada de entrar para a diplomacia - é barrado pelo ministro das Relações Exteriores, Barão do Rio Branco, por não condizer com o figurino do Itamaraty [129] - ingressa, decididamente, no jornalismo. Colabora para *O Paiz*, *O Dia, O Correito Mercantil* e *O Tagarela.* Os textos são de cunho artístico: defesa do realismo enaturalismo, ataques ao romantismo e simbolismo, cobertura do

[129] Antelo (2008: 18) escreve que João do Rio foi barrado para a carreira diplomática porque era mulato, gordo e homossexual.

Salão de Belas Artes, críticas de escritores como Wilde ou Eça de Queirós, Mário Pederneiras ou Péthion de Villar e até páginas de um diário pessoal. Assina a coluna *Cosmorama* em *O Coió* como *Caran D'Arche*.

1903 – Entra para a *Gazeta de Noticias*, onde ficará 12 anos. Assina *P.B.* e *X*. No final do ano assina a primeira crônica como *João do Rio*, em homenagem ao jornalista francês Jean de Paris, do *Le Figaro*.

1904 – Série de reportagens *As Religiões no Rio* para a *Gazeta*. Editadas em livro, no fim do ano, são sucesso de livraria. Passa a colaborar na sofisticada revista *Kosmos*, propagandista das reformas do *bota-abaixo* urbanístico. Começam as reportagens que serão incluídas em *A Alma Encantadora das Ruas.*

*1905* – Publicada uma série de entrevistas com famosos escritores, entre março e maio, em *Gazeta de Noticias*, que será publicada pela Garnier dois anos depois. Candidata-se à Academia Brasileira de Letras, perde. Simultaneamente à inauguração da avenida Central, faz a conferência *A rua* que abre *A Alma Encantadora das Ruas.* Traduz a peça *Salomé*, de Oscar Wilde.

1906-7 – Estreia a revista *Chic-chic* e o drama de um ato *Clotilde* ou *A última noite*. Candidata-se novamente à Academia Brasileira de Letras, é derrotado por Heráclito Graça por 17 votos a 8. Em setembro viaja a Minas Gerais e narra essa viagem na coluna *Para o milagre!* Começa a assinar como *Joe* a coluna *Cinematographo*, que vai até 1910 na *Gazeta*.

1908 – Publica *A Alma Encantadora das Ruas*, coletânea de crônicas e reportagens sobre aspectos populares do Rio de Janeiro. Trata da Exposição Nacional em *Cinematographo*. Publica a tradução de *Salomé*. Primeira viagem à Europa (Lisboa, Londres, Paris) no fim do ano. As crônicas da viagem, publicadas de início na *Gazeta*, serão mais tarde recolhidas em *Portugal d'agora* (1911).

1909 – Com a morte do pai, em março, passa a sustentar a mãe. Lança, em novembro, um livro de contos infatins, escrito em parceria com Viriato Correia, *Era uma vez*.

1910 – Consegue, finalmente, entrar para a Academia. Apoia Rui Barbosa para a presidência da República contra o General Hermes da Fonseca, que foi eleito. Publica

os livros *Dentro da noite*, coletânea de contos mórbidos e decadentistas, e *Fados, canções e danças de Portugal*. Publicação parcial, na *Gazeta*, do romance *A profissão de Jacques Pedreira*. Conferência em São Paulo, *A delícia de mentir*, e lançamento de *Dentro da noite*. No fim do ano, segunda viagem à Europa: Lisboa, Porto, Madri, Barcelona, Paris, Costa Azul e Itália.

1911 – A 21 de junho começa a publicar, em *A noite*, jornal de Irineu Marinho, a tradução de *O retrato de Dorian Gray*. Sem assinar, edita, como folhetim da *Gazeta*, *Memórias de um rato de hotel/o dr. Antonio narra a sua vida*. Começa a coluna *Os dias passam...*, em substituição a *Cinematographo*, que dará lugar, no ano seguinte, a outra, *O instante*, de *Paulo José*. A Granier lança as conferências psicológicas de *Psicologia urbana, Portugal d'agora* e *Vida Vertiginosa*.

1912 – Estreia *A bela Madame Vargas,* em que aparece seu personagem e máscara literária, o Barão de Belfort. São publicadas as crônicas de *Os dias passam...* e a tradução de *Intenções* de Oscar Wilde.

1913 – A Garnier publica *A profissão de Jacques Pedreira*. Inconformado com os erros tipográficos suspende a edição. Como *Joe* assina, na *Gazeta*, *O instante* e a coluna *À margem do dia*. Terceira viagem à Europa. Monta *A bela Madame Vargas* em Lisboa. Visita França, Alemanha, Turquia, Rússia, Grécia, Jerusalém e Egito.

1914 – Colabora em *A Ilustração Brasileira.* Com a mudança de governo, abre-se *O tempo de Vencesláo....* e suas crônicas, cada vez mais de cunho político, passam a comentar os atos do governo Venceslau Brás. 1911 a 1914 foi começo do apogeu profissional de João do Rio que é promovido a diretor da *Gazeta de Notícias.*

1915 – Visita à Argentina e publica as crônicas dessa viagem na *Gazeta.* Faz conferências em Buenos Aires onde se apresenta sua peça *El oro contrarrestado por la fuerza del destino*. Na volta, Oswald de Andrade resenha, no *Pirralho*, sua peça *Eva* e, ainda, em São Paulo começa a escrever em *O Paiz. Joe* torna a assinar *O instante*, desta vez no periódico *A Rua.* Estreia em São Paulo da peça *Eva* e no Trianon do Rio de Janeiro três peças em um ato *O encontro, Pena ser só um ladrão* e *Não é Adão*. Torna-se amigo e confidente de Isadora Duncan, durante a *tournée* da bailarina no Rio e em São Paulo. Novo pseudônimo: *José Antonio José*, fazendo colunismo social na seção *Pall-Mall Rio*. Colabora com o português João de Barros na tarefa de aproximação luso-

brasileira, por meio da revista *Atlântida.* É duramente ridicularizado por Humberto de Campos na paródia *Pele mole de João Antonio João*, do jornal *O Imparcial*.

1916 – Por meio dos pseudônimos *Joe* e *José Antonio José* assina agora, em *A Revista da Semana*, textos de moda na coluna *A semana elegante*. Publica *Crónicas e frases de Godofrego Alencar* por Villas Boas & Co. Estreia *Um chá das cinco*, no Teatro Municipal. Eleito diretor da recém-criada Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais (SBAT). Humberto de Campos começa uma campanha difamatória contra João do Rio em *O Imparcial.*

1917 – Publica dois volumes de crônicas, as mundanas de *Pall-Mall Rio* e as políticas de *No tempo de Vencesláo...*, além dos ensaios e conferências de *Sésamo*. Visita Belo Horizonte. Exalta Ipanema em crônica para *O Paiz*, ganha, em reconhecimento, terreno nessa praia e se muda para o novo bairro.

1918 – Com Azevedo Amaral e Georgino Avelino lança o *Rio-Jornal*, em que assina a coluna teatral sob o pseudônimo de *Máscara Negra.* Publica o romance *Correspondência de uma estação de cura*. Nomeado correspondente de *O Paiz* na Conferência do Amistício, em Versalhes. Reúne mais tarde esses textos em três volumes, *Na Conferência da Paz.*

1919 – Retorna ao Rio depois de oito meses. Publica várias séries de crônicas *n'O Paiz*, entre elas *Impressões de Londres* e *Itália-Brasil;* também *A mulher e os espelhos* (contos), *Adiante!* (conferências) e *Na Conferência de Paz* (reportagens). Alerta médico sobre a fragilidade de sua saúde.

1920 – Funda o matutino *A Pátria*, onde mantém a coluna *Bilhete*. Polêmica da nacionalização da pesca. Hostilizado pelos jacobinos da Associação Social Nacionalista (ASN), notadamente por Antônio Torres, nas revistas *ABC* e *Gil Blás*. É agredido em pleno largo da Carioca por um grupo de oficiais da Marinha, comandado pelo capitão Frederico Villar, futuro líder integralista.

1921 – Publica *Ramo de loiro* (ensaios) e *Rosário da ilusão* (contos). Envolvido na nova campanha presidencial, foi pressionado pelos conservadores a apoiar o candidato Artur Bernardes ou ver protestadas as promissórias que assinara para fundar *A*

*Patria.* Falece em 23 de junho dentro de um taxi no bairro do Catete, de ataque do coração, aos 40 anos incompletos. Seu enterro reuniu cerca de 100 mil pessoas

# CAPÍTULO III

# O SABER DA ÉPOCA DE JOÃO DO RIO SOBRE A LÍNGUA

> Ao se definir que língua se fala, com que estatuto, onde, quando e os modos de acesso a ela – pelo ensino, pela produção de instrumentos lingüísticos, pelo acesso às publicações, pela participação em rituais de linguagem, pela legitimação de acordos, pela construção de instituições linguísticas, etc. – está-se praticando as várias formas das políticas da língua ao mesmo tempo em que, para identificá-la, se está produzindo seu conhecimento, sua análise, e está-se dando a ela uma configuração particular. (...) A língua e os instrumentos lingüísticos são objetos históricos que estão intimamente ligados à formação do país, da nação, do Estado (Guimarães, Orlandi,1996: 13-14).

Todo conhecimento é um realidade histórica, e *para reconstruir a temporalidade ramificada da constituição cotidiana do saber* é necessário *escolhê-la, organizá-la, concebê-la, configurá-la, poetizá-la* [130] até, para produzir conhecimento. O que pode significar sua fraqueza mas sua virtude, ser poética a história, pois não pode ser reduzida apenas a leis, a estruturas. Por definição, o passado é um dado que nada modificará, mas o conhecimento do passado está sempre em progresso, transformando o presente vivido em reflexão histórica.

É no interior desse conhecimento que se organiza esta reflexão. A língua e os instrumentos linguísticos são objetos históricos que estão intimamente ligados à formação do país, da nação, do Estado e saber da língua portuguesa à época de João do Rio é produzir o conhecimento sobre a identidade nacional no Brasil, no fim do século XIX, começo do XX. *Sem memória e sem projeto, simplesmente não há saber* [131].

## 3.1 A IDENTIDADE NACIONAL E A LÍNGUA

Sabe-se que a identidade nacional se dá pelo sentido comunitário entre os membros quando da formação de um tipo de Estado que possui o monopólio e uso

[130] Bloch: 2001.
[131] Auroux, 2001: 12.

legítimo da força dentro de um território demarcado, e que procura unir o povo submetido a seu governo por meio da homogeneização, criando uma cultura, símbolos e valores comuns, revivendo tradições e mitos de origem ou, às vezes, inventando-os [132].

Como aconteceu ao Brasil quando se proclamou a independência de Portugal em 1822, ou em 1841, quando ascendeu D. Pedro II ao trono, depois do período conturbado da Regência, ou mesmo quando se implantou a República brasileira, em que houve uma verdadeira batalha a fim de recriar nomes, sons, heróis, símbolos, memórias e monumentos nesses períodos.

A memória histórica é um processo de seleção e, notadamente na República, reescrever a história do país, criar uma nova memória que encontrasse motivos republicanos era, com efeito, solidificar a liderança política. Então, *o governo republicano investiu com vigor para fazer desaparecer rapidamente, ou reformular, os mais representativos símbolos materiais da monarquia* [133]. A manipulação do imaginário social é particularmente importante em momentos de mudança política e social, em momentos de redefinição de identidades coletivas.

Assim aconteceu na Revolução Francesa que, em suas várias fases, tentou manipular os sentimentos coletivos no esforço de criar um novo sistema político, uma nova sociedade, um homem novo, como estratégia política que tinha a ver com a visão histórica, filosófica e religiosa de Auguste Comte. A vasta produção simbólica da Revolução serviu de inspiração para nossos republicanos, incluindo o hino de guerra *Viva a República!* como o brado *Viva a França!.* Além da adoção da alegoria feminina da República e o tratamento por cidadão que substituiu o solene, imperial e católico *Deus guarde Vossa Excelência*.

> Entre os propagandistas, o entusiasmo pela França era inegável. A proximidade do centenário da revolução de 1789 só fazia aumentá-lo. Silva Jardim pregava abertamente a derrubada do Antigo Regime do Brasil, fazendo-o coincidir com o centenário. Não se esquecia de incluir o fuzilamento do conde D'Eu, o francês, a quem destinava o papel do infortunado Luís XVI, numa réplica tropical do drama de 1792 (Carvalho, 1990:12).

Retomando, do ponto de vista sociológico, o Estado é que faz a nação e não a nação, o Estado. Não que homens e mulheres não estivessem profundamente ligados a

[132] Guibernau, 1997.
[133] Schwarcz, 1998: 486.

algum pedaço de terra ao qual dessem o nome de *lar* – tirando-se ou acrescentando-se alguns povos nômades -, mas a terra natal é o local de uma comunidade real de seres humanos que mantêm entre si relações sociais reais e não uma comunidade imaginária que cria uma espécie de liame entre os membros de uma população. Portanto, os Estados criaram nações, ou seja, o patriotismo nacional e, pelo menos para certos fins, cidadãos linguística e administrativamente homogeneizados [134].

Toda identidade se define em relação a algo que lhe é exterior, ela é a diferença, e pode-se perguntar sobre o porquê desta insistência em se buscar uma identidade que se contraponha ao estrangeiro. No nosso caso, significa dizer que a pergunta ainda é uma imposição estrutural que se coloca a partir da própria posição em que nos encontramos no sistema internacional [135]. Por isso o tema da formação do país, da identidade nacional e cultura brasileira é um antigo debate que permanece até hoje.

> *O purismo e a exaltação da identidade nacional*, com seu acompanhamento de constituição/preservação de um *corpus* literário (seja religioso ou profano), são, por exemplo, fenômenos quase-universais na constituição, espontânea ou por transferência, dos saberes lingüísticos. Suas causas podem entretanto ser muito diversas: o aparelho do Estado e a administração, expansão de uma religião, emergência de uma consciência nacional com ou sem unificação política, dispersão de um povo etc. (...) As grandes transformações dos saberes linguísticos são, antes de tudo, fenômenos culturais que afetam o modo de existência de uma cultura do mesmo modo que dela procedem (Auroux, 2001: 28-29).

Uma das formas de manifestação da identidade nacional é inquestionavelmente a linguística, talvez a mais importante. Nota-se que, conjuntamente à administração dos grandes Estados, está a literalização dos idiomas e sua relação com a identidade nacional [136]. Melhor dizendo, a questão da *língua nacional* deriva do domínio do Estado e a produção do saber metalinguístico inscreve-se, sempre, em um jogo complexo entre o legislador do Estado, o papel regulador da instrução e a tradição gramatical.

A articulação em nosso país da *língua nacional* iniciou-se quando os portugueses se instalaram no Brasil e a língua portuguesa, *transportada,* começou a ser falada em um novo *espaço-tempo* [137]. Esse foi o momento de maior projeção da cultura

[134] Hobsbawn, 2011: 236.
[135] Ortiz, 2006: 7.
[136] Auroux, 2001.
[137] Guimarães, Orlandi, 2001: 21.

portuguesa e, sobretudo, foi o da consolidação da língua nas primeiras gramáticas, a de Fernão de Oliveira (1536) e a de João de Barros (1540).

Desde que a língua portuguesa se impôs ao povo brasileiro, dentro dos limites territoriais do país, foi-se modelando a nação dentro das regras de convivência cuja razão final foi a projeção da identidade brasileira. No momento em que a nação adquiriu uma mudança em relação ao quadro interno do próprio país, entrou em jogo um conceito de cidadania, isto é, a confirmação da Independência em relação a Portugal e a definição da língua no/do Brasil deu-se pelos vieses que conjugaram língua, literatura e nação na demarcação do Estado brasileiro.

> Na lenta maturação da nossa personalidade nacional, a princípio não nos destacávamos espiritualmente dos nossos pais portugueses. Mas, à medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de autoafirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como quem sofre ressentimento ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu. A fase culminante da nossa afirmação – a Independência política e o nacionalismo literário do Romantismo – se processou por meio de verdadeira negação dos valores portugueses, até que a autoconfiança do amadurecimento nos levasse a superar, no velho diálogo, esta fase de rebeldia (Candido, 2011: 118).

Foi nesse curso que se cristalizou nossa autonomia cultural, os movimentos literários e a edificação de instrumentos de gramatização deram forma à identidade brasileira e cooperaram para que se mantivesse e se impusesse como tal nos dias de hoje.

### 3.1.1 Patriotismo sentimental

Em meados do século XIX ainda o patriotismo se restringia a uma atitude apenas sentimental, o civismo, superação do amor-contemplação à participação objetiva no esforço comum da construção nacional em favor dos interesses maiores da comunidade, era um conceito ambíguo importado dos grandes centros europeus.

Importadas, também, foram as engenhosas combinações realizadas pelo Império brasileiro para garantir a sobrevivência da unidade política do país: na organização política, ensaiou um governo de gabinete com partidos nacionais, eleições, imprensa livre inspirados no constitucionalismo inglês, via Benjamin Constant; em matéria administrativa, a inspiração veio de Portugal e da França, países que mais se

aproximavam da política centralizante do Império; as fórmulas anglo-americanas da justiça de paz, do júri e uma limitada descentralização provincial serviram de referência quando o peso centralizante provocava reações mais fortes [138]. Quer dizer, todas essas importações serviram à preocupação central que era a organização do Estado em seus aspectos político, administrativo e judicial.

> Idéias e instituições norte-americanas e européias já tinham sido adaptadas por políticos imperiais. Antes mesmo da independência do país, rebeliões coloniais tinham-se inspirado seja na Revolução Americana, seja na Francesa. (...) Os próprios *founding fathers* americanos buscaram inspiração em idéias e instituições da Antiguidade, da Renascença, da Inglaterra e da França contemporâneas. A Revolução Francesa, por sua vez, tivera nos clássicos e no exemplo americano pontos de referência. O fenômeno de buscar modelos externos é universal (Carvalho, 1990: 22).

Não significou grande mudança do ponto de vista da representação política a Primeira República (1889-1930), que produziu a federação de acordo com o modelo dos Estados Unidos. A descentralização teve o efeito de aproximar o governo da população, via eleição de presidentes de estados e prefeitos, mas facilitou a formação de sólidas oligarquias estaduais, apoiadas em partidos únicos, bloqueando qualquer tentativa de oposição política. Até 1930 uma aliança das oligarquias permitiu que estas se mantivessem no controle da política nacional.

> No Brasil, cada vez mais todos são capazes de tudo, sem saber nada. É o paiz da sufficiencia. Ha, porém, quatro vocações que o brasileiro tem sempre: a política, as finanças, a poesia e o jornalismo. Os meninos mal começaram a ler, fazem versos, redigem jornaes manuscriptos, atacam o governo e discutem economia politica. (...) Qualquer cavalheiro, seja engenheiro ou bicheiro, medico ou sem profissão, com talento ou sem talento, erudito ou analphabeto, póde querer ser intendente, deputado, senador, ministro, presidente de Estado. Nesses postos temos tido de tudo e havemos de ter (João do Rio, Paiz de jornalistas, In: *No tempo de Wenceslão...*, 1917: 210 – 212).

Foi no século XIX o momento crítico de reivindicação por instituições capazes de assegurar a legitimidade e a unidade da cidadania. O Brasil não passara por nenhuma revolução como a Inglaterra, os Estados Unidos, a França, e as elites desse século - europeus pelos ancestrais, mas sem raízes históricas, nem patrimônio cultural e

[138] Assim Carvalho (1990: 23) descreve a *Herança Imperial*.

imbuídos do agressivo nacionalismo que sobreveio à Independência - desviaram para o campo ideológico certas questões identitárias.

Daí o drama, pois o pensamento quase geral era: a Europa, e só ela, possuía de direito as matrizes da cultura, *tudo havia nos chegado como generoso empréstimo europeu e, consequentemente, da Europa deveríamos esperar sempre, nas questões culturais, a norma sedutora* [139]. No século XIX,

> a Europa, além de ser o centro original do desenvolvimento capitalista que dominava e transformava o mundo, era, de longe, a peça mais importante da economia mundial e da sociedade burguesa (Hobsbawm, 2011: 39).

Tanto foi assim que as obras gramaticais que passaram a ser publicadas no Brasil *praticamente não tratavam de nenhum conteúdo específico relativo à nossa Língua Portuguesa* [140]. Os autores dessas gramáticas, *orientados especialmente pela Grammaire Générale et Raisonnée e pelos Enciclopedistas,* seguiram ainda o padrão europeu da época, *pela imitação dos grandes escritores clássicos como fator de prestígio* [141].

As primeiras gramáticas no Brasil do século XIX não pretendiam ensinar a língua, mas fornecer modelos (literários) àqueles que já possuíam a língua padrão - a *arte de falar e escrever corretamente* - como a obra do brasileiro Antônio Moraes Silva, a *Epitome da Grammatica Portuguesa*. Publicada em Lisboa em 1806, e posteriormente em 1813, era uma gramática inserida no movimento de renovação pombalina (Alvará Régio de 1770), portanto, atendia a interesses políticos, culturais e ideológicos que valorizavam o estudo da Gramática de sua própria língua para aplacar a ignorância da nação. Para tanto, propunha muitos exemplos dos *bons escritores* portugueses dos séculos XVI e XVII.

A obra de Frei Caneca, *Breve Compêndio*, escrita na prisão em Salvador entre 1817 e 1819, publicada postumamente em 1875, era uma obra que seguia as gramáticas que a antecederam e tinha por objetivo *elucidar a natureza da linguagem* a *todo homem bem criado, em poucas regras e muita reflexão* [142].

---

[139] Carvalho, 1990: 13.

[140] Sobre as primeiras gramáticas no Brasil, este trabalho segue as orientações de Fávero, Molina (2006: 56).

[141] Fávero, Molina, 2006: 54.

[142] Id., ibid., p. 74.

O *Compendio da Grammatica da Lingua Nacional* de Antônio Pereira Coruja, publicado em 1835, utilizou o termo *nacional* no título lançando o tema do nacionalismo linguístico, uma das tônicas definidoras do Romantismo Brasileiro, mas conservou o conceito de gramática em voga: *arte que ensina a declarar bem os nossos pensamentos por meio de palavras* [143]. Coruja expressou por meio da linguagem *a maneira como os gramáticos da época viviam e sentiam nossa terra* [144], como nação ainda integrante de Portugal.

A *Epitome da Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* de Raimundo Câmara Bithencourt, de 1862, e a *Grammatica Portuguesa* de Francisco Sotero dos Reis, editada pela primeira vez em 1866, continuaram enfatizando *a arte de falar e escrever corretamente*, conceituação oriunda do modelo greco-latino, e seguindo a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* de Jerônimo Soares Barbosa, publicada em Lisboa em 1822 [145].

A organização da gramática de Soares Barbosa remete à tradição latina da nomenclatura *adotada para as classes gramaticais e a ordem dos componentes: fonologia, morfologia e sintaxe*; e à medieval que era dividida em duas partes: *uma trata da parte mecânica e material da língua e a outra, da parte lógica, isto é, estuda a expressão do pensamento em palavras* [146].

> *Ars* é tradução do grego, Aristóteles, na Metafísica atribui ao termo o sentido de ofício, habilidade e conhece as coisas pelos efeitos, não pelas causas. Dionísio chamou sua obra de arte gramatical, por não ser ela especulativa, mas prática. A Gramática, a Retórica, a Lógica, a Geometria, a Aritmética e a Astronomia são artes; a Matemática e a Física não o são, pois seu objeto é o necessário e elas não são instrumentais. Essas sete artes (as Artes Liberales = dignas dos homens livres) constituíram, durante séculos, o currículo escolar; nas escolas medievais eram elas ensinadas, especialmente a gramática, a retórica e a dialética, o *trivium* (Fávero, 2001: 61).

Já a *Grammatica Portugueza* do maranhense Augusto Freire Silva, 2ª edição em 1877, adotou certos princípios da corrente histórico-comparativa, a fim de *observar as diversas "idades" da língua portuguesa, do século doze ao dezenove,* as alterações das línguas e a relação de dialetos portugueses. Também apontou que o português do Brasil

[143] Fávero, Molina, 2006: 82.
[144] Id., ibid., p. 89.
[145] Sobre a *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza* de Jerônimo Soares Barbosa: Fávero, 1996: 203-255.
[146] Fávero, 1996: 209.

não constituía um dialeto, embora já estivesse se distanciando do de Portugal. Quer dizer, o autor foi pioneiro em fazer referência ao português aqui falado [147].

A *Nova Grammatica Analytica da Lingua Portugueza* de Charles Adrien Grivet, em 1881 (ano de nascimento de João do Rio), embora refletisse *algumas das transformações por que passava o homem em particular e a sociedade em geral, no final do século XIX* (o grande desenvolvimento das ciências e das novas correntes de estudos da linguagem, no caso, a gramática analisada [148]), ainda seguia o modelo de língua a ser preservado, o da escrita dos grandes escritores portugueses.

Essas gramáticas eram todas destinadas à escola, algumas traziam exercícios, umas eram para as *primeiras letras*, outras para estudos mais avançados, e adaptaram-se mais às tradições intelectuais do país. As obras privilegiam a divisão em quatro partes: etimologia, sintaxe, ortografia e prosódia/ortoepia. A gramática de Grivet apresenta cinco partes, introduzindo a pontuação: lexicografia, sintaxe, ortografia, prosódia, pontuação [149].

> A divisão em quatro partes, a mesma que se encontra nos gramáticos do século anterior, Reis Lobato e Soares Barbosa, é herança da Idade Média (talvez desde Prisciano que foi o primeiro a reconhecer a existência de uma sintaxe que é o estudo "da disposição que visa à obtenção da oração perfeita"), com Alexandre de Villedieu (*Docntrinale Puerorum*, 1200), divisão essa que permanece até o século XVI, com Nebrija e João de Barros, ou mesmo até o século XVIII ou XIX, como estamos vendo (Fávero, 2001: 65).

Nesse período, o Indianismo de Alencar, Gonçalves Dias e Magalhães apareceu como que providencial, ousou trazer a dignidade ansiada e desejosa de identidade para uma minoria privilegiada que podia ler, que possuía as paisagens do Novo Mundo e a imaginação europeia, porém essa questão nacionalista não chegava à escola, não repercutiam no ensino as especificidades da língua aqui falada, o discurso intelectual se distanciava da realidade social do país. Era uma tendência dos nossos escritores românticos que veio quando o Brasil atingia a uma etapa de desenvolvimento em que a atividade literária tornou-se possível. O Brasil era um país com taxas altíssimas de analfabetismo, parcas bibliotecas, editoras ou livrarias, e a tarefa que aguardava os

[147] Fávero, 2001: 101.
[148] Id., ibid., p. 120.
[149] Id., ibid., p. 65.

escritores brasileiros – a construção de seu público – era quase impossível. No entanto, foi levada a cabo.

Coube aos escritores desse período tarefa já cumprida pelos de nacionalidade europeia cem anos antes: a formação e consolidação de uma identidade nacional burguesa e seus correspondentes valores, sentimentos e emoções. Também, coube a eles a educação que se perfazia por meio da literatura e para a literatura. Na realidade, educar tais leitores era seduzi-los para induzir as práticas culturais necessárias à existência da literatura como instituição social que, no caso brasileiro, precisava ancorar sua vigência em um modo de produção de bens culturais. Mesmo porque a história do público leitor brasileiro era uma história de ausência e de precariedades em virtude da política cultural vigente, obscurantista e segregadora, imposta num país que deixava de ser colônia.

Nossa literatura, sob esse aspecto, consistiu numa superação de obstáculos, entre os quais o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado desenvolveu em face de velhos países de civilização elaborada em condições étnicas e geográficas bastante diferentes.

> Na literatura brasileira há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo, no século XIX (1836-1870), e o ainda chamado Modernismo, no presente século (1922-1945). Ambos representam fases culminantes de particularismo literário na dialética local e do cosmopolita; ambos se inspiram, não obstante, no exemplo europeu. Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente: o diálogo perdera o mordente e não ia além da conversa de salão. Um fato capital se torna deste modo claro na história de nossa cultura; a velha mãe-pátria deixara de existir para nós como termo a ser enfrentado e superado (Candido, 2011: 119).

Vale ressaltar o pensamento do romântico Gonçalves de Magalhães, em 1836, no prólogo de sua obra *Suspiros poéticos e saudades*, intitulado *Lede*, para *desvanecer alguns preconceitos, que talvez este Livro se elevem em alguns apoucados*, quando a literatura brasileira começou a mudar os rumos e vitalizar toda a inteligência.

Magalhães, preocupado com a crítica e a incompreensão que causaria sua obra, tentou justificar-se caracterizando seu livro de poesias como *poesias de um peregrino, variadas como as cenas da natureza*, mas que se harmonizavam pela unidade do pensamento e se ligavam como os anéis de uma cadeia: *poesias d'alma, e do coração, e que só pela alma e o coração devem ser julgadas*. E que nenhuma ordem havia seguido

*quanto à forma*, material das estrofes e de cada cântico em particular, *para não destruir o acento da inspiração*. Pois, escreve o autor, não se compunha uma *orquestra só com os sons doces flautados*, cada paixão requereria *sua linguagem própria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.*

Prosseguiu, Magalhães, pedindo reflexão sobre as faltas que incorreria em sua obra, porque os *mimos da natureza* seriam melhor caminho que antes - *nossa infância*. E advertiu que as línguas vivas se enriqueceriam com o progresso da civilização e das ciências, uma nova ideia pediria um novo termo, por isso algumas palavras não se achariam nos Dicionários Portugueses – *eis mais uma pedra onde afiem suas presas: mais uma taça onde saciem sua febre de escárnio*. Daí completou: *este livro é uma tentativa, é um ensaio: se ele merecer o público acolhimento*. E num tributo a Pátria, ofereceu sua obra:

> Tu vais, oh Livro, ao meio do turbilhão em que se debate nossa Pátria: onde a trombeta da mediocridade abala todos os ossos, e desperta todas as ambições: onde tudo está gelado, exceto o egoísmo: tu vais, como uma folha no meio da floresta batida pelos ventos do inverno, e talvez tenha de perder-te antes de ser ouvido, como um grito no meio da tempestade. Vai: nós te enviamos, cheio de amor pela Pátria, de entusiasmo por tudo o que é grande, e de esperança em Deus, e no futuro. Adeus! Paris, julho de 1836 (Gonçalves de Magalhães, Prólogo de *Suspiros Poéticos e Saudades*, 1999).

Também Gonçalves Dias, em 1857, justificou-se em relação às críticas que recebeu sobre sua maneira de escrever, sobre sua *profissão de fé* [150]:

> Os 8 ou 9 milhões de brasileiros terão o direito de aumentar e enriquecer a língua portuguesa e de acomodá-la às suas necessidades como os 4 milhões de habitantes que povoam Portugal? Pois se queremos introduzir qualquer indústria no Brasil, havemos de esperar que daqui nos batizem as mil idéias que ela suscita?

E continuou sobre o Indianismo:

> Bom ou mau grado, a língua tupi lançou profundíssimas raízes no português que falamos e nós não podemos, nem devemos atirá-las para um canto a pretexto de que a outros parecem bárbaras e mal soantes. Contra isso protestaria a nossa Flora, a nossa Zoologia, a nossa Tipografia. Clássico ou não clássico – Pernambuco é Pernambuco, cajá, paca e outros semelhantes, não têm outro nome. Se isto desagrada Portugal, é grande pena, mas não tem remédio. (...)

[150] Gonçalves Dias, In: Laudelino Freire, 1921.

Terminou assim, que haveríamos de mudar o português sem deixarmos de estudar e respeitar a gramática, estudar os clássicos e o gênio da língua. *Em resumo*:

> 1º A minha opinião é que ainda, sem o querer, havemos de modificar altamente o português.
>
> 2º Que uma só coisa fica e deve ficar eternamente respeitada a gramática e o gênio da língua.
>
> 3º Que se estudem muito e muito os clássicos, porque é miséria grande não saber usar as riquezas que herdamos.
>
> 4º Mas que, nem só pode haver salvação fora do Evangelho de S. Luis, como que devemos admitir tudo o de que precisamos para exprimir coisas ou novas ou exclusivamente nossas.
>
> E que enfim, o que é brasileiro é brasileiro, e que *cuia* virá a ser tão clássico como *porcelana*, ainda que a não achem tão bonita. E com isto dou fim a esta epístola.

A intenção principal dos brasileiros, depois da independência, foi encontrar a forma adequada de literatura nacional e combiná-la com o ambiente social do país. Houve, então, um esforço político pós-independência de se criar os símbolos que unificariam a comunidade no Brasil.

Assim como o Romantismo europeu, o Romantismo latino-americano foi principalmente uma reação ao fim do antigo regime e sua confusa tarefa, nos dois lados do Atlântico, seria, dessa maneira, tanto destruidora como construtora. Neste ponto, sobre o Indianismo, poderia ser perguntado da influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte. E imediatamente completada por outra pergunta, a da influência exercida pela obra de arte sobre o meio. Assim se chegaria mais perto de uma interpretação dialética, a de que algumas das tendências mais vivas de arte plasmam o meio, criam seu público e suas vias de penetração, agindo em sentido inverso ao das influências externas [151].

Tudo isso contribuiu para que os heróis dos livros de Alencar não se comportassem como indivíduos dilacerados, ao contrário, são homens inteiriços que, à maneira dos heróis de epopeias, representam todo um povo [152]. Todavia, no jogo de escolhas para representar o herói nacional, talvez não fosse tão original assim a aproximação entre índio e cavaleiro medieval que o romantismo brasileiro promoveu. Ambas as figuras míticas de guerreiros, o índio e o cavaleiro medieval históricos, são portadoras da liberdade a que o século XIX parecia estar pondo fim. O debate

[151] Candido, 2011: 28.
[152] Recupero, 2004:165.

historiográfico que defendiam os românticos significava, tão somente, na base da historiografia liberal francesa, argumento de que os índios, nativos do continente, teriam sofrido a invasão e a dominação por forasteiros europeus, da mesma forma que os gauleses foram conquistados pelos francos.

Apesar da imitação francesa e inglesa, todo o nosso século XIX dependeu de Portugal, de onde se recebia não raro o exemplo e o tom da referida imitação. Pôde-se ver que a influência praticamente morreu só no século XX, quando o diálogo entre os dois países, Brasil e Portugal, despojou-se de sua aspereza, amainou-se em mesuras acadêmicas e louvores recíprocos, na retórica sentimental e vazia das missões culturais.

> Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus. Isto se dá no plano dos programas, porque no plano psicológico profundo, que rege com maior eficácia a produção das obras, vemos quase sempre um âmbito menos de oscilação, definindo afastamento mais reduzido entre os dois extremos (Candido, 2011: 117).

Antes, é preciso mencionar que durante a fase joanina esse pendor pela superação do estatuto colonial, favorecido pela concepção ilustrada da inteligência, a partir da segunda metade do século XVIII, permitiu a precipitação da consciência nacional. Ocorreu no Brasil uma pequena Época das Luzes que se encaminhou para a independência política e as teorias da emancipação intelectual, tema básico do Romantismo após 1830.

Os escritores que se destacaram foram: Basílio da Gama, com o *Uraguai*, Silva Alvarenga, com *O desertor*, Francisco de Melo Franco, com *O reino da estupidez*, e os poemas ilustrados de Cláudio Manuel da Costa e Alvarenga Peixoto. Historicamente, essas obras citadas se ligam ao ideal setecentista de bom governo e desenvolvimento diante de uma colônia habituada à tirania e carência de liberdade. Nos escritores desse período encontram-se aspectos de nativismo, de superação do estilo culto por uma expressão adequada à natureza e à verdade e de transfiguração da terra para a perspectiva do seu progresso.

Sem deixar de mencionar Santa Rita Durão (1722-1784) que representou a história de sua pátria no *Caramuru* (1781), linha nativista de celebração da terra, abrindo caminho para sua florescência no século XIX. Quer dizer, houve entrosamento acentuado entre a vida intelectual e as preocupações político-sociais, embora esses

homens seguissem modelos franceses e ingleses e tentassem harmonizá-los pela confiança na força da razão, considerada tanto como instrumento de ordenação do mundo quanto um modelo de uma certa arte clássica, abstrata e universal.

Contribuição importante para a cultura brasileira foi a fundação da primeira revista de cultura a funcionar regularmente entre nós, *O Patriota*, em 1813, do matemático Araújo Guimarães (1777-1838). Durou apenas um ano, mas estabeleceu a diretriz e o padrão que regeria as outras revistas pelo século afora. A revista publicou versos de Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manoel da Costa, Silva Alvarenga, artigos de ciência aplicada - assinados por Domingos Borges de Barros (1779-1855) - ao lado de memórias literárias e históricas, traduções, notícias. Depois da Independência, 15 jornais do país e 2 estrangeiros [153] constituíam a imprensa brasileira, entre eles, destacaram-se o *Diário do Rio*, o *Revérbero Constitucional*, o *Jornal do Comércio* e a *Aurora Fluminense*.

No prelo londrino, Hipólito da Costa, com todos os inconvenientes da distância, agitaria com o *Correio Brasiliense* os âmagos do espírito nacional, e *o pessoal do Jornal do Comércio não dormia no ponto com um bom correspondente em Paris* [154]. No país, as polêmicas jornalísticas ficavam nas mãos de Bernardo Pereira de Vasconcelos (1795-1850), notável político, orador e jornalista; J. J. Carneiro de Campos (1768-1836) no jornal *Tamoio*; e Evaristo da Veiga, livreiro, jornalista e político que dirigiu a *Aurora Fluminense* (1827-1835). Mencionando também G. B. Líbero Badaró (1798-1830) no jornal *Observador Constitucional*, impresso na tipografia de *O Farol Paulistano* em São Paulo.

Destacaram-se também no jornalismo: Lopes Gama (1791-1876), poeta satírico do *Diário de Pernambuco*; Justiniano José da Rocha (1812-1862), jornalista, advogado, tradutor, professor e político; Sales Tôrres Homem (1792-1876), médico e parlamentar, autor de *Libelo do Povo*; Odorico Mendes (1799-1864), tradutor de *Eneida e de Ilíada* e o maior humanista de seu tempo; e João Francisco Lisboa (1812-1863), advogado e erudito, escritor clássico que publicou, no Maranhão, diversos jornais políticos e escreveu sobre o *brasileirismo* ou o português diferenciado no Brasil. Lisboa fixou a posição dos ortodoxos, isto é, daqueles que defendiam a vigência da língua portuguesa

[153] Azevedo, 1963: 327.
[154] Meyer, 1992: 122.

no Brasil, sem repúdio das normas gramaticais que, a seu ver, não constituíam compromisso para a autonomia nacional [155].

> Os grandes jornalistas da época, Hipólito da Costa, Gonçalves Ledo e Januário da Cunha Barbosa, no Revérbero Constitucional, Frei Francisco de Sampaio, no Correio do Rio, que redigiu em 1822 a representação ao Príncipe, impondo-lhe a permanência no Brasil, rompem na imprensa as campanhas políticas que atingiram o máximo de vigor no primeiro Império, e durante todo o período da Regência. É um período êsse, "forçosamente crítico e demolidor", em que passa para o primeiro plano a literatura efêmera, mas eficaz, do jornalismo político (Azevedo, 1963: 328).

Daí por diante ser brasileiro significava incluir nas obras o que havia de específico no país, notadamente a paisagem e o homem da natureza, como timbre supremo de brasilidade, e essa tarefa crítica se orientou, desde logo, para a busca retrospectiva, procurando sondar o passado para nele localizar uma tradição heroica, um mito nacional. A segunda metade do século XIX foi o apogeu do debate político, da votação das leis garantidoras da ordem, do amadurecimento das virtualidades de um sistema contraposto à colonização portuguesa, *terreno de desigualdades* [156]. E o índio despontou como um exemplo de pureza, um modelo de honra a ser seguido.

Ainda para João do Rio:

> Os indios retomam o seu logar. O Brazil, segundo alguns jacobinos ferozes, naturalmente filhos de estrangeiros, pertence-lhes de direito. Quando Pedro Alvares Cabral descobriu a grande terra, que encontrou nella? Indios. Indios, alguns ferozes, outros de um pouco caso, considerada mansidão, verdadeiramente digno de nota. Quando os portuguezes precisaram de gente para os guiar caminho do interior, com quem se acharam? Com os indios! E é preciso convir que os brancos, resolvidos a civilisar os pelles vermelhas, os bororós, os tupinambás, os tupiniquins e outras tribos de nomes curiosos, escravizando-as e ensinando-lhes a religião de Christo, matando-as, exterminando-as e discutindo em seguida si o índio tinha ou não alma – não procederam com uma correcção muito proveitavel para o exemplo futuro... O índio fugio para o interior e ficou pouco amavel. Nós os brancos: brancos relativamente como todas as coisas misturadas – tomamos conta dessas maravilhas, estabelecemos o Progresso, fizemos varias proezas, mas no fundo convencidos de que estamos a usurpar a casa alheia. Sim, porque afinal de contas, o Brazil é dos indios. E tanto o Brazil é dos indios, que, ao pensar symbolisar o Brazil, logo os desenhistas pintam um jovem índio de casaca, claque alto e tanga emplumada (João do Rio, As impressões do Bororó, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 239-240).

[155] Pimentel, 1978: Introdução: XVII.
[156] Schwarcz, 1998: 133.

Em defesa do espírito nacionalista, Alencar confessaria, no ano de 1865, um pecado seu, que gostava do progresso em tudo, até mesmo na língua que se falava, e que entendia que sendo a língua um instrumento do espírito, não poderia ficar estacionária quando este se desenvolvesse [157].

Além do debate político - explicito nas *Cartas de Erasmo* [158], texto que surpreendeu quando Alencar chamou o Imperador a tirar a nação do marasmo, porque omisso seria o poder moderador se não o fizesse -, o escritor cearense incorreu na defesa do idioma vernáculo e proclamou-se no direito do uso popular da língua em seus romances, embora o fundamento fosse meramente estético.

No afã de justificar-se das incorreções que lhe imputavam recorreria, José de Alencar, às pesquisas etimológicas, às que remontavam do latim às línguas românicas, ao passado da língua portuguesa, valendo-se, como seus acusadores, de abonações clássicas. Dizia que a língua era a nacionalidade do pensamento como a pátria era nacionalidade do povo. Da mesma forma que instituições justas e racionais revelariam um povo grande e livre, uma língua pura, nobre e rica anunciaria a raça inteligente e ilustrada.

Quanto à linguagem literária, a linguagem que utilizava em seus romances, escolhida, limada e grave, não era por certo *a linguagem sediça e comum que se falava diariamente*, admitiu o escritor José de Alencar, era a linguagem que exprimia as ideias de seu tempo para que seu público pudesse compreender o livro que se lhe oferecia. Em conclusão, Alencar chamava a atenção do leitor para a intencionalidade de algumas inovações linguísticas em seus romances.

O *brasileirismo* do estilo de Alencar, todavia, serviu, para que seus adversários mais ferrenhos procurassem denegri-lo, acusando-o de desconhecer o vernáculo e de escrever mal. E a atitude do autor de enfrentar a crítica de sua época, posicionando-se quando discute a *língua*, leva-nos a um interesse especial pelo seu romance, porque a linguagem era, para o autor, um elemento expressivo a mais na caracterização do ambiente.

> Para nós, Alencar, um dêsses "monstros de la Naturaleza", foi não só o admirável romancista, de que se orgulharia qualquer literatura, mas,

[157] José de Alencar, s.d.: 193-215.

[158] Alencar publicaria *Cartas de Erasmo* e anteciparia as considerações a respeito de burocracia, em quase cem anos, antes da análise de Raymundo Faoro sobre o estamento burocrático, escreve Recupero (2004: 183).

> principalmente, o nosso poeta romântico de maior força inventiva, atribuindo-se à palavra "poesia" o seu significado próprio. E mais ainda: um profundo estudioso dos processos literários e, sem sombra de dúvida, um linguista, dentro – é claro – das concepções científicas da época. E nesse particular ninguém no Brasil do seu tempo o superava mesmo nos conhecimentos teóricos. Não conhecia as idéias de Saussure, que alguns, anacronicamente, antepõem às suas, por uma razão singela: o "Cours de Linguistique Générale" do mestre genebrino só foi publicado por seus discípulos em 1916... Mas conhecia muito bem as de Jacob Grimm, Webster, Burgny, Mavig, Diez, Schleicher e, principalmente, as de Max Müller, o mais prestigioso linguista do tempo e que, através das suas brilhantes conferências, enfeixadas nas "Lições sôbre a Ciência da Linguagem", foi o primeiro grande vulgarizador dessa área do conhecimento humano (Cunha, 1968, b: 40).

Acontece que os escritores brasileiros não queriam ser mais autores emprestados de Portugal, não queriam ser os que renegam não só sua pátria, como o berço dela, a natureza. Se isso se permitiu, até certo ponto pode-se entender a posição em matéria de língua, expressa na literatura indianista, que tentava ser ímpar, autonômica. Destacava-se a tentativa de romper com o passado português.

A suposta superioridade da língua do Brasil sobre a de Portugal, pressuposto corrente na época - por que mais próxima do passado mais prestigiado do português, o do século XVI -, Alencar a defendeu também, mas com outro argumento, o de que a civilização brasileira era mais pujante, o que lhe assegurava um instrumento de expressão mais aperfeiçoado.

> Os escritores românticos foram os primeiros, entre nós, a reagir contra a tirania da gramática, opondo-se ao "purismo" arcádico com um estilo que pendia para o coloquial. Quase todos receberam uma influência decisiva do estilo das redações de jornais, pelas quais, invariavelmente, passaram e onde se impregnaram da linguagem do dia-a-dia da imprensa. Essa tendência, entretanto, foi compensada pela influência da oratória, gênero extremamente popular na época, devido à efervescência política que marcou o 1º e 2º Reinados e que deixou marcas profundas na língua e literatura (Preti, 2003: 76).

Apesar de se reconhecer no romantismo um primeiro estágio na luta pela desmitificação da linguagem, aproveitamento do vocabulário local, incorporação de estruturas populares e de ritmos novos, na verdade, não havia a defesa da autonomia da língua, nem o debate no entorno da *língua brasileira*, que só se restringia a opiniões esparsas.

O texto que primeiro abordou o assunto relativo à língua do Brasil, mas não ainda tratando como problema linguístico de especial interesse, foi o de Visconde de Pena Branca, *Brasileirismos*, escrito em 1824-25, publicado em 1826. O autor dissertou

genericamente sobre o caráter das línguas francesa, portuguesa e *l'idioma brèsilien*, comparando-os segundo a concepção determinista e evolucionista da época: *Les langues montrent les moeurs et le caractere des peuples*. Inicialmente, o autor expôs que a língua dos portugueses se ressentia de seu caráter religioso e belicoso e, assim, as palavras abundavam em exprimir movimentos carregados das ações fortes, em uma única expressão, por isso mais rica. Comparou-a com o francês que seria diferente, pois haveria a necessidade de acrescentar outras palavras para expressar a mesma coisa. Então, mencionou a língua portuguesa transportada para o Brasil, que ela se ressentiu da doçura do clima e do caráter dos seus habitantes, ganhando sentimentos tenros para o emprego das expressões, que em tudo a língua conservou sua energia, mas com amenidade, *on peut s'em convancre em lisant les poésies de Gonzaga, de J. B. da Gama et de plusieurs autres écrivains brésiliens* [159]. Por muito tempo a linha de reflexão de Pena Branca seria a da quase totalidade dos estudiosos do assunto na época.

Também José Bonifácio, em 1825, em sua *Advertência* (Ode Primeira das Olímpicas de Píndaro), dissertou sobre nacionalidade da língua portuguesa. Restringiu-se aos problemas inerentes à linguagem poética e de não poder, a língua portuguesa, igualar-se à lacônica e enérgica língua grega porque a portuguesa era bela, rica e sonora, menos dura e surda que a alemã e inglesa, mais enérgica e variada ao ouvido que a italiana, mais suave e natural que a castelhana, e superior em tudo à francesa que era mais própria para os *chistes* e *gentilezas* de salas de senhoras, que para exprimir sensações fortes e grandiosas, ou para pintar imagens poéticas atrevidas e novas.

Disse, ainda, José Bonifácio, ser a língua francesa muito regular e lógica e ótima para obras científicas e discursos acadêmicos. Ainda mais, referindo-se aos problemas inerentes à linguagem poética, *a língua do belo século de Luís XIV ficou mais monossilábica e monotônica do que convinha ao ritmo e melodia da música e poesia*. Denunciou, em seu texto, o relacionamento entre língua e política e reivindicou futuros *engenhos* brasileiros *agora que se abre nova época no vasto e nascente Império do Brasil à língua portuguesa* [160]. Quer dizer, vê-se que a reivindicação da liberdade de expressão no Brasil começava a se delinear como implicação nacionalista.

[159] Visconde de Pena Branca, *Brasileirismos (1824-1825)*, In: Pimentel, 1978: 5.
[160] José Bonifácio de Andrada e Silva, 1946: 110-115.

Varnhagen, em texto de 1847, já entrou na questão da língua quando indagou: *é porventura tão verdadeira, tão estrita essa identidade da língua?* [161] Mais, *aqui desejaria alguém que entrássemos na questão da divisibilidade das literaturas portuguesa e brasileira, o que vários julgam impossível, em consequência da uniformidade da língua.*

Partindo da afirmação fundamental *unidade da língua* nos dois domínios, Portugal e Brasil, o autor prosseguiu sobre a *diversidade da língua* no território nacional, notadamente no léxico e na prosódia: quando afirmou que havia nomes que causavam riso, ridículo a Portugal, mas glória ao Brasil, como *Ipiranga* e *jacarandá*. Prova de que a poesia brasileira devesse declarar-se independente da mãe-pátria, concluiu Varnhagen.

*Acerca do acento do Brasil, que não obstante variar em algumas entoações e cacoetes segundo as províncias tem sempre certo "amaneirado", diferente do acento em Portugal*, ou, as *diferenças que principalmente consistem na transposição dos possessivos, no fazer ouvir abertamente o som de cada uma das vogais, sem fazer elisões no "e" final.*

E *longe de nós consignar a ideia de que no Brasil não se deve, e muito estudar os clássicos portugueses e a gramática*, pelo contrário, escreve Varnhagen, são estudados sim pelos nossos melhores escritores, *os que agradam o Brasil*. Ainda, que no Brasil *as minas do literato alcançam não é aos gozos nem as glorias terrenhas a que aspira – é à glória imortal*, porque *os troncos colonizadores* não trouxeram, *pois, da árvore-mãe seiva bastante para produzirem frutos com a ajuda do clima e da terra*.

Assim, em meados do século XIX já estariam delineadas algumas posições na defesa de propósitos, ou não, da vigência de uma variante brasileira da língua portuguesa. Como a posição de João Francisco de Lisboa [162] que tentou desvincular do problema da língua o sentimento nacionalista, pois a seu ver não se constituía a autonomia nacional: *mas falai o português, e todos vos compreenderão.*

O *brasileirismo* continuaria *avassalado à influência da antiga metrópole*, escreveu Francisco Lisboa, como continuava porventura sob o pátrio poder o filho emancipado só porque assemelhava o pai na índole e nas feições, tinha os mesmos hábitos, falava a mesma língua, professava a mesma religião, e obedecia às mesmas leis

[161] Varnhagen, 1946: 15-29.
[162] João Francisco Lisboa, 1946: 152-154.

que ele. Lisboa fixou, a partir de então, a posição daqueles que defenderam a vigência da língua portuguesa de Portugal no Brasil.

Numa posição ambígua estava Junqueira Freire que escreveu, em 1852, *Pureza* [163]. Nesse texto, o autor defendeu não só o *verdadeiro cunho português* autorizado pelo uso dos clássicos, mas também argumentou: *por que não poderemos, sem crime de lesa-literatura, abraçar os termos de que carecemos?*, pois *das línguas vivas parece ser a portuguesa a que mais liberalmente tem admitido mais termos estranhos, peregrinos.*

Depois, esse autor enalteceu a França porque abrangia *o pensamento dos séculos passados, o coração do século presente, a felicidade dos séculos futuros*, e propôs que seguíssemos *a França nas ciências, nas artes, na literatura*. Todavia, argumentou Junqueira Freire, *somos brasileiros, não desde que Pedro Álvares Cabral descobriu por acaso as costas do Brasil, mas desde que o Brasil gritou nas margens do Ipiranga – Independência ou morte!*

Então, prosseguiu, *os verdadeiros gênios, porém, de antes desse tempo são nossos, porque também encararam emancipar desde então a literatura brasileira*. E deu três nomes de *eras bastardas* que completaram a literatura inteira de seu país: Cláudio Manuel da Costa, nosso lírico, José Basílio da Gama, nosso épico, e Antônio José, nosso dramático. *E Portugal estrangulou-nos o primeiro, queimou-nos o terceiro! O segundo, para salvar-se foi um renegado*.

Completou o autor: *A primeira época da literatura do Brasil está borrifada de sangue. Nossos primeiros gênios foram mártires! Depois*, acrescentou, *da nossa emancipação tem surgido gênios, mas ainda não temos completa a nossa emancipação literária*, por isso a França deveria ser o farol que ilumina todo mundo civilizado, enquanto formos obrigados a seguir um norte. Vinte anos depois, Alencar começaria a defender a mesma tese, a da realidade linguística brasileira.

Antes, é preciso anotar que, em 1820, Frei Caneca já havia refletido sobre a linguagem, embora sua preocupação nesse texto tenha sido a *Eloquência*, e das palavras serem *puras e claras* nas suas diferentes reuniões, corretas e bem colocadas. Exaltou que as *virtudes da elocução* seriam três: pureza, quando as palavras fossem do próprio idioma; clareza, quando as palavras fossem próprias; de boa colocação, quando em ordem e harmonia; ornadas, quando acrescentassem mais luz, força, graça e fossem corretas nas ideias. Que os vícios contra a pureza seriam dois: barbarismo e afetação

[163] Junqueira Freire, 1869: 47-52.

demasiada de pureza de linguagem. E que os vícios contra a clareza seriam dez: palavras desusadas, particulares a alguns países e lugares, homônimas mas com diferentes significações ou uso, desordenadas na oração, de parênteses extensos, ambiguidade resultante da má composição, vã e inútil, de brevidade, demasiada, de expressões refinadas ou ininteligíveis. E que o vício da correção seria o solecismo.

Na verdade, os românticos, do ponto de vista da vernaculidade, eram apurados escritores, como eram Gonçalves Dias, Gonçalves de Magalhães e Porto Alegre. Conheciam a fundo a língua e punham o máximo emprenho em bem escrever, às vezes, até com pedantismo e não raro com sabor arcaico.

> Gonçalves Dias emprega mi por mim, imigo por inimigo; gosta ouvir por gosta de ouvir etc. etc.; tem uma frase arrevesada, prima pela ordem indireta, por vêzes violenta – "as vossas fôrças restaurai perdidas", por ex. -; marca-se, enfim, por um estilo intensamente *trabalhado*. Gonçalves de Magalhães está cheio de construções clássicas e reminiscências arcaicas, não raro de mau gôsto. Basta lê-lo, sobretudo na modelar adição crítica de Sousa da Silveira, infelizmente apenas encetada. Pôrto-Alegre nada ficou a dever a seu companheiro de lutas e ideais... Dos autores da chamada "segunda geração romântica já se tem dito que escreviam mal, eram incorretos. A verdade é bem outra, porém. Criados já alheios à influência coimbrã, foram mais espontâneos, mais brasileiros pelo sentimento e pela expressão, não tiveram, como seus predecessores, tanto aprumo de forma, tanto cuidado da linguagem, estilo tão *rebuscado.* Mas escreveram também êles com maestria e em boa *língua* portuguêsa (Chaves de Melo, 1993: 173-174).

Sobre a questão da língua, *tem suas raízes na profunda separação entre língua escrita e língua falada* [164]. Cultivou-se, na implantação do ensino da língua portuguesa no Brasil, o padrão de língua escrita vigente em Portugal, ao mesmo tempo em que se incentivou o culto de clássicos portugueses, acentuando o contraste entre a língua portuguesa falada por uma elite situada nos principais centros urbanos e a língua portuguesa, de base oral, utilizada pela população analfabeta e rural e a língua da maioria da população das cidades, que não tinha acesso às escolas.

A implantação dessa política de ensino encontrou no Brasil uma clientela diferente da de Portugal, o que fez aqui surgir uma questão da língua quando em Portugal, ela deixava de existir. E as inflexíveis normas gramaticais obedecidas passivamente pelos letrados tinham conseguido uma unificação artificial, muito além, distanciar as duas formas de linguagem, a escrita e a oral, a transmitida e a adquirida, que praticamente deixaram de se comunicar. A luta para diminuir o vácuo enorme entre

[164] Dias, 2001: 187.

língua escrita e língua falada confundiu-se com a própria luta pela formação de uma literatura verdadeiramente brasileira [165].

Quer dizer, já no final do século XIX, ocorreram inflamados debates em torno da identidade da língua portuguesa no Brasil, e duas posições se sobressaíram: a dos separatistas que ressaltavam as diferenças linguistas entre o Brasil e Portugal, e a dos legitimistas que amenizavam as diferenças, pregando o cultivo da vernaculidade. Só nas décadas de 30 e 40 do século XX que a questão da língua foi colocada de uma forma mais consistente, chegando a bom termo em nossos dias, com o modernismo, novas oportunidades do ensino, acesso vertiginoso à literatura pelas outras camadas da sociedade e com o desenvolvimento da imprensa.

### 3.1.2 Minha terra, minha gente

*Ainda no início da República brasileira colocava-se no imaginário coletivo uma pergunta que, a bem dizer, nos incomoda até hoje: desde quando somos uma nação?* [166]. Escreveu João do Rio, em 1917, acerca do livro do amigo Afrânio Peixoto, *Minha terra e minha gente*:

> - *O que é uma nação.* Os homens de amanhã devem saber todos os males e os remedios para não se encontrarem, como nós, no grande momento, sem saber bem o que havemos de fazer, cheios de orgulho e de humilhação, sem sermos ouvidos no desejo de uma grande patria. Para que ella seja igual ás maiores, ha exemplo de patrias que se fizeram e se fazem: Estados Unidos, Argentina, Canadá. Abramo-nos aos estrangeiros, ás torrentes de imigração, entregando a terra aos peregrinos de boa fé, sabendo resistir pela lingua e dominar pela influencia moral. "Um povo é uma identidade de espirito manifestada numa lingua commum." (João do Rio, Minha terra e minha gente, In: *No tempo de Wenceslão...*, 1917: 61).

Um autêntico ensaio de resposta a esta questão foi o início do período republicano, pois o advento da República representou uma esperança para essa geração, acentuando aquela dimensão utópica e transcendente do nacionalismo ensaiado desde a Independência. E o argumento do *novo* contra a tradição, assim como a afirmação da unidade linguística com Portugal, foram os dois pontos fortes da gramatização brasileira. Foi nesse contexto que houve a reflexão da existência de uma *função-autor-*

[165] Cunha, 1968, b: 21.
[166] Saliba, 1993: 47.

*brasileiro da gramática* [167] que distinguia a gramatização brasileira da praticada em Portugal.

O projeto de uma gramática brasileira do português foi reivindicado não somente pelos gramáticos fiéis à tradição da gramática filosófica, mas, sobretudo pelos filólogos vindos da filiação da gramática histórico-comparativa e Júlio Ribeiro foi um dos iniciadores da gramatização brasileira do português, com a *Grammatica da Lingua Portugueza*, publicada em 1881 (ano de nascimento de João do Rio). Sua obra constituiu um marco porque seu propósito foi o de explicar os fatos da linguagem e não fazer leis ou propor regras para a correção.

Era a época em que o cientificismo iluminava os estudiosos de todas as áreas, inclusive aqueles que se dedicavam aos estudos da linguagem. Assim, Júlio Ribeiro considerou que a língua deveria ser compreendida como ciência, já que seus fatos poderiam ser descritos, analisados e comprovados se comparados *a espécies orgânicas que povoam o mundo* [168].

Partindo do darwinismo, então, reputou que como *nas espécies* [169] que tinham suas variedades devido à obra do meio ou de causas fisiológicas, as línguas tinham seus dialetos, também influenciados pelo meio ou pelos costumes; que as línguas vivas descendiam das línguas mortas do mesmo país, as espécies vivas também descendiam das espécies mortas do mesmo país; uma espécie em um país isolado passaria por menos variações, assim como as línguas isoladas.

Para Júlio Ribeiro, as palavras novas eram introduzidas pelas relações exteriores, cruzamento com espécies distintas ou estrangeiras produziria variações. A seleção era causada pelo gênio literário e a instrução pública, assim como a seleção as espécies seria causada pelas qualidades físicas que asseguram a vitória dos indivíduos. Mas que havia lacunas tanto nas espécies como nas línguas extintas. E, a probabilidade de duração de uma espécie ou de uma língua dependeria do número dos indivíduos que as compusessem. As línguas extintas, como as espécies extintas, não reapareceriam mais; e o progresso nas línguas se daria pela divisão do trabalho intelectual, assim como o progresso nas espécies se daria pela divisão do trabalho fisiológico.

Essas novas propostas causaram reação dos tradicionalistas, embora, na verdade, Júlio Ribeiro tentasse, em sua gramática, conciliar os princípios do evolucionismo

[167] Guimarães, Orlandi, 2001: 28.
[168] Fávero, Molina, 2006: 128.
[169] Júlio Ribeiro, 1913: 153-4.

aplicado ao estudo da língua, com a influência, ainda, da Gramática Geral: dividiu *a gramática em geral – exposição metódica dos fatos da linguagem em geral – e particular – exposição metódica dos fatos de uma língua determinada* [170]. Quer dizer, não abandonou o conhecimento da língua portuguesa tal qual se apresentava em sua época.

Antonio Joaquim de Macedo Soares com o *Dicionário Brasileiro da Língua Potuguesa*, em 1888, retomou a posição já anunciada pelo *Vocabulário Brasileiro para servir de Complemento dos Dicionários de Língua Portuguesa* de Brás da Costa Rubim publicado em 1857, e a *Grammatica da Lingua Portugueza* de Manuel Pacheco da Silva Jr. e Boaventura Plácido Lameira de Andrade, publicada em 1894, foi uma das gramáticas publicadas em que se aceitou e classificou os *neologismos* como enriquecedores da língua, embora considerados, pelos autores, como perniciosos, pois concorreriam para macular o purismo do vernáculo [171].

Uma das gramáticas mais utilizadas no final do século XIX e início do século XX, e que foi editada para suprir a lacuna instaurada com a formulação do programa de exames preparatórios para o Colégio Pedro II, foi a *Grammatica Portugueza* de Alfredo Gomes. Esse autor, influenciado pelo cientificismo tão em voga na época, entendeu gramática como *ciência dos fatos da linguagem, verificados em qualquer língua* [172], comparou as línguas a espécies humanas que *nascem, crescem, desenvolvem-se e morrem*, e tratou dos *neologismos*, que deveriam ser aceitos sem repugnância se correspondessem a ideias ou objetos novos, mas desnecessários se ao capricho do escritor. Então, deveriam ser condenados e rejeitados.

Em 1897 foi editada a *Grammatica Portugueza* de João Ribeiro, autor que defendia *a Gramática como coordenação das fórmulas, leis ou regras da linguagem literária ou polida* e o objetivo da *regra respectiva* ao *grupo de palavras* [173]. Isto é, mesmo atrelado aos princípios cientificistas, por isso mesmo preocupado em definir a gramática histórica e analisar e comparar os fatos das línguas em seus vários períodos, amparava-se, o autor, na gramática filosófica ao expor os princípios lógicos da linguagem comum a muitas ou a todas as linguagens, e particulares quando especiais a cada idioma. Também dividiu os estudos gramaticais de sua obra como o modelo greco-

[170] Fávero, Molina, 2006: 129.
[171] Id., ibid., p. 139.
[172] Id., ibid., p. 156.
[173] Id., ibid., p. 166.

romano, em quatro partes principais: *Fonologia*, *Morfologia*, *Classificação* e *Sintaxe*. Acrescentou e pautou seus exemplos em célebres autores clássicos da literatura portuguesa, comtemplando o caráter normativo de sua gramática.

A *Grammatica Descriptiva* de Maximino Araújo Maciel, também editada em 1897, foi inovadora por ter sistematizado os estudos do significado das palavras, e por ter apresentado minuciosamente a partição dos estudos gramaticais em um *Plano Sinótico* [174]. Para Maciel, a gramática era dividida em *Fonologia* (subdividida em Fonética, Fonografia, Prosódia e Ortografia), *Lexicografia* (Morfologia, Taxionomia, Ptoseonomia e Etimologia), *Sintaxilogia* (Relacional, Fraseologia e Literária) e *Semiologia* (Semântica e Tropologia). Essa divisão revelava a preocupação do autor com a questão didática, era uma obra recomendada para a 3ª série do Curso Secundário e deveria ser de fácil fixação da matéria.

> A obra de Maximino Maciel não foge à regra, pois, como as demais, de Fernão de Oliveira até hoje, exerce o dulo papel de descrever os componentes lexical, morfológico e sintático e de estabelecer regras que orientem o usuário, determinando o que deve e o que não deve fazer (Fávero, Molina, 2006: 184).

De forma geral, a época correspondeu a uma cisão mais aparente que real, entre o pensamento clássico apoiado na gramática e nos mais reputados dicionários da Língua Portuguesa para legitimar seus usos, e o arrolar de peculiaridades da língua. Isto é, a tendência de documentar a realidade linguística brasileira se resumia em listas de *brasileirismos* que iam crescendo consideravelmente sem abonação, ou esclarecimento suficiente, para que se incorporassem aos melhores dicionários da língua.

Então, embora a produção gramatical brasileira a partir de Júlio Ribeiro refletisse mudanças orientadas pelas correntes científicas do estudo da linguagem, o passado ainda poderia ser percebido nas referências e nas comparações utilizadas nas obras de gramatização, mesmo porque elas deveriam refletir a formação do imaginário desses estudiosos.

> Cândido de Figueiredo, por exemplo, se orgulhava de haver coligido mais de 7.000 brasileirismos no seu famoso "Dicionário". E em vez de encontrar o louvor a que, por isso, se inculcava, o que lhe aparecia pela frente era a denúncia, nem sempre cordial, de suas lacunas. Nossos observadores levantavam listas extensas de "brasileirismos" verdadeiros e

[174] João Ribeiro, 1904: 1.

> supostos. Teschaueur agrupava mais de 8.000 vocábulos e o Sr, Taunay reunia mais de 12.000 e calculava, com os aplausos de Artur Neiva, que, não obstante a extensão do léxico de Cândido Figueiredo, haveria talvez 100.000 palavras vigentes no Brasil e omitidas por ele, nas primeiras edições de um vocabulário, que se orgulhava de haver sido o maior repositório de nossa linguagem, catalogando não menos de 137.000 vocábulos e acrescentando mais de 30.000 aos dicionários existentes. O Sr. Taunay achava inexpressivo o algarismo, quando considerava os 250.000 vocábulos dos dicionários franceses e os 5000.000 do famoso Webster. Cândido Figueiredo pôs em dúvida o algarismo relativo às lacunas de um dicionário, mostrando a amplitude dos critérios utilizados para a classificação de brasileirismos, que não passavam, muitas vezes, de simples prótese, anexa a uma palavra portuguesa, ou de modalidades fonéticas, apanhadas no vocabulário caipira. Ele também não considerava o brasileirismo a palavra que, tornada obsoleta em Portugal, continuava a ser usada no Brasil. Sem se fixar o critério de classificação e sem que ele se torne indiscutível, as censuras se fazem precipitadas, ou excessivas (Lima Sobrinho, 1977: 29-30).

O espírito polêmico dessa época de transição e mudanças tendia de maneira assistemática e carente de base teórica dos fatos fonológicos e, sobretudo, dos fatos léxicos, a justificar a expressividade da palavra em si, ou da frase pela palavra, para traduzir de maneira nova ideias não originais, com raras contribuições pessoais – Sílvio Romero, José Veríssimo, João Ribeiro, Pacheco Jr. e outros.

A primeira abordagem, embora superficial, apontando os passos sucessivos para a caracterização da língua do Brasil, deu-se por parte de Silvio Romero, em 1880, que escreveu sobre a formação do *proto-crioulo: os negros e os índios eram forçosamente "bilingües", pois falavam na língua nativa e o português*, *essa geração de 'bilingües' já transmitia, à sua moda, a língua imposta*, e elaboraram um *mestiçamento* com resultados palpáveis, considerado *dialetação* [175].

Levantou, ainda, o pesquisador Sílvio Romero, por meio de *textos completos*, outro dado importante para a caracterização da língua do Brasil do seu tempo, os *dizeres de todo errados pelas pessoas do povo mais grosseiras*, que forneceu elementos, não só para o estudo do campo semântico do próprio léxico, mas também para outros campos da língua. Infelizmente, o autor, talvez, não estivesse interessado em compreender o caráter sociocultural da fala nesses textos escolhidos, ou tirar informações precisas da fala brasileira, então, tão somente retocou esses textos, negando a disparidade entre a fala do povo e a das classes cultas, *o que a seu ver comprometia a unidade da língua* [176]. Abriu-se, depois, caminho para o reinado dos puristas.

[175] Pimentel, 1978: Introdução: XXXIII.
[176] Id., ibid.

No fim dos anos 80, o centro de interesse dos teóricos recaiu sobre o *grau de purismo* e reforçou-se a campanha contra os *neologismos de importação,* notadamente os *galicismos* que ninguém mais ousava defender. Rui Barbosa, Taunay, Euclides da Cunha, Bilac realizariam literariamente os ideais puristas apoiados na teoria gramatical e filológica de João Ribeiro, Laet, Carneiro Ribeiro, Mario Barreto (autor dos *Estudos da Língua Portuguesa*, publicado em 1903, e defensor de uma norma classicista para o Português no Brasil) e outros. O fim proposto foi o de contestar o *dialeto* brasileiro. O grande baluarte da tradição vernácula foi Laudelino Freire, que rejeitou mesmo os termos mínimos que pudessem refletir a fala, aqui, do Brasil, por isso não apoiou a reforma ortográfica chamada sônica. Esse autor defendia a necessidade de uma campanha em prol da língua, isto é, do purismo.

João Ribeiro (*1860 +1934), professor de História no Colégio Pedro II, autor de uma gramática que privilegiava a regra na sua definição, proclamou, em 1889, a unidade da língua portuguesa e principiou seu texto *Brasileirismos* [177] esclarecendo: *é a expressão que damos a toda casta de divergências notadas entre a linguagem portuguesa vernácula e a falada geralmente no Brasil*. E *há quem dê ao conjunto dessas divergências o valor de dialeto*. Aí, a seu ver: *pode, sem grande inconveniente, ser aplicada a qualquer sistema de degenerações ou diferenciações parciais e geográficas da língua.*

Encerrou, João Ribeiro, a questão do *dialeto* brasileiro quando afirmou que *esse dialeto, porém, tenha foros de língua literária e culta*, mas *a emancipação do dialeto brasileiro se não é de todo inexequível, é seguramente, pelo menos prematura*, pois, *a língua clássica não constitui óbice de espécie alguma para os brasileiros – a não ser a exigência, que se dá em todas as línguas literárias, de meditada cultura*. Quer dizer, o pensamento purista era praticamente oposto ao que os românticos haviam defendido, em relação aos *neologismos*.

> O dialeto está, pois reduzido a essa MISTURA, não popular, mas meramente literária, ou melhor, antiliterária.
>
> Não se trata, em verdade, de um *dialeto brasileiro*, cujas formas por si sós trariam o selo de uma tal ou qual autoridade; trata-se de um dialeto de maus escritores, o qual varia a cada turma que chega, e desaparece sempre em efêmera e ridícula (João Ribeiro, *Páginas de estética*, 1963: 156).

[177] João Ribeiro, 1906: 63-76.

Joaquim Nabuco (*1849 +1910), político e diplomata, eloquente pensador disciplinado pela razão, abordando o problema quanto à relação língua/literatura e repelindo os *neologismos estilísticos*, discursaria assim em 1897, por ocasião da discussão da reforma ortográfica pela Academia Brasileira de Letras que se concretizou em 1907:

> Julguei sempre estéril a tentativa de criarmos uma literatura sobre as tradições de raças que não tiveram nenhuma; sempre pensei que a literatura brasileira tinha que sair principalmente do nosso fundo europeu. Julgo outra utopia pensarmos em que nos havemos de desenvolver literariamente no mesmo sentido que Portugal ou conjuntamente com ele em tudo que não depende do gênio da língua. Portugal e Brasil têm de futuro destinos literários tão profundamente divididos como são os seus destinos nacionais. Querer unidade em tais condições seria um esforço perdido. Portugal de certo, nunca tomaria nada essencial ao Brasil, e a verdade é que ele tem muito pouco, de primeira mão, que lhe queiramos tomar. Uns e outros nos fornecemos de idéias de estilo, de erudição e pontos de vista, nos fabricantes de Paris, Londres ou Berlim... A raça portuguesa, entretanto, como raça pura, tem maior resistência e guarda assim melhor o seu idioma; para essa uniformidade de língua escrita devemos tender. Devemos opor um embaraço à deformação que é mais rápida entre nós; devemos reconhecer que eles são donos das fontes, que as nossas empobrecem mais depressa e que é preciso renová-las indo a eles. A língua é um instrumento de idéias que pode e deve ter uma fixidez relativa. Nesse ponto tudo devemos empenhar para secundar o esforço e acompanhar os trabalhos dos que se consagrarem em Portugal à pureza do nosso idioma, a conservar as formas genuínas, características, lapidárias, da sua grande época... Nesse sentido nunca virá o dia em que Herculano ou Garrett e os seus sucessores deixem de ter toda a vassalagem brasileira (Joaquim Nabuco, A missão da Academia – A língua portuguesa no Brasil, In: Campos, 1945: 15-16).

A questão do momento era da correção vernácula e do purismo, traduzida na guerra santa aos galicismos, e estreitamente relacionada com a definição dos modelos literários e da função do escritor. O culto era da forma, da verdadeira *arte pela arte*, da busca da criação estilística original, uma nova tomada de posição quanto ao problema da língua literária que os escritores do realismo buscavam [178].

O Brasil vivia num ambiente social, político e cultural bem diverso da Europa na segunda metade do século XIX. O caráter estético do realismo tomou rumos imprevistos com valores arcaizantes e definitivos para a língua, vindo a prosa das décadas finais do século a coincidir com a plêiade de gramáticos, eruditos da língua, filólogos e com a própria fundação da Academia Brasileira de Letras (1897), instituição que teve um

[178] Preti, 2003: 126.

papel decisivo na corrente purista que dominou nossa cultura e nossas letras até o Modernismo.

Na literatura em geral, com exceção de Machado de Assis que soube encontrar um estilo acessível e fluente – embora pautado nos clássicos -, a supremacia foi a dos modelos clássicos, do desdém pela língua falada, da ausência de atitudes renovadoras como as de Alencar. Escreveu Machado em 1897, por ocasião do encerramento do 1º ano acadêmico na Academia Brasileira de Letras:

> A Academia, trabalhando pelo conhecimento dêsses fenômenos buscará ser, com o tempo, a guarda da nossa língua. Caber-lhe-á então defendê-la daquilo que não venha das fontes legítimas, - o povo e os escritores – não confundindo a moda, que perece, com o moderno, que vivifica. Guardar não é impor; nenhum de vós tem para si que a Academia decrete fórmulas. E depois para guardar uma língua, é preciso que ela se guarde também a si mesma, e o melhor dos processos é ainda a composição e a conservação de obras clássicas. A autoridade dos mortos não aflige, e é definitiva. Garret pôs na boca de Camões aquela célebre exortação em que transfere ao *Generoso Amazonas* o legado do casal paterno. Sejamos um braço do Amazonas; guardemos em águas tranquilas e sadias o que êle acarretar na marcha do tempo (Machado de Assis, *A conservação do idioma,* In: Campos, 1945: 21-22).

Para equacionar esses dados, partiu José Veríssimo como um pioneiro e em seu texto sobre *A língua Portuguesa no Brasil*, de 1907, escreveu sobre as feições de nossa vida literária e as controvérsias havidas a respeito de nossa língua: *pura irracionalidade seria, portanto, pretender que o brasileiro, o norte-americano ou o hispano-americano falassem e escrevessem a língua clássica do seu país de origem* [179].

Nem os modernos em Portugal, continuou o autor, escreviam como *Fr. Luis de Sousa ou Vieira*, *esse escritor seria um escritor artificial, um produto monstruoso de má artimanha literária*. Toda a forma de evolução, a das línguas, obedece a duas forças que a regulam, se poderia dizer assim, continuou Veríssimo, *a legitimam, a conservadora e a progressista, ou, como diria um pedante, a estática e a dinâmica*. Mas ainda defendeu:

> Prestam, pois, um bom serviço à nossa língua os que, ainda exagerando as excelências e a necessidade do classicismo, procuram estorvar a marcha demasiado apressada, senão também precipitada, do português do Brasil. Somente erram, e gravemente, aqueles que supõem poder detê-la, e, muito irracionalmente, fazer-nos voltar a escrever segundo modelos clássicos, que preconizam à nossa imitação. Aos escritores verdadeiramente

[179] José Veríssimo, Cap. IV, 1907: 48.

dignos desse nome cabe, por seu exemplo e influência, estabelecer a justa ponderação entre as formas tradicionais da língua e as suas formas mais modernas e mais legítimas, sem jamais esquecerem que, embora a sintaxe e o léxico de uma língua envolvam também, há nela uma virtude aparente das estrelas que pretendemos fixas (Veríssimo, 1907: 50-51).

## 3.2 A QUESTÃO ORTOGRÁFICA

Eu respeito o *H*. Nesta época em que Crookes descobriu o quarto estado da matéria, Richet synthetisou os phenomenos metaphysicos. Roentgen tornou conhecidas as propriedades dos raios *X*, e Charpentier e Blondlot puzeram em evidencia os raios *N*, nesta época em que tudo se explica pela teoria do ether universal na imposição de um mundo mysterioso de sensações – é impossivel não amar e não respeitar a lettra *H*. Todas as coisas que o homem creou para exprimir uma vontade, um desejo ou um aspecto participaram das qualidades da creação, nascem como o homem de um desejo inexprimivel de Deus, absorvem as influencias ambientes, atiram-se á vida, sofrem o phenomeno da concorrencia, e morrem ou triumpham, dominam ou são dominadas, resitem ao combate ou arrastam o carro dos victoriosos – as obras de arte, as obras de guerra, as obras de indústria e de sciencia. As letras são os primeiros signaes de que o homem desejava deixar a sua historia e contar a sua fortuna. Um desses signaes, traçado custosamente no Egypto ou na Phenicia, pouco tempo depois foi inventado para preencher uma necessidade, era tratado com um filho cujas opiniões se respeitam, e, passados seculos, as gerações que o recebiam modificado, acceitavam-no, representasse ou não uma tyrannia. Foi de certo por isso que Nigidus provou serem as palavras signaes naturaes e não de convenção, como o exemplo do *vós* para fóra e do *nós* para dentro, e que muito antes de Nigidus um preclaro philosopho assegurava o immenso logar-commum de que a lettra é a mais natural das tyrannias inventadas pelo proprio homem.

Ha letras dignas, ha letras honestas, ha letras bellas, como ha ridiculas, idiotas, immoraes e horriveis. Ja um poeta nefelibata ganhou celebridade dando a côr das vogaes e teimando em vestir o grave *U* de verde. O facto é que não só as vogaes como as consoantes têm côr, têm ideas, têm opiniões, têm historia e até mesmo um temperamento e a predilecção especial por certas partes do globo.

O *A* por exemplo é uma lettra leal, clara, definitiva. Com ella se escreve Adão, a obra mais leal de Jehovah, e ar e agua, os mais democratas elementos da vitalidade. Na composição das sylabas o *A* aclara; quando começa as palavras irradia boa vontade. Seria custoso aos philologos encontrar uma palavra de sentimento réles, um termo cacologico a começar pela lettra *A*, e entretanto é com a lettra *A* que se escreve amor, que se escreve amizade e pela qual começam os nomes de Adonis, a belleza maravilhada, e Aristides, a pureza feita homem.

Se quizermos conhecer o opposto da franqueza, se nos antepara logo a seguinte vogal *E*. É um rabisco enigmatico, é o risco donde sahiram o signal de interrogação e de todas as afirmações que deixam duvidas, desde Eva até os Evangelhos. E talvez por isso enigma comece por *E*, comece por *E* esfinge, em *E* se inicie espanto. Todas as lettras têm uma moral especial quando dirigem, um valor inicial de comando, e outro sentimento relativo quando se acomodam nas palavras. Tal como os homens que são uns quando mandam e outros quando se confundem na turba, sujeitos aos governos de consciente e do inconsciente.

Que se dirá da lettra *N* senão que muito antes da descoberta dos raios, grosseiramente visiveis nas pinturas de Moysés espalhadas pelo mundo

– o *N* representava o entendimento? É tal o seu valor que um classico portuguez, resolvido como todos esses senhores a decidir de tudo, mesmo do que não entendia, escolheu para sobrenome de Adão a palavra nascimento. E não podia ser outro: Adão do Nascimento, obra leal do entendimento summo em traducção livre; nato terrestre em versão mais approximada, se é que Adão em hebreu significa: da terra. Que se dirá da lettra *U*, tendo logo a seguir a lettra *V*, senão que até no alphabeto o doloroso caso de hermaphroditismo foi uma verdade possivel até bem pouco, ou então que a palpitante operação dos monstros thoraco-xiphopagos foi realizada intellectualmente nas lettras, pouco depois da descoberta do Brasil. Oh! as lettras! a grave complicação das lettras, o tyrannico caracter das lettras, desde a esthetica primitiva do *Y* até a mathematica incoercivel do *X* e a capa geométrica do *K* ! Como atacar assim, de subito, esse mundo simples que rege o mundo inteiro e serve para nos dar imagens deliciosas, até mesmo das coisas inenarraveis dos appellidos dos jornaes?

Essas lettras pelo fundo de utilidade ficarão, hão de ficar, trabalhando mais algumas, especialisando-se umas, generalisando-se outras. O *H*, porém, tem seus dias contados. Rumas de homens praticos atiram-se contra o seu valor, temperamentos sem a conprehensão do inutil se arregimentam em hostes aguerridas contra a sua admiravel inutilidade. E o *H* erecto e heril, parece indifferente á futura extincção. Por que extinguir o *H*, Deus misericordioso? O *H* é a unica lettra do alphabeto verdadeiramente aristocrática e verdadeiramente esplendida. Quando esta lettra, que é a origem primordial do sustenido na musica, surgiu para exprimir um som guttural da Phenicia, já vinha do Egypto, era um signal hierático redondo com um risco no meio. Conquistador, exprimindo a rudez da voz, logo fez um esforço e deixou a curva, quebrando em dois. Era a prova de soberania que se accentuou no grego, no eolo-dorico, através dos seculos. O *H* começou sobranceiramente por querer ficar de pé e em certas taboas de cera da idade-media chegou o excesso a perder a horizontal ligadora e a ficar apenas duas perpendiculares, dois fustes, tremendo e grave entre as palavras.

Qual a outra lettra que assim tornasse altiva e forte o seu physico, que assim erguesse aos astros a imponencia aguda do seu gesto?

O *H* acompanhou a aristocratisação do homem. Quando comprehendeu que os seculos mercantilisados já muito bem podiam passar sem a sua imagem começou a fulgurar como os fidalgos, começou a tyrannisar como os soberanos. O burguez adora o sangue de raça e até hoje tolera os reis. O *H* resolveu ser o soberano que toda a gente acha por costume indispensavel e o titular que serve de ornamento no conjunto, o *H* tornou-se o parasita admiravel. Talvez por isso toda a antiguidade não discrepava no seu emprego, talvez por isso o modesto Aulo Gellius dizia: "O *H*, que seria mais justo olhar como uma aspiração..." e Fidus Optatus, sujeito feliz possuidor dos originaes de Virgilio assegurava que aquelles lindos versos

*Vestibulam ante ipsum, primoque in limine Pyrrhus.*
*Exultat telis et luce coruseus ahena.*

Virgilio, que traçara, a principio, *ahena* sem *H*, logo se arrependera e acrescentara por cima, com seu proprio punho, a lettra imperiosa. Esse erro remediado do cantor de Aleixo é o caso typico da obcessão do *H* entre os poetas da antiguidade. Esses vates podiam errar a fabula, podiam, por exemplo, não acertar no numero de filhos de Niobe, porque Homero conta doze, Euripedes quatorze, Sapho dezoito, Bacchylio e Pindaro vinte, e outros, para compensar, já mais modernos – apenas tres. Mas não esqueciam o *H* e contra o uso a principio de toda a Grecia seguiram os atticos, que até a primeira lettra de ichtyos aspiravam.

Nós aspiramos evidentemente coisas mais praticas e o resultado é que o *H* mudo ou aspirado vae ser forçado a desapparecer.

> É lamentavel. O *H* é a lettra inicial da vida. Com ella se escreve homem, humanidade, honra. Em todas as coisas tremendas o *H* dá força, dá vigor. Apparece em elephante, apparece em hospedaria, apparece em hallucinação e até no atroz sentimento que se chama hesitação. Em todas as palavras suaves surge como supremo encanto e com elle se escreve harmonia, com elle se vê honesta, com elle se acompanha o tempo na palavra hora.
>
> Todos os nomes dos grandes na historia quando não têm *A*, como Affondo XIII e Affonso Penna, quando não têm o *A* e *H* como Affonso Henriques, têm o *H* fatal, e basta recordar que Helena foi a causa da destruição de Troya, Hesiodo escreveu a vida dos deuses e sem Hemeterio a grammatica nacional seria menos, muito menos do que é mesmo tendo Alfredo Gomes...
>
> Todos os pequenos factos da terá obedecem a mysteriosas implusões do ambiente. A destruição do *H* é uma demonstração do feroz egoismo da época, abandinando a tradição e a humanidade, tratando do eu estreito e desprezando o proximo.
>
> Mas será impossivel? Oh! sim, totalmente impossivel! Já o *H* desappareceu do tempo do verbo *he* para ficar com os substantivos e os adjectivos que lhe concederam. Como escrever amanhã hera sem graça do *H*, horizonte sem a vastidão suave do *H?* Como amnhã comprehender hydrogeneo na annotação chimica se lhe arrancam o *H?*
>
> É de certo impossivel! Teremos de vêr surgir um outro Gubius Bassus para nos dar a origem das palavras, teremos talvez – oh inclemencia do ceu! – mais grammaticos, mais rhetoricos, mais Candidos de Figueiredo, levaremos mais tempo a reflectir no inicio dos trabalhos da Academia esse codigo civil das lettras patrias. E para quê? Para que o *H* tenha as manifestações de um grande exilado, para que o *H* seja sempre fallado, fatalmente, emquanto houver na vida parasitas esplendidas como elle é nas lettras, emquanto a esthetica prometer que seja bello e agradavel, na vida, na arte e na harmonia secreta de todas as coisas – o que é inutil mas formoso!
>
> Ha campanhas clamorantes. Esta é mais do que isso – é desesperadora.
>
> Eu respeito o *H*. N'esta época em que Roentgen tornou conhecidas as propriedades dos raios *X* e Charpentier e Blondlot puzeram em evidencia os raios *N*, é impossivel não respeitar o *H*.
>
> Porque afinal, o *H* guarda ainda uma verdade imperecivel, porque o *H* é hoje no alphabeto o symbolo da maioria importante da especie humana, o que apparece em toda a parte, julga-se indispensavel e não vale nada...
>
> E isso é tremendamente philosophico (João do Rio, A Grande Letra, In: *Os dias passam...*, 1912: 93-100).

A questão ortográfica no Brasil veio associada à busca pela identidade nacional e, com o passar do tempo, tornou-se o cerne das discussões entre alguns estudiosos da época, o que demonstrou o desejo e a intenção de se adquirir a autonomia linguística no país.

Desse fato, decorreu, no final do século XIX, a tentativa de se estabelecerem regras porque cada escritor português ou brasileiro escrevia a seu modo; no Rio de Janeiro ou em Lisboa cada jornal, oficina ou tipografia tinha um modo peculiar de grafar. Quer dizer, os escritores mais eminentes não se preocupavam com norma [180]. Sem contar com o caráter insatisfatório de uma língua não ter ortografia oficial

[180] Aguiar, 2005: 100.

representando uma inferioridade para uma língua de gente civilizada. Reformar a ortografia seria a busca da modernidade.

Essa proposta também foi motivada pela discussão sobre a simplificação e uniformização da ortografia [181] da língua portuguesa em Portugal, que era repleta de desacordos e contradições. Até o século XIX as ideias a respeito da ortografia seguiam o sistema apresentado por João de Moraes Madureira Feijó e Luís Antonio Verney, idealizadores da ortografia do século XVIII. O primeiro, com tendência geral da etimologia e da analogia, quando não houvesse recomendação a um dado étimo; o segundo, defendendo que os portugueses deveriam escrever sua língua da mesma forma que pronunciavam, isto é, defendia uma ortografia fonética. Ambos com ideias próprias, por isso mesmo polêmicas.

Depois disso, inúmeras obras foram publicadas tratando do assunto, propondo reformas ortográficas, e o primeiro autor que mereceu destaque foi José Barbosa Leão com sua intenção de reformar tanto em Portugal como no Brasil a ortografia da língua portuguesa, com base sônica [182]. O projeto de Barbosa Leão não alcançou o êxito que ele esperava, mas a repercussão foi tão grande que o movimento em favor de uma reforma que simplificasse a ortografia foi fortalecido.

Assim, enquanto em Portugal as ideias ortográficas giravam em torno da disputa entre os partidários de um sistema etimológico e os adeptos de uma ortografia sônica, no Brasil havia defensores veementes de uma proposta de unificação da ortografia, pois acreditavam que a iniciativa contribuiria para a simplificação imediata da ortografia no país. Além disso, destacavam o ideal de pronúncia brasileira uma vez que *a base do projeto era de uma ortografia sônica* [183]. Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi o propositor da reforma [184].

A proposta de unificação da ortografia causou polêmica; entre os opositores estavam Sylvio Romero, Afonso Costa, Silvio de Almeida, Carlos Laet e Salvador Mendonça. Entre os adeptos da reforma que parecia implicar consideráveis mudanças

[181] Aguiar, 2010.
[182] *Os principais objetivos da proposta eram contribuir para a simplificação imediata da ortografia, já que sugeria a redução do volume de grafemas utilizados e a tentativa de uniformização dialetal. Além disso, destacava-se, a base do projeto era de uma ortografia sônica que tentava atribuir a cada letra um som, visando ao ideal de pronúncia brasileira. A solução encontrada pelo reformista,* (Medeiros de Albuquerque), *é a adoção de um padrão de pronúncia estabelecido por meio de uma norma culta* (Aguiar: 2005: 101).
[183] Aguiar, 2005.
[184] Id., 2010: 46.

no sistema gráfico do português no Brasil, João Ribeiro, Heráclito Graça apoiando Medeiros e Albuquerque.

Ao final dos debates e articulações apresentadas pelos opositores e reformistas, após longas discussões as quais se mostravam imperfeitas e lacunares, a Academia Brasileira tornou pública, em 1907, a vitória da reforma de caráter simplificador, polêmico pelo vasto número de palavras que abrangia, mas que representou um marco bastante significativo na história da ortografia brasileira.

No mesmo ano da publicação da Reforma, 1907, Eduardo Carlos Pereira publicou a *Gramática Expositiva*, com o objetivo de elaborar um instrumento pedagógico que lhe auxiliasse na docência de Língua Portuguesa. Na verdade, essa gramática só *foi publicada depois de o autor "testar" o conteúdo em seu exercício profissional que começou no final do século XIX.* Ainda assim, entrelaçou as ideias do tempo que lhe precedeu com os contornos de sua época, e imprimiu o ideal de idolatria à pátria tão defendido pelos republicanos. Mas o gramático advogava em sua obra o que continuava em seu imagínário: *arte de bem falar e escrever* [185].

> Em virtude do contexto em que viveu e produziu sua obra, absorveu dados advindos das duas correntes (da tradicional e da científica) que constituíram o imaginário dos estudiosos daquela época, e que ele foi capaz de filtrar de ambas aquilo em que mais acreditava, constituindo a sai gramática com seu próprio eixo, abrindo, de fato, caminho próprio (Molina, 2004: 558).

Em 1908, Manoel Said Ali publicou *Dificuldades da Língua Portuguesa*, um trabalho descritivo sobre pontos importantes da língua portuguesa [186]:

> Como se vê pelo título, não é intuito dêste livro oferecer aos leitores o esclarecimento de tôdas "as" dificuldades da nossa língua. Poucas as questões, mas nem por isso menos interessantes, as de que aqui me ocupo. As conclusões a que cheguei, fruto de pesquisas próprias, tenho-as revelado em livro ou em revistas diversas. Pouco diferindo, em substância, dos artigos de outrora, êsses estudos, reunidos agora em volume, receberam o desenvolvimento que a princípio o gênero da publicação não lhes permitia, mas, por outro lado também, tanto quanto possível, a clareza e precisão exigidas em uma edição definitiva.
>
> Questões de ortografia, assunto palpitante nestes últimos tempos, não foram aqui contempladas. Na introdução ao meu *Vocabulário Ortográfico* creio haver dito o bastante. Sem desconhecer a conveniência da simplificação – reforma, a meu ver, exeqüível, quando feita lentamente – reduzi aí a regras práticas o que o uso atual permite e indiquei algumas

[185] Molina, 2004: 494.
[186] Said Ali, 1957: XV.

> modificações desejáveis cuja aceitação se poderia esperar em um futuro mais próximo (Said Ali, *Da Primeira Edição (1908)*, 1957: XV).

Observava João do Rio em 1911:

> O estomago e a lingua são sempre bases segurissimas de observação. Pois bem. Em cem estrangeiros domiciliados no Rio talvez nem dez tolerem uma certa cousa chamada carne seca, prato nacional. Em cem brasileiros não haverá um que não goste de pratos hespanhóes, italianos, portuguezes, allemães. Ha estrangeiros que passam uma existencia sem falar o portuguez. O brasileiro é verdadeiramente espantoso para falar linguas estrangeiras. Encontrei negros nos "schisphands" do cáes fallando inglez, e o inglez é, segundo me parece, a menor colonia do Rio. A menor colonia não. A menor é a franceza. Mas o francez toda gente falla. É a lingua diplomatica, a lingua de quem recebe... Assim, eu tive do povo do Rio uma impressão de uma confusão de elementos em caminho de cristalização. Do carioca antigo quasi nada resta. O typo de hoje é perdulario sem fortuna, conservador, melancolico, achando tudo mal na sua terra, posto que vá ao inferno para que digam bem della, sensual com um manto de hypocrisia colonial (...) (João do Rio, O povo e momento, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 22).

Ainda sobre a *Questão Ortográfica*, Medeiros e Albuquerque escreveria em 1913 [187]: *o caso pareceu a muitos uma extravagância. Não faltou quem apelasse para os homens mais doutos*, mas os reputados João Ribeiro, Silva Ramos e Heráclito Graça, acadêmicos especialistas na questão, completou Albuquerque, ampararam muito bem a reforma, alterando ou acrescentando alguns pontos nela. *Podia, entretanto, recear que os escritores portugueses não pensassem desse modo*, ao contrário, *apareceram os artigos do Sr. Cândido Figueiredo*, membro da Academia de Ciências de Lisboa, *concordando com a reforma, a exceção apenas de dois pontos* e propondo outras alterações. E dando balanço *ao que até agora pareceu*, os sabedores da língua foram os que mais concordaram com a ideia da reforma.

O português Leite de Vasconcelos ofereceu luzes ao caso brasileiro com sua doutrina que esquematicamente estabeleceu um quadro dos *dialetos propriamente ditos,* sem especificá-los. Classificou os do Brasil em *dialetos ultramarinos*, com seus subdialetos, e que eram datados como os da época da colonização, cuja investigação aconselhava aos filólogos. Também, designou os *dialetos crioulos,* antecipando a concepção moderna de *crioulo* e da situação que o desencadeou.

O fato que ficou notório na doutrina desse autor foi o de que ele apreciava a língua do Brasil e as condições em que o português foi implantado, que simples

[187] Medeiros e Albuquerque, 1913: 348-352.

particularidades distinguiam o falar brasileiro, no entanto, a situação linguística do Brasil era em tudo semelhante à de Portugal. O vulto de discrepância estava entre a língua escrita e a língua falada, e que a língua literária era, pois, o principal ponto de atrito entre legitimistas e dialetistas - nesta linha que se situou o pensamento dominante do início do século XX.

Importa ressaltar que se abriu sob a égide deste português, Leite de Vasconcelos, novo ciclo de pesquisas da fala regional e, consequentemente, novos debates sobre a natureza da língua no Brasil a partir dos anos 20 [188].

> A ortografia passava a constituir, como anteriormente os *neologismos*, e simultaneamente com a *colocação pronominal*, o principal ponto de atrito entre tradicionalistas e renovadores (Pimentel, 1978: Introdução: XLIV).

A última fase de evolução do brasileirismo no campo cultural do país iniciou-se com a crítica do gramático português Antônio Cândido de Figueiredo (*1846 +1925), autor do *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, publicado em 1899, a um soneto brasileiro do poeta Paulino de Brito (*1858 +1919). A crítica feita ao brasileiro por meio do ridículo direto foi como se de Lisboa mandassem regras e ordens para a nossa fala e escrita. Como a época era de consultórios gramaticais, a reação foi imediata, houve quem pedisse desculpas pelo mau uso da língua:

> Cândido Lago, o próprio e eminente Mário Barreto, como depois dele, o ilustre Sá Nunes – e tantos outros – tiveram que vir para as colunas de imprensa diária para atender a uma procura, que era a prova de que nem todos desejavam seguir passivamente as correntes populares, num país de tão alto nível de analfabetismo (Lima Sobrinho, 1977: 101).

As lições dos clássicos não prevaleceram, o certo é que elas trouxeram um elemento precioso para a luta entre as tendências conservadoras e as tendências renovadoras da linguagem. Não custou para que se fizesse sentir uma reação contra o excessivo conservantismo.

Em 1920 foi publicada uma obra que se tornou um marco na produção dialetológica com trabalhos sobre diversas regiões brasileiras, o *Dialeto Caipira* de Amadeu Amaral. Em 1922, um ano depois da morte de João do Rio, foi apresentada a monografia de Nascentes sobre o linguajar carioca.

[188] Pimentel, 1978: Introdução: LVIII.

Ainda de Nascentes, em 1932, o primeiro Dicionário Etimológico publicado no Brasil e, em 1939, a obra *Estudos Filológicos* que incluiu textos como *Independência Literária e Unidade da Língua* e *A Filologia Portuguesa no Brasil*. Registra-se ainda a publicação de *Lições de Português* de Sousa da Silveira, organizada em 1821, *uma sucinta e meticulosa gramática histórica do português* [189].

> A experiência de quase um século de dados e argumentos acumulados – embora sem competente tratamento linguístico – autorizava os brasileiros a tomarem as rédeas da política da língua. O pressuposto básico era a existência incontestável de uma "realidade fônica geral brasileira" em oposição à portuguesa a clamar por representação gráfica própria (Pimentel, 1978, Introdução: LVII- LVIII).

## 3.3 A PROFECIA DE ALENCAR NÃO SE REALIZOU

> A profecia de Alencar não se realizou. Ao fim de um século, continuamos a falar português, e temos razões para supor que, de futuro, as fôrças unificadoras da língua venham a prevalecer cada vez mais sobre as desagregadoras (Cunha, 1968, b: 42).

Até meados do século XIX, documenta-se a vigência do modelo português na modalidade escrita do português do Brasil, bem como a luta pela pureza do idioma [190]. A partir de então, evidencia-se a diferenciação progressiva da variante brasileira em relação à variante portuguesa da língua, tentativa ocasional de cunhar padrões próprios.

> Apenas no século XX, a ortografia portuguesa é estudada em conformidade com os aspectos científicos, estabelecendo-se, desse modo, mais coerência do que se vira nos séculos anteriores. Por consequência, é somente nesse século que se fixa de fato a ortografia, dando-lhe caráter de lei, tanto em Portugal quanto no Brasil (Aguiar, 2005: 92).

Foram os românticos, a princípio cidadãos portugueses, depois os nascidos no Brasil, filhos e netos desses portugueses, formados frequentemente em Portugal, ou nas poucas Faculdades brasileiras, que levantaram como ideal literário o registro da infiltração da língua falada na literatura – ainda que longe de oferecer informações suficientes e seguras que se esboçassem a língua falada por essa época [191].

---

[189] Guimarães, 1996: 131.
[190] Cunha, 1968, a.
[191] Pimentel, 1986: 20.

A corporificação das tendências da variante brasileira foi se acentuando com maior pujança quando a literatura se valeu dos fatos políticos e sociais da independência, da abolição da escravatura e alguns problemas brasileiros foram postos ao vivo, dentre os quais o da língua, o que favoreceu a crença de que povo independente deveria ter língua própria.

Assim se organizaram dicionários e glossários de brasileirismos, geralmente regionalismos, traços estilísticos próprios da variante brasileira, um esforço de documentação mediante escolha de palavras. Emergiu na literatura uma norma brasileira, isto é, a literatura prezou a espontaneidade de expressão documentando em seus escritos certos aspectos da variante brasileira, reivindicou certo grau de liberdade em face das prescrições gramaticais e dos modelos literários portugueses. E a despeito de se ter começado a pensar a questão da nacionalidade da língua, os autores das primeiras gramáticas publicadas no Brasil seguiram a tradição gramatical de Portugal, preservando a escrita dos grandes escritores clássicos, da observação dos quais decorreram as regras.

Na altura das duas décadas finais do século XIX, e nos vinte anos iniciais do século XX, o curso de penetração da oralidade, inclusive na língua literária, foi interrompido por uma visão racional na apreciação dos fatos.

> Mas o que devemos ressaltar é que tanto Machado de Assis, como Rui Barbosa, corporificavam uma dafe de profunda identificação do idioma com a tradição clássica. Suprimiram fronteiras, esqueceram marcos lindeiros e, reagindo contra as tendências ainda mal definidas de um José de Alencar, esposaram a causa da unidade do idioma, como o respeito devido às raízes profundas, mergulhadas na literatura portuguesa. Nessa época, que correspondia, em Portugal, à influência de Eça de Queirós, não seria exagero dizer que os altares erguidos à pureza do idioma português, em terras brasileiras, superaram os de Portugal no fulgor das imagens, na multiplicação das luzes votivas, no capricho da talha dos retábulos (Lima Sobrinho, 1977: 94).

O que interessava aos brasileiros não era mais a atitude antilusitana, mas a restauração idiomática, ou a resistência aos fatores de deformação de nossa linguagem falada e escrita [192].

> Já não é sòmente o vocábulo de boa casta que é renegado pelo barbarismo, é a própria plástica, a mesma sintaxe, de construção robusta, que

[192] Lima Sobrinho, 1977: 94.

> se vai deformando com o arrôcho do justilho, efeminando-se com embelecos e postiços.
>
> E assim abastardam e envilecem o nobre idioma, o altissonante português, que rompeu sonoro através do troar das buzinas romanas; que retumbou vencendo o clangor das tubas sarracenas; que ecoou em África sufocando o estrugido das parapandas negras; que dominou o ribombo dos trovões e o uivo dos ventos nos mares, quando ordenava nas galés atrevidas; que se lançou por Ásia dentro e veio cantar nas tabas americanas, regressando ao ninho paterno cheio de notícias de heroísmo. (...)
>
> Que transferida de um para outro clima a língua se modifica, não há negar. O idioma falado no Brasil é o mesmo que soa em Portugal, mas – e mantendo a analogia – com o nosso sol a árvore tornou-se mais verde, mais viçosa, vieram-lhe as flores mais coradas e os frutos mais doces e de mais aroma e, como se deu bem na terra, desenvolveu-se prodigiosamente, abrindo frondosa copa e enchendo-se de cantos.
>
> Mas a seiva que lhe corre no âmago é a mesma que circula nas veias da árvore veneranda, em cujas raízes estão sentados os quatro evangelistas: Camões, Vieira, Bernardes e Camilo (Coelho Neto, *A língua portuguesa. Os seus evangelistas.* In: Campos, 1945: 249-253).

Aos ideais românticos se opuseram os escritores realistas, naturalistas, parnasianos, escritores mais propensos à retórica e que dificilmente deixaram margem para a infiltração da oralidade. Ostentaram, isto sim, no vocabulário e na sintaxe, um discurso extremamente elaborado. Também revelaram a assimilação dos clássicos portugueses quando buscaram não só a palavra, mas também a construção rara, valeram-se de latinismos, arcaísmos, cultismos, e das palavras ligadas à área das ciências, e rejeitaram os regionalismos, os brasileirismos e os neologismos.

João do Rio tinha seguinte opinião:

> Em primeiro logar, fundamentalmente, o Brasil não sabe escrever a sua lingua e pouco se rala que a lingua o não ajude. Do período inicial á ultima oração, não sabe empregar os determinativos, atrapalha-se nos tempos dos verbos, alça, emfim, o paiz a um idoma novo: o brasilismo. Nessa atitude desabrocham sem temor a ausência de idéas, as informaçõezinhas copiosas e os alvitres phenomenaes. Ha longos periodos alcocheados por "ques" alucinantes, ha frases afirmativas lembrando brindes de sobremesa, aquelles brindes gerundiaes á procura do ponto final. Mas, não importa. Quem quer aprender portuguez, lê Camões e não Wencesláo (João do Rio, O Boi não morreu, In: *No tempo de Wencesláo...*, 1917: 36).

Na literatura, para alguns autores, a solução foi a separação entre o plano do autor e o da personagem, a fim de admitir marcas da oralidade – lembrando que o ideal de fala era a língua escrita. Mais tarde, quando se estreitou o compromisso com a oralidade regional, já presente no discurso direto, o autor foi a voz não mais preocupada em assinalar as alterações fonéticas típicas mediante um discreto tratamento formal.

Sabe-se que o movimento modernista não apareceu no Brasil como uma quebra súbita, os simbolistas já eram a própria discordância e a revolta como se fossem do próprio movimento romântico por agitarem alguns temas, combaterem a rigidez do sistema de metrificação, por exemplo. Também o parnasianismo já estava esgotado pela repetição de seus motivos e enfraquecido pela intervenção da poesia simbolista. O cunho da originalidade esgota-se no uso, ou na imitação, até se perder na fase de saturação de seus propósitos.

> Se a língua da literatura tem de ser a do homem que tece enredos nas obras literárias, não há dúvida que a língua de nossos romances tem que ser a do brasileiro (Fortes, 1957: 98).

Então, o *brasileirismo-língua* [193] dos poetas e dos romancistas perdeu o aspecto de luta que antes deixava transparecer na fase do *brasileirismo-nome* do passado e um sentido moral, de responsabilidade social, com uma função rigorosamente estética no sentido total do termo, de colaboração vanguardista na construção do Brasil atingiu a maturidade e foi distinguindo em nossas letras *pelo esquecimento das minúcias técnicas – a regra e o modêlo literário – para se plenificar de significação, e identificar-se com os nossos problemas sociais e políticos*.

> Se existe um espírito nacional, um temperamento, um caráter, uma sensibilidade, um modo-de-ser nacional, também, por isso mesmo, existirá uma expressão lingüística que reflita êsse modo-de-ser, essa, por assim dizer, alma coletiva. (...) Mas na *mesma* língua, através da *mesma* língua pode manifestar-se mais de um estilo nacional. (...) E precisamente êsse conceito de "estilo nacional" tem justíssima aplicação no caso da língua do Brasil. Nada impede que nós tenhamos *língua* portuguêsa e *estilo* brasileiro. Isto é, um sistema gramatical português, o mesmo que se encontra em Camões, Vieira, Bernardes, Herculano, Garrett etc. e um modo de *expressão,* uma *escolha* do material lingüístico e algumas criações, que melhor se ajustem e que correspondam ao espírito, à alma, ao temperamento, à sensibilidade brasileira (Chaves de Melo, 1971: 133-134).

## 3.4 JOÃO DO RIO E O ENCONTRO COM SEU MOMENTO

> – O povo e o momento. Naturalmente. O povo das cidades varia segundo os momentos historicos. (...) E, em cada um dos momentos desse dia immenso, as gerações mostram uma feição propria. Ha povos que estão no momento da treva inicial, ha os que estão na treva de que se não volta. Ha

[193] Fortes, 1957: 98.

> tambem outros que dão a sensação de crepusculo, de um lento crepusculo de verão prolongado; outros crepusculo de inverno, rapidos, cahindo como uma barra de ferro cinza. Se eu estivesse aqui aportado em qualquer anno do Segundo Imperio, teria visto o mesmo, exatamente o mesmo povo de hoje? Não! Absolutamente não! (João do Rio, O povo e o momento, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 15-16).

Em cada sociedade existe uma imagem específica do mundo e, em particular, um quadro próprio da história, e a história não é a ciência do passado, também não pode ser definida como a ciência do homem, mas talvez seja ciência dos homens no tempo [194]. Porque a história é criada por homens pertencentes à sua sociedade, esta sociedade lhes fornece os critérios de julgamento e, partindo do presente, os homens formam sua ideia da história [195].

> Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens. Mais que o singular, favorável à abstração, o plural, que é o modo gramatical da relatividade, convém a uma ciência da diversidade. Por trás dos grandes vestígios sensíveis da paisagem [os artefatos ou as máquinas] por trás dos escritos aparentemente insípidos e as instituições aparentemente mais desligadas daqueles que as criaram, são os homens que a história quer capturar. Quem não conseguir isso será apenas, no máximo, um serviçal da erudição (Bloch, 2001: 54).

Se *a História é o homem* [196], e o homem está em sua obra, analisar os escritos de João Paulo Alberto Coelho Barreto, mais conhecido por João do Rio, é saber da história do seu tempo, é identificar as coordenadas de uma era: o crepúsculo do século XIX e a aurora do século XX, tempo de supostas virtudes de bem estar de uma sociedade mais ou menos nervosa[197] que não conseguia fugir da sucessão de acontecimentos vertiginosos.

---

[194] Assim pensava Marc Bloch (2001: 54-55), que também escreveu: *Do caráter da história como conhecimento dos homens decorre sua posição específica em relação ao problema da expressão. "Será uma ciência"? ou uma "arte"? Sobre isso nossos bisavós, por volta de 1800, gostavam de dissertar gravemente. Mais tarde, por volta dos anos 1890, banhados em uma atmosfera de positivismo um pouco rudimentar, pôde-se ver especialistas do método indagarem-se com que, nos trabalhos históricos, o público desse importância, para eles excessiva, ao que eles chamam "forma". [Arte contra ciência, forma contra fundo:] tantas polêmicas boas para desenvolver ao saco de processos da escolástica. Não há menos beleza numa equação exata do que numa frase correta. Mas cada ciência tem sua estética de linguagem, que lhe é própria. Os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, entre os quais muitos escapam à medida matemática.*

[195] Conceito de L. Fevbre, In: Guriêvitch, 2003: 29.

[196] Febvre, 1978: 17.

[197] João do Rio, *O momento literário*, s.d.: XI.

> - "Philosophar é reviver o immediato." Esta modernissima definição tem o valor de não impedir ninguem de philosophar. Não ha quem não tenha o seu dia de reflexão, ao ruminar o acontecimento que mais interessou a sua pessoa ou a colletividade. Os menos ageis de cerebro podem mesmo prolongar a meditação numa semana, duas, tres. Como todos os assumptos são dignos de philosophia, só ha um contra-tempo: ficar fóra da moda, porque as actualidades se sucedem vertiginosamente (João do Rio, O sorriso do Sr. Antonio Carlos, In: *No tempo de Wenceslão...,* 1917: 27).

Nenhuma obra pode ser considerada como algo incondicionado, que existe em si e por si, agindo sobre nós graças a uma força própria que dispensa explicações. Pela análise de uma obra percebe-se, na medida do possível, que o escritor, numa determinada sociedade, é não apenas o indivíduo capaz de exprimir sua originalidade, mas alguém desempenhando um papel social, ocupando uma posição relativa ao seu grupo profissional e correspondendo a certas expectativas dos leitores [198]. É um panorama dinâmico, complicando-se pela ação que a obra realizada exerce tanto sobre o público, no momento da criação e na posteridade, quanto sobre o autor, a cuja realidade se incorpora em acréscimo, e cuja fisionomia espiritual se define por meio dela.

Não há barreira estanque entre a ação e o pensamento. O que será abordado, aqui, deixará *de vos aparecer como uma necrópole adormecida, onde perpassam apenas sombras despojadas de substância* para,

> ardentes de luta, ainda cobertos de poeira do combate, do sangue coagulado do monstro vencido, penetreis no velho palácio silencioso onde ela dormita, e que, abrindo as janelas de par em par, reacendendo as luzes e reanimando o barulho, acordeis com a vossa própria vida, com a vida quente e jovem, a vida enregelada da princesa adormecida... (Febvre, 1978: 7).

Então, a vida pulsa nos textos de João do Rio, porque sentiu verdadeiramente, insuflou na expressão os ideais do seu tempo e, por isso, ainda hoje, sua obra consegue recriar nos que a leem o estado emocional primitivo que originou a eclosão artística, execução da identidade individual que a língua concretiza.

> Não ha de certo exploração mais dolorosa que a das crianças. Os homens, as mulheres ainda pantominam a miseria para lucro proprio. As crianças são lançadas no oficio torpe pelos pais, por creaturas indignas, e crescem com o vicio adaptando a curvelinea e acovardada alma da mendicidade malandra. Nada mais pavoroso do que este meio em que ha adolescentes de dezoito annos e pirralhos de tres, garotos amarellos de um lustro de idade e moçoilas puberes sujeitas a todas as passividades. Essa criançada parece não pensar e nunca ter tido vergonha, amoldadas para o

[198] Candido, 2011: 84.

> crime de amanhã, para a prostituição em grande escala. Ha no Rio um numero consideravel de pobrezinhos sacrificados, pretizes que andam a guiar senhoras falsamente cegas, punguistas sem proteção, paraliticos, amputados, escrofulosos, gatunos de sacola, apanhadores de pontas de cigarros, crias de familias necessitadas, simples vagabundos á espera de complacencias escabrosas, um mundo vario, o olhar do crime, o broto das arvores que irão obumbrar as galerias da Detenção, todo um exercito de desbriados e de bandidos, de prostitutas futuras, galopando pela cidade á cata do pão para os exploradores. Interrogados, mentem a principio, negando; depois exageram as falcatruas e acabam a chorar, contando que são o sustento de uma sucia de criminosos que a policia não persegue.
>
> A metade desse bando conhece as leis do prefeito, os (sic) delegados de policia e acompanha o movimento da politica indigena oposicionista e vendo em cada homem importante uma roubalheira. São em geral os mendigos claramente defeituosos a que falta uma perna, um braço.
>
> A perda que os tornou invalidos é uma especie de felicidade, a indolencia e o sustento garantidos.
>
> Á beira das calçadas o dia inteiro têm tempo de se tornarem homens e de lêr os jornaes. Fazem tudo isso com vagar. Quando um ponto se torna insustentavel vão para outros, e ha entre elles relações, morphéas que se ligam ás ulceras, olhos em pús que olham com ternura companheiros sem braços, e todo guardando a data do desastre que os mutilou, que os fez entrar para a nova com a saudade da vida passada.
>
> Fui encontrar na ponte das barcas Ferry alguns de volta de Nitheroy. Vinham alegres, batendo com as muletas, a sacolejar os fartos sacos, na tarde algida. Só nessa tarde interroguei seis (João do Rio, Os que começam..., In: *A Ama Encantadora das Ruas,* 1910: 229-231).

### 3.4.1 O escritor de uma sociedade

Brasil do fim do século XIX anunciava a modernidade, era um país em grandes transformações em consonância com as mudanças que ocorriam no mundo industrial como um todo e se espalhavam para os países periféricos do capitalismo. Modernidade, essa aceleração das técnicas novíssimas, como a eletricidade ou o automóvel.

> E, subitamente, é a era do Automovel. O monstro transformador irrompeu, bufando, por entre os descombros da cidade velha, e como nas magicas e na natureza, asperrima educadora, tudo transformou com apparencias novas e novas aspirações. Quando os meus olhos se abriram para as agruras e tambem para os prazeres da vida, a cidade, toda estreita e toda de mau pizo, eriçava o pedregulho contra o animal de lenda, que acabava de ser inventado em França. Só pelas ruas esguias dois pequenos e lamentáveis corredores tinham tido a ousadia d'apparecer. Um, o primeiro, de Patrocinio, quando chegou, foi motivo de escandalosa attenção. Gente de guarda chuva de baixo do braço, parava estarrecida como se tivesse visto um bicho de Marte ou um aparelho de morte immediata. Oito dias depois, o jornalista e alguns amigos, acreditando voar com trez kilometros por hora, rebentavam a machina de encontro ás arvores da rua da Passagem. O outro, tão lento e parado que mais parecia uma tartaruga bulhenta, deitava tanta fumaça que, ao vel-o passar, varias damas sufocavam. A imprensa, arauto do progresso, e a elegancia, modelo do snobismo, eram os percursores da era automobilica.

> Mas ninguem advinhava essa era. Quem poderia pensar na futura influencia do Automovel deante da machina quebrada de Patrocinio? (João do Rio, A era do automóvel, In: *Vida Vertiginosa,* 1911: 3-4).

Fim da escravidão. Migrações e imigração. A aurora do regime republicano dava-se em meio a transformações demográficas e sociais, que libertavam populações e franqueavam novos destinos geográficos às esperanças de sobrevivência de muito dos velhos e novos brasileiros. As grandes cidades começavam a se modificar, casas e ruas fundiam-se numa dinâmica plasmada e difusa, grandes edifícios públicos eram construídos ao longo da Avenida Central, no Rio de Janeiro, com destaque para o Teatro Municipal (1909), o Palácio Monroe (1906), a Biblioteca Nacional (1910) e a Escola Nacional de Belas-Artes (1908).

> Um cavalheiro com que encontro anuncia-me cheio de entusiasmo:
> - Afinal, meu amigo, a Biblioteca vae ter um extraordinário palacio que já está por cinco mil contos! A nossa nobre preciosidade está numa tal barafunda, com o pessoal brigado, a confusão dos catalogos, a confusão das estantes, a confusão dos leitores, que só a mudança a salvará.
> A biblioteca! Quanta recordação!
> Como estivesse um dia bonito, eu indaguei:
> - A Biblioteca continua no mesmo logar?
> - Por dois annos mais, pelo menos.
> - Pois vou vêl-a.
> E fui matar saudades daquelle logar onde eu passara ha annos um tempo de voraz e obscura leitura.
> A Biblioteca é um dos aspectos mais curiosos do Rio (João do Rio, Horas da biblioteca, In: *Cinematographo*, 1909: 249).

No afã do esforço modernizador, Rodrigues Alves, quando assumiu o governo (1902-1906), enveredou por um programa intensivo de obras públicas financiadas por recursos externos. Já em 1902 empenhou-se em reduzir a complexa realidade social brasileira singularizada pelas mazelas herdadas do colonialismo e da escravidão, ao ajustamento em conformidade com padrões que considerava civilizados, enquanto os despejados dos *bota-abaixo* se acumulavam nas favelas, novos espaços criados pela situação de tripla ditadura na cidade do Rio: modernização do porto pelo engenheiro Lauro Müler, saneamento pelo médico sanitarista Oswaldo Cruz e urbanização pelo engenheiro e nomeado prefeito Pereira Passos que havia acompanhado a reforma urbana de Paris. *A derrubada de 640 prédios rasgara, através da parte mais habitada da*

*cidade, um corredor que ia da Prainha ao Passeio Público. Era como abrir o ventre da velha cidade* [199].

> Para o bem do Brasil, após um infatigavel labor de mais de quarenta annos, Rodrigues Alves é o mais moço dos antigos estadistas e o mais velho estadista da phalange joven que ouve e espera o seu conselho. A saude acompanha-o. Parece feito de aço novo. Para cada um tem uma phrase amavel. A todos toca com a recordação. E nada mais delicado, mais espontaneo, mais vibrante do que o modo por que a capital da Republica recebe e acolhe o varão preclaro – que limpou o Rio do mal horrivel, confiando na juventude de Oswaldo Cruz, que creou a physionomia externa da Patria, fazendo o Brasil viver como nação no convivio dos povos, que foi o creador de uma nova éra da nossa civilização... (João do Rio, Uma chegada, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José,* 1917: 401).

O Rio começava a perder o caráter semiprovinciano de velha urbe com a vida centralizada numa pequena área, onde todos se encontravam e todos se conheciam. A abertura da Avenida Central, atual Avenida Rio Branco, eixo do novo projeto urbanístico da cidade, contemplada com um concurso de fachadas que a cercou de um *décor* arquitetônico *art nouveau*, em mármore e cristal, combinado com os elegantes lampiões da moderna iluminação elétrica e as luzes das vitrines das lojas de artigos finos importados, contrastava com o déficit habitacional que a reforma criou. Era o corolário da atmosfera cosmopolita, enquanto as pessoas que não pudessem se trajar decentemente, o que implicava para os homens, calçados, meias, calças, camisa, colarinho, casaco e chapéu, teriam seu acesso proibido ao centro da cidade.

Tudo deveria se estampar como um cartão-postal carioca, as fachadas e as construções em estilo eclético deveriam ser grandiosas e nada tinham de aleatório: dispostas ao lado dos edifícios destinados a empresas nacionais e estrangeiras ligadas ao comércio, à infraestrutura, à recreação e ao consumo de produtos europeus de luxo.

> O Rio, cidade nova – a unica talvez no mundo – cheia de tradições, foi-se dellas despojando com indiferença. De subito, da noite para o dia, comprehendeu que era preciso ser tal qual Buenos Aires que é o esforço despedaçante de ser Paris, e ruiram casas e estalaram igrejas, e desappareceram ruas e até ao mar poz barreiras. Desse descombro surgiu a urbs conforme a civilisação, como ao carioca bem carioca, surgia da cabeça aos pés o reflexo cinematografico do homem das outras cidades. Foi como nas magicas, quando ha mutação para a apoteose. Vamos tomar café? Oh! Filho, não é civilisado! Vamos antes ao chá! E tal qual o homem, a cidade desdobrou avenidas, adaptou nomes estrangeiros, comeu á franceza, viveu á franceza (João do Rio, O velho mercado, In: *Cinematographo*, 1909: 214-215).

[199] Carvalho, 2004: 93.

Na verdade, a área urbana do Rio de Janeiro restringia-se ao trecho entre o Largo do Machado e a Praça XI. Quase zona rural eram os outros bairros, como Laranjeiras, Tijuca e São Cristóvão. A Floresta da Tijuca foi plantada em 1861 onde antes foram os cafezais e, a partir dessa data, com a construção da Estrada de Ferro Central do Brasil e, dez anos depois, com a instalação das linhas dos bondes, os bairros e subúrbios foram povoados. Não existiam o cais do Porto e a Praça Mauá, o desembarque dos navios se fazia no cais Pharoux (Praça XV) que tinha à sua direita a praia Dom Manuel e à esquerda a praia do Peixe, posteriormente aterradas.

> Acabou-se de mudar-se hontem a praça do Mercado. Naquelle abafado e sombrio dia de hontem era um correr de carregadores, carroças e carrinhos de mão pelos squares rentes ao Pharoux levando as mercadorias da velha Praça abandonada para a nova installação catita do largo do Moura, e, ao passo que ahi uma vida ainda desnorteada estridulava e enchia de ruído o silencio do sinistro largo, na alegre e bonacheirona Praça ía uma desolação de abandono, com as casas fechadas e o arrastar de utensilhos para o meio das ruas sujas. A mudança! Nada mais inquietante do que a mudança – porque leva a gente amarrada essa esperança, essa tortura vaga que é a saudade. Aquella mudança era, entretanto, maior do que todas, era uma operação da cicurgia urbana, era para modificar inteiramente o Rio de outrora, a mobilisação do proprio estomago da cidade para outro local. Que nos resta mais do velho Rio antigo, tão curioso e tão caracteristico? Uma cidade moderna é como todas as cidades modernas (João do Rio, O velho mercado, In: *Cinematographo*, 1909: 213-214).

Uma nova elite de jovens intelectuais, artistas, políticos e militares vindos das correntes cientificistas, do darwinismo social do inglês Spencer, do monismo alemão e do positivismo francês de Comte entrou em cena a defender uma plataforma de modernização e atualização de estruturas ossificadas do Império.

> Nós ainda temos – e muitas! – coisas que não passam de máos habitos, de costumes de colonia ronceira. Ao observador não escapa o desencontro chocante da civilisação de uns pontos, ao lado da persistencia de defeitos antigos de outros.
>
> Mas cada anno que se passa, a transmutação de valores se opera, e ha cidades, ha adaptações, ha uma inumeravel serie de pequenos melhoramentos pessoaes que redundam no melhoramento urbano. É a universalisação do brasileiro exigindo que elle faça da sua capital, não apenas o museu do Corcovado, do Pão de Assucar e de outras pedras mais ou menos feias, mas o grande centro da America do Sul (João do Rio, O bem das viagens, In: *Vida Vertiginosa,* 1911: 166).

Homens novos, vindos à tona com a nova situação, que davam o tom geral à ordem que se criava, marcando um novo sistema de governo. Mas era somente a pressão

dessa camada inquieta das áreas urbanas que fazia surgir as grandes campanhas de reforma, enquanto o latifúndio continuava limitado à mentalidade escravista.

Era apenas o esforço ideológico empolgando com o conceito da *raça superior*, da *civilização*, dos *climas superiores* dos *países adiantados,* enquanto as partes do globo cortadas pelo equador ou pelo trópico de Câncer eram classificadas como incompatíveis ao *homem branco* e à *civilização* [200]. E quase todos esses preconceitos, alinhados e difundidos com roupagem científica foram aceitos, aqui, inclusive pelos escritores e pensadores que começavam a exercer uma tarefa crítica de importância, renovando as letras brasileiras.

> A minha admiração ficava apenas na obra terminada e concluida, naquillo que os meus olhos viam e meus nervos sentiam, e, vendo e sentindo, de toda a minha alma subia a admiração pela geração que realizara tal obra. Quem a fez? Um punhado de moços, - os moços que afirmam o Brasil de modo extraordinário, no momento em elle começa a ser falado. Ha um fato evidente: do governo de Rodrigues Alves é que começou a conhecer o Brasil, e desse governo data a ingerencia dos moços de modo dominador nas administrações e nos negocios publicos (João do Rio, O milagre da mocidade, In: *Cinematographo*, 1909: 287).

Tudo isso assinalava nitidamente o amplo processo de desestabilização e reajustamento social, o advento da ordem republicana foi marcado por uma série contínua de crises sociais e políticas que atingiram em primeiro lugar as elites tradicionais do Império e seu vasto círculo de clientes. Depois, sabe-se, com a República nasceu uma elite de especuladores e aventureiros com acesso a recursos estatais que desfrutavam da proteção política e do trânsito livre a cargos decisórios da administração, seja por meio de nomeações, seja pela troca de favores. E essa minoria de bem-sucedidos deu o tom do novo regime, impondo-lhe as características modernizadoras do estilo dos dirigentes. Enquanto os humildes...

> Ninguem imagina a estatistica tragica dos pobres rapazes, de adolescentes, estropiados, feridos, mortos, esmigalhados pelo trabalho feroz, e ninguem pensa em ter pena de um sexagenario que arrebenta sob o peso de um saco em plena calçada. Elles, coitados, não sabem. São os humildes, são os ignorantes. Todas as emoções se lhe embotaram. Os paes trabalhavam de sol a sol. Aos dez anos ja trabalham. É preciso trabalhar para ganhar, com medo do patrão poderoso, do feitor, do espia, de toda a gente, para não perder aquella certeza assustada e mortal do pão. Humildes! Quanta cousa se vê e se ouve (que é impossivel contar) de miseria, de sentimento, de irreparavel, de infinita candura nessas pobres almas sem luz, nesses sêres em que o proprio

[200] Werneck Sodré, 1981: 50.

> instinto se incurta ao movimento do animal de carga! (João do Rio, Os humildes, In: *Cinematographo,* 1909: 195-196).

Às portas do século XX, a vida literária acompanhava as transformações gerais introduzidas pelo governo republicano e, na luta contra os velhos hábitos coloniais, os jornalistas expediam suas energias contra os últimos focos que resistiam ao furacão do prefeito Passos, o ditador da Regeneração. Ao contrário do período da Independência, em que as elites buscavam uma identificação com os grupos nativos - tema do Indianismo - e manifestavam um desejo de ser brasileiros, no período de virada do século à primeira década do próximo essa relação se tornou de oposição, o que é manifestado é um desejo de ser estrangeiro.

> A vida nervosa e febril traz a transformação subita dos habitos humanos. Desde que ha mais dinheiro e mais probabilidade de ganhal-o, - ha mais conforto e maior desejo de adaptar a elegancia estrangeira. A ininterrupta estação de sól e chuva de todo anno é dividida de accordo com o protocollo mundano; o jantar passou irrevogavelmente para a noite. Todos tem muito que fazer e os deveres sociaes são uma obrigação (João do Rio, O chá e as visitas, In: *Vida Vertiginosa,* 1911: 47).

E com alguma razão, a sensação de progresso era muito poderosa, universal, desejável, o progresso das instituições, visível em todas as partes nos países *avançados*, era considerado como um sinal de progresso moral, complementar aos extraordinários êxitos científicos e materiais da época.

> Essa sociedade que nasceu com a Avenida Central e chegou a maturidade com o tango, vive como um espelho de Paris, conhecido pelas revistas, os romances de fim de anno, do Abel Hermant, e as visões sem palavras de Bois e dos *tea-rooms* da "Ville Lumiére". É a parodia ingenua (João do Rio, Questões gravissimas, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José,* 1917: 305).

O mundo estava dividido, portanto, numa parte menor, onde o *progresso* nasceu, e outra muito maior, aonde chegou o conquistador estrangeiro com sua classe característica, a *burguesia*, com sua literatura e sob a bandeira de sua expressão intelectual característica, a ideologia do liberalismo.

> Vê o mundo. O trabalho duplicou, decuplicou, centuplicou. O esforço para a evidencia, para a personalização na grande feira humana, chupa os ossos, rasga os musculos, arranca os nervos, exgotta desvaria, enche os manicomios; mas a onda continua, impetuosa, irresistivel, para alêm das forças concebiveis, atirando aos pincaros os victoriosos – os victoriosos de

> um instante que conseguiram apparecer (João do Rio, Reclamo moderno, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 72).

*Nunca houve na história um século mais europeu, nem tornará a haver* [201], apesar dos milhões de pessoas que o velho continente mandou para vários mundos novos, ele cresceu mais depressa. Demograficamente o mundo contava com uma proporção mais elevada de europeus, sua economia capitalista dominava, sua cultura erudita continuava como modelo, o produto industrial europeu ainda era duas vezes maior do que o americano, e os principais avanços tecnológicos ainda provinham basicamente do leste do Atlântico - os automóveis, o cinema e o rádio foram inicialmente desenvolvidos com seriedade na Europa -, embora a posição futura da América como superpotência econômica mundial já estivesse assegurada pelo ritmo e pelo ímpeto de sua industrialização.

> A vida americana despertou nos nervos moderrentos dos sem ambições. Um desencadear de apetites, de desejos, de vontades irrompeu. Á sementeira de furia ambiciosa dos imigrantes correspondeu o terreno fertilissimo do paiz novo em frondosas arvores de negociatas, de projectos, de realizações onde estava tudo á espera de realisação. De Portugal, da Hespanha, da Italia, de varias províncias da Peninsula, do Levante, do Libano, da Polonia, da Alemanha, o immigrante vinha. Eram barbaros rurais, avidos de dinheiro, de goso, de satisfações pessoais, ignorantes e querendo ganhar. Não faziam questão de profissão. Tudo lhes servia, menos, para a maioria, ir trabalhar na terra, voltar a ser o que era lá (João do Rio, A crise dos creados, In: *Vida Vertiginosa,* 1911: 108).

Acontece que o início da República foi um período de transição em que os antigos aristocratas (barões do café) receberam condições de vida importadas que eles não criaram, tais como: investimentos de capitais externos para a criação de estradas de ferro, de máquinas modernas para a transformação industrial do café, o hábito dos chás e das confeitarias, artigos de consumo; e esses modelos de desenvolvimento criaram a ilusão de que a nova fase republicana seria de progresso.

> As senhoras são sempre bonitas, porque Deus deu ao Brasil senhoras encantadoras, foram a Paris mais vezes, têm o respeito religioso, pelo que vem de fóra, e o sentimento de que tudo por cá não presta, desde os criados até os poetas (José Antonio José, O ridiculo democratico, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José,* 1917: 176).

[201] Hobsbawm, 2011: 39.

Como essa elite não queria ter mais os valores culturais, sociais e políticos do antigo regime monárquico, nem a República estabelecia realmente uma infraestrutura que modificasse a realidade de uma economia dependente do capital externo para sua sobrevivência, viveu-se ficticiamente segundo os valores culturais de Paris e de Londres, chamado de *clima de bovarismo na sociedade brasileira* [202]. Desta forma, entre 1888 a 1914, a elite instalada no país estava fadada a representar os complexos culturais externos [203]. A própria modernização do Rio ou o *civiliza-se* foram equivalentes a uma europeização dos usos e costumes.

> - Dize-me: que vem a ser esta Árvore?...
> - Ah! Realmente. É uma novidade. A Árvore que vês é um costume nórdico de comemorar o Natal. Em vez de presepe, enchem uma Árvore de brinquedos e em tôrno dela, velhos e crianças, riem o mesmo riso de esperança e alegria. Hoje, depois do casamento da falecida rainha Vitória, de Inglaterra, o costume tornou-se mundial. A Árvore é o Natal. Encontraste, ó poeta, alguma coisa nova... (João do Rio, A Árvore, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar*,1920: 72-73)

Enquanto o Rio se remodelava, a dignidade do artista tornou-se incompatível com os desmandos da antiga boemia, isto é, por volta dessa época o argumento era o do *civilizado* pautado por modelos culturais franceses. E, também, as principais figuras da chamada geração boêmia de 1889 já se haviam aburguesado e se entregado a uma produção metódica e regular como Aluísio Azevedo, Coelho Neto, Olavo Bilac.

Aqueles que não conseguiram se desvincular do discurso antiboêmio, desejaram renunciar à vida desregrada, trocando-a pela dignidade acadêmica, ou simplesmente

---

[202] Tindó Secco, 1978: 25.

[203] Segundo Werneck Sodré (1981: 51), *continuávamos, na verdade, importadores de cultura artística, sem capacidade para criações originais. Os romances ostentavam, na folha de rosto, o esclarecimento de que eram 'brasileiros'; e só por isso se verifica como não o eram. A música se estagnara; sua grande figura, Carlos Gomes, faz ópera italiana sobre motivos nacionais, deslumbrando Verdi. Na pintura, a imitação continua inalterável e, mesmo em Almeida Júnior, sobre motivos caboclos, a forma e o estilo são europeus. Nada é mais expressivo dessa subalternidade artística, própria de cultura colonial, do que dois aspectos que aparecem como naturais e característicos: o primeiro está na prosódia portuguesa adotada como modelo nos palcos, dando a dimensão precária do teatro entre nós; o segundo está na representação, em forma de eco, que as escolas literárias encontram aqui, travando-se lutas entre elas, e sucedendo-se e combatendo-se, romantismo e naturalismo, na prosa, e ainda romantismo, parnasianismo, simbolismo na poesia, tudo isso colorido com o traço grotesco de uma Grécia de cartolina, que aparece na retórica política, na prosa dos ficcionistas e cronistas e até nos versos dos poetas. A profundidade desse impulso, dessa irrefreável tendência para copiar os modelos externos, cujas razões originárias não são estudadas ou compreendidas, encontra-se até nas formas de reação que desperta. É assim que, nos fins do século XIX, entrando pelo século XX, aparece a tese que assinala o contraste entre as duas faces do Brasil, os dois Brasis: o Brasil cosmopolita, do litoral, todo voltado para o exterior e receptivo às suas influências, e o Brasil autêntico, do interior, em que as velhas raízes conservariam sua pureza original.*

reagindo com protestos à referida sociedade: Paula Ney, Lúcio Mendonça, Oliveira Lima, Rodrigo Otávio e, até, Lima Barreto que se viu impossibilitado de abdicar das condições de vida que o incompatibilizavam com a Academia e bem depressa desistiu dela. Foi impossível negar certa influência da Academia Brasileira de Letras que, a partir de 1896 e sob o signo de Machado de Assis, foi prova de compostura, reputação e imortalidade acadêmicas para o escritor que queria acompanhar o progresso, ser "civilizado" e competir com os romancistas franceses numa sociedade que sempre pôs de quarentena os autores nacionais.

A João do Rio cabiam a impertinência e impassibilidade, armas preferidas como exercício de seu individualismo decadente [204], que traduzia a indisposição do artista com seu meio.

> - Que ridículo a glória política no Brasil!
> - Há outra talvez mais ridícula – a literária.
> - Já não existe senão como parte ornamental da glória política. Desde que um homem é presidente do estado passa a escritor. E são os únicos escritores com cotação, porque não escrevem e todos os louvam (João do Rio, Alma patriota, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar*, 1920: 65).

No geral, o eloquente protesto contra o costume de considerar-se o poeta um ser estranho na criação, um homem à parte da sociedade era, por vezes, abandonado para o ajustamento ao ambiente social – *É como lhe digo. A minha pena faz-se maior que a surprêsa. O apego dos homens à verdade de ontem, que é o tremendo êrro de hoje!* [205].

A geração nova que surgia nesse clima diferente, nas amplas perspectivas da Avenida Central, sem mais os redutos boêmios da Rua do Ouvidor, já não compreendia a atitude do artista morrendo de fome ou sacrificando tudo pelo ideal literário.

> E a civilização que é, em summa, o conforto do corpo, o conforto da alma, o equilibrio fundamental para a eclosão da belleza e das idéas creadoras, estende com estas viagens o seu germen imponderavel sobre a cidade de S. Sebastião, ainda hontem aldeia de procissões, estreita, sordida e tolamente pretenciosa...
>
> Um cavalheiro com quem outro dia conversava dizia-me:
>
> - Meu amigo, do Rio verdadeiro dentro de dez annos não haverá senão a vaga recordação. As avenidas, a luz electrica, o caés, tudo isso e mais o impeto com que o paiz novo acordou para o progresso, inteiramente

[204] Segundo Levin (1996: 31), *o conceito de decadência está associado à noção de degenerescência do mundo e da sociedade, caracterizado quase sempre pelo enfraquecimento da ordem pública, do espírito nacional e da estabilidade política*.

[205] João do Rio, Ideas de Esopo, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar*, 1920: 187.

> modificaram os habitos que eram, com tanto encanto, habitos coloniaes, habitos portuguezes aclimatados. Dentro de dez annos, o Rio terá o dobro dos habitantes, umas quarenta companhias trabalhando diariamente e ninguem reparará nessa mudança de habitos.
>
> Amanhã seremos como esses tremendos transatlanticos em trânsito, e eguaes a todas as cidades (João do Rio, O bem das viagens, In: *Vida Vertiginosa,*1911: 167).

Ao acabarem os cortiços e as pensões baratas, desfizeram-se os agrupamentos boêmios tão comuns no período das discussões abolicionistas e republicanas. Agora, os novos abrigos da intelectualidade carioca eram os cafés do centro. As composições de Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth traziam os novos compassos musicais para dentro dos cafés, alegrando fregueses dos mais desconhecidos aos mais ilustres no Café Papagaio, onde abrigava e animava a vida e a produção dos escritores e jornalistas.

Muitas edições saíram daquelas mesas graças às polêmicas que agitavam a existência pacata da Capital; assim foi com as revistas *Malho* (revista humorística especializada em satirizar os políticos, criada em 1902 por Crispim do Amaral) e a *Kosmos* (revista dirigida desde 1904 por Mario Behring, tendo como editor-proprietário Jorge Schmidt, e que tratava de questões gerais ligadas à arte, ciência, história e literatura). E, rapidamente, no lugar dos cafés que substituíram os botequins do Império, foi a vez dos salões da sociedade,

> - Foi vêr o Tintoretto? Oh! é admiravel!
>
> Na recepção de mme. Alice Gomensoro as conversas espalham-se pelo salão côr de rosa.
>
> Mme. Alice tem cincoenta annos passados, entrega-se ao sport da caridade com um *entrain* admiravel, e reune em sua casa, uma vez por semana, a mais curiosa e variada sociedade.
>
> Toda quinta-feira, a virtuosa dama exhibe ao grupo dos permanentes e dos effectivos, um numero sensacional e um extra de grande effeito; e, quando arranja dois na mesma noite, os seus olhos compassivos parecem dizer: - Ahi têm, meus filhos. Foi o que se poude arranjar num paiz essencialmente agricola! (João do Rio, A ultima novidade, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 132-133).

dos clubes, onde se realizavam reuniões fechadas, dos teatros, dos cinematógrafos, dos cassinos. Em vez do café surgiu a moda do chá. Assim é que encontramos João do Rio comentando:

> A civilização do Brasil divide-se em duas épocas: antes e depois da Avenida Central. Entre a rua do Ouvidor e a Avenida vai uma distância assim como de Sabará a Marselha (João do Rio, Frases, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar,* 1920: 115-116).

Contudo, as reformas urbanísticas no Rio deram um golpe nos habitantes, fossem eles desempregados, trabalhadores de rua, intelectuais, artistas, donos de pequenos estabelecimentos. Os intelectuais que fizeram a campanha republicana sentiram-se preteridos pelos oportunistas que subiram ao poder e, lançados à margem, muitos se aproximaram das causas trabalhistas (Medeiros e Albuquerque), com inclinações socialistas (Euclides da Cunha e Evaristo Moraes), anarquistas (Elísio de Carvalho). João do Rio, inconformado, escreveu:

> Senti então que estava só, lamentavelmente só, entre pedras que falavam de mortos e pedras que representavam deuses. Do céo azul cahia uma luz amarela e contrariada, luz sem brilho, morna, augmentando aquelle mundo de ruina e de museu. Recuei alguns passos e procurei reflectir. Para que sustos? Não havia nada de anormal. Eu era apenas a victima de um pesadelo com as recordações das salas egypcias dos museus de Londres e do Cairo. Sim! Agora reconhecia as antiguidades predynasticas, os hieroglyphos, os sarcophagos, as múmias de homens e de bichos, os reis populares, os deuses, os stélos pintados. mais adiante estava a deusa do fogo Sekhet, e eu via esses deuses assustadores: Khepára, cuja cara é um escarabeu; Benin, de pescoço esgalgado como uma cegonha, e a serpente de azas Nekebet, e Ta-hu, a vacca em pé, e Meh-urt, a vacca da maternidade, e para a direita uma legião de figuras da deusa Hator.
>
> - Olha para trás! ordenou uma voz tremenda:
>
> Olhei. Agudo e esguelhante, o deus Anubis, o deus dos mortos, acompanhado dos quatro deuses das principaes partes do corpo; Mesthá, de barbicha aguda; Hapi, com uma cara de cachorra feliz; Qebhoessouf, Tuamutei, milhafre enojado. Mais ao longe, entre múmias de gatos, Bast, o gato, deus do oeste, e o galope ardente de Ram de Mendes...
>
> Oh! Eu sabia todos os nomes daquelles deuses! Os nomes e as historias complicadas. A minha tristeza vem desse desejo de conhecer deuses que são os sentimentos das gerações. Cada vez se sabe menos, porque cada vez é mais a mesma coisa. Mas esses deuses da beira do Nilo, o exercito acompanhador de Horus, de Osiris, de Isis, deixaram-me a sensação do esmagamento moral. O seu eterno sorriso, sorriso que provoca – nos labios, nos focinhos, nos bicos, parece ressurgir do fundo dos tempos a dizer o desalento de um para que? universal. E eu conheci-a todos, conhecia até mesmo o enorme, o monstruoso eterno sorriso de todas as esphinges.
>
> - É preciso fugir desse pesadelo! pensei.
>
> Mas como esbarrasse num deus ou num rei colossal, que sorria sarcástico, vi por trás delle surgir a figura austera de um preto austero.
>
> - Oh! desculpe.
>
> - Sou eu quem pede desculpa.
>
> - Deserta o trecho da eternidade?
>
> - De facto.
>
> - Está o senhor patrioticamente estudando as origens do Brasil actual?
>
> - Perdão. Estou no antigo Egypto.
>
> - Exactamente. Sou um pouco posterior as dynastias. Mas conheço bem.
>
> - Com quem tenho a honra de falar?
>
> - Com Servulus, o eunucho da rainha da Ethiopia.
>
> Curvei-me. O eunucho da rainha da Ethiopia fôra em vida d'alma decidida.

Os espiritos christãos queriam conquistar-lhe a fé, mas por causa da rainha e ainda mais por causa da Ethiopia. Daquelle eunucho, reluzente de negro, ministro, inspirador da majestade opulenta, dependia a conversão de milhares de almas. O eunucho ouvia, indagava e reservava-se. Mas um dia, com espanto de Felippe, que andava a catechizal-o, o eunucho da rainha da Ethiopa parou:

- Pois cá temos agua. Acabemos com isso. Nada impede que me baptizes.

Felippe olhou o rio meio espantado.

- Se crês, é possivel...

- Creio, disse o eunucho com decisão, que Jesus é filho de Deus.

Depois mandou parar o carro, desceram os dois á agua corrente e Felippe baptisou-o.

Esse exemplo de resolução, de coragem dos seus actos, ficou eternamente guardado nos *Actos dos apostolos*. O meu encontro era, assim, veneravel. Ao mesmo tempo sentia-me diminuido. O eunucho da rainha da Ethiopia, sorriu, compreendendo.

- Rapaz, fez elle, sabes que sou decidido e franco. Ora, ultimamente, lendo por acaso os jornaes da tua terra, notei a moda de aproximar o Egypto e o Brasil, e vim até ella por instincto de observação. Dessa observação é que nasce a minha affirmativa. O Brasil é um paiz fabuloso, vivendo no governo as predynatias do Nilo. Que vês aqui?

- Deuses pavorosos, reis assustadores, sorrindo mysteriosa e terrificamente.

- E que vês tu no governo da tua terra? Homens que sorriem, como a careta de Tutmés ou o focinho da deusa Hator. Todos sorriem. Sorri Wencesláo, sorri Alexandrino, sorri o Faria, sorri o Lauro Müller, que parece o deus Horus de sobrecasaca; sorri o Antonio Carlos, sorri o estupendo Bezerra, sorri o Maximiliano, sorri o poeta Magy. Estão todos sorrindo não se sabe de que e por que. Cada sorriso desses homens vivos corresponde ao sorriso de um destes deuses de pedra ou de um destes reis pintados. Maximiliano é o Ram de Mendes. Wencesláo é o sorriso do Osiris de Thebas. Bezerra sorri como Ta-hu. Anciosos, os homens desejam saber a significação dramática desses sorrisos e, por entre sorrisos de pedra, que lembram a allucinante avenida das esphinges de Karnac, nenhum desses sorrisos é voluntario, exprime alguma coisa, quer alguma coisa.

Como todos os mortaes cheios de vã curiosidade, já desejaste decifrar o sorriso unanime do Egypto morto? Já interrogaste o rictus das minias desenterradas, a contracção das faces nas pinturas, o riso de todos esses monstros de granito? Já indagaste das velhas esphinges, ancillas eternas desse gesto? Algum tempo depois de os frequentar, em vez de horror grego: "decifra-me ou devoro-te" – não existe nada, absolutamente nada, por trás desse sorriso apavorador. Os animaes não queriam nada, os deuses nada desejavam, os reis não comprehendiam. Deuses, reis, bichos, sagrados, eram creações de um povo de escravos indecisos, á espera que o boi Apis entrasse por uma ou por outra porta para saber se seriam felizes ou infelizes. A indecisão formou o povo do limo das correntezas e as areias movediças. Com medo elles se defendiam sorrindo. E ao immensos tumulos, e os eternos embalsamentos eram o medo deste mundo e o medo do outro ao mesmo tempo, mesmo depois da morte, o terror dos actos, o panico monumental. Egypto! Sorriso ancioso entre a abundancia e o deserto... Temos dó dessas mumias, dessas pedras que riem. Ellas só têm medo. Nos reis, o medo de serem insultados depois de mortos; nas pedras, o tremor de destruição. Monstros inuteis, apavorados na areia, a rir...

- Eunucho da rainha da Ethiopia, falas como um christão!

- Que teve a resolução como norma da vida e iniciou o baptismo obrigatorio.

- Era fé.

- Era opinião. É o que faz os homens: agir sem fugir ás responsabilidades dos proprios actos. E por isso o teu paiz parece-me agora o reflexo do immenso cadaver do Egypto antigo. Como no tempo em que um rei apavorado construia Karnac, os escravos agitam-se carregando pedra sem protesto. E nas altas camadas, o medo enrosca as aspides da intriga. Ninguem manda, todos mandam, ninguem tem medo e todos têm medo, todos se julgam capazes, julgando os outros incapazes na incapacidade geral. A indecisão e o pânico, com a propria vida de todos vocês, e a angustia de querer parecer maior na ondulação arenosa do nada.

- É de mais!

- É verdade. Para haver um paiz é preciso em primeiro logar – autoridade cercada de respeito,e a autoridade que se distribue por quem merece, não recua diante das responsabilidades e sabe o que vai fazer. O principio da autoridade não existe. O rei da dynastia mineira, que parece governar, só tem uma idéa; não ter responsabilidade. Assim, cada um pensa na sua pessoa, com a vontade de desmoralisar a que está mais proxima. Clamam todos, gritam todos e, para os que passam de largo, a leitura dos jornaes faz pensar que habitamos a cidade do crime num perpetuo carnaval de ladrões.

Ha milhares de problemas a resolver. Como resolvel-os, se a indecisão e o medo ás acusações tornam tremulas as mãos e vesgos os olhares? Bem, muito bem, cada vez melhor. Ninguem se acha com animo de luctar por uma idéa. Para que? A insistencia desencadearia o desespero das topeiras. Não há um pensamento que não se prenda immediatamente á policia na proporção assustadora das acusações impunes.

Pergunta o que pretende fazer a um ministro. Ele não t'o dirá. Porque não sabe. Pergunta ao transeunte. Obterás a mesma resposta. Vivem todos á espera, fazendo da vida uma loteria. Em vez da collectividade solitaria – almas hostis na ancia de vez de escapar. Pódes dizer quando o teu rei pensou dois dias da mesma maneira? Pódes dizer de ha governo na tua terra? Pódes determinar a directriz e o programma do governo? Uns não fazem programma porque não sabem; outros porque seria inutil. É o dominio do absurdo, é a vida normal da extravagancia, é o disparate-canon. Assim, o povo tambem não trata e não consente que tratem da sua vida – levado pelas palavras cada vez mais ignorantes, esquecido de ver as origens. E assim tu tens o verdadeiro Egypto de Keops. Em baixo, os escravos, sem opinião, muito cansados, erguendo as maõs e achando bom tudo o que os de cima não fazem. Em cima, os deuses inventado por elles, deuses que se multiplicam inuteis, sorrindo o medo do seu immenso vasio, sob a asa velha da indecisão, encarnada em Wencesláo Osiris... E em baixo, em cima, todos, escravos e deuses, á espera de ver se o boi Apis entra por Goyaz ou sae, para que haja dinheiro pelo matadouro de Barretos...

- Sinto que o senhor não tenha...

- O que falta no teu paiz moralmente. Mas nem tudo é possivel ter! concluiu o estadista, legendario.

O desrespeito do eunucho da rainha da Ethiopia era evidente. Com toda a sua autoridade sagrada, o seu ar afirmativo merecia um artigo insolentissimo em resposta. Não pelo Egypto, mas por nós, pelo Brasil. Abandonei-o no salão com a superioridade de um dos nossos estadistas quando lhe falam de coisas difficeis. E vim pelas salas apressado. Mas agora os monstros que sorriam tinham dois nomes, e eu via Sekhet-Faria, Benin-Antonio Carlos, Bast-Bernardo Monteiro, Tuannetef-Magy Salomão. Quando recuava da Ta-hu-Zé Bezerra, acordei. Era tempo. Já ao longe vinha a galope Meh-urt-Pires Ferreira.

E ainda agora penso nos insolentes contrasensos do ministro da rainha da Ethiopia ouvidos por uma noite de pesadelo egypcio (João do Rio, As opiniões do ministro da Ethiopia, In: *No tempo de Wencesláo*..., 1917: 305-313).

Porém, essas diversas propostas de convivência dos intelectuais com a vida política brasileira oscilavam à medida que se estabelecia um sistema oligárquico de poder, e a nova ordem consolidava as instituições republicanas. Estas oscilações foram percebidas no isolamento e na resignação de alguns, no inconformismo de outros que reagiram contra seu próprio abandono, e no ajustamento daqueles outros que buscaram dar outra utilidade ao homem ilustrado.

> As camadas cultas, no fim do século XIX, permaneceram ilhadas, impotentes os seus elementos para se realizarem como tais: daí as saídas espontâneas, ou a do gosto da arte pela arte, a arte cultivada por si mesma, como afetada forma de distinção, despojada de função social, ou a dispersão na boêmia, que pretende copiar, ainda nisso, formas externas, ocultando o orgulho ferido, que se refugiava, por vezes, também, na erudição isolada e inócua. Tudo revelando a ausência de público para as criações. Daí a preponderância da vida literária sobre a obra literária e o esforço de congregação que se resolve com a fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1896, correspondendo, na sua tendência à seleção e ao brilho social, à tentativa de suprir aquilo que a ausência de público impedia fosse proporcionado aos que se davam às letras (Werneck Sodré, 1981: 52-53).

O século começava mal e a literatura foi fazendo desses assuntos, os sociais, o tema de suas ficções. Entretanto, a tentativa de transpor para a ficção os problemas em que se debatia o país foi de fraco alcance, a maioria das obras servia ao deleite, deixavam-se ser, os autores, conduzidos pela imaginação, sem aquela urgência inadiável de debater os problemas eternos. As grandes questões do destino humano deixaram-se ficar na superfície da vida, como as crônicas editadas em jornais da época - *Eu faço, meu caro amigo, como esta corajosa e invencível sociedade. Diante da esmagadora realidade, refugio-me na fantasia* [206].

> Sociedade refinada com a presteza com que se abriram as avenidas, tendo mal preso o esmalte encobridor do selvagem, o carioca elegante dá-me a impressão de um touriste da Agencia Kook cerebral. Para o europeu, é um exotico, mas a sua raiva, o seu delirio, a sua nevrose é tomar a atitude européa e procurar o exotico, gozando por partes mas apressadamente os aspectos da Babel humana. Dahi esse cansaço continuo, esse bocejo permanente e a intermitente furia de novidade o sacode. O exótomato não admira seguidamente, pasma cinco minutos, obedecendo uma corrente, e volta-se cinco minutos depois para elogiar a coisa mais reles que lhe chicoteie os nevros. De repente, sem que se saiba, como apparece um decreto sem rubrica: - É preciso ter paraventos japonezes em casa. Todo cidadão elegante é obrigado a ter no seu porta-bibelots falsificações de Tanagra. É de máu gosto o homem que não achar o *Romershalm* o drama mais claro e mais plausivel da literatura dramática desde Sophocles até Sardou. E,

[206] João do Rio, In: *Pall-Rio de José Antonio José*, 1917: 167.

> immediatamente, não ha sala sem paraventos japonezes, porta-bibelots sem pequenas estatuetas, e a "ibsenite" grassa com a violencia da "grippe". Ninguem comprehende, ninguem discute. Foi decretado (João do Rio, A ultima novidade, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José,* 1917: 136).

A arte era a manifestação do bem-estar social, ofício quase recreativo de quem não se deixava empolgar nem se possuir pelas ideias e preferia brincar com elas para distrair os leitores. Como os *flaneurs* que passeavam pela literatura, alguns com talento, outros nem tanto, mas sorrindo para a sociedade. Se houve apreensão ou sofrimento, as obras se concentraram em ensaios morais e científicos, sociológicos e políticos numa preferência imposta pela utilidade imediata.

> A paisagem pintada é muito mais agradável que a natural. Sobra na primeira o que não existe na segunda: a intenção. Talvez por isso certas paisagens naturais chegam a ser toleradas quando lembram o estilo de um pintor notável. As da Beira e as do Douro por exemplo, que parecem copiadas às telas de Corot (João do Rio, Alma patriota, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar*,1920: 65- 66).

João do Rio passeava pela elite burguesa que seguia modelos culturais ingleses e franceses, estava preso a uma forma acadêmica de produção literária, pontificada pela supremacia dos modelos clássicos europeus. Mas, mesmo assim, criticava:

> Mais irritante do que um socialista só um burguês respeitável. O segundo é a violência do primeiro virada em *pot-au-feu* do direito. O socialista arremete e deixa-se enganar. O burguês recua e engana os outros. Um é o assalto ao bem-estar, o outro é o eunuco do bem estar. Ambos, porém, se confundem na incapacidade de compreender (João do Rio, Alma patriota, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar*, 1920: 62).

João do Rio era a própria imagem do refinamento – como todo aquele que assumia a atitude literária peculiar no Rio nas primeiras décadas do século XX -, incorporava a influência europeia, estilo que denotava o gosto pela ostentação e rebuscamento, numa linguagem que pretendia reger as regras do pensar, preservando o exemplo dos clássicos e exagerando no tratamento das questões relativas à etimologia e ortografia.

Era o repórter que manifestava dons superiores de observação, mas com todos os defeitos incutidos pelo hábito do jornalismo da época: estilo enfeitado, cheio de

estrangeirismos, de modismos literários e do vocabulário científico usado desde Aluísio Azevedo, além do desejo de armar efeitos [207].

> As novidades nos hábitos alimentares, nos costumes domésticos, nas normas de comportamento e no vocabulário, encontraram no Rio de Janeiro um lugar ideal para que fossem adotadas e, ali, proliferassem. Também por ser uma cidade porturária, ou seja, uma zona de comércio, a capital da República oferecia um ambiente ideal para que ocorresse uma aproximação com outras culturas, espontaneamente. A aventura neo-imperial do comércio criara, pelo mundo, as "zonas de contato", e, os cariocas receberam, em mãos, os elementos concretos básicos para um processo de hibridização cultural, a partir do relacionamento centro-difusor, centro-periférico (Hanna, 2006: 352).

Fazia dos fatos da política, da sociedade e das pessoas da rua sua narrativa, característica de uma crônica social misturada a considerações filosóficas, sociológicas, com frases de espírito, e cheias de recordações literárias.

> - A moral tem o valor de ser barata. É uma vaidade de julgamento, a preços permanentes de liquidação, o artigo feito a *bom marché*. Um *dandy* tem o trabalho de escolher o tecido e o estilo da sua gravata. Um homem qualquer usa qualquer gravata. E ambos estão de gravata – o essencial para uma sociedade que tem preconceitos. Os filosóficos são os *dandies* morais. Os fabulistas vestem na liquidação. E por isso excelente amigo, as nossas fábulas estão fora de moda! (João do Rio, Ideas de Esopo, In: *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar*, 1920: 194-195).

Era a figura do *dandy*, aquele que privilegiava as relações de luxo e divertimento, superior elegância nos trajes – usos de luvas, chapéus, monóculos, charutos, cigarrilhas, cravos à lapela e as etiquetas.

> Como estamos em pleno inverno – (não parece, mas é verdade) – e já lobrigamos á noite cavalheiros de *paletot* e luvas, achei de rigorosa actualidade consultar a respeito da moda masculina Jacques Pedreira, o encantador filho familia da boa sociedade.
>
> Jacques Pedreira não é um talento analytico. É um producto espontaneo do meio em que vive. Age com o faro do instincto. Seria um idiota se fosse pedir *interviews* a Jacques. O famigerado rapaz não diria nada. Em compensação, com habilidade, na mesa de um *restaurant*, fazendo-o falar, obteria a *jeunesse dorée* da Moda e seus corolarios.
>
> Assim, quando outro dia o encontrei, tive repetidas exclamações admirativas, que lhe dão prazer.
>
> - Jacques! Estás explendido! Mas que linha! Este laço de gravata é uma philosophia!
>
> Jacques sorriu.
>
> - Qual! Com a guerra, precisamos notar que tudo mofa. *Enfin on est um peu defraichi*... Veja V. Não há gravatas novas ha dois annos. Temos

[207] Pereira, 1988: 270.

> que usar o typo Doucet, impertinente porque todos usam, ou os mesmos *petites noeuds* do Tramlett e os *noeuds marins* Mülemkamps. Assim, as botas depois do escandalo a que chegaram... Os figurinos são os mesmos.
>
> Olhei Jacques. Tinha o cabello todo para cima, muito lustroso e bem penteado. O rosto barbeado de fresco apresentava uma camada de pó d'arroz adhesivo que se prolongava pelo pescoço. Os lábios eram rubros e os olhos com olheiras taes que eu pensei no henné, em grego *pheheotalmon*. O collarinho quebrado e de ponta aguda, era como levemente erguido por uma gravata sombria, mais ou menos côr de cobra.
>
> Antes de detalhar o resto, indaguei com a intimidade de alguns pedidos urgentes satisfeitos quasi com urgencia.
>
> - Pozeste a perola do padrinho no *prego*?
>
> - Puz.
>
> - Estás á espera de um daquelles esplendidos alfinetes da colleção do Olegario Marianno?
>
> - Não. A perola foi para o *prego* por inutil. A Moda aboliu os alfinetes de gravata, mesmo em New-York.
>
> - Que me diz?
>
> - Ninguem mais usa alfinete de gravata.
>
> Depois dessa importante informação, continuei o exame do meu jovem amigo. Notei que o casaco era curto, fechado por dois botões que o puxavam (ao casaco) para a frente de maneira a formar acima do ventre uma pequena barriga de kangurú. As calças, bambas nas coxas, ficavam muito acima dos sapatos, da côr das meias de seda que eram côr d'oiro velho. Dos punhos dobrados de uma camisa lilaz surgiam as belas e brancas mãos desse rapaz trabalhador – com as unhas ovaloides brunidas e eu iria dizer artificialmente carminadas.
>
> - Usa agora anneis?
>
> - Só no dedo grande. Anneis artisticos. Nada de pedras. Ouro fosco-platina. Com o brazão na mão esquerda.
>
> - O brazão dos Pedreiras?
>
> - V. sabe que eu sou de boa familia.
>
> - Apoiado.
>
> Houve um silencio. E para cortar o silencio, considerado pelo philosopho o maior insulto, indaguei:
>
> - Como vão as conquistas?
>
> Jacques abriu-se com especial descrição dos rapazes cariocas de boa familia. A sua vida era incrivel de trabalho. Sahia áquela hora do dia porque o pae o obrigava. A existencia porém começava nos chás (João do Rio, Moda masculina – Palestra – Figurino, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 98-101).

Na escrita sua preocupação era com a *boa gramática*, com a forma da palavra, sua flexão e sua estrutura, com a posição dos pronomes átonos – *essa persistência é muito significativa porque a colocação à portuguesa era cobrada com fanatismo, sobretudo a partir de 1880, quando as regras que regem a matéria foram corporificadas* [208]. A tendência era ao laço convencional que influenciava os estudiosos da época, os escritores mais prestigiados desejavam alçar à condição de modelos da

[208] Pimentel, 1986: 34.

língua, à altura dos portugueses, e poucos eram os indícios, escassa a documentação para a configuração do português do Brasil [209].

> Na peregrinação pelos templos de Deus Futuro guardo como originaes uma casa de cartomancia na rua do Ouvidor entre modistas do tom e a elegancia maxima, a Ceguinha vidente de rua da Misericordia, a Rosa que olha n'agua e é astróloga, Mme. de F. somnambula numa rua paralela á praia de Botafogo, a Corcundinha da rua General Camara e a exquisita Mme. Mathilde do Cattete.
>
> A Ceguinha tem a face macerada e é a exploração de quatro a cinco. Vive numa cadeira, com os olhos cheios de pús. O grande Deus fez-lhe a treva em torno, para melhor ler a sorte dos outros nos meandros do céo. Dizem que os agentes da policia vão lá para saber o paradeiro dos gatunos e que os gatunos tambem vão a ver se escapam. Immovel como um santo indiano á porta da immortalidade, a Ceguinha com a mesma ductilidade, desvenda-lhes o Futuro. A's vezes apparecem senhoras. A Ceguinha curva-se, e pinta o Destino com a mesma calma dolorosa.
>
> A Rosa, com as fontes saltadas, o que em magia se chama cornos de Moysés, é um assombro de observação. Esse exemplar unico de astrologia conhece mesmo algumas praticas antigas. Quando fomos procurar, olhou-nos bem.
>
> - Porque veio, se nunca acreditará?
> - Estou numa situação difficil.
> - Ouça a voz de Deus.
> - Mas a minha alma soffre.
> - O homem tem muitas almas...
> - Mas se posso saber o futuro n'agua?
> - A agua é onde se se miram os astros que têm a vida da gente.
> - Como se consulta?
> - Vendo... Alguns astros de outr'ora não têm mais importância hoje: outros receberam-lhe a força. Os meus horoscopos são certos; o Destino ordena-me. Mas eu só falo com os homens que a dór faz tristes e crentes.
>
> A Corcundinha, discipula de uma Josephina, tem uma fama tão grande que chega a deitar cartas por dia, ás vezes para mais de cincoenta pessoas. Cada consulta custa cinco mil réis e ella só annuncia cousas lugubres.
>
> Mme. de F... esteve na Inglaterra; em estado natural discute o psychismo e quando somnambulizada apparece numa tunica preta. Dizem que predisse os acontecimentos da nossa policia e prevê um futuro desagradavel da penitenciaria brasileira com o Perú. É lugubre. A roda que a frequenta, dá-se como ultra chic.
>
> Mme. Mathilde, a cartomante do high-life, já teve criados de casaca e possue uma linda galeria de quadros. De todos os templos, o dessa senhora é o mais excentrico. Mme Mathilde, para os intimos a princeza Mathilde, é uma creatura que falla com volubilidade.
>
> Ha alguns annos foi a Paris, onde estudou com Papus e Mme. de Thèbes. Conhece a cartomancia, a telepathia, o somnambulismo, a metaphysica das estrellas, a chiromancia, cousas complicadas de que faz uma interessante confusão. Além de tudo isso, a princeza é critica de pintura e interessa-se pelo movimento universal. Quando me annunciei, a agradavel dama mandou illuminar o seu salão de visitas, e entre as colchas japonezas, os quadros de valor, os *bibelots* do Oriente e as pelles de tigres, fez a sua apparição.
>
> Vinha de vestido vermelho, um vestido de mangas perdidas, donde os seus braços surgiam côr de ouro, e vinha com ella a essência apitosa de

[209] Id., ibid., p. 35.

> vinte frascos de perfume. Mme. Mathilde embalsamava. Deixou-se cahir num divan, passeou com as mãos pelo ar e disse:
>
> - Estou cançadissima. Se não me mandasse dizer quem era, eu não o teria recebido. Sympathizo com o seu ser.
>
> Curvei-me commovido.
>
> - Não podia falar das sacerdotisas do Futuro, sem ouvil-a.
>
> - Já tem percorrido os templos do grande Deus?
>
> - Alguns. Visitei oitenta, e ha para mais de duzentos (João do Rio, As Sacerdotisas do Futuro, In: *As Religiões no Rio*, 1906: 187-189).

Além desses aspectos, percebe-se na maioria dos excertos de textos do autor apresentados como exemplo nesse trabalho, o tom retórico para tornar mais viva, mais enérgica ou mais compreensível a tentativa de captar a realidade e, na separação, mediante o uso da língua, entre o plano do autor e da personagem – admitindo-se neste marcas da oralidade [210], – pouco se recolhem traços indicativos precisos da oralidade de então.

Observa-se, também, que suas obras editadas mesmo no Brasil, depois da reforma da ortografia, não atentaram para as alterações publicadas pela Academia Brasileira de Letras - Reforma Ortográfica Brasileira, 1907. Parecia não importar ao escritor, ao leitor brasileiro, ao mercado editorial, que as obras seguissem as ideias ortográficas portuguesas. Fato que não verificamos no jornal, pois a análise que seguimos é das crônicas das obras mencionadas.

Então, contrariando a Reforma Ortográfica Brasileira de 1907, o *h* no meio das palavras não foi eliminado da maioria de seus textos publicados no Brasil (como a Regra Terceira da Resolução firmava que deveria ter sido – salvo quando se tratar dos grupos *ch, lh* e *nh* [211]). Nem os *cc* que não deveriam aparecer duplicados quando soassem do mesmo modo, salvo *os cazos em que se empregam ss e os rr dobrados, os pronomes elle, ella e seus derivados* [212] (Regra Sexta).

Não se escreveria *ch* com o som duro de *c* (*nos cazos em que tal som era atribuido a esse diagrama, será elle substituído ou por c, antes de a, o e u, e todas as consoantes, ou por qu, antes de e e i* [213]*).*

Nenhuma palavra se escreveria com consoante que não tivesse o valor (Regra Sétima – *em vez de actico, anecdota, augmentar, alumno, gimnasio, optimo, these, sciencia, etc., escrever, ativo, anedota, aumentar, aluno, ginazio, átimo, crescer,*

[210] Pimentel, 1986: 32.
[211] Aguiar, 2005: 109.
[212] Id., ibid.
[213] Id., ibid.

*ciência, teze, etc* [214]), etc. Também, *as palavras que alguns autores escrevem com e e outros com inicial i, como edade, egreja, igual, devem sempre escrever-se com i* (Regra Primeira, segundo corolário [215])

Em seus textos veem-se: *inconprehensivel, ahi, reflectir, luctador, appaludirem, distincção, janela, direcção, philosophia, baptisou, immortal, occasião, phisionomia, opposicionista, machina, apparecer, soffre, asthmatica, gotta, commovido, intelligencia, triumphos, official, suggerido, annunciei, applaudiu, collectoria, commigo, cathedral, chiromancia, egreja,* etc.

Não foram eliminadas por completo o uso das letras *k*, *y* e *w* das palavras, como regia a Regra Segunda da referia Reforma: *O typo de hoje é perdulario sem fortuna..., ... os exercicios physicos preocupam..., ...começou a vender poules por um novo systema...* – exemplos, esses, retirados da obra *Vida Vertiginosa*.

Na obra *Pall-Mall Rio*, publicada no Brasil em 1917, pela editora Villas-Boas, encontram-se palavras grafadas em desacordo com a Reforma já nas primeiras páginas: *annos*, *admittia*, *conflicto*, *apparecia*, *appliquei*, *plethora*, *preoccupações*, *tagarella*, entre outras. Como na obra *No tempo de Wencesláo...,* 1917, editora Villas-Boas (Rio de Janeiro): *annuncio, dymnamização, anno, opostos, instructiva, commum, philosopho, escriptor, estylistas, assignou, synthetizou, desapparelhou, aumento, cabellos, difficulta, lyrico, typo, intelligente, pathetico, etc.*

Também na obra *A Alma Encantadora das Ruas*, publicada pela Garnier, em 1910 (Rio de Janeiro), um número maior de palavras segue as regras da ortografia, mas, ainda, encontram-se: *calumnia, exactamente, simpathia, theatro, attentei; abysmo, conjuncto, cathedral, metallicas, phantasticas, etc.*

Na obra *Vida Vertiginosa*, também editada pela Garnier, em 1911, encontram-se palavras assim grafadas: *machina, escriptores, acção, apparecer, apparição, indifferença, analyso, phantasista, facto, approximei-me, pennas, immensa, accentuar,* etc.

> Aqui, entre nós, desde o Brasil colonia, foi elle o incomparavel auxiliador da formação da cidade e depois o seu animador. O burro lembra o Rio de antes do Paraguay, o Rio do segundo imperio, o Rio do começo da Republica. Historicamente, approximou os pontos urbanos, conduzindo as primeiras viaturas publicas. Atrelaram-no á gondola, prenderam-no ao bonde.

[214] Aguiar, 2005.
[215] Id., ibid., p. 108.

> E elle foi a alma do bonde durante mais de cincoenta annos, multiplicando-se estranhamente em todas as linhas, formando familias, porque eram conhecidos os burros do jardim Botanico, os lerdos burros da S. Christovão, os magros e esfomeados burros da Carris (João do Rio, O ultimo burro, In: Vida Vertiginosa, 1911: 327).

Em outro texto:

> Toda noite choveu e chove o dia inteiro! Chove tanto no Rio de cada vez, que é melhor não sair de casa, e ficar, ou admirando a agua que cae, ou falando ao telephone.
>
> É prazer falar ao telephone, com pessoas que são agradaveis. O telephone serve para algumas lamentaveis e despreziveis creaturas que têm a obcessão da carta anonyma delle usarem como porta-voz de lama. Mas tudo tem compensação.
>
> - Alô! Está lá?
>
> É uma informação. O grande chá-dansante em favor de uma obra de caridade realiza-se no dia 1º de agosto no Club dos Diarios. Bilhetes, consumação – cinco mil réis. A commisão é de distinctas senhoras: a Sra. Antonio Carlos Andrade, a Sra. José Bonifacio de Andrade, a Sra. Azevedo Sodré, a Sra. Tasso Fragoso, a Sra. Ruy Barbosa, as Sras. Hasselmann, a Sra. Ildefonso Dutra, a Sra. Eugenio de Barros, a Sra. Cruls, a Sra. Macedo Soares, a Sra. Elpidio de Mesquita, a Sra. Monteiro de Castro, a Sra. Sanchos de Barros Pimentel.
>
> - Mas é um chá a que devem comparecer os politicos!
> - Comparece toda gente.
> - E como novidades?
> - A Sra. Stella Ramos que diz o verso maravilhosamente, e a Sra. Bebé Lima Castro, que produzirá com sua grande arte, um recital lyrico.
> - Afinal, com estas festas de caridade, os privilegiados somos nós.
> - Por que?
> - Porque temos o prazer de ouvir e vêr o que, sem pobres de caridade, seria impossivel.
>
> Riso. Phone.
>
> Fico a olhar a agua a cair, num grande e santo baptismo de que a cidade é vasto beneteiro. Que dirá o Sr. Leite Ribeiro? E vendo cair a agua eu penso na agua como baptismo.
>
> A agua lustral, já o dizia S. Basilio, o Grande, chegou á Igreja, por tradição, tácita. Desde que o homem viu a agua, que a achou veneravel e nella quis lavar os seus peccados. Depois da India, depois do Egypto, depois da Grecia e de Roma, a Biblia chegou ao mesmo principio religioso de todos os povos: o espirito de Deus plana sobre as aguas. Emquanto Foestus, em Roma, explicava das syllabas *a qua*, isto é, em latim, fórma *pela qual* nós existimos, o livro dos livros affirma que o céu e a terra surgiram da agua, e Santo Agostinho, na *Cidade de Deus*, diz que tudo a principio foi formado e nutrido pela agua. Os scientistas do seculo XIV descobriram isso depois, com extraordinario apparato.
>
> A agua foi assim para a religião que a sagrava: o renovamento no elemento primordial.
>
> Quando chove no Rio, não aparece o renovamento primordial?
>
> - Novo telephone.
> - Mas quanto tempo demorou! Essa ligação era de amor?
> - Era de caridade.
> - Por si?
> - Pelos pobres. Então que ha de novo?

- O lidissimo jantar da Sra. Reingantz, mais outro banquete do diplomata Rangel de Castro, que sempre gentil, os passeios matinaes, caminha da ducha, pela Beira-Mar.

- Mesmo com chuva?

- Quando não chove. Todas as senhoras elegantes fazem agora o *footing* matinal. Você anda num atrazo! Esteve na conferencia da Chenu? Viu o patrootismo? Estava aquella senhora...

- Não diga o nome porque ella fica zangada.

- Mesmo pelo telephone?

- Ha publicidade maior que a do telephone? É peior que um jornal. Tem até os descomponendas anonymas dos "a pedidos".

- Então deixe publicar pelo telephone que o minueto do dia 4 vae ser uma belleza e que a ilustre senhora Alberto de Queiróz terá na peça de Roberto Gomes mais uma occasição de mostrar a sua sensibilidade d'arte.

Silencio. Phone. Continúo a olhar a agua. Lembro o ritual wisigodo, em que palpitam as evocações egypscias: "Onda celeste! Tu lavas tudo e nada te lava. Em ti está o começo. Em ti nos alegramos. São as maravilhas das tuas aguas que louvamos".

Lembro a inscripção da *phiale* d'Aga-Sophia em Constantinopla: "lava os teus peccados e não só a tua cara!" Se saissemos a apanhar chuva.

Mas retine o telephone.

- Quando estréa o nosso Guitry? Curiosidade de quem gosta de vêr a sociedade reunida. Só ha dois mezes para isso: as festas das legações e o Municipal. Porque são terrenos neutros, onde os pequenos grupos estão á vontade, sem se verem, mas podendo ser vistos.

- Isso é falar mal?

- É verdade.

- É a mesma coisa. E quando partem os diplomatas?

- Não falemos de diplomatas. Só sei da partida remota de um: o Galvão Bueno, que tem aqui importantes trabalhos a prendel-o.

- Você está desinteressante.

- Estou prudente.

- É uma impertinência. A proposito, conhece os olhos da Sra. Ema Pola?

- São pelo menos depois do olho da providencia, e mesmo mais que os "olhos do presidente", os olhos mais falados da terra.

- Admiraveis?

- Hiper admiraveis. Vá vel-os na estréa do vaudeville de Barros Tigre, que com elles deveria ter po titulo: *As fogueiras do amor.*

- Ah!

- Não vê a paixão do noticiario?

Mas continúa a chuva. E continua o telephone. O dia inteiro!

Acabo falando mal tambem, *tesourando*, ouvindo e contando *potins*. Que ha de se fazer, meu Deus, quando chove assim e o telephone chama, chama sempre, indicando pessoas tão aborrecidas como eu estou aborrecido? Ficar em casa quando chove – só com o amor. E o amor é sempre outro ou dos outros...

Saiamos! oh! saiamos! Apanhemos chuva. O telephone faz mal.

A agua da chuva lava tudo. A agua benze, constipa e santifica. É uma idéa antiga para os homens, mesmo antes do telephone.

O interessantissimo rei David, um dos literatos mais comoventes, depois de querer matar a Uria por desejar um amor que de direito pertencia a Uria, escreveu num psalmo:

- Haveis de aspergir-me com o hysope e serei santificado!

Sejamos e aspergidos pela chuvarada. Afinal entre o telephone e a chuva – a chuva é menos perigosa...

E sob o temporal os meus passos seguiram como os do rei David depois de molhado... (João do Rio, Chuva e Telephone, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 196-201).

Na crônica a seguir, revela-se o cuidado na escolha das palavras, não há exemplos da variante popular da língua, na qual poderiam verificar algumas tendências diferenciadas. Quer dizer, por baixo da aparência do progresso, João do Rio metaforizava as dependências culturais [216].

> Na delicia perfumada destas noites de junho, tão reluzentes d'astros, tão alacres de prazeres, ha, no olhar das avós e no olhar das mamãs de todas nós, uma nevoa de nostalgia. Que sentem ellas quando a natureza se offerta cheia de graça e de abandono? Nenhum de nós indaga, nem tempo tem de indagar. Ha um jantar elegante com espaduas núas e casacas, na casa de um titular do Vaticano; a mulher de um alto financeiro espera-nos para não ouvir em qualquer theatro as estrellas viajantes; e talvez, após o theatro, tenhamos um baile do escol, ou – o que é peor! – uma ceia longa com pequenas caras. Como indagar as vagas tristezas silenciosas dos olhos das nossas maiores?
>
> Entretanto, ellas estão tristes e talvez não saibam porque – tristes recordações que ficam presas á vida como os farrapos de um nevoeiro, tristes de nostalgia, a ultima vibração do passado que se faz harmonia presente.
>
> - Então, avó, não quererás vêr hoje a opereta?
>
> - Em junho, pequeno?
>
> E, pobresinhas! ellas são, á beira dos costumes desaparecidos, como os espelhos magicos da saudade. Curvai-vos para os seus olhos. Toda a historia antiga do grande mez dos santos invernaes, modesta, desabotoa nas pupilas de cada uma. Olhai a sua face. A melancolia empalidece-a. Senti o seu coração. Chora de certo baixo, em surdina, ignorando porque chora. E as avós e as doces mamãs de cincoenta annos sentem apenas a mente a recordar o mez de junho d'antanho, - mez de fogos e de frio, em que ellas passaram creanças a pensar nos brincos, moças a penar no futuro noivo, mamãs a temer desastres para os filhos.
>
> Ah! o mez de junho! Santo Antonio, São João, São Pedro, a Senhora Sant'Ana, a pureza dos lares com muito namoro, muitos foguetes, e bailes, e carás e melado, o encanto do céo todo aceso nas pupilas cégas dos balões soltos! Jesus! Ha quanto tempo isso foi... (...) (João do Rio, Junho de outr'ora, In: *Cinematographo,* 1909: 137-138).

## 3.4.2 Como um *dandy*

Sobre o dandismo, isto é, o poder imaginativo do artista diante dos antagonismos da sociedade em formação, ou o foco narrativo quase sempre dissimulado diante das mudanças de seu tempo, é preciso esclarecer sobre o decadentismo: pessimismo europeu diante das desventuras da humanidade, diante da degenerescência do mundo e da sociedade, caracterizado quase sempre pelo enfraquecimento da ordem pública, do espírito nacional e da estabilidade política. Vêm de Baudelaire os traços decadentistas que, da poesia, extrapolaram para a prosa e que foram levados ao extremo pelos

[216] Tindó Secco, 1978: 31

escritores adeptos desse conceito. Era o mal que se encontrava naturalmente na humanidade, enquanto o bem, assim como a beleza, resultava do cálculo e da razão.

A força da razão humana estava em conseguir reformar a natureza conduzindo o ser humano para a espiritualidade elevada. Eram a *toilette*, da mesma maneira que a *maquillage*, dizia Baudelaire, os signos desta superioridade. Segundo este princípio, criar a beleza por meio da moda significava aproximar o insatisfeito espírito humano de um ideal, de um infinito que poderia ser encontrado em todo canto. O caráter transcendente da beleza artificialmente criada contra a vulgaridade da época. Era a figuração do dândi que passava a ter uma conotação positiva, porque encontrava expressão em diferentes formas de escapismo.

> Naquelle dia de lama e frio, á porta de um chá elegante, conversam dois cavalheiros:
>
> 1º Cavalheiro – Decididamente termina o inverno...
>
> 2º Cavalheiro – Ou continua. No Brasil tudo é montanha russa, com altos e baixos. Até a temperatura.
>
> 1º Cavalheiro – E teremos assim concluida uma estação de festas.
>
> 2º Cavalheiro – Pena é que nunca ninguem tivesse compendiado em volume de historia mundana de um inverno carioca.
>
> 1º Cavalheiro (serio) – Seria frivolo?
>
> 2º Cavalheiro (rindo) – Si tu não és totalmente frívolo, toma paquete ou suicida-te. Quem não fôr inverosimel de frivolidade, quem não resolver perder o tempo todo com tudo quanto é inutil, não viverá nesta cidade, dentro de muito pouco tempo. Eu sou frivolo, frivolo á beira do escandalo, e estou alarmado. Em continuando as coisas assim, tremo de saber como poderei ser insignificantemente interessante para o mez que entra (João do Rio, Prefacio, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 7).

Antes de ser mencionado por Baudelaire, o dandismo já havia se manifestado durante o período de 1800, quando o dândi começou a marcar presença nos salões de nobreza inglesa. Esse modelo inglês foi levado à França antes mesmo da metade do século, e sua popularização se deu de início por meio das publicações de artigos traduzidos de revistas inglesas como a *London Magazine* e de livros que tratavam da aristocrática vida britânica.

Lentamente o dandismo entrou em voga e encontrou nos homens de letras, jornalistas e artistas, em todos os desfavorecidos da fortuna, e por vezes fiéis admiradores, o símbolo de que precisavam para justificar o vício refinado. Eram os apreciadores do exclusivismo, embora de difícil acesso, porque era preciso ter fortuna para gastar displicentemente para ter os hábitos requintados do dândi que procurava se

diferenciar pela elegância e pelos cuidados com o vestuário, e também pelos prazeres do tabaco, dos esportes como a equitação, o tiro, a esgrima e a ginástica.

Quando o dandismo voltou a Londres, nos últimos anos da era Vitoriana, desta vez na literatura, foi bastante popularizado pelas criações de Oscar Wilde. João do Rio era um apreciador da literatura wildiana (como da literatura de Zola, Comte, Verlaine, Byron, Guerra Junqueiro; da literatura realista de Balzac, Dostoievski, Eça de Queirós e outros; de Victor Hugo, Théophile Gautier; das peças, contos e crônicas de Artur Azevedo – que lia na adolescência -; das fábulas de Esopo – como todos de sua geração, chegando a inclui-lo em suas crônicas -; dos cronistas parisienses, de Nietzsche – em 1902, José Veríssimo publicou no *Correio da Manhã* um pequeno estudo sobre a filosofia *Zaratustra* -; entre outros autores).

A influência de Wilde manifestou-se em João do Rio antes no tipo requintado, aristocrático, displicente, meio cínico, que o autor brasileiro compôs procurando, até certo ponto, irritar, chocar, escandalizar o meio carioca da virada do século, assim como o autor de *Dorian Gray* o fizera na Londres vitoriana.

Assim se configura o dandismo dentro da obra de João do Rio, estabelecendo uma ligação da literatura com os meios de circulação da elite ilustrada na capital do país. Por meio de sua obra, veem-se os sinais da institucionalização da atividade literária, principalmente na forte tendência para a retórica e para os ornamentos, ao que veio se somar certo academismo comum à época da última produção naturalista. Acrescentam-se ainda os vínculos com a tradição portuguesa, por meio dos quais chegou grande parte da influência europeia, e que romperiam apenas com o modernismo.

> O Brasil viveu, na segunda metade do século XIX, num ambiente social, político e cultural bem diverso da Europa, motivo pelo qual nosso realismo-naturalismo (estéticas difíceis de serem diferenciadas entre nós) foi um movimento de importação, transplantado para a América, em particular, graças aos primeiros romances de Eça de Queirós, escritor português cujo anticlericalismo iria decidir os primeiros romances de Aluísio Azevedo, nosso primeiro naturalista. (...) O caráter esteticista do realismo tomou rumos imprevistos no Brasil, sociedade de cultura rural, com valores arcaizantes e definitivos para a língua, vindo da prosa das décadas de 80 e 90 a coincidir com a plêiade de gramáticos, eruditos da língua, filólogos e com a própria fundação da Academia Brasileira de Letras, nos últimos anos do século, instituição que teria um papel decisivo na corrente "purista que dominou nossa cultura e nossas letras até o Modernismo". As próprias reformas sociais e políticas, como a abolição da escravatura e a República, longe de alterarem esse panorama cultural, vieram a acentuá-lo (...). Na literatura pontificou o vernaculismo, a supremacia dos modelos clássicos portugueses, o desdém

> pela língua falada, a ausência de novas atitudes renovadoras e corajosas como as de Alencar, na década anterior (Preti, 2006: 127-128).

Portanto, a figura que ficou presente naquela literatura, conhecida como *amena*, fruto por via de regra das crônicas sociais, esclarece o cruzamento de duas vertentes que se amarraram no panorama da cidade do Rio: uma satisfeita em conservar a cópia, deglutindo aquilo que estava na tradição, e outra cheia de rebeldia, de crítica social, de inconformismo, mas comprometida com a convivência mundana.

> Os poetas agem quasi ao contrario de toda a gente, têm a fantasia, amam, cantam as amadas com estranhas palavras rutilantes – são anormaes. E tanto o são que não ha nada mais facil que transformar uma escola literaria em certamen de maluquice. Outra coisa não faz Max Nordau na sua *degenerescencia* (João do Rio, Alguns poetas do hospicio, In: *Cinematographo*, 1909: 204).

A figura do dândi brasileiro entra aí, ao mesmo tempo em que mostra a manutenção da regularidade que se satisfaz com o repasse dos traços amaneirados da estética decadentista, sem consciência da condição que o refreia, é um irônico e toma par com o meio da cidade a flanar...

> Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e commentar, ter o virus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por ahi, de manhã, de dia, á noite, meter-se na rodas da população, admirar o menino da gaitinha alli á esquina, seguir com os garotos e luctador do Casino vestido de turco, gosar nas praças os ajuntamentos defronte das lanternas magicas, conversar com os cantores de modinha das alforjas da Saude, depois de ter ouvido os *dilettandi* de casaca applaudirem o máo tenor do Lyrico numa opera velha e má; é ver os bonecos pintados a giz nos muros das casas, após ter acompanhado um pintor afamado até a sua grande téla paga pelo Estado; é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessario ir até um sitio lobrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um para joven cujo riso de amor causa inveja... É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distincção de perambular com intelligencia. Nada como o inutil para ser artistico. D'ahi o desocupado *flaneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessarias, imprescindiveis, que podem ficar eternamente adiadas (João do Rio, A rua, In: *A Alma Encantadora das Ruas*, 1910: 7-8).

Então importa salientar, o golpe de vista desse autor por meio de suas crônicas sobre todas as camadas da sociedade de seu tempo, e sobre a *pretensão a não ser brasileiro*:

> A primeira qualidade pela qual se conhece a pastranice é a pretensão a não ser brasileiro. O supremo chic, a nota verdadeiramente *up-to-*

> *date* é passear pelas avenidas com o ar impertinente dos secretários de legação que proliferam sob o olhar pesquisador do barão do Rio Branco. Ha snobs de todos os gêneros, desde o literario até o policial, mas as variedades tem todas a grande força fundamental de estrangeirice balofa. Se o homem é das letras, acha Coelho Netto insuportavel, e põe o olho em alvo falando de Keats, de Verlaine, de Mauclair ou do fogoso d'Annunzio, que aliás não leu Coelho Netto – porque o snob não lê nem os jornaes, limitando a sua intrução ás figuras *Foemina*, e ás notas mundanas do *Figaro*. Se o snob é policial, acha impertinente o civil e admira o *policeman* e o *agente de sureté*.
>
> - *C'est chic ça, lin? l'agent de surité!* Muito melhor que a secreta.
>
> Um conversinha em roda snob descança o espirito na Região de Parte-Nenhuma. Elles e ellas estão todos estudando atitudes, copiando gestos, e dizendo coisas: - Então, a Renata foi a Paris? – É verdade. Ainda não mandaste fazer as tuas encomendas ao alfaiate parisiense que córta para os príncipes russos?
>
> - Ah! *sweet-heart*, o *collis* trouxe-me os vestidos da viúva Paquin. Que ousadia! É lá possivel usal-os neste paiz! É verdade que é moda agora ir ao Egypto?
>
> E quando chega algum estrangeiro é o açodamento, seja elle quem fôr. Se um cidadão aparecer aqui dizendo-se o fallecido Rhediva do Egypto, tem logo a acolhel-o uma roda *smart*, que terá prazer em se mostrar conhecedora do Nilo, dos antigos coptas, da Esfinge, das piramides – ah! as piramides!... – das avenidas modernas, do cairo... Brasil é que não, nem rachado! (João do Rio, Os snobs e a Exposição, In: *Cinematographo*, 1909: 313).

Inclinado ao retrato social, quando não para a caricatura, João do Rio compôs um painel em que se combinavam impressões sensoriais de toda ordem (visuais, sonoras, olfativas) [217]. À mercê de seu talento ficaram a vida e as gentes do Rio, em tom romanesco e cinematográfico. E quem de suas crônicas toma conhecimento, recupera uma humanidade rica, diferente, inédita e intensamente brasileira.

> É sempre muito grave afirmar a maluquice alheia. Os doidos têm a sua razão como os sãos têm as suas manias e as manias dos sãos, como a razão dos doidos, dão em regra geral um homem normal. Infelizmente, essas condições de normalidade andam quasi sempre separadas. Qual de nós agora, com calma e reflexão, é capaz de considerar um desiquilibrado? Qual de nós não terá bem dissimulado na alma algum vinco mais forte da besta inconsciente? (João do Rio, Alguns poetas do hospicio, In: *Cinematographo,* 1909: 203-204).

Nesta crônica, em que João do Rio argumenta sobre o sentido e a importância do Carnaval - *ha em todas as sociedades, em todos os meios, em todos os prazeres, um nucleo dos mais persistentes, que através o tempo guarda a chama pura do*

[217] João do Rio seguia bem a moda naturalista do maranhense Aluísio Azevedo. Preti (2006: 131) escreveu sobre a inclinação que Aluísio Azevedo tinha para o retrato social (quando não para a caricatura*)*: *levou-o a notações mínimas da realidade, com as quais compôs um painel em que se combinavam impressões sensoriais de toda ordem (visuais, sonoras, olfativas)*.

*enthusiasmo* -, ha trechos de canções carnavalescas registradas como se cantadas pelo povo fossem (marcas da oralidade):

> Oh! abre ala!
> Que eu quero passá.
> Estrella d'Alva
> Do Carnavá!

Era em plena rua do Ouvidor. Não se podia andar. A multidão apertava-se sufocada. Havia sujeitos congestos, forçando a passagem com os cotovelos, mulheres afogueadas, crianças a gritar, tipos que berravam pilherias. A plethora da alegria punha desvarios em todas as faces. Era provavel que do largo de S. Francisco á rua Direita dansassem vinte cordões e quarenta grupos, rufassem duzentos tambores, zambumbassem cem bombos, gritassem cincoenta mil pessoas. A rua convulsionava-se como si fosse fender, rebentar de luxuria e de barulho. A atmosphera pesava como chumbo. No alto arcos de gaz besuntavam de uma luz d'açafrão as fachadas dos predios. Nos estabelecimentos commerciaes, nas redações dos jornaes, as lampadas electricas despejavam sobre a multidão uma luz acida e galvânica, que enlidescia e parecia convulsionar os movimentos da turba, sob o planejamento multicolor das bandeiras que adejavam sob o esfarelar constante dos *confetti*, que, como um irisamento do ar, cahiam, voavam, rodopiavam. Essa iluminação violenta era ainda aquecida pelos braços de luz *auer*, pelas vermelhidões de incêndio e as subidas explosões azues e verdes dos fogos de Bengala; era como que arrepiada pela corrida diabolica e incessante dos archotes e das pequenas lampadas portáteis. Serpentinas riscavam o ar; homens passavam empapados d'agua, cheios de *confetti*; mulheres de chapéo de papel curvavam as nucas á etyla dos lança-perfumes, phrases rugiam cabeludas, entre gargalhadas, risos, berros, uivos, guinchos. Um cheiro estranho, mixto de perfume barato, *fartum*, poeira, alcool, aquecia ainda mais o baixo instincto da promiscuidade. A rua personalisava-se, tornava-se uma e parecia, toda ella polichromada de serpentinas e *confetti*, arquelinar o pincho da loucura e do deboche. Nós iamos indo, eu e o meu amigo, nesse pandemônio. Atrás de nós, sem colarinho, de pijama, bufando, um grupo de rapazes acadêmicos, futuros diplomatas e futuras glorias nacionaes, berrava furioso a cantiga do dia, essas cantigas que só aparecem no Carnaval:

> Ha duas coisa
> Que me faz chorá
> É nó nas tripa
> E bataião navá!

De repente, numa esquina, surgira o pavoroso *abre alas*, emquanto, acompanhado de urros, de pandeiros, de *xequeres*, um outro cordão surgia.

> Sou eu! Sou eu!
> Sou eu que cheguei aqui.
> Sou de Mina de Ouro
> Trazendo nosso Bogary.

Era intimativo, definitivo. havia porém outro. E esse cantava adulçorado:

> Meu beija-flôr
> Pediu para não contar

O meu segredo
A yayá.
Só conto particular.
Yayá me deixe descansar
Rema, rema, meu amor
Eu sou o rei pescador.

E a turba compacta o alarma correu. O cordão vinha assustador. Á frente um grupo desenfreiado de quatro ou cinco caboclos adolescentes com os sapatos desfeitos e grandes arcos pontudos corria abrindo as bocas em berros roucos. Depois um negralhão todo de penas, com a face lustrosa como piche, a gotejar suor, estendia o braço musculoso e nú sustentando o tacape de ferro. Em seguida gargolejava o grupo vestido de vermelho e amarelo com lantejoulas d'oiro a chispar no dorso das casacas e grandes cabeleiras de cachos, que se confundiam com a epiderme num empastamento nauseabundo. Ladeando o bolo, homens em tamancos ou de pés nús iam por ali, tropeçando, erguendo archotes, carregando serpentes vivas sem dentes, lagartos enfeitados, jabotys aterradores com grandes gritos roufenhos.

Abriguei-me á uma porta, sob a chuva de *confetti*, o meu companheiro esforçava-se por alcançar-me.

- Por que foges?

- Oh! estes codões! Odeio o cordão.

- Não é possivel.

- Serio!

Elle parou, sorriu:

- Mas que pensas tu? O cordão é o carnaval, o cordão é vida delirante, o cordão é o ultimo élo das religiões pagãs. Cada um desses pretos ululantes tem por sobo a belbutina e o reflexo dischronico das lantejoulas, tradições millenares; cada preta bebeda, desconjuntando nas tarlatanas amarfanhadas os quadris largos, recorda o delirio das procissões em Byblos pela época da primavera e a furia rabida das bachantes. Eu tenho vontade, quando os vejo passar zabumbando, chocalhando, berrando, arrastando a apotheose incomensuravel do Rumor, de os respeitar, entoando em seu louvor a "prosodia" classica com as phrases de Pindaro – salve grupos floridos, ramos floridos da vida...

Parei a uma porta, estendo as mãos.

- É a loucura, não tem duvida, é a loucura. Pois é possivel louvar o agente embrutecedor das cephalgias e do horror?

- Eu adoro o horror. É a unica feição verdadeira da Humanidade. E por isso adoro os cordões, a vida aproximada, todos os sentimentos tendidos, todas as coleras a rebentar, todas as ternuras ávidas de torturas... Achas tu que haveria Carnaval si não houvesse os cordões? Achas tu que bastariam os prestitos idiotas de meia duzia de senhores que se julgam engraçadissimos ou esse pesadelo dos tres dias gordos intitulado – mascaras de espirito? Mas o Carnaval teria desaparecido, seria hoje menos que a festa da Gloria ou o "Bumba meu boi" si não fosse o enthusiasmo dos grupos da Gamboa, do Saco, da Saude, de S. Diogo, da Cidade Nova, esse enthusiasmo ardente, que mezes antes dos tres dias vêm queimando como pequenas figueiras crepitantes para acabar no formidavel e total incendio que envolve e estorce a cidade inteira. Ha em todas as sociedades, em todos os meios, em todos os prazeres, um nucleo dos mais persistentes, que através o tempo guarda a chama pura do enthusiasmo. Os outros são mariposas, augmentam as sombras, fazem os efeitos.

Os cordões são os núcleos irredutiveis da folia carioca, brotam como um fulgor mais vivo e são antes de tudo bem do povo, bem da terra, bem da alma encantadora e barbara do Rio.

Quantos cordões julgas que ha da Urca ao Cajú? Mais de duzentos! E todos, mais de duas centenas de grupos, são inconscientemente

os sacrarios da tradição religiosa da dansa, de um costume historico e de um habito infiltrado em todo o Brasil.

- Explica-te! bradei eu, fugindo para outra porta, sob uma avalanche de *confetti* e velhas serpentinas varridas de uma sacada.

Atrás de mim, todo sujo, com fitas de papel velho pelos hombros, o meu companheiro continuou:

- Eu explico. A dansa foi sempre uma manifestação cultural. Não há dansas novas; ha lentas transformações de antigas atitudes de culto religioso. O bailado classico das bailarinas do Scala e da Opera tem uma serie de passos de culto brahmanico, o minueto é uma degenerescencia da reverencia sacerdotal, e o cake-walk e o maxixe, dansas delirantes, têm o seu nascedouro nas correrias de Dyonisios e no pavor dos orixalás da Africa. A dansa sahiu dos templos em todos os templos se dansou, mesmo nos catholicos.

O meu amigo falava intercortado, gesticulando. Começava a desconfiar da sua razão. Elle, entretanto, esticando o dedo, bradava no torvelinho da rua:

- O Carnaval é uma festa religiosa, é o mixto dos dias sagrados de Aphrodita e Dyonisios, vem corôado de pâmpanos e cheirando á luxuria. As mulheres entregam-se; os homens abrem-se; os instrumentos rugem; e estes tres dias ardentes, coruscantes são como uma enorme sangria na congestão dos máos instinctos. Os cordões sahiram dos templos! Ignoras a origem dos cordões? Pois elles vêm da festa de N. S. do Rosario, ainda nos tempos coloniaes. Não sei porque os rpetos gostam da N. S. do Rosario. Já naquelle tempo gostavam e sahiam pelas ruas vestidos de reis, de bichos, de pagens, de guardas, tocando instrumentos africanos, e paravam em frente á casa do Vice-Rey a dansar e cantar. De uma feita, pediram ao Vice Rey um dos escravos para fazer de rei. O homem recusou a lisonja que dignificava o servo, mas permitiu os folguedos. E estes folguedos ainda subsistem com sulmacros de batalha, e quasi transformados, nas cidades do interior.

Havia uma certa conexão nas phrases do cavalheiro que me acompanhava; mas, cada vez mais receioso da apologia, eu andava agora quasi a correr. Tive porém de parar. Era o "Gremio Carnavalesco Destemidos do Inferno", arrastando seis estandartes cobertos de corôas de louro. Os homens e as mulheres, vestidos de preto, amarelo e encarnado, pingando suor, zé-pereiravam:

Os roxinóes estão a cantar
Por cima do carramachão
Os Destemidos do Inferno
Tenho por elles paixão

E logo veio a chula:

Como és tão linda!
Como és formosa!
Olha os Destemidos
No galho da rosa.

- Como é idiota!

- É admirável. Os poetas simbolistas são mais obscuros. Ora escuta este, aqui ao lado.

Vinte e sete bombos e tambores rufavam em torno de nós com a furia macabra de nos desparafusar os timpanos. Voltei-me para onde me guiava o dedo conhecedor do Pindaro daquelle desespero e vi que cerca de quarenta seres humanos cantavam com o labio grosso, himido, de cuspo estes versos:

Trez vezes nove

Vinte e sete
Bella morena
Me empresta seu leque
Eu quero conhecer
Quem é o treme terra?
No campo de batalha
Repentinos dá signal da guerra.

Entretanto, os destemidos tinham parado tambem. Vinham em sentido contrario, fazendo letras complicadas pela rua forrada de papel polichromo, sob a ardência das lampadas e dos arcos, o grupo da "Rainha do mar" e o grupo dos "Filhos do Relampago do Mundo Novo". Os da Rainha cantavam em bamboleiros de onda:

Moreninha bela
Hei de te amar
Sonhando comtigo
Nas ondas do mar.

Os do Relampago, chocalhando chocalhos, riscando xequedês, berravam mais apressados:

No triná das aves
Vem rompendo a aurora
Ella de saudades
Suspirando chora.

Sou o Ferramenta
Vim de Portugá
O meu balão
Chama Nacioná

Senhor deus! Era a loucura, o pandemonio do barulho e da sandice. O fragor porém augmentava, como se concentrando naquelle ponto, e, esticando os pés, eu vi por trás da "Rainha do Mar" uma serenata, uma authentica serenata com cavaquinhos, violões, vozes em ritornelo sustentando fermatas langorosas. Era "Papoula do Japão":

Toda a gente pressurosa
Procura flor em botão
É uma flôr recemnascida
A papoula do Japão

Docemente se beijava
Uma...rola
Attahida pelo aroma
Da... papoula...

- Vamos embora. Acabo tendo uma vertigem.

- Admira a confusão, o caós ululante. Todos os sentimentos, todos os factos do anno reviravolteiam, esperneiam, enlanguecem, revivem nessas quadras feitas apenas para acertar com a toada da cantiga. Entretanto, homem frio, é o povo que fala. Vê o que é para elle a maior parte dos acontecimentos.

- Quantos cordões haverá nesta rua?

- Sei lá, - quarenta, oitenta, cem, dansando em frente á redação dos jornaes. Mas, caramba! olha o brilho dos grupos, louva-lhes a prosperidade. O cordão da Senhora do Rosario passou ao cordão de Velhos. Depois dos velhos os Cucumbys. Depois dos Cucumbys os Vassourinhas. Hoje são duzentos.

- É verdade, com a feição feroz da ironia que esfaqueia os deuses e os céos, - fiz eu recordando a phrase do apologista.

- Sim, porque a origem dos cordões é o *Afoché* africano, dia em que se debocha a religião.

- O *Afoché*? insisti, pasmado.

- Sim, o *Afoché*. É preciso ver nesses bandos mais do que uma correria alegre – a psichologia de um povo. O cordão tem antes de tudo o sentimento da hierarchia e da ordem.

- A ordem da desordem?

- É um lema nacional. Cada cordão tem uma directoria. Para as dansas ha dois fiscais, dois mestre-sala, um mestre de canto, dois porta-machados, um *achi-nagú* ou homem da frente, vestido ricamente. Aos títulos dos cordões póde-se aplicar uma da leis da philosophia primeira e concluir d'ahi todas as idéas dominates na populaça. Ha uma infinidade que são caprichosos e outros teimosos. Perfeitamente pessoal da lyra: - agora pé capricho! quando eu teimo, teimo mesmo!

ota depois a preocupação de maravilhar, com ouro, com prata, com diamantes, que infundem o respeito da riqueza – Cajú de Ouro, Chuveiro de Ouro, Chuva de Prata, Rosa de Diamantes, e ás vezes coisas excepcionaes e unicas – Relampago do Mundo Novo. Mas o da grossa população é a flôr da gente, tendo da harmonia a constante impressão das gaitas, dos cavaquinhos, dos violões, desconhecendo a palavra, talvez apenas sentindo-a como certos animaes que entendem discursos e sofrem a ação dos sons. Ha quasi tantos cordões intitulados Flôr e Harmonia, como ha teimosos e caprichos. Um mesmo chama-se Flôr da harmonia, como outro intitulado "Flôr do Café".

- É curioso.

- Não te parece? Vai-se aos poucos detalhando a alma nacional nos estandartes dos cordões. Oliveira Gomes, esse ironista subtil, foi mais longe, estudou-lhe a zoologia. Mas, se ha Flôres, Teimosos, Caprichosos e Harmonias, os que querem espantar com riquezas e festas nunca vistas, ha também os preocupados com victorias e os triumphos, o que antes de sahir já são Filhos do Triunpho da Gloria, Victoriosos das Chamas, Victoria das Bellas, Triunpho das Morenas.

- Acho gentil essa preocupação de deixar vencer as mulheres.

- As morenas é uma preocupação fundamental da canalha. E ha ainda mais, meu amigo, nenhum desses grupos intitula-se republicano, Republicanos da Saude, por exemplo. E sabe porque? Porque a massa é monarchista. Em compenção abundam os reis, as rainhas, os vassalos, reis de ouro, vassalos da aurora, rainhas do mar, ha patriotas e a ode ao Brasil vibra infinita.

Neste momento tinhamos chegado a uma esquina atulhada de gente. Era impossivel passar. Dansando e como que rebentando as fachadas com uma "pancadaria" formidavel, estavam os do "Prazer da Pedra Encantada" e cantavam:

Tanta flia, Nenê!
Tanto namoro;
A "Pedra Encantada" ai! ai!
Coberta de ouro!

E o côro, furioso:

Chegou o povo, Nenê Floreada
É o pessoal, ai" ai!
Da "Pedra Encantada".

Mas a multidão, sufocada, ficava em de redor da "Pedra" entaipada por outros quatro cordões que se encontravam numa confluencia perigosa. Apezar do calor, corria um frio de medo; as batalhas de *confetti*

cessavam; os gritos, os risos, as piadas apagavam-se, e só, convulsionando a rua, como que sacudindo as casas, como que subindo aos céos, o batuque confuso, epileptico, dos atabaques, "xequedés", pandeiros e tambores, os pancadões dos bombos, os urros das cantigas berradas para dominar os rivaes, entre trilos de apitos, signaes misteriosas cortando a zambunbada delirante como a chamar cada um dos tipos á realidade de um compromisso anterior. Eram a "Rosa Branca", negros latenjoulantes da rua dos Cajueiros, os "Destemidos das Chamas" os "Amantes do Sereno" e os "Amantes do Beija-Flôr"! os negros da "Rosa", abrindo muito as mandibulas, cantavam:

No largo de S. Francisco
Quando a corneta tocou
Era o triunfo "Rosa Branca"
Pela rua do Ouvidô.

Os "Destemidos", em contraposição, eram patriotas:

Rapaziada, bate,
Bate com maneira
Vamos dar um viva
Á bandeira brasileira.

Os "Amantes do Sereno", dengosos, suavisavam:

Aonde vaes, Sereno
Aonde vaes, com teu amor?
Vou ao Campo de Sant'Anna
Ver a batalha de flô.

E no meio daquella balburdia infernal, como uma nota acida de turba que chora as suas desgraças divertindo-se, que soluça cantando, que se mata sem comprehender, este soluço mascarado, esta careta d'Arlequim choroso elevava-se do "Beija Flôr:

A 21 de janeiro
O "Aquidaban" incendiou
Explodio o paiol de polvora
Com toda gente naufragou

E o coro:

Os filhinhos choram
Pelos paes queridos
As viúvas soluçam
Pelos seus maridos.

Era horrivel. Fixei bem a face entumecida dos cantores. Nem um delles sentia ou sequer comprehendia a sacrilega menipéa desvairada do ambiente. Só a alma da turba consegue o prodigio de ligar o soffrimento e o goso na mesma lei de fatalidade, só o povo diverte-se não esquecendo as suas chagas, só a populaça desta terra de sol encara sem pavor a morte nos sambas macabros do Carnaval.

- Estás atristado pelos versos do "Beija-Flôr"? Ha uma porção de grupos que comentam a catastrophe. Ainda ha instantes passou a "Mina de Ouro". Sabes qual é a marcha dessa sociedade? Esta sandice tétrica:

Corremos, corremos
Povo brasileiro
para salvar do "Aquidaban"

Os patriotas marinheiros.

Isto no Carnaval quando todos sentimos irreparavel a desgraça. Mas o cordão perderia a sua superioridade de vivo reflexo da turba si não fosse mixto indecifravel de dôr e pezar. Todos os annos as suas cantigas comemoram as fatalidades culminantes.

Neste momento, porém, os "Amantes de Sereno" resolveram voltar. Houve um trilo de apito, a turba fendeu-se. Dois rapazinhos vestidos de belbutina começaram a fazer "letra" com grandes espadas de páo prateado, dando pulos e quebrando o corpo. Depois, o *achinagú* ou homem da frente, todo coberto de lentejoulas, deu uma volta sob a luz clara da luz electrica e o bolo todo golphou, - diabos, palhaços, mulheres, os pobres que não tinham conseguido fantasias e carregavam os archotes, os fogos de bengala, as lampadas de kerozene. A multidão aproveitou o vasio e precipitou-se. Eu e meu amigo cahimos na corrente impetuosa.

Oh! sim! elle tinha razão! O cordão é o carnaval, é o ultimo élo das religiões pagãs, é bem o conservador do sagrado dia do Deboche ritual; o cordão é nossa alma ardente, luxuriosa, triste, meio escrava e revoltosa, babando lasciva pelas mulheres e querendo maravilhar, fanfarrona, meiga, barbara, lamentavel...

Toda a rua rebentava no estridor dos bombos. outras canções se ouviam. E, agarrado ao braço do meu amigo, arrastado pela impetuosa corrente aberta pela passagem dos "Amantes do Sereno", eu continuei rua abaixo, amarrado ao triumpho e á furia do Cordão!...(João do Rio, Cordões, In: *A Alma Encantadora das* Ruas, 1910: 160-173).

# CONCLUSÃO

Ao conduzirmos esta pesquisa, sob a perspectiva da História das Ideias Linguísticas, situamos nosso objeto de estudo, como foi dito, levando-se em conta a diversidade e os saberes sobre ele constituídos – fenomenologia do objeto -, sem julgamentos ou comparações, pois, o saber construído é resultante *de uma interação entre tradições e contexto* [218] – neutralidade epistemológica.

Assim, moderando nosso historicismo pelo *realismo metodológico que concede consistência ao saber e independência dos fenômenos* [219], consideramos João do Rio preso ao sistema de representações que dominou em seu meio para estudar suas crônicas, prática cultural. Quer dizer, a escrita desse autor fixou a linguagem e, a partir de então, tornou-se objeto de análise da língua, da sociedade e da identidade nacional que se tem em dado momento em nosso país. *Um poema, um quadro, um drama: documentos para nós, testemunhos de uma história viva e humana, saturados de pensamento e de acção em potência...* [220].

Durante um período situado entre o final do século XIX ao começo XX, João do Rio produziu cultura que aparece na construção de seus livros, tanto de ordem autoral (modos de escrever, de pensar sua sociedade e a si mesmo, de expor sua identidade linguística), como de ordem artesanal (a construção no livro na sua materialidade que depende do momento dos manuscritos ou da impressão). Essas são as práticas culturais.

Os aspectos lacunares satisfeitos pelas análises propostas, a partir de uma linha teórica, são as representações [221]. Se pelo viés da História das Ideias Linguísticas, a análise objetiva o Conhecimento Linguístico no âmbito produzido pela relação interativa tanto na prática cultural, como nas representações dessa cultura. E as representações são o recorte subjetivo que o escritor imprimiu em suas crônicas, são as relações entre léxico e o mundo*, pois a palavra é uma representação* [222].

---

[218] Auroux, 2001: 14.
[219] Id., ibid., p. 15.
[220] Febvre, 1977: 31.
[221] Barros, 2010: 77.
[222] Marquesi, 2004: 103.

As crônicas que fazem parte deste trabalho (práticas culturais) tentam expor esses processos para nos levar à compreensão de que, enquanto objeto histórico, tanto a gramática como o dicionário, ou as instituições e seus programas de ensino, assim como as manifestações literárias, são saberes que podem ser trabalhados de modo a promover o conhecimento das práticas que constroem o mundo como representação, segundo o que afirma Chartier [223].

As crônicas de João do Rio revelam que o autor vivia num momento em que a nação adquiria uma mudança em relação ao quadro interno do próprio país para, com efeito, solidificar sua identidade política e social [224]. Todavia, por essa época, o patriotismo se restringia a uma atitude apenas sentimental, *em vez de se dar o caso da America do Norte em que se faz a absorção do immigrante*, observava o autor andando por diversos bairros, que *em nenhum paiz do mundo o immigrante se conserva tão preso ao seu paiz forçando mesmo o nativo a aml-o* [225]. E o nativo era de uma *plasmaticidade espantosa*:

> A primeira influencia é do portuguez. O brasileiro adapta-se a elle. Ha vínculos de sangue, ha apegos de carne. Mas o portuguez é também adaptabilissimo. Resiste um pouco, mas cede. De modo que vem o allemão e impõe a cerveja e o choucroute, vem o inglez e impõe a lingua, vem o italiano e impõe desde a lingua á alimentação, vem o filho de Galliza e lança os seus habitos também (João do Rio, O povo e o momento, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 18).

O período do final da Monarquia ao advento da República representou uma esperança para essa geração, acentuando aquela dimensão utópica e transcendente do nacionalismo ensaiado desde a Independência. E o argumento do *novo* contra a tradição, assim como a afirmação da unidade linguística com Portugal, foram os dois pontos fortes da gramatização brasileira. Foi nesse contexto que houve a reflexão da existência de uma *função-autor-brasileiro da gramática* [226] que distinguia a gramatização brasileira da praticada em Portugal.

De forma geral, a época correspondeu a uma cisão mais aparente que real, entre o pensamento clássico apoiado na gramática e nos mais reputados dicionários da Língua Portuguesa para legitimar seus usos, e o arrolar de peculiaridades da língua, isto é, a

[223] Barros, 2010: 81.
[224] Schwarcz, 2006: 486.
[225] João do Rio, O povo e o momento, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 18.
[226] Guimarães, Orlandi, 2001: 28.

tendência de documentar a realidade linguística brasileira. O centro de interesse dos teóricos recaiu sobre o *grau de purismo* e reforçou-se a campanha contra os *neologismos de importação,* notadamente os *galicismos* que ninguém ousava defender.

Daí a visão particular do cronista-repórter-escritor sobre a vida que *continua* num *Brasil* onde *tudo é montanha russa, com altos e baixos, até a temperatura* e as *estações de festas*[227] para a sociedade *Pall-Mall Rio,* considerando que *quem não resolver perder o tempo todo com tudo o que é inutil, não viverá nesta cidade, dentro de muito pouco tempo*.

> No ambiente de girandolas da mensagem, ficámos sabendo que o Brasil é um cavalheiro convencido de que faz ás vezes quanto os outros já tinham feito e póde vir a fazer talvez alguma coisa do quanto os outros esperavam que elle viesse a fazer (João do Rio, O boi não morreu..., In: *No tempo de Wenceslão...*, 1917: 36).

Deixou, João do Rio, para o historiador do futuro,

> Sou da opinião que para exprimir a metaphisica e a ethica da cidade só um livro seria completo: o que desse uma lista enorme de nomes de cuja influencia dependessem os pequenos factos frívolos – que são os unicos importantes. E esse livro não seria apenas para a meditação philosophica. Seria também o espelho capaz de guardar imagens para o historiador do futuro (João do Rio, Prefacio, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 13).

além das crônicas das elites cariocas deslumbradas pelos hábitos estrangeiros, pelo momento *snob*, pelas *coisas ligeiras* que *duram tão pouco e ficam na memoria suavemente,* com linguagem entrecruzada de estrangeirismos e de neologismos - uso linguístico que enfatizava a interpenetração cultural do período :

> É o novo *gound*. O Club de Regatas do Flamengo tem, ha vinte annos pelo menos, uma divida a cobrar dos cariocas. D'ali partiu a formação das novas gerações, a glorificação do exercício physico para a saude do corpo e a saude da alma. Fazer *sport* ha vinte annos ainda é para o Rio uma extravagancia. As mães punham as mãos na cabeça, quando um dos meninos arranjava um altere. Estava perdido. Rapaz sem pince-nez, sem discutir literatura dos outros, sem cursar as academias – era homem estragado.
>
> E o Club de Regatas do Flamengo foi o núcleo de onde irradiou a avassaladora paixão pelos *sports*. O Flamengo era o parapeito sobre o mar. A séde do club estava a dois passos da casa de Julio Furtado, que pretectoramente amparava o delirio muscular da rapaziada. As pessoas graves olhavam "aquilo" a principio com susto. O povo encheu-se de sympathia. E os rapazes passavam de calção e camisa de meia dentro do mar a manhã inteira e a noite inteira.

[227] João do Rio, Prefacio, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 7.

Então, de repente, veio outro club, depois outro, mais outro, enfim, uma porção. O Boqueirão, a Misericordia, Botafogo, Icarahy, estavam cheios de centros de regatas. Rapazes discutiam *muque* em toda parte. Pela cidade, jovens, outr'ora rachiticos e balofos, ostentavam largos peitorais e a cintura fina e a perna nervosa e a musculatura herculeana dos braços. Era o delirio do *rowing*, era a paixão dos *sports*. Os dias de regatas tornavam-se acontecimentos urbanos. Faltava apenas a sagração de um poeta. Olavo Bilac escreveu a sua celebrada ode *Salamina.*

- Rapazes, foi assim que os gregos venceram em Salamina! Depois disso, ha dezesseis annos, o Rio comprehendeu definitivamente a necessidade dos exercicios, e o enthisiasmo pelo *foot-ball*, pelo *tennis*, por todos os outros jogos, sem diminuir o da natação e das regatas – é o unico enthisiasmo latente do carioca.

Rendamos homenagem ás Regatas do Flamengo!

O meu velho amigo, fraco e pálido, falava com ardor. Interrompeu-se para tossir. Continuou:

- pois é este club que inaugura hoje o seu campo de jogos. Haverá acontecimento maior? O Rio inteiro estará inteiro ali... Engasgou-se. O autmovel que passara a correr pelo palacio de José Carlos Rodrigues, onde se realisava a primeira recepção do inverno ilustre jornalista, estacara. Estavamos á porta do novo campo de jogos. E o meu velho amigo precipita-se. A custo acompanhei-o por entre a multidão e, imprensado, quasi esmagado, icei-me á archibancada. Mas o aspecto era tal na sua duplicidade, que logo eu não soube se devia olhar o jogo do campo em que Gallo triunfava ou se devia comover-me diante do frenesi romano da multidão.

Não! Ha de facto uma coisa séria para o carioca: - o *foot-ball!* Tenho assistido a *meetings* colossaes em diversos paizes, mergulhei no povo de diversos paizes, nessas grandes festas de saude, de força e de ar. Mas absolutamente nunca eu vi o fogo, o enthusiasmo, a ebidez da multidão assim. Só pensando em antigas leituras, só recordando o Colosseum de Roma e o Hippodromo de Bysancio.

O campo do Flamengo é enorme. Da archibancada eu via o outro lado, o das geraes, apinhado de gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéos. Essa gente subia para a esquerda, pedreira acima, enegrecendo a rocha viva. Em baixo a mesma massa compacta. E a archibancada – o logar dos patricios no circo romano, era uma colossal, formidavel corbelha de bellezas vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores, de senhoras palidas de enthusiasmo, entre cavalheiros como tontos de perfume e também de enthusiasmo.

Está uma archibancada estupenda! murmurou-me Isaac Elbas.

Eu procurava conhecidos. Estava todo o Rio e conheci apenas a Sra. Nair Teixeira, com um delicioso vestido, e Gastão Teixeira, que fazia gestos enthisiasticos; a Sra. e as senhorinhas Manoel Bernardez, a senhorinha Carlota Vieira Souto, a Sra. e a senhorinha Hime, as senhorinhas Beatriz Tasso Trindade, a Sra. João Felippe e as senhorinhas Lassance Cunha, Mariz e Barros, Ivany Gonçalves, Maria Pinheiro Guimarães, Sousa Leão, Pereira da Silva, Aracy Moniz Freire, Sousa Alves, Ritinha Candiota, Otto Shilling, Maria Augusta Airosa, Hilda Kopeck, Dora Soares, Sophia Tavares de Lyra, Rocha Fragoso, Mibielli, Bento Borges.

Pinto Lima, no outro extremo, com as duas gentillisimas filhas, diziam-me adeus, e o Dr. Arnaldo Guinle, do Fluminense, parecia almejar a victoria do Fluminense.

Os gritos, as exclamações cruzavam-se numa balburdia. Os jogadores destacavam-se mais na luz do ocaso. E de todos os lados subia o clamor da turba, um clamor de circo romano, um clamor de Hippodromo no tempo em que era balissa Theodora, a maravilhosa...

Nervoso, agitado, sem querer, ia tambem gritar por Gallo, que vencia e que eu via pela primeira vez. mas o delirio chegara a auge. O meu velho amigo dizia quasi desmaiado:

> - Venceu o Flamengo num *score* de 4x1...
>
> A' porta quinhentos automoveis buzinavam, bufavam, sirenavam. E as duas portas do campo golfavam para a frente do Guanabara mais de seis mil pessoas arrazadas da emoção paroxismada do *foot-ball* (João do Rio, Hora de Foot-Ball, In: *Pall-Mall Rio de José Antonio José*, 1917: 243-246).

Deixou, também, a observação aguda sobre os excluídos, os infelizes que ninguém se lembrava de tirar das *esquinas*, da *Alma Encantadora das Ruas*, e colocar no foco das discussões sociais. Assim como os estudiosos da época consideravam que a sociedade deveria ser compreendida como ciência, já que seus fatos poderiam ser descritos, analisados e comprovados se comparados *a espécies orgânicas que povoam o mundo*, João do Rio também considerou e, partindo do darwinismo, tentou justificar a condição dos excluídos como obra do meio.

Esta é a crítica mordaz que está n'*A Galeria superior,* crônica-reportagem do que viu e sentiu. Por isso perguntava: *Qual de vós passou a noite em claro ouvindo o segredo de cada rua?*[228]

> A galeria superior é dividida por um tapume, com portas de espaço a espaço para o livre transito dos guardas. Os presos não podem ver os cubiculos fronteiros. Os olhos abrangem apenas os muros brancos e a divisão da madeira que barra a cal das paredes. Quando a vigilancia diminue, falam de cubiculo para cubiculo, atiram por cima do tapume jornaes, cartas, recordações.
>
> Estão actualmente na galeria duzentos e trinta e oito detendos. A aglomeração torna-os hostis. Ha confabulações de odio, murmurios de raiva, risos que cortam como navalhas. Com o sentido auditivo educadissimo, basta que se dirija a palavra baixo a alguem do primeiro cubiculo para que saibam no ultimo. E então surgem todos, agarram-se ás grades, com o olhar escarninho dos bandidos e a curiosidade má que lhes decompõe a cara.
>
> Ah! essa galeria! tem qualquer cousa de sinistro e de canalha, um ar de hospedaria da infamia á beira da vida. Nos cubiculos ha, ás vezes, dezenove homens condemnados por crimes diversos, desde defloradores de senhoras de dezoito annos até aos ladrões assassinos. A promiscuidade enoja. No espaço estreito, uns lavam o chão, outros jogam, outros manipulam, com miolo de pão, santos, flores e pedras de dominó, e ha ainda os que escrevem planos de fuga, os professores do roubo, os iniciadores dos vícios, os intimos passando pelos hombros dos amigos o braço caricioso... Quantos crimes se premeditam ali? Quantas perversidades rebentam na luz suja dos carceres preventivos? Saciados da premeditação, ha os jornaes que lhe citam os nomes, ha o desejo de possuir uma arma, desejo capaz de os fazer aguçar azas de caneca, o aço que prende a piassava das vassouras, as colheres da sopa, e ha ainda o jogo. Nesses cubiculos joga-se mais de quarenta especies de jogos. Eu só contei trinta e sete, dos quaes os mais originaes, - o camaleão, a mosca, o periquito, o tigre, a escova, o osso, a suéca, o laço, as tres chapas, - são prodigios de malangragem. E nenhum delles se recusa aos parceiros. Quando algum desconhecido passa, deixam tudo, precipitam-se, alguns nús,

[228] João do Rio, A Rua, In: *A Alma Encantadora das* Ruas, 1910: 15).

outros em ceroulas, e ha como um panorama sinistro e chaotico, - negros degenerados, mulatos com contrações de símios, caras de velhos solemnes, caras torpes de gatunos, cretinos babando um riso alvar, agitados, delirantes, e mãos, mãos estranhas de delinquentes, finas e tortas umas, grossas algumas, moles e tenras outras, que se grudam aos varões de ferro com o embate furioso de um vagalhão.

Vive naquella jaula o Crime multiforme. O guarda aponta o Cecilio Orbano Reis, assassino, na Saude, de uma mulher que lhe resistira; o João Dedone, facinora cinico; matadores ocasionaes, como Joaquim Sant'Anna Araujo, quasi demente; o Mirandinha, mulato, passador de moeda falsa, que se faz passar por advogado; o *Barãosinho*, gatuno; Bouças Passos, ladrão assassino; Salvador Machado, o intimo creado da Tina Tatti; negros capangas com as bocas sujas, que resitem á prisão com furia; desordeiros temiveis, como o Eduardinho da Saude, retorcendo os bigodes, cheio de languores; satiros moços e velhos violadores; o celebre Pitóca, que tem sessenta e seis entradas; rapazes estelionatarios e até desvairados, como João Manuel Soares, acusado de tentativa de morte na pessoa do Sr. Cantuaria, que leva, numa agitação perpetua, a dizer:

- Eu sei, foi o bicho... foi por causa do bicho, hein? está claro!

Dous baixos relevos alucinadores, dous frisos da historia do crime de uma cidade, ora alegres, ora sinistros, como si fossem nascidos da colaboração macabra de um Forain e um Goya, dous grandes paineis a gotejar sangue, tróva, pús, onde perpassam, com um aspecto de bichos lendarios, os estupradores de duas crianças, de sete e de dez annos...

E em meio do charco, fatalmente destinada a desaparecer, a inocencia, atirada ali pela incuria das autoridades floresce.

Encontro ao lado de respeitaveis assassinos, de gatunos conhecidos, na tropa lamentavel dos recidivos, crianças ingenuas, rapazes do comercio, vendedores de jornaes, uma enorme quantidade de seres que o desleixo das pretorias torna criminosos. Quasi todos estão inclusos, ou no artigo 393 (crime de vadiagem), ou no 313 (offensas physicas). Os primeiros não podem ficar presos mais de trinta dias, os segundos, sendo menores, mais de sete mezes. Os processos, porém, não dão custas, e as pretorias deixam dormir em paz a formação da culpa, emquanto na indolencia dos cubiculos, no contacto do crime, rapazes, dias antes honestos, fazem o mais completo curso de delictos e imfamias de que ha memoria. Chega a revoltar a inconsciencia com que a sociedade esmaga as creaturas desamparadas. Nessa enorme galeria, onde uma eterna luz livida espalha um vago horror, vejo caixeirinhos portuguezes com o lapis atrás da orelha, os olhos cheios de angustia; italianos vendedores de jornaes, encolhidos; *garçons de restaurant*, operarios, entre as caras cínicas dos *pivettes* reincidentes e os porqueiros do vicio que são chefes dos cubiculos. Todos invariavelmente têm uma phrase dolorosa:

- É a primeira vez que eu entro aqui!

E apelam para os guardas, sofregos, interrogam os outros, trazem o testemunho dos chefes.

Por que estão presos? José, por exemplo, deu com uma correia na mão de um filho do cabo de um delegado; Pedro e Joaquimdo ao sahirem do café onde estão empregados, discutiram um pouco mais alto; Antonio atirou uma tapona á cara de Jorge. Ha na nossa sociedade moços valentes, cujo *sport* preferido é provocar desordens: diariamente, senhores respeitaveis atacam-se a sopapo; jornalistas velho-genero ameaçam-se de vez em quando pelas gazetas, falando de chicote e de páo a proposito de problemas sociaes ou estheticos, inteiramente opostos a esses aviltantes instrumentos de razão barbara. Nem os moços valentes, nem os senhores respeitaveis, nem os jornalistas vão sequer á delegacia.

Os desprotegidos da sorte, trabalhadores humildes, entram para a Detenção com razões ainda menos fundadas.

E a Detenção é a escola de todas as perdições e de todas as degenerescencias.

O ocio dos cubiculos é preenchido pelas lições de roubo, pelas perversões do instincto, pelas historias exageradas e mentirosas. Um negro, assassino e gatuno, pertencente a qualquer quadrilha de ladrões, perde um cubiculo inteiro, inventando crimes para impressionar, imaginando armas de azas de lata, creando jogos, armando rolos. Oito dias depois de dar entrada numa dessas prisões, as pobres victimas da justiça, quasi sempre espiritos incultos, sabem a technica e o palavriado dos chicanistas de porta de xadrez para iludir o jury, lêm com avidez as noticias de crimes romantisados pelos reporters e o pavor da pena é o mais intenso sugestionador da reincidencia. Não ha um ladrão que, interrogado sobre as origens da vocação, não responda:

- Onde aprendi? foi aqui mesmo no cubiculo.

Recolhida á sombra, nesse venenoso jardim, onde desabrocham todos os delirios, todas as nevroses, é certo que a criança sem apoio lá fóra, hostilisada brutalmente pela sorte, acabará voltando. Mais de uma vez, na cerimonia indiferente e glacial da sahida dos presos, eu ouvi o chefe dos guardas dizer:

- Vá, e vamos a ver si não voltas.

Como mais de uma vez ouvi o mesmo guarda, quando chegavam novas levas, dizer para umas caras já sem vergonha:

- Outra vez, seu patife, hein?

Mas que fazer, Deus misericordioso? Nunca, entre nós, ninguem se ocupou com o grande problema da penitenciária. Ha bem pouco tempo, a Detenção, suja e imunda, com cerca de novecentos presos á disposição de bachareis delegados, era horrivel. Passeae pelas galerias era passear como o Dante pelos circulos do inferno, e antes do Sr. Meira ima, cuja competencia não necessita mais de elogio, o cargo de administrador estava destinado a cidadãos protegidos, sem a minima noção do que vem a ser um estabelecimento de detenção.

Qual deve ser o papel da policia numa cidade civilisada? Em todos os congressos penitenciarios, até agora tão uteis como nosso ultimo latino-americano, ficou claramente determinado. A policia é uma instituição preventida, agindo com o seu poder de intimidação, e o Dr. Guillaume e o Dr. Baker chegaram em Stockolmo, ás conclusões de que uma boa policia tem mais força que o codigo penal e mais influencia que a prisão.

A nossa policia é o contrario. Para que a detenção dê resultados faz-se o necessario seja conforme ao fim predominante de pena, com o firme desejo de reformar e erguer a moral do culpado. Que fazemos nós? Agarramos uma criança de quatorze annos porque deu um cascudo no vizinho, e calma, indiferente, cinicamente, começamos a levantar a moral desse petiz dando-lhe como companheiros, durante dias de uma detenção pouco séria, o *Velhinho, punguista* conhecido, o Bexiga Fraga, batedor de carteira, e um punhado de desordeiros da Saude!

A principio tomei-lhes os nomes, Antonio Oliveira, Francisco Queiroz, Martins, Francisco Visconti, Antonio Gomes...

Mas era inutil. Para que, si o crime está na propria organisação da policia? Está marcado! E eu ia deixar esse canto do jardim sinistro quando vi uma pobre criancinha, magra, encostada á parede, o olhar ja a se encher de sombra.

- Como te chamas?

- José Bento.

Tinha quatorze annos, e era acusado de crime de morte. Fôra por acaso, o outro dissera-lhe um palavrão... Quem sabe lá? Talvez fosse. E, cheio de piedade, perguntei:

Vamos lá, diga o que o menino quer. Prometo dar.

> - Eu? Ah! os outros são máos... são valentes sim, senhor... metem raiva á gente... Até têm armas escondidas! A gente tem que se defender... Eu tinha vontade... de uma faca...
>
> E cobriu o rosto com as mãos tremulas (João do Rio, A galeria superior, In: *A Alma Encantadora das* Ruas, 1910: 251-258.

João do Rio tinha condições de se abastecer de muitas informações sobre o assunto que pretendia desenvolver, assim como para se dedicar a uma organização mais cuidadosa dos procedimentos linguísticos que iria adotar em seu texto escrito – e assim o fez -, mas o que parecia motivá-lo, mesmo, era registrar sua experiência de vida, seu espaço urbano, o calão das ruas, as transformações na rua, em oposição à tentativa de dicionaristas e da vontade de filólogos de enclausurar as expressões. O que o seduzia era *o povo do Rio* em *formação de um typo definitivo.*

> Os elementos de agora são o brasileiro na maioria filho ou neto de estrangeiro, o portuguez vindo dos campos, das aldeias, e não das cidades, o hespanhol, o inglez, o allemão, o francez, o syrio e cada vez em maior numero, o italiano. E como o brasileiro é contrabalançado assim e tem ainda por cima o sangue do colono, segue-se que moralmente elle se sente inferior, elevando um protesto a dizer apenas:
>
> - Estou na minha terra!
>
> Sem alías uma arraigada convicção a respeito (João do Rio, O povo e o momento, In: *Vida Vertiginosa*, 1911: 17).

# REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS


ALENCAR, José de. *Diva: perfil de mulher*. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

AGUIAR, Monalisa dos Reis. *A ortografia da Língua Portuguesa na segunda metade do século XIX e no início do século XX: dos projetos de reforma ao acordo ortográfico de 1931*. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

_____. *Ortografia brasileira oitocentista nos livros didáticos e na Constituição de 1891: norma ou anarquia?* Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. A vida privada e ordem privada no Império. In: *História da vida privada no Brasil - Império: a corte e a modernidade nacional.* Fernando A. Novais (coordenador-geral da coleção); Luiz Felipe Alencastro (organizador do volume). São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

ANTELO, Raúl. *A Alma Encantadora das Ruas.* São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUROUX, Sylvain. *A revolução tecnológica da gramatização.* Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 1. reimp. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

_____. *Histoire des idées linguistiques*. Tome 1. La naissance des métalangages em Orient et em Occident. Lieges-Bruxelles: PIERRE MARGADA, Editeur, 1989.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil.* 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1963.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens.* 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BASTOS, Gláucia Soares. Pall-Mall Rio. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

BELLO, José Maria. *História da República: síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira - 1889-1854*. 6ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

BLOCH, Marc Leopold Benjamin. *Apologia da história, ou, O ofício de historiador.* Prefácio: Jacques Le Goff, apresentação à edição brasileira: Lilia Moritz Schwarkz. Tadução: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001.

BOMFIM, Manoel. *O Brasil nação.* Rio de Janeiro: Record, 1998.

BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900.* 5ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio: Academia Brasileira de Letras, 2005.

BURKE, Peter. *A escrita da História: novas perspectivas*. Peter Burke (org.). Tradução: Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

CAMPOS, Humberto. *Antologia da Academia Brasileira de Letras: trinta anos de discursos acadêmicos – 1897-1927.* 2ª ed. Rio de Janeiro, S. Paulo, Porto Alegre: W. M. Jackson INC. Editores, 1945.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. A vida ao rés-do-chão. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CARONE, Edgar. *A república velha, I: instituições e classes sociais.* 3ª ed. São Paulo: DIFEL, 1975.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi.* 3ª ed. 13ª reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A formação das almas: o imaginário da República do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. *D. Pedro II.* 2ª ed. Belo Horizonte: Claro Enigma, 2008.

CHAVES DE MELLO, Gladstone. *A língua do Brasil.* 2ª ed. (Série Universidade Nº6). Rio de Janeiro, GB, Brasil: Fundação Getúlio Vargas, Instituto de Documentação, 1971.

_____. *Ensaio de estilística da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: PADRÃO, Livraria Editora, 1976.

CUNHA, Celso. *Uma política do idioma.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968. (a)

_____. *Língua portuguesa e realidade brasileira.* (Coleção Temas de todo tempo – 13). Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro LTDA: 1968. (b).

DIAS, Luiz Francisco. O nome da Língua do Brasil: uma questão polêmica. In: *História das Ideias Linguísticas: construção do saber metalinguístico e construção da língua nacional.* Eni Puccinelli Orlandi (organizadora). Campinas, SP: Pontes; Cárceres, MT: Unimat Editora, 2001.

FAORO, Raymundo. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro.* V. 1. 16ª ed. São Paulo: Globo, 2004.

_____. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro.* V. 2. 16ª ed. São Paulo: Globo, 2004.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil.* 13ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FÁVERO, Leonor Lopes. A entrevista na fala e na escrita. In: *Fala e Escrita em Questão*. Dino Preti (org.) São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2000.

_____. Gramática é a Arte... In: *História das Ideias Linguísticas: Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional.* Eduardo Guimarães, Eni Puccinelli Orlandi (orgs.). Campinas, SP: Pontes: Cárceres, MT: Unimat Editora, 2001.

_____; MOLINA, Márcia A. G. *As concepções linguísticas no século XIX: a gramatica no Brasil.* Rio de Janeiro: 2006.

FEBVRE, Lucien. *Lucien Febvre: História*. Trad. Adalberto Marson, Paulo de Salles oliveira e Maria Elisa Mascarenhas, Carlos Guilherme Mota (org. da coletânea). São Paulo: Ática, 1978.

_____. *Combates pela História.* Vol. 1. Lisboa: Editorial Presença, Lda, 1977.

FREIRE, Laudelino. *Estante Clássica da Revista da Língua Portuguesa.* Vol. VII. Gonçalves Dias. Dir. de Laudelino Freire. Rio de Janeiro: S.A. Litho Tipografia Fluminense, 1921.

FREIRE, Luiz José Junqueira. *Elementos da Rethorica Nacional.* Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert, 1869.

FORTES, Herbert Parente. *A Língua que falamos.* Rio de Janeiro: Edições G.R.D., 1957.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX.* Tradução: Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

GUIMARÃES, Eduardo. Sinopse dos Estudos do Português no Brasil: A Gramatização Brasileira. In: *Língua e cidadania: o português no Brasil.* Eduardo Guimarães, Eni Puccinelli Orlandi (orgs.). Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____; ORLANDI, Eni Puccinelli. Identidade linguística. In: *Língua e cidadania: o português no Brasil.* Eduardo Guimarães, Eni Puccinelli Orlandi (orgs.). Campinas, SP: Pontes, 1996.

_____. Formação de um espaço de produção linguística no Brasil. In: *História das Ideias Linguísticas: Construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional.* Eduardo Guimarães, Eni Puccinelli Orlandi (orgs.). Campinas, SP: Pontes: Cárceres, MT: Unimat Editora, 2001.

GURIÊVITCH, Aaaron. *A Síntese Histórica e a Escola dos Anais.* Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2003.

HANNA, Vera Lucia Harabagi. *Aspectos Culturais e Linguísticos da "Londonização" do Brasil no século XIX: O Hibridismo Cultural em João do Rio*. Tese de Doutorado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

HOBSBAWM, Eric J. *A era dos impérios, 1875-1914.* São Paulo: Paz e Terra, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil.* 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *O Brasil monárquico, v. 5: do império à República.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (História Geral da Civilização Brasileira; t. 2, v.5).

IGLÉSIAS, Francisco. *O Brasil monárquico, v. 3: reações e transações.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (História Geral da Civilização Brasileira; t. 2, v.3).

_____. *Trajetória política do Brasil: 1500-1964.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LEITE, Marli Quadros. Língua Falada: Uso e Norma. In: *Estudos da Língua Falada: variações e confrontos.* Dino Preti (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1998.

LEVIN, Orna Messer. *As Figurações do Dândi: um estudo sobre a obra de João do Rio.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

LIMA SOBRINHO, Barbosa Lima. *A Língua Portuguesa e a Unidade do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora (em convênio com o Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura), 1977.

LISBOA, João Francisco. *Obras escolhidas.* Vol. 2. Rio de Janeiro: Americ-Ed, 1946.

MAGALHÃES, D. J. Gonçalves de. *Suspiros poéticos e saudade.* Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

MARQUESI, Sueli Cristina. *A organização do texto descritivo em língua portuguesa.* 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE, José Joaquim de Campos da Costa. *Pontos de vista.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1913.

MEYER, Marlyse. Voláteis e Versáteis. De variedades e folhetins se fez a *chronica*. In: *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

MOLINA, Márcia Antonia Guedes. *Um Estudo Descritivo-Analítico da Gramática Expositiva (Curso Superior) de Eduardo Carlos Pereira.* Tese de Doutorado apresentada à Universidade de São Paulo, 2004.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional.* 8ª reimpr. da 5ª ed. de 1994. São Paulo: Brasiliense, 2006.

PEREIRA, Lúcia Miguel. *História da literatura brasileira: prosa de Ficção: de 1870 a 1920.* Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1988.

PIMENTEL PINTO, Edith. *A língua escrita no Brasil.* São Paulo: Editora Ática, 1986.

_____. *O português do Brasil: textos críticos e teóricos*. I – 1820/1920 – Fontes para a teoria e a história. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *O Brasil republicano, v. 2: sociedades e instituições (1889-1930).* 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (História Geral da Civilização Brasileira; t. 3, v.2).

PLEKHÂNOV, G. *A concepção materialista da História*. 3ª ed. São Paulo: Editora Escriba LTDA., 1963.

PRADO JUNIOR, Caio. *História econômica do Brasil.* São Paulo: Brasiliense, 1994.

PRETI, Dino. *Sociolingüística: Os Níveis da Fala: Um Estudo Sociolingüístico do Diálogo na Literatura Brasileira.* 9ª ed., 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

_____. *A gíria e outros temas.* São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 1984.

_____. A língua falada e o diálogo literário. In: *Análises de Textos Orais*. Dino Preti (org.). São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.

RIBEIRO, João. *Grammatica Portugueza.* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1904.

_____. *Dicionario Grammatical.* Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1906.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica Portuguesa.* 7ª ed. São Paulo, N. Falcone & Comp. São Paulo, N. Falcone & Comp., 1913.

RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a ideia de nação no Brasil (1830-1870).* São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RIO, João de. *As Religiões no Rio.* Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Livreiro e Editor, 1906.

_____. *Cinematographo.* Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, 1909.

_____. *A Alma Encantadora das Ruas*. Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Livreiro e Editor, 1910.

_____. *Vida Vertiginosa.* Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Livreiro e Editor, 1911.

_____. *Os dias passam...* Porto: Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão, editores, 1912.

_____. *No tempo de Wenceslão...* Rio de Janeiro: Editores Villas-Boas & C, 1917.

_____. *Pall-Mall Rio de José Antonio José*. Rio de Janeiro: Editores Villas-Boas & C, 1917.

_____. *Crónicas e Frases de Godofredo de Alencar.* Paris-Lisboa: Livrarias Ailaud e Gertrand, 1920.

_____. *Momento Literario.* 1ª ed. Rio de Janeiro-Paris: H. Garnier, Livreiro e Editor, s.d.

RODRIGUES, João Carlos. *João do Rio: vida paixão e obra: biografia.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

SAID ALI, Manoel. *Dificuldades da Língua Portugêsa.* 5ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira.* 4ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.* 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, José Bonifácio de Andrada e. *Poesias de Américo Elisio/ José Bonifácio de Andrada e Silva*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro. 1946.

SINGER, Paul. O Brasil no contexto do Capitalismo Internacional: 1889-1930. In: *O Brasil republicano, v.1.* 8ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (História Geral da Civilização Brasileira; t. 3, v.1).

TINDÓ SECCO, Carmen Lúcia. *Morte e prazer em João do Rio.* Rio de Janeiro: F. Alves: Instituto Estadual do Livro, 1978.

VARNHAGEN, Francisco Adolfo de. *Florilegio da Poesia Brazileira.* Vol. 1. Rio de Janeiro: Fundação da Academia Brasileira de Letras, 1946.

VERÍSSIMO, José. *Estudos de literatura brasileira.* Cap. IV. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1907.

WERNECK SODRÉ, Nelson. *Síntese de história da cultura brasileira.* 9ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.